

A História da Recusa pela Liderança Adventista da Doutrina da Justificação pela Fé de Jones e Waggoner

"Estas coisas lhes sobrevieram como exemplos, *I Coríntios* 10:11)

APRESENTAÇÃO

A despretensiva reunião de delegados à assembléia de 1888 da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia em Mineápolis tornou-se o ponto crucial de intenso interesse na Igreja Adventista do Sétimo Dia em amplitude mundial.

- **O que realmente aconteceu em 1888?**
- **Quais eram as questões doutrinárias envolvidas?**
- **Quem eram as personalidades envolvidas?**
- **Quais foram os resultados que se seguiram?**

Este livro aborda essas e outras indagações vitais. Foi escrito originalmente como um documento confidencial para a Associação Geral. Agora está atualizado e divulgado em resposta a numerosos pedidos por todo o mundo. Em muitas declarações anteriormente não publicadas de Ellen G. White esta obtém permissão de falar livre e francamente quanto aos temas de 1888 que são de soberano interesse. O cerne dessas declarações era desconhecido à maioria de seus contemporâneos. O que ela diz se tornará uma surpresa a muitos nesta geração.

Donald K. Short e Robert J. Wieland (foto) são ministros ordenados com um total conjugado de quase 100 anos de serviço à Igreja Adventista do Sétimo Dia, 62 como missionários na África. A publicação deste livro foi iniciada pela Comissão de Estudo da Mensagem de 1888 composta de leigos e ministros que desejam reviver aquela "preciosíssima mensagem".



O ministério pastoral de Robert J. Wieland inclui 25 anos na obra Adventista na África, como departamental, fundador da Voz da Esperança na África Oriental, bem como autor e editor da "Africa Herald Publishing House", e consultor da "Adventist All Africa Editorial". Serve à igreja por mais de 55 anos, vinte deles no Quênia e Uganda. É o fundador da Comissão para o Estudo da Mensagem de 1888.

[Índice Geral](#)

Aviso: Estamos em construção! Os Capítulos e Apêndices que faltam serão incluídos tão logo seja possível. O site: www.libros1888.com dispõe deste e de outros livros do pastor Wieland em espanhol.

Traduzido por AGB

1888 Message Study Committee
[Comissão de Estudo da Mensagem de 1888]

Índice Geral

Abertura

- [1888 Re-Examinado](#)
- [Índice Geral](#)
- [Prefácio](#)

Capítulos

- [1. Por Que Examinar Nosso Passado Adventista?](#)
- [2. O Pecado de Deixarmos Nosso Primeiro Amor](#)
- [3. O Alto Clamor que Virá de Modo Surpreendente](#)
- [4. Aceitação ou Rejeição: Em Busca de um Enfoque Mais Nítido](#)
- [5. O Problema Fundamental: Como Avaliar a Mensagem de 1888](#)
- [6. Rejeição de Ellen G. White em 1888](#)
- [7. Um Exame Mais Detido das Confissões](#)
- [8. Um Momento de Crise: A Assembléia da Associação Geral de 1893](#)
- [9. Uma Falsa Justificação Pela Fé: Semeando a Semente da Apostasia](#)
- [10. Por Que Jones e Waggoner Perderam o Rumo](#)
- [11. As Crises Alfa e Ômega](#)
- [12. A Apostasia do Panteísmo](#)
- [13. Predições de Ellen White Sobre o Culto a Baal](#)
- [14. De 1950 a 1971](#)
- [15. De 1971 a 1987 e Depois](#)

Aviso: Estamos em construção!

Os Capítulos e Apêndices que faltam serão incluídos tão logo seja possível. O site: www.libros1888.com dispõe deste e de outros livros do pastor Wieland em espanhol.

Prefácio

Os autores mantêm a firme convicção de que Deus confiou aos adventistas do sétimo dia Sua última mensagem de graça mais abundante para a humanidade. Esta mensagem deve suprir uma cura final para o problema do pecado, demonstrar justiça na humanidade crente, e vindicar o sacrifício de Cristo. Não pode entrar no reino do céu "coisa alguma contaminada, nem o que pratica abominação e mentira".

Os autores também crêem que o Salvador tem um imensurável anseio de que Seu povo prepare o caminho para o Seu retorno. A mensagem que o Senhor enviou a este povo em 1888 teve o intento de completar Sua obra de graça nos corações humanos de modo a que o grande conflito pudesse ser trazido a um fim. Mas algo saiu errado um século atrás. O plano do Senhor foi frustrado e retardado. O que aconteceu? Por que esta longa demora?

As luzes do farol de um século atrás diminuíram de intensidade e em muitos casos se extinguíram e desapareceram. Os pilares do adventismo se tornaram maculados. Nosso povo não abandonou verbalmente a confiança na segunda vinda de Cristo, mas a expectativa de Seu *próximo* retorno se abateu. Muitos estão desorientados e confusos. O mundo presente atrai para as modas, divertimentos, e conforto egocêntrico.

Mesmo em iluminadas comunidades adventistas do sétimo dia com uma rica herança histórica, o divórcio tem-se tornado quase epidêmico. O beber socialmente é um problema em nossos colégios e universidades e em muitos de nossos lares. A maioria dos adventistas na América do Norte não tem uma clara concepção de um Dia da Expição celestial ou de nossa singular obrigação com respeito a temperança e domínio próprio em relação com isso. É impressionante como numa época de conhecimento humano explosivo, nós como um povo geralmente ainda temos somente um vago conceito do que Cristo está fazendo como Sumo Sacerdote neste Dia da Expição final, e escassa simpatia com os Seus objetivos. E aquilo que não compreendemos não podemos comunicar ao mundo.

É bem sabido que uma grande proporção de nossos jovens se ressentem de claras convicções da identidade adventista do sétimo dia. Uma série de artigos na *Adventist Review* de junho de 1986 reconhece um novo fenômeno: jovens adventistas estão se unindo a igrejas observadoras do domingo (ver capítulo 13 deste livro).

Ministérios independentes e grupos divididos proliferam. Escândalos financeiros e heresias fornecem material para os moinhos dos críticos. Sérias indagações são suscitadas quanto a se a Igreja Adventista do Sétimo Dia está destinada a se tornar outro segmento de Babilônia.

A "mais preciosa mensagem" que o Senhor enviou a Seu povo quase um século atrás contém o "início" da solução de todos esses problemas. Foi uma mensagem de graça muito mais abundante. Nossas crescentes perplexidades são resultado direto, a colheita certa, de uma descrença, passada e atual, daquela mensagem de 1888. Quando a verdade é recusada, o erro sempre se precipita para preencher o vácuo. Mas nenhum problema é demasiado grande para ser retificado mediante o arrependimento.

Sem maior delonga a igreja mundial deve conhecer a história completa de nossa confrontação de um século com Cristo. Ellen White freqüentemente comparava nossa falta quanto a 1888 com a rejeição Dele dois milênios atrás. Este livro reexaminará suas cartas e manuscritos, bem como declarações publicadas. Deve-se-lhe permitir que fale francamente, sem inibição. Quando a verdade plena for compreendida, declarem-na estes autores de modo suficientemente claro, ou outros autores a ainda surgirem tendo nisso maior êxito, o arrependimento e reforma terão lugar e um povo estará preparado para a vinda do Senhor. A mensagem laodiceana não falhará, mas resultará em cura e restauração.

A confiança de Ellen White é objetivamente sumariada numa breve mensagem escrita por seu filho pouco antes de seu falecimento: "Contei à Sra. Lida Scott como mamãe considerava a experiência da igreja remanescente, e de seu ensino positivo de que Deus não permitiria que esta denominação apostatasse tão completamente ao ponto de levantar-se outra igreja" (Carta, 23 de maio de 1915). Esta declaração deixa implícito que haveria na verdade apostasia bastante séria--mas o Senhor não permitiria que se tornasse total. Até sua morte ela abrigou a convicção de que o arrependimento denominacional por fim se daria.

O que Dizia a Mensagem de 1888

Este livro não tem o objetivo de reproduzir a própria mensagem em si. Vários outros trabalhos preparados pelos autores tentam fazê-lo 1. Mas para aqueles que não têm acesso a tais publicações ou às fontes originais, alistamos em forma bastante breve um resumo dos elementos singulares, essenciais daquela mensagem. Os leitores reconhecerão que esses conceitos estão em contraste com as idéias geralmente (ou oficialmente) tidas pelo nosso povo hoje (a documentação está disponível nos livros citados na nota de rodapé):

(1) O sacrifício de Cristo não é meramente *provisional* mas *eficaz* para o mundo inteiro, de modo que a única razão pela qual alguém pode perder-se é preferir resistir à graça salvadora de Deus. Para aqueles que por fim se salvarão, Deus foi quem tomou a iniciativa; no caso dos que se perderem, eles é que tomaram a iniciativa. A salvação é pela fé; a condenação é por descrença.

(2) Assim, o sacrifício de Cristo *legalmente* justificou "todo homem", e literalmente salvou o mundo da destruição prematura. Todos os homens devem-Lhe mesmo a sua vida física, crendo Nele ou não. Cada fatia de pão está assinalada com Sua cruz. Quando o pecador ouve e crê no puro evangelho, é justificado pela *fé*. Os perdidos deliberadamente negam a justificação que Cristo já efetuou por eles.

(3) A justificação pela *fé* é, portanto, muito mais do que uma declaração legal de absolvição; ela transforma o coração. O pecador agora recebeu a expiação, que é reconciliação com Deus. Uma vez que é impossível ser verdadeiramente reconciliado com Ele e não ser também reconciliado com a Sua santa lei, segue-se que a verdadeira justificação pela *fé* torna o crente obediente a todos os mandamentos de Deus.

(4) Essa maravilhosa obra é cumprida mediante o ministério do novo concerto no qual o Senhor realmente escreve a Sua lei *no coração* do crente. A obediência é *amada*, e a nova motivação transcende o temor de estar perdido ou de espera de recompensa por estar salvo (qualquer dessas motivações é o que Paulo quer dizer com a frase "debaixo da lei"). O velho e novo concertos não

são questões de tempo, mas de condição. A fé de Abraão capacitou-o a viver sob o novo concerto, enquanto multidões de cristãos hoje vivem debaixo do velho concerto devido a que a preocupação centralizada no eu é a sua motivação. O velho concerto era a promessa do povo para ser fiel; sob o novo concerto a salvação vem de *crer* nas promessas de Deus para nós, não de *fazermos* promessas a Ele.

(5) O amor de Deus é ativo, não meramente passivo. Como o Bom Pastor, Cristo está ativamente em busca da ovelha perdida. Nossa salvação não depende de buscarmos o Salvador, mas de crermos que Ele está à nossa procura. Aqueles que estão perdidos finalmente continuam a resistir e desprezar a atração de Seu amor. Esta é a essência da *descrença*.

(6) Assim, é difícil estar perdido e é fácil ser salvo *se se compreende e crê quão boas são as boas novas*. O pecado é um constante resistir a Sua graça. Uma vez que Cristo já pagou a penalidade do pecado de todo homem, a única razão por que alguém pode ser condenado no final é a persistente descrença, uma recusa em apreciar a redenção provida por Cristo sobre a cruz e por ele ministrada como Sumo Sacerdote. O verdadeiro evangelho traz à lume essa descrença e conduz a um arrependimento efetivo que prepara o crente para o retorno de Cristo. O orgulho humano e o louvor e lisonja a seres humanos é incompatível com a verdadeira fé em Cristo, mas é um sinal seguro da persistente descrença, mesmo dentro da igreja.

(7) Ao buscar a humanidade perdida, Cristo seguiu o caminho completo, tomando sobre Si a natureza caída e pecaminosa do homem após a queda. Isso Ele fez para que pudesse ser tentado em todos os pontos como nós, e, contudo, demonstrar perfeita justiça "à semelhança de carne pecaminosa". A mensagem de 1888 aceita o termo "semelhança" como tendo o seu sentido óbvio, não o de *dessemelhança*. Justiça é uma palavra nunca aplicada a Adão em seu estado não caído, nem aos anjos sem pecado. Somente pode traduzir uma santidade que entrou em conflito com o pecado na *decaída carne humana*, e sobre ele triunfou.

Assim, "a mensagem da justiça de Cristo" que Ellen White endossou tão entusiasticamente na época de 1888 está enraizada nessa única visão da natureza de Cristo. Se Ele tivesse assumido a natureza sem pecado de Adão antes da queda, o termo "justiça de Cristo" seria uma abstração sem sentido. Os mensageiros de 1888 reconheceram o ensino de que Cristo tomou somente a natureza sem pecado de Adão antes da queda como um legado do romanismo, a insígnia do mistério da iniquidade que O mantém "afastado" e não "ao alcance da mão".

(8) Assim, nosso Salvador "condenou o pecado na carne" da decaída humanidade. Isso significa que Ele superou o pecado pela lei; o pecado tornou-se desnecessário à luz de Seu ministério. É impossível ter a verdadeira fé neotestamentária em Cristo e continuar em pecado. Não podemos escusar o contínuo pecar declarando que "somos apenas humanos" ou que "o diabo me levou a fazê-lo". À luz da cruz, o diabo não pode forçar ninguém a pecar. Ser verdadeiramente humano é ser semelhante a Cristo em caráter, pois Ele era e é plenamente humano, tanto quanto divino.

(9) Segue-se que o único elemento de que precisa o povo de Deus a fim de preparar-se para o retorno de Cristo é aquela genuína *fé* do Novo Testamento. Mas isto é precisamente o elemento de que carece a igreja. Ela se imagina doutrinária e experimentalmente "rica", de nada tendo falta, quando na verdade o seu pecado básico é uma patética *descrença*. A justificação é pela fé; é impossível ter fé e não demonstrar justiça na vida, porque a verdadeira fé *opera* pelo amor. As falhas morais e espirituais são o fruto de perpetuar o antigo pecado de Israel de descrença hoje, mediante a confusão de uma falsa justificação pela fé.

(10) A justificação pela fé desde 1844 é "a terceira mensagem angélica em verdade". Assim ela é maior do que aquilo que os reformadores ensinavam e as igrejas populares hoje entendem. É uma mensagem de graça abundante compatível com a verdade adventista singular da purificação do santuário celestial, uma obra contingente com a plena purificação dos corações do povo de Deus sobre a terra.

Há outros aspectos da mensagem de 1888 tais como reformas nos métodos de saúde e educação, mas nossa principal preocupação neste livro é o coração, como reconhecido por Ellen White--justificação pela fé. Não é verdade que a mensagem de 1888 era oposta à organização eclesiástica (ver capítulo 10).

Significação da Mensagem Hoje

A história e mensagem de 1888 propicia uma chave para reconciliação com o Senhor Jesus. A grande "expição final" se tornará realidade. "Haverá uma fonte aberta à casa de Davi [a liderança da igreja] e aos habitantes de Jerusalém [a igreja organizada] para pecado e para a impureza". Alguns, talvez muitos, desprezarão e rejeitarão essa fonte de que fala Zacarias, mas cremos que o cerne do coração do povo de Deus é honesto. Quando conhecerem a verdade plena, responderão. "O teu povo estará disposto no dia do Teu poder", declara o salmista. O gênio latente do adventismo ainda perceberá e receberá verdades agora percebidas palidamente. A despeito de oposição dentro da estrutura eclesiástica, a consciência adventista ainda reconhecerá o testemunho de Ellen White sobre 1888 como sendo uma genuína manifestação do espírito de profecia, "o testemunho de Jesus". Em seu impacto sobre corações honestos, a verdade é invencível.

O mundo e o universo aguardam aquele outro anjo que desce do céu "com grande autoridade, e a terra se iluminou com a sua glória". Se era plano do Senhor que a mensagem de 1888 fosse o "começo" da obra daquele anjo e o "começo" da chuva serôdia, poderia algo ser mais importante do que buscar a verdade plena a seu respeito?

Que este livro possa ser lido com uma oração por discernimento e um espírito de fé e arrependimento.

Os Autores.

3 de junho de 1987.

1. *The 1888 Message--An Introduction* [A Mensagem de 1888 -- Uma Introdução], Review and Herald, 1980; *Gold Tried in the Fire* [Ouro provado no fogo], Pacific Press, 1983; *The Good News is Better Than You Think* [As boas novas são melhores do que você pensa], Pacific Press 1985; *A Summary of the History and Content of the 1888 Message* [Um sumário da história e conteúdo da mensagem de 1888], 1977, The 1888 Message Study Committee [Comissão de Estudo da Mensagem de 1888].

1. Por Que Examinar Nosso Passado Adventista?

O Movimento Adventista até aqui não fez progresso compatível com sua missão profética. Tem havido progresso, mas não do modo como a Escritura declara que deve ocorrer. Os três anjos de Apocalipse 14 ainda não agitaram o mundo. Bilhões ainda conhecem pouco ou nada sobre esta mensagem de vida ou morte.

Não podemos negar que o quarto anjo de Apocalipse 18 ainda não iluminou a terra com a glória de sua mensagem. O programa de Deus de amorosa preocupação por este planeta tem sido impedido de certo modo. O longo atraso aprofunda a perplexidade na igreja e assume proporções vexatórias.

Dizer que fracassamos em cumprir nosso dever é meramente declarar o problema em termos diferentes: Por que não cumprimos o nosso dever, e quando o cumpriremos? E dizer que Deus em breve agirá e fará algo é declará-lo doutro modo ainda: Por que Ele já não fez aquilo que por fim fará?

Não ousaríamos acusar a Deus de negligência no cumprimento de Sua palavra. Sabemos que Ele tanto ama o mundo que deu o Seu Filho para a sua redenção, e que tem estado pronto para conduzir o plano de salvação a seu triunfo final há muito tempo. A cruz demonstra Sua total dedicação ao problema humano. Tal amor nega qualquer possibilidade de indiferença divina. Contudo, bilhões quase nada sabem a respeito de Sua mensagem de graça. Devem eles ficar sem jamais saber, jamais ter oportunidade de apreciar o preço da redenção que Ele pagou e de Seu ministério sumo-sacerdotal em andamento? As perguntas demandam respostas: Qual é a razão para o atraso, e como pode a dificuldade ser retificada?

Na maior parte de um século temos buscado respostas em cada programa sucessivo, resoluções, praxes e estratégias evangelísticas. Se somente algum poder sobrenatural levasse a efeito a propagação da mensagem universalmente, de modo fenomenal, de modo que a população mundial pudesse ao menos entender do que se trata, então o movimento seria vindicado, e seu longamente esperado triunfo se concretizaria. Não haveria então necessidade de reexaminar nossa história.

Mas Deus não pode vindicar um povo morno. Isso anularia Sua insistência de um século para que siga princípios retos comunicados mediante uma mensageira inspirada. Tal renúncia corresponderia a Sua admissão de derrota, englobando todo o plano da redenção, porque *seu verdadeiro sucesso depende desse momento final*.

A Razão é Evidente

A esperança do povo de Deus em todas as eras tem sido a primeira ressurreição. Por razões bíblicas, os adventistas do sétimo dia não podem concordar com seus irmãos de outras comunhões que crêem que os salvos vão imediatamente para sua recompensa por ocasião da morte. As Escrituras indicam que "dormem em Jesus" até que retornem na primeira ressurreição. Mas essa esperança é vã a menos que Cristo volte pela segunda vez, porque a Sua presença pessoal somente pode tornar possível a ressurreição. "Esse mesmo Jesus" deve retornar literal e pessoalmente. Nenhum espírito etéreo substituto pode levantar os mortos.

Mas essa crença adventista apresenta um sério problema que se confronta com teorias populares de justificação pela fé. Se a alma humana é por natureza imortal e os salvos vão para o céu quando da morte, nenhuma preparação especial de caráter para a segunda vinda se faz necessária. Não há qualquer obra adicional que o "evangelho eterno" possa cumprir além do que é cumprido por milhares de anos por aqueles que morreram. Assim, as concepções populares de justificação pela fé não dão lugar a qualquer preparação especial para uma segunda vinda.

Essa é a razão por que a maioria dos protestantes não-adventistas concebem a justificação pela fé como limitada a uma justificação legal. Segundo o seu ponto de vista, a obediência perfeita à santa lei de Deus não é necessária nem possível. Uma preparação especial para a segunda vinda de Cristo simplesmente está excluída de seu pensamento.

Mas a verdade bíblica da natureza do homem requer que uma comunidade de crentes vivos esteja *pronta* para a segunda vinda de Cristo de modo que uma ressurreição dos mortos tenha lugar. Ele é um Fazendeiro que não

pode vir para a Sua colheita até que esteja madura (Marcos 4:26-29). Mas suponha que o povo de Deus nunca se apronte, seja porque não possa, seja porque não queira.

Cristo diz a Seu próprio respeito: "Eu venci. . ." (Apocalipse 3:21), e Ele declara ao "anjo da igreja em Laodicéia" que seus membros devem vencer "assim como também" Ele venceu. Evidentemente uma preparação especial se faz necessária. Mas se essa preparação especial nunca tiver lugar, deve Ele admitir por fim que o Seu povo não pode ou não vencerá, que o Seu padrão para ele tem sido por demais elevado, que Ele nunca esperou seriamente que pudesse ser alcançado? Entendemos errado a Cristo por mais de um século, presumindo que Ele requer obediência a Sua lei quando a obediência é impossível? Pode dar-se que nenhuma preparação especial é necessária para o Seu povo?

Há sérias indagações. Um considerável segmento da igreja e seu ministério se inclina na direção de concepções populares de que não é possível vencer o pecado *per se*. Tais idéias foram adaptadas para o adventismo, segundo o ponto de vista calvinista de que enquanto alguém possuir uma natureza pecaminosa, a persistência em pecar é inevitável e, portanto, escusável. (Isso logicamente nega a significação da idéia adventista exclusiva do Dia de Expição antitípico).

Rebaixar a expectativa de Deus a fim de vindicar um povo descuidado e morno seria um insulto à divina justiça. Significaria estabelecer a Velha Jerusalém na nova terra, continuamente se desviando, sem arrependimento e desobediente, em lugar da espiritualmente triunfante e plenamente arrependida Nova Jerusalém. Isso desapontaria as esperanças de Abraão que "aguardava a cidade que tem fundamentos, da qual Deus é o arquiteto e edificador". Essa "cidade" seria uma *comunidade* finalmente vitoriosa de seus descendentes espirituais, não meramente uns poucos indivíduos espalhados, sem coordenação (cf. Hebreus 11:10). A fé de Abraão não ousaria ser em vão! Deve haver um *povo* que atinja essa maturidade de experiência cristã e fé da qual ele foi o verdadeiro ancestral espiritual. Este é o clímax em cuja direção a história tem marchado.

E não somente Abraão exerceu tal fé. Lemos que o próprio Cristo exerceu fé em Seu povo, a despeito do fato de que no passado eles "não creram". Ele deu o Seu sangue pelos seres humanos e para a completa redenção da raça humana. Esse é um investimento caro se o retorno se revelar insatisfatório! No final, "a fidelidade de Deus" não se irá "desfazer" (Romanos 3:3). Doutro modo, o evangelho eterno será deixado em descrédito e Ele estará eternamente embaraçado por ter exercido uma fé ingênua na humanidade.

Fracasso: Um Impensável Desenlace para o Programa de Deus

Conquanto Cristo haja morrido por nós e tenha pago o preço de todos os nossos pecados como nosso divino Substituto, *deve haver alguma resposta de fé de nossa parte*. Sem um *povo* verdadeiramente pronto para a segunda vinda de Cristo, e sem uma compreensão de sua missão mundial, o Senhor não pode retornar. Ele não pode tomar a Sua poderosa foice até que "a seara" esteja madura (Apocalipse 14:15, 16). O adventismo está profundamente enraizado nessa óbvia verdade. Não há meio pelo qual podemos afastar-nos disso e ainda permanecer adventistas.

Antes que o Senhor possa vindicar Sua igreja remanescente, a geração presente deve de algum modo em princípio retificar todo fracasso do povo de Deus em seguir a luz. Isso deve ser cumprido não por um programa de obras, mas por sua fé desenvolvida amadurecidamente. Como Juiz, Deus não pode aprovar o impenitente, sejam indivíduos ou seja um movimento.

As descobertas deste estudo sugerem que tem havido algumas sérias incompreensões da história vital dos adventistas do sétimo dia. Há evidência de que a verdade concernente à chuva serôdia do Espírito Santo e o alto clamor de Apocalipse 18 tem sido distorcida e mesmo acobertada. Isso tem acarretado trágicas consequências a nível mundial. A incompreensão de nosso passado também tira de foco o nosso entendimento do presente e enfraquece a confiança em nossa missão exclusiva. E isso pode nos tornar presas do desastre. É impossível para qualquer pessoa em qualquer parte entender os acontecimentos atuais corretamente se tem os fatos de seu passado distorcidos.

A verdade nada perde por reexame detalhado. Seja uma doutrina teológica ou uma asserção vital da história eclesiástica, Ellen White indica que a isso tem-se que aferrar:

"Nenhuma verdadeira doutrina perderá algo por rigorosa investigação. Estamos vivendo em tempos perigosos, e não nos convém aceitar tudo que se reivindica ser verdade sem detido exame, nem podemos dar-nos ao luxo

de rejeitar algo que produza os frutos do Espírito de Deus; mas devemos ser susceptíveis à instrução, mansos e humildes de coração. . . . O Senhor determina que nossas opiniões sejam postas a teste." (RH, 20 de dezembro de 1892).

"Se nós próprios não submetemos "a teste" nossas opiniões concernentes a doutrinas e interpretações históricas, mentes perspicazes entre nossos oponentes finalmente farão o serviço por nós.

"Se Deus tem falado por meu intermédio, chegará o tempo em que seremos levados perante conselhos e perante milhares por causa do Seu nome, e cada um de nós terá que dar as razões de sua fé. Então chegará a mais severa crítica sobre cada posição que tem sido assumida pela verdade." (RH, 18 de dezembro de 1888).

Quando as palavras acima foram escritas, estavam em andamento importantes fatos da história denominacional. Hoje, certas interpretações dela entre nós têm assumido quase a forma e autoridade de "doutrina". Daí a necessidade de cuidadosa investigação, de modo que a verdadeira história possa ser distinguida da "tradição dos anciãos". Por razões a serem mais tarde explicitadas, envolvemos o episódio 1888 de nossa história nas neblinas dessa tradição. Os fatos devem ser separados da fantasia.

Arrependimento e o Dia da Expição

A purificação do santuário nunca pode completar-se até o incidente histórico de 1888 tornar-se plenamente entendido e o problema espiritual subjacente resolvido. Esse segmento particular de nossa história é especialmente significativo. Isso está implícito numa declaração escrita por Ellen White ao presidente da Associação Geral, O. A. Olsen, quatro anos após a assembléia de Mineápolis:

"O pecado cometido no que teve lugar em Mineápolis permanece nos livros de registro do céu, assinalados contra os nomes daqueles que resistiram à luz, e permanecerá nos registros até que se faça plena confissão, e os transgressores se apresentem em total humildade perante Deus." (Carta 019, 01.09.1892).

Escritos seus posteriores indicam que "plena confissão" nunca foi feita e que a experiência de "total humildade perante Deus" não se fez sentir na maioria deles. Aqueles irmãos morreram todos, mas isso não significa que os "livros de registro do céu" estejam automaticamente apagados. Eles registram o pecado coletivo, bem como o pecado pessoal. A verdade fundamental que tem tornado os adventistas do sétimo dia um povo único é o de que a morte não purifica os livros de registro celestiais. A purificação deve ocorrer no "juízo investigativo", um Dia de Expição coletivo e final.

A questão em debate não é a salvação das almas daqueles queridos líderes de um século atrás que resistiram à mensagem. Eles descansam no Senhor, em paz, enquanto permanecem prisioneiros em suas tumbas. A questão agora é a finalização da obra de Deus sobre a terra, desenvolvendo uma empatia há muito necessária com o Senhor de modo a que possamos verdadeiramente dar-Lhe "glória, porque vinda é a hora do Seu juízo". Precisamos recobrar nesta geração a bênção valiosíssima que nossos irmãos de um século atrás "sonegaram ao mundo" e "ao nosso povo, em grande medida" (1SM, 234, 235). Somos "um corpo" em Cristo, "uma cidade" ou uma comunidade espiritual coletivamente envolvida com aqueles irmãos do passado. O pecado deles é o nosso pecado, à parte de arrependimento específico, inteligente.

O "corpo" está morno, afetado com enfermidade espiritual que pode ter origens identificadas que remontam a 1888. Uma nova geração deve agora interpretar corretamente o que ocorreu numa geração passada devido a suas profundas implicações para nossa condição espiritual hoje. A mensagem de Cristo para a Sua igreja dos últimos dias requer implicitamente um reexame de nossa história que subjaza nosso complexo de "rico estou, de nada tenho falta" (Apocalipse 3:14-21).

Uma falha em assim fazer acarreta sobre nós a culpa de gerações passadas. Estamos sendo provados tão verdadeiramente quanto eles o foram. A semelhança do Calvário, 1888 é mais do que um mero evento histórico. A providência de Deus não permitirá que seja coberto pelo pó no sótão do adventismo, esquecido por uma nova geração. Aquilo representa o desenvolvimento de princípios que se aplicam novamente a cada geração até a vitória final da verdade.

Num certo sentido real, hoje estamos cada qual junto ao Calvário; também somos "delegados" da Assembléia de 1888. Seremos chamados a cumprir o que uma geração passada falhou em fazer. Uma profecia inspirada nos

fala de como 1888 deve ser reexaminado:

"Deveríamos ser o último povo sobre a terra a abrigar no grau mais ínfimo o espírito de perseguição contra aqueles que estão levando a mensagem de Deus ao mundo. Esse é o mais terrível aspecto da falta de espírito cristão que já se manifestou entre nós desde a reunião de Mineápolis. Algum tempo será visto em seu verdadeiro caráter, com todo o peso dos aís que dele resultou." (GCB 1893, p.184; ênfase adicionada).

Um ex-presidente da Associação Geral também reconheceu que esta questão de 1888 deve permanecer um contínuo teste entre nós até que finalmente vençamos de fato:

"Alguns podem sentir-se melindrados ante a idéia de que Mineápolis seja citada [nestas reuniões, 1893]. Sei que alguns sentiram-se ofendidos e melindrados ante qualquer alusão àquela assembléia, e à situação ali. Mas tenhamos em mente que a razão porque alguém deva sentir-se assim é um espírito insubmisso de sua parte. Tão logo nos submetamos inteiramente, e humilhemos nosso coração perante Deus, a dificuldade se esvaírá completamente. A própria idéia de que alguém se melindra revela imediatamente a semente da rebelião no coração. . .

"Se falharmos numa ocasião, o Senhor nos lançará ao chão novamente; e se nós falharmos pela segunda vez, Ele novamente nos arrojará abaixo; e se falharmos uma terceira vez, o Senhor nos porá por terra uma vez mais. . . Em lugar de nos sentirmos incomodados com a idéia de que o Senhor nos está arrojando ao mesmo chão, sejamos-Lhe gratos, e louvemo-Lhe incessantemente, pois essa é a misericórdia e compaixão de Deus. Qualquer outra coisa além disso é nossa ruína e destruição." (O. A. Olsen, Ibid., p. 188).

Hoje pode haver alguns que também se sentem "ofendidos e melindrados" de que se proceda uma tal investigação da nossa história. Por que prestar tanta atenção ao passado trágico? Por que não esquecer-lo e ir "adiante" de onde agora estamos?

Segundo esse presidente da Associação Geral de 1893, *sensíveis sentimentos de ressentimento a respeito de 1888 indicam uma atitude de coração em guerra com o Espírito Santo de Deus.* Talvez o Senhor o impressionou a dizer o que disse. E Ellen White também nos lembra que há terrível perigo de esquecer o passado (VE 196). Uma predição feita por A. T. Jones na mesma sessão de 1893 parece propositalmente assestada sobre esse alvo:

"Haverá coisas vindouras que serão mais surpreendentes do que foi para aqueles que estavam em Mineápolis,—mais surpreendentes do que qualquer coisa que já tenhamos contemplado. E, irmãos, nos será requerido receber e pregar essa verdade. Mas a menos que você e eu tenhamos toda fibra desses espírito enraizado em nossos corações, trataremos essa mensagem e o mensageiro pela qual for enviada, como Deus tem declarado que temos tratado esta outra mensagem [de 1888]." (GCB 1893, p. 185).

"Em 1888 na Conferência Geral realizada em Minneapolis, Minnesota, o anjo de Apocalipse 18 desceu para fazer sua obra, e foi ridicularizado, criticado e rejeitado, e quando a mensagem que ele trouxe novamente, alargar-se num alto clamor, será novamente ridicularizada, criticada e rejeitada pela maioria." E.G.White in Taking Up a Reproach. Também encontrado em Some History, Some Experience, Some Facts, p. 1, por A.T.Jones.

"Vi que Jones e Waggoner tiveram sua contrapartida em Josué e Calebe. Como os filhos de Israel apedrejaram os espias com pedras literais, vós apedrejastes esses irmãos com pedras de sarcarmo e ridículo. Vi que vós voluntariamente rejeitastes o que sabíeis ser a verdade. Apenas porque ela era por demais humilhante para a vossa dignidade. Vi alguns de vós em vossas tendas arremedando e fazendo toda a sorte de galhofas desses dois irmãos. Vi também que se tivéssemos aceito a mensagem deles teríamos estado no reino após dois anos daquela data, mas agora temos de retornar ao deserto e ficar 40 anos." E.G.White, Escrito de Melbourne, Austrália, 09.05.1892.

Necessidade de Percepção, Mais do Que de Mais Palavras

Defrontar a verdade plena não é ser "crítico". A verdade a respeito do passado não somente ilumina o misterioso presente; transmite esperança pelo futuro desconhecido. A verdade plena é sempre boas novas. Quando a reconhecemos, nossas tentativas de assegurar a prometida chuva serôdia e efetuar a colheita final terá êxito. O caminho mais longo ao redor provar-se-á o mais curto para chegar ao lar. A experiência de fé pressupõe um

pleno reconhecimento da verdade. Mas até que estejamos dispostos a defrontar a verdade, todo o nosso catálogo de obras deve fracassar porque serão necessariamente destituídas daquela fé salvadora.

Sob a direção de Deus, a história deve nos levar a um confronto com a realidade:

(1) O amor de Deus requer que Sua mensagem de "boas novas eternas" vá a todo o mundo, proclamada com poder. Mas Ele tem declarado que não pode acrescentar Suas bênçãos à confusão em nossos arraiais.

(2) O falso "Cristo" do mundo moderno é impotente para segurar a igreja remanescente permanentemente em suas mãos. Ele não pode conceder um poder sobrenatural sobre ela como um todo, como por fim fará com outras corporações religiosas, por causa da presença em seu interior de muitos milhares que insistirão na plena aceitação da verdade. São adventistas do sétimo dia conscienciosos devido a profundas convicções baseadas na Escritura. Não dobrarão seus joelhos a Baal. E não permitirão que Baal tenha êxito em silenciá-los porque estão conscientes de serem membros do corpo de Cristo. Permanecerão firmes como o fez Aquele solitário no templo, que insistia: "Não façais da casa de meu Pai casa de negócio" (João 2:16).

(3) Assim, a Igreja Adventista do Sétimo Dia não falhará, na crise final porque há um resíduo de força dos honestos de coração que ainda constituem uma grande proporção de sua comunhão. Essa força torna impotente a tentativa final de Baal de subjugar o Israel de Deus. Mesmo Baal não pode adicionar suas falsas bênçãos a um povo dividido, hesitante entre duas opiniões! O fator decisivo que assegura a vitória pela verdade é a pureza do santuário celestial, um ministério sumo-sacerdotal do Salvador do mundo que nunca teve lugar na história antes de 1844.

O próximo passo será para aqueles que reivindicam acalantar "a bendita esperança" de decidir seguir, no sentido de plena dedicação, um Senhor ou outro. As implicações de tal decisão são tremendas para se contemplar.

2. O Pecado de Deixarmos Nosso Primeiro Amor

Ninguém pode questionar a genuinidade da experiência espiritual daqueles que passaram pelo movimento de 1844. Jesus era "precioso" aos crentes que esperavam a Sua breve vinda, e seus corações estavam unidos em sincera e profunda devoção. Reconheciam o Espírito Santo como inegavelmente presente naquele movimento.

Foi essa convicção que transcendia a mero apego a correção teológica, que sustentou a confiança do "pequeno rebanho" em meio ao Grande Desapontamento. A Igreja Adventista do Sétimo Dia foi concebida numa experiência de genuíno amor e nasceu como trabalho de parto da alma daqueles poucos que arriscaram tudo em seu reconhecimento de uma obra genuína do Espírito Santo. Assim, ela foi bem nascida, concebida na verdadeira fé e não no legalismo.

Em seus primeiros anos ela amou o Senhor com um coração sincero, e apreciava a presença do Espírito Santo. Suas dificuldades posteriores derivam de um trágico abandono desse "primeiro amor", e uma falha conseqüente em reconhecer o verdadeiro Espírito Santo.

Já em 1850, esse calor de dedicação por Jesus começou a ser gradualmente substituído nos corações de muitos por uma condição "insensata e dormente" e "meio-desperta", segundo a jovem mensageira do Senhor. Um insidioso amor do eu começou a tomar o lugar do verdadeiro amor pelo Salvador, produzindo a mornidão. Orgulho e complacência em possuir um sistema de verdade gradualmente sufocaram muito da fé simples em Jesus, de coração, que levou a sua aceitação originalmente.

Desse modo, logo após o Grande Desapontamento de 1844 e a reunião do "pequeno rebanho" que manteve sua fé, desenvolveu-se uma deficiência em seu entendimento da importância das três mensagens angélicas. A deficiência não era teológica, mas espiritual. A igreja assemelhava-se a um adolescente que cresce fisicamente, mas, por outro lado, permanece uma criança.

A "verdade" logrou progresso fenomenal e era tida por invencível em debate, mas "os servos do Senhor confiaram demasiadamente na força do argumento", declarou Ellen White em 1855 (1T 113). Isso tornou difícil que resistissem à tentação inconsciente e sutil de acolher um orgulho espiritual--não encontraram e aceitaram a verdade, e por ela se sacrificaram? Parecia haver mérito em tal sacrifício. Ministros e evangelistas ergueriam suas tendas numa nova comunidade, agitando outros ministros e igrejas populares, vencendo os argumentos e debates, arrebanhando seus "melhores" membros, batizando-os e erguendo uma nova igreja, partindo daí para novas vitórias quase em toda parte. Desfrutavam uma euforia de sucesso.

A oposição levou-os a acariciar a esperança de vindicação pessoal e coletiva quando do segundo advento mais do que a antecipação amorável de encontrar o Amado, incluísse esse encontro vindicação ou não. A fé deles tornou-se-lhes mais um *ato* de crença na verdade doutrinária e obediência a ela, motivada pela preocupação auto-orientada por renovação, antes que uma apreciação genuína da graça de Cristo. Em lugar de caminhar humildemente em total dependência do Senhor, "nós" começamos a caminhar orgulhosamente com nossa indisputável evidência doutrinária da "verdade".

O resultado foi inevitavelmente uma forma de legalismo. A mesma experiência tem-se repetido freqüentemente nas vidas individuais dos novos conversos adventistas. Devidamente entendida, a história do movimento adventista é a história de nossos próprios corações individuais. Cada um de nós é um microcosmo do todo, como cada gota dá água incorpora a essência da chuva. Em tudo quanto dizemos a respeito da experiência dos anos passados, lembramo-nos que não somos melhores do que nossos antepassados. Como Paulo informou aos crentes de Roma, "nós" fazemos as mesmas coisas (Romanos 2:1). Somente através de uma percepção que reconhece a culpa coletiva podem as falhas de nossa história denominacional ser resolvidas com valor positivo e encorajador.

Como Nossa Mornidão Começou

Ellen White cedo reconheceu que nosso problema era deixar o nosso "primeiro amor", um perda de intimidade com Cristo por não apreciarmos o Seu amor sacrificial. Ela própria aparentemente nunca perdeu esse primeiro amor, pois estava sempre pronta e disposta a reconhecer as manifestações do verdadeiro Espírito Santo. Mas "nós" não estivemos tão prontamente perceptivos.

Poderíamos cantar alegremente com W. H. Hyde: "Ouvimos da brilhante e santa pátria, ouvimos e nossos corações se alegram", contudo houve uma constante tensão entre reconhecer e apreciar o dom de profecia vivo, e nosso ressentimento humano natural contra sua reprovação ou correção. Conquanto o poder do Espírito de Deus que caracterizava o ministério de Ellen White muitas vezes

forçava a liderança da igreja a reconhecer a divina autoridade de sua mensagem, eles raramente como um todo tinham uma verdadeira e sincera apreciação de seu profundo desafio espiritual. Tal ressentimento íntimo não nos surpreende como humanos. Era evidente por toda a antiga história israelita.

Esse quase contínuo desprezo pelos apelos de Ellen White para nos volvermos a um contrito "primeiro amor" resultou nos mais escuros momentos de nossa história. Um crescente mas inconsciente *amor próprio* de ministros e crentes sufocou a fé genuína, e, como consequência, a habilidade de discernir a operação do Espírito Santo se extinguiu. Um episódio tão horrível, nunca imaginado pelos pioneiros (e quase assim para nós hoje) finalmente veio a se passar. Chegaria o tempo em 1888 em que aquela poderosa Terceira Pessoa da Divindade seria de fato "insultada" pelos delegados responsáveis junto à Sessão da Associação Geral (cf. Ms 24, 1892, *Special Testimonies*, Serie A, nº 7, p. 54; ver capítulo seis). Como poderiam os adventistas do sétimo dia fazer isso?

Não fosse pelo contínuo ministério de Ellen White, é de duvidar que o movimento pudesse ter sobrevivido de modo diferente de uma seita legalista, à semelhança das "testemunhas de Jeová" ou da Igreja de Deus Mundial. Isso por si só -- geralmente reconhecido como verdade -- é um comentário impressionantemente claro da natureza de nossa arraigada descrença. Estávamos repetindo em poucas décadas da história o que o antigo Israel levou séculos para cumprir. Nenhum adventista do sétimo dia negaria que a igreja era "Jerusalém". Mas ela era ainda a velha cidade, não a Nova.

Falhamos em perceber as três mensagens angélicas como o "evangelho eterno". As doutrinas eram verdadeiras. Mas os ministros e membros estavam cegados quanto a um apropriado discernimento da terceira mensagem angélica *em verdade*, como a cegueira dos judeus os impediu de discernir a verdadeira mensagem do Velho Testamento. Aquela verdade que os judeus não podiam discernir era o lugar da cruz em seus rituais do santuário e no ministério de seu longamente esperado Messias. Semelhantemente, o lugar da cruz na terceira mensagem angélica deixou de ser percebido pelos nossos irmãos do final do século dezenove.

Já em 1867, Ellen White falava do princípio da cruz (em lugar de reforma do vestuário) como o motivo fundamental a inspirar todo o nosso compromisso e estilo de vida adventista do sétimo dia:

"Temos estado tão ligados ao mundo que perdemos de vista a cruz, e não sofremos pela causa de Cristo. . .

"Na aceitação da cruz somos distinguidos do mundo." (1T 525)

"Há demasiada agitação e movimentação quanto a nossa religião, enquanto o Calvário e a cruz são esquecidos." (5T 133)

Crescimento Vs. Progresso

O que tornou a nossa condição espiritual ainda mais difícil de entender foi o fato de que a igreja desfrutava um próspero crescimento do ponto de vista numérico, financeiro e em termos de prestígio. Isso se refletiu num firme aumento da força institucional, financeira e organizacional. O movimento que nascera de menos do que nada em face da zombaria mundana pós-1844, havia assumido a forma de uma denominação permanentemente estabelecida e bem respeitada. Tínhamos o que se reconhecia amplamente como a melhor instituição de saúde do mundo, e uma das mais avançadas editoras eclesiásticas no "ocidente".

Logicamente, nada havia de errado com tal progresso material. A maior parte dos avanços conquistados ocorriam sob insistência do agente do dom de profecia. Era certo e apropriado que instituições fossem estabelecidas, que a obra penetrasse novas regiões e igrejas fossem levantadas por toda parte. Mas ministros e leigos igualmente tomaram esse crescimento em lugar do verdadeiro fim e propósito do movimento adventista -- uma preparação espiritual para o retorno de Cristo. Disso resultou confusão, e a auto-estima e complacência começaram a vir à tona nos relatórios semanais do "progresso da causa" como publicado na *Review*.

O espírito evidente nesses relatórios de "progresso" contrasta-se com as fervorosas mensagens de conselho que Ellen White enviava ao mesmo tempo. Muitos dos irmãos expressavam quase incessante otimismo a respeito dos resultados de seu trabalho. É verdade que Deus estava dirigindo, e o movimento Lhe pertencia. Mas a inspiração e a história dão conta de que o aspecto mais impressionante da "obra" não era o seu progresso material, mas sua falta de maturidade espiritual.

O propósito primário do movimento adventista tem sempre sido desenvolver o caráter semelhante ao de Cristo de um remanescente que reivindica o Seu sacrifício. Nenhuma outra comunidade de santos em toda a história acolheu tal maturidade de experiência, simbolizada na Escritura como a Noiva que "se ataviou" (Apocalipse 19:7). Este último remanescente se tornará a população de uma "Nova Jerusalém", tendo vencido a apostasia de todas as gerações prévias. Em seu caráter serão vistos os resultados práticos da purificação do santuário celestial. O plano da salvação deve alcançar sua culminação, e as dúvidas e objeções de Satanás e suas hostes devem ser para sempre respondidas. O próprio universo não-caído deve reassegurar-se ao contemplar uma grandiosa demonstração do completo êxito do plano de salvação em sua hora final. O evangelho deve demonstrar-se "o poder de Deus para a salvação" (Romanos 1:16).

Relacionado com o alcance desse objetivo primário está o reconhecimento de outro secundário: a terminação do programa evangélico de missão mundial. *O alcançar da meta secundária é representado na Escritura como virtualmente assegurado, uma vez a primária seja realizada* (Marcos 4:26-29; Apocalipse 14:15; João 13:35).

Não tivéssemos "nós" sido cegados pelo amor próprio, uma verdadeira compreensão da verdade das três mensagens angélicas teria há muito tempo garantido o genuíno progresso no rumo de alcançar essa meta primária de semelhança de caráter com Cristo. Em lugar disso, tem havido um imaginado progresso no cumprimento da meta secundária.

Mas um sério problema se torna imediatamente evidente. Outras denominações estão logrando o mesmo tipo de "progresso" institucional e numérico, em até maior escala, o que sugere que tal crescimento significa pouco no que tange às reais bênçãos celestiais sobre nossa obra. No processo temos perdido de vista em grande medida a meta primária nesse ilusório cumprimento da meta secundária. Relatórios oficiais atingem errôneas conclusões com base em progresso estatístico e financeiro. Segue-se um exemplo, a ponta de um *iceberg* de orgulho e complacência:

"O êxito financeiro deste vasto empreendimento denominacional não pode ser maior do que a fé e zelo que animam o povo escolhido de Deus. Esses recursos combinados, sob o comando do Capitão das hostes do Senhor, conduzirão ao triunfo precoce do grande Movimento do Segundo Advento em todo o mundo." (*Thirty-seventh Financial Report*, General Conference [Trigésimo Sétimo Relatório Financeiro da Associação Geral], 31 de dezembro de 1948, p. 9).

Em outras palavras, a fé espiritual e zelo do povo escolhido de Deus são medidos por seus registros estatísticos! Pode-se alegar que este é um exemplo extremo e ultrapassado. Mas ilustra a mentalidade predominante da época, que se pode reconhecer quase que por toda parte hoje. A linguagem de nossos corações reivindica que somos "ricos e de nada temos falta". O Autor e Consumador de nossa fé, contudo, diz o oposto.

Essa era a condição espiritual da igreja na década que precedeu a Sessão da Associação Geral de 1888. A mensageira do Senhor havia freqüentemente deplorado o amor ao eu que se tornou tão penosamente evidente em toda a sua difundida mornidão. Em desesperados esforços para ajudar, ela enviou mensagens ardentes de admoestação a "nós" nos anos que precediam a Assembléia de 1888, mensagens para motivar ministros e povo a recobrem o profundo e sincero amor por Jesus que se havia quase tornado perdido. Ela trabalhou duro, mas por alguma razão os apelos caíram maiormente em ouvidos moucos e não tiveram êxito.

O Remédio Simples de Deus Para Um Sério Problema Denominacional

Poderia alguma mensagem dinâmica, alguma simples "palavra", penetrar o coração de Laodicéia e cumprir pela igreja num curto período o que décadas de zeloso ministério espiritual de Ellen White não conseguiram fazer?

A resposta é sim, segundo o plano do Senhor. Ele quis enviar tal "palavra" mediante humildes instrumentos em 1888, uma mensagem para ser o "início" da chuva serôdia e do alto clamor. As circunstâncias de sua vinda seriam tão humildes como o "verme" que provocou o secamento da vinha de Jonas, e tão humilde como o nascimento no celeiro de Belém. Deus enviou dois jovens e obscuros agentes com uma novel apresentação da verdade pura. Ellen White sentiu-se deleitada com a mensagem deles. Viu como propiciava o elo que faltava no adventismo, a motivação que transformava os pesados "deveres" do legalismo em alegres imperativos de devoção apostólica.

Mas ela revelava-se com justiça indignada com irmãos da liderança que não podiam ver o que estava acontecendo e que reagiram negativamente. Assim se referiu ela aos dois mensageiros:

"O sacerdote tomou [o bebê Jesus] em seus braços, mas nada pôde ali divisar. Deus não lhe falou e disse: "Esta é a consolação de Israel". Mas tão cedo Simeão entrou, . . . ali viu o pequeno Bebê nos braços da mãe, . . . Deus lhe diz, . . . "Este é a consolação de Israel". . . Ali estava alguém que O reconheceu porque se achava onde podia discernir as coisas espirituais.

"Não temos dúvida de que o Senhor estava com o Irmão Waggoner enquanto falava ontem. . . A questão é, tem Deus enviado a verdade? Tem Deus levantado estes homens para proclamar a verdade? Digo, sim, Deus enviou homens para trazer-nos a verdade que não deveríamos ter tido a menos que Deus houvesse enviado alguém para no-la trazer. . . Eu a aceito, e não mais ousei erguer minha mão contra estas pessoas [do que] contra Jesus Cristo, que deve ser reconhecido em Seus mensageiros. . . Temos estado em perplexidade, e temos estado em dúvida, e as igrejas estão prontas para morrer. Mas agora aqui lemos [citação de Apocalipse 18:1]." (Ms. 2, 1890).

Nosso Problema Hoje

Um século depois, com uma maquinaria organizacional a nível mundial mais pesada, a dificuldade de retificar a mesma condição de mornidão "pronta para morrer" parece ainda mais perturbadora do que foi em 1890. O orgulho e a mornidão denominacionais em muitas nações e culturas representam um problema enorme. Não mais se pode esperar que a mera passagem do tempo propicie um remédio. Até mesmo a paciência de Deus pode em breve esgotar-se. Os efeitos de

nossa mornidão não serão, não poderão ser tolerados pelo Senhor mesmo para sempre. É Ele quem diz que O tornamos tão doentes que sente como que a ponto de vomitar-nos (é isso o que a linguagem original deixa implícito em Apocalipse 3:16, 17).

A chave para entender nossa atual situação vexatória jaz numa verdadeira apreciação do que ocorreu na Sessão de 1888 e seus efeitos. Temos de reconhecer a realidade de seus efeitos espirituais em nosso caráter denominacional por todo o mundo hoje. A chuva serôdia e o alto clamor começaram entre nós como uma mensagem simples, nada espetacular, de poder miraculoso, mas essas bênçãos de incalculável valor foram impedidas porque o Espírito Santo foi "insultado".

Como isso pôde ocorrer devemos considerar em nosso próximo capítulo.

3. O Alto Clamor que Virá de Modo Surpreendente

Por décadas, antes de 1888, a igreja e sua liderança antecipavam ansiosamente os "tempos de refrigério", quando a longamente esperada chuva serôdia viria. Essa era uma expectativa acariciada entre nós um século atrás, assim como a longamente esperada vinda do Messias se dava entre os judeus ao tempo de João Batista.

Contudo, poucos pareciam reconhecer que a chuva serôdia e o alto clamor seriam primariamente uma compreensão mais clara do evangelho [ou seja, viriam com uma mensagem]. Esperava-se que o alto clamor fosse um barulho maior. Tomou-nos de surpresa o fato de ser iluminação maior.

Esperávamos um trovejante abalo da terra com uma mensagem de "Aprontai-vos, senão. . .!" Não estávamos preparados para a pequena e suave voz de uma revelação de graça como a verdadeira motivação da terceira mensagem angélica. O *poder* sobrenatural que esperávamos deve ser consequência de nossa aceitação daquela *luz* maior do evangelho. Essa deve iluminar a terra com glória.

Houve um terrível perigo de que os líderes judeus pudessem rejeitar seu Messias quando viesse "subitamente". E houve igual perigo de que os líderes responsáveis de nossa igreja desprezassem o alto clamor quando comesse. Já em 1882 Ellen White havia advertido de que poderiam algum dia ser incapazes de reconhecer o verdadeiro Espírito Santo:

"Muitos não podeis discernir a obra e presença de Deus... Há homens entre nós em postos de responsabilidade que sustentam que . . . uma fé tal como a de Paulo, Pedro, ou João, está . . . fora de moda, sendo impraticável em nossos dias. É considerada absurda, mística, e indigna de uma mente inteligente." (5T 74, 79).

Um falso otimismo prevalecia ("sei que muitos pensam bastante favoravelmente do tempo atual"), e "no poderoso peneiramento a ter lugar em breve", esses obreiros da liderança poderiam ser achados incompatíveis com a liderança de um tempo crítico.

"Aqueles que se têm fiado no intelecto, gênio ou talento, não poderão então permanecer à cabeça do rebanho. Eles não se adequaram à luz. Os que se têm provado infiéis não terão, então, a responsabilidade das ovelhas sob seus cuidados. Na última e solene obra, poucos grandes homens estarão engajados." (5T 80).

Ellen White havia antecipado o tempo em que o Senhor assumiria a liderança e suscitaria instrumentalidades humanas em que pudesse confiar:

"Quando tivermos homens tão dedicados como Elias, e possuindo a fé que ele possuía, veremos que Deus Se revelará a nós como o fez aos homens santos do passado. Quando tivermos homens que, conquanto reconhecendo suas deficiências, pleiteiem com Deus em fé ardorosa, como fez Jacó, veremos os mesmos resultados." (4T 402).

Especificamente, o presidente da Associação Geral em 1885 foi advertido de que a menos que ele e alguns outros

"...se despertassem para um senso de seu dever, não reconhecerão a obra de Deus quando o alto clamor do terceiro anjo for ouvido. Quando luz sair para iluminar a terra, em vez de virem em auxílio do Senhor, desejarão amarrar Sua obra a fim de ajustar-se a suas idéias limitadas. Permitam-me dizer-vos que o Senhor operará nesta última obra de um modo bastante fora do comum e de maneira que será contrária a qualquer planejamento humano. . . . Os obreiros se surpreenderão com os meios simples que Ele empregará para pôr em andamento e aperfeiçoar a Sua obra de justiça." (1º de outubro de 1885; TM 300).

Essa carta foi dirigida tanto a G. I. Butler quanto a S. N. Haskell. Haskell atendeu à advertência e foi um dos poucos que tiveram o discernimento de reconhecer a coisa misteriosa que estava acontecendo perante os seus olhos três anos depois. Mas não Butler e muitos outros. O Senhor seria forçado em 1888 a passar por alto ministros experientes a fim de empregar agentes mais jovens ou mais obscuros:

"O Senhor freqüentemente age onde menos esperamos; Ele nos surpreende por revelar o Seu poder mediante instrumentos de Sua própria escolha, enquanto passa por alto homens a quem temos considerado aqueles mediante os quais advirá a luz. . . .

"Muitos rejeitarão as próprias mensagens que Deus envia a Seu povo, se esses irmãos da liderança não as aceitarem. . . . Mesmo que todos os nossos homens de liderança recusarem a luz e a verdade, essa porta permanecerá aberta ainda. O Senhor suscitará homens que darão ao povo a mensagem para este tempo." (OE, antiga edição, 126).

Novamente, em 1882 foi-nos dito:

"Pode dar-se que sob um exterior rude e pouco atrativo é que o brilho puro de um caráter cristão genuíno se revelará. . . .

"Elias tomou a Eliseu do arado, e lançou sobre ele o manto de consagração. O chamado para essa grande e solene obra foi apresentado aos homens de saber e posição; houvessem esses homens sido pequenos a seus próprios olhos, e confiado inteiramente no Senhor, Ele os teria honrado com o porte de Seu estandarte em triunfo para a vitória. . . .

"Deus empreenderá uma obra em nossos dias que somente poucos podem antecipar. Ele suscitará e exaltará entre nós aqueles que são ensinados antes pela unção de Seu Espírito, do que pela instrução externa de instituições científicas." (5T 81, 82).

Aqueles testemunhos de 1882 revelam uma inspirada previsão. Era como se a pequena senhora escrevesse a história de 1888 antecipadamente!

A Divina Escolha de Mensageiros

Naquele mesmo ano, 1882, E. J. Waggoner iniciou um curso de treinamento que estava evidentemente sob a guia especial do Espírito Santo. Ele estava sendo preparado para ser o agente de uma obra especial. Mais tarde descreveu sua experiência:

"Iniciei realmente meu estudo da Bíblia trinta anos atrás [1882]. Naquele tempo Cristo foi apresentado diante de meus olhos "evidentemente crucificado" para mim. Eu estava assentado um pouco à parte do corpo da congregação numa grande tenda durante uma reunião campal em Healdsburg [Califórnia], em um sombrio sábado à tarde. Não tenho idéia de qual era o tema do discurso. Não tinha conhecimento de nenhuma palavra nem texto. Tudo quanto permanece comigo foi o que eu vi. Subitamente uma luz brilhou ao meu redor, e a tenda estava-me muito mais brilhantemente iluminada do que se o sol do meio-dia estivesse a brilhar, e vi a Cristo dependurado na cruz, crucificado por mim. Naquele momento tive meu primeiro conhecimento positivo, que me veio como um dilúvio avassalador, de que Deus me amava, e que Cristo morrera por mim. Deus e eu éramos os únicos seres de que tinha consciência no universo. Sabia, então, por ver de modo real, que Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo; eu era o mundo inteiro com todos os seus pecados. Estou certo de que a experiência de Paulo no caminho de Damasco não foi mais real do que a minha. . . ."

"Resolvi imediatamente que estudaria a Bíblia à luz daquela revelação, a fim de que pudesse ajudar outros a verem a mesma verdade. Sempre cri que toda parte da Bíblia precisa estabelecer, com maior ou menor nitidez, essa gloriosa revelação [Cristo crucificado]." (Carta, 16 de maio de 1916, escrita pouco antes de sua súbita morte).

Naqueles mesmos anos anteriores a 1888 o Senhor estava preparando o seu colega. A mensagem da verdade encontrou A. T. Jones como um soldado do Exército dos Estados Unidos. Conquanto não fosse produto de escolas, ele estudava noite e dia, reunindo um grande cabedal de conhecimento bíblico e histórico. J. S. Washburn, que o conheceu pessoalmente, nos disse que ele era uma pessoa humilde, zelosa e de profundos sentimentos, cujas orações eficazes davam testemunho de que conhecia ao Senhor (entrevista de 4 de junho de 1950).

O agudo intelecto do jovem Jones equilibrava-se com uma fé cálida, simples e infantil. Nos tempos em que foi usado por Deus, ele era poderoso na pregação e no ministério pessoal. Nos anos imediatamente seguintes a 1888, houve significativas demonstrações do Espírito de Deus operando por seu intermédio, inclusive um ministério especial em Washington no Senado dos Estados Unidos para derrotar a lei dominical de Blair. De fato, esse quase um século de liberdade religiosa que os americanos desfrutam é um legado dos esforços eficazes de Jones e Waggoner, não reconhecidos e não honrados, ao oporem-se eles à intolerância religiosa em seus dias.

O Espírito de Deus estava verdadeiramente preparando esses dois jovens para serem os arautos à igreja remanescente e ao próprio mundo do "começo" do longamente esperado alto clamor:

"O Senhor em Sua grande misericórdia enviou uma mensagem muito preciosa a Seu povo mediante os Pastores Jones e Waggoner. Essa mensagem devia trazer mais destacadamente perante o mundo o Salvador elevado, o sacrifício pelos pecados do mundo inteiro... Deus deu a Seus mensageiros exatamente aquilo de que carecia o povo." (1895; TM 91, 95).

Por oito anos após 1888, Ellen White freqüentemente referia-se a esses dois jovens cavalheiros como "os mensageiros do Senhor", endossando-os em palavras nunca proferidas quanto a mais ninguém. Há entre 200 e 300 declarações entusiásticas da parte dela. Em 1890 declarou:

"Suponde que elimineis o testemunho que tem sido apresentado durante esses últimos dois anos, proclamando a justiça de Cristo, a quem poderíeis apontar como trazendo luz especial para o povo?" (RH, 18 de março de 1890).

Em 1888 ela tinha dito:

"Deus está apresentando às mentes de homens divinamente designados gemas preciosas de verdade, apropriada para o nosso tempo." (MS. 8a, 1888, A. V. Olson, *Through Crisis to Victory*, p. 279; doravante Olson).

"A mensagem que nos é dada por A. T. Jones e E. J. Waggoner é a mensagem de Deus à igreja laodiceana." (Carta S24, 1892).

Quando ela primeiro ouviu a mensagem de Waggoner, imediatamente percebeu o seu verdadeiro significado. Era uma revelação especial para a igreja e para o mundo:

"Tem-me sido dirigida a indagação sobre o que eu penso dessa luz que esses homens estão apresentando. Ora, tenho-a apresentado a vós pelos últimos quarenta e cinco anos -- as incomparáveis belezas de Cristo. É isto que tenho estado tentando apresentar perante vossas mentes. Quando o irmão Waggoner apresentou essas idéias em Mineápolis, foi o primeiro ensino claro sobre esse assunto de quaisquer lábios humanos que ouvi, exceto as conversas entre mim e meu esposo. Disse a mim mesma que é porque Deus tem-na apresentado a mim em visão que eu a vejo tão distintamente, e eles não podem vê-la porque não a tiveram apresentada a eles como a mim tem sido, e quando outro a apresentou, toda fibra de meu coração disse amém." (Ms. 5, 1889).

Em nossa moderna terminologia, ela percebeu que a mensagem era uma transmissão que aplicaria poder do motor para as rodas. Por "quarenta e cinco anos" ela tinha estado girando o motor, mas o poder para completar a comissão evangélica não estava passando adiante. Agora percebia como a nova mensagem suplementando a velha realmente prepararia o povo daquela geração para a vinda do Senhor. Não admira que estivesse tão feliz!

Como o Alto Clamor Não Foi Reconhecido

Já em abril de 1890, Ellen White, tendo maior entendimento, aplicou a linguagem de Apocalipse 18 para a mensagem de 1888:

"Vários têm-me escrito perguntando se a mensagem [de 1888] de justificação pela fé é a terceira mensagem angélica, e tenho respondido: 'É a terceira mensagem angélica em verdade'. O profeta declara: 'Depois destas coisas vi descer do céu outro anjo que tinha grande autoridade, e a terra se iluminou com a sua glória' [Apoc. 18:1]." (RH, 1º de abril de 1890).

Em 1892, ela estava pronta para declarar inequivocamente que a mensagem era realmente o início do longamente aguardado alto clamor:

"O alto clamor do terceiro anjo já se iniciou na revelação da justiça de Cristo, o Redentor que perdoa o pecado. Este é o começo da luz do anjo cuja glória encherá a terra toda." (RH, 22 de novembro de 1892).

Observem que o "início" da obra desse anjo foi a *mensagem*, não sua presumível aceitação pela liderança ou o povo. Veremos mais tarde como essa realidade engloba um poderoso significado num tempo de crise.

O Pastor Butler, o oficial mais responsável da igreja, destacou-se em sua oposição à preciosa luz do alto clamor. Poucos outros eram espiritualmente capazes de transcender sua influência negativa. Em sua cega oposição ao alto clamor podemos ver o trágico cumprimento da advertência inspirada que lhe foi enviada em 1º de outubro de 1885 (cf. TM 300):

"Há alguns que têm um desejo de tomar uma decisão de imediato sobre qual é a posição correta no ponto sob discussão. Como seria do gosto do Pastor Butler, é recomendável que esta questão deva ser resolvida imediatamente. Mas estão as mentes preparadas para tal decisão? Eu não poderia sancionar tal curso... Eles não estão preparados para tomar decisões seguras. . .

"Não vejo razão para os sentimentos agitados que se criaram nesta reunião [Mineápolis, 1888]. . . . As mensagens procedentes de seu presidente em Battle Creek são calculadas para agitar-vos a tomar uma decidida posição; mas eu vos advirto contra o fazê-lo. . . . Sentimentos excitados conduzirão a más decisões." (Ms 15, 1888; Olson, p. 295).

"Nunca me esquecerei da experiência que tivemos em Mineápolis, ou das coisas que foram-me então reveladas com respeito ao espírito que controlava homens, as palavras proferidas, as ações praticadas em obediência aos poderes do maligno... Eles eram movidos na reunião por outro espírito, e ignoravam que Deus havia enviado esses jovens homens... para apresentarem-lhes uma mensagem especial que trataram com ridicularia e desprezo, deixando de reconhecer que inteligências celestiais estavam velando por elas... Eu sei que naquele tempo o Espírito de Deus foi insultado." (Ct. 24, 1892).

Assim a liderança desta igreja, ansiosamente esperando ser vindicada perante o mundo no longamente esperado alto clamor, na verdade desdenhou o Espírito de graça e desprezou as riquezas de Sua bondade.

Tornemos claro que esse pecado de insultar o Espírito Santo não prendeu o corpo da igreja coletivamente no pecado imperdoável. O pecado dos antigos judeus contra o Espírito Santo consistiu em atribuir a Sua obra a Satanás (Marcos 3:22-30). Não queremos dizer que os nossos irmãos em geral da era de 1888 foram *a esse ponto*, conquanto alguns indivíduos possam tê-lo feito. (Insultá-Lo já foi suficientemente mau!). Ellen White continuou a ministrar a esta igreja até sua morte em 1915, assim indicando sua crença de que o perdão é possível, e de que a solução ao nosso problema não é a desintegração ou abandono denominacional, mas o *arrependimento denominacional* e a reconciliação com o Espírito Santo.

As Chamadas "Falhas" dos Mensageiros Não Desculpam a Rejeição da Mensagem Deles

A rejeição da luz por aqueles que têm responsabilidade diante de Deus é inescusável. Não é nossa função neste tempo final encontrar falhas; apenas podemos anotar os fatos. Os irmãos que se opuseram à luz pensavam sinceramente que estavam fazendo o certo porque os agentes a quem o Senhor empregou pareciam falhos. O Senhor operou num modo fora do ordinário e surpreendeu os

irmãos. Ellen White descreveu o que estava ocorrendo, empregando o tempo futuro para referir-se a eventos presentes.

"Na manifestação do poder que ilumina a terra com sua glória, eles verão somente algo que em sua cegueira julgam ser perigoso, algo que despertará seus temores e se postarão na oposição. Em vista de que o Senhor não age segundo suas expectativas e idéias, eles se oporão à obra." (RH Extra, 23 de dezembro de 1890).

Anteriormente, ela havia assinalado a dificuldade que os irmãos estavam tendo em suas próprias almas. Podemos simpatizar com eles, pois a prova era bastante severa:

"Agora desejo que sejais todos cautelosos com respeito a que posição tomais, se vos envolverdes nas nuvens da descrença por notar imperfeições; vedes uma palavra ou um pequeno ponto, talvez, que possa vir a ter lugar, e julgai-os [Jones e Waggoner] por isso... Deveis observar é se Deus está operando com eles, e então reconhecer o Espírito de Deus que é revelado neles. E se escolherdes resistir, estareis agindo da mesma maneira como os judeus agiam." (Sermão, 9 de março de 1890; MS. 2, 1890).

Irmãos mais velhos e experientes estavam melindrados ante a perspectiva de Ellen White tão decididamente apoiar dois homens comparativamente jovens e obscuros contra praticamente o conjunto todo de obreiros. O Pastor A. G. Daniells mais tarde declarou que ela teve que tomar posição "quase sozinha" contra quase toda a Associação Geral (*The Abiding Gift of Prophecy*, p. 369). Robert W. Olson relatou ao Concílio Anual no Rio de Janeiro em 1986 que ela fora "publicamente desafiada" na assembléia de 1888 (*Adventist Review*, 30 de outubro de 1986). Se estivesse certa, parecia que Deus havia passado por alto os irmãos da liderança, e isso era desconcertante:

"Aqueles a quem Deus tem enviado com uma mensagem são tão-somente homens, mas qual é o caráter da mensagem que levam? Ousaríeis dar as costas ou depreciar, as advertências, em vista de que Deus não vos consultou quanto ao que seria preferível?" (RH, 27 de maio de 1890).

"Deus... deu oportunidade de apresentar-vos armados e equipados para o auxílio do Senhor... Mas acaso vos aprontastes?... Sentaste-vos quietos, e nada fizestes. Deixastes que a palavra do Senhor caísse ao chão sem ser ouvida; e agora o Senhor tomou homens que eram meninos quando vos postáveis na frente da batalha, e deu-lhes a mensagem e a obra que não quisestes assumir. . . Criticareis? Direis, "Eles estão saindo de seu lugar?" Contudo não ocupastes o lugar que eles agora são chamados a ocupar." (TM 413).

Sendo como é a natureza humana, os opositores buscariam alguns ganchos sobre os quais dependurar as dúvidas. O fato de que os mensageiros do Senhor era "tão-somente" homens parecia suprir a necessidade:

"Aqueles a quem Deus enviou com uma mensagem são tão-somente homens... Alguns têm-se desviado da mensagem da justiça de Cristo para criticar os homens." (RH, 27 de dezembro de 1890).

Falando "àqueles em posições de responsabilidade", Ellen White perguntou: *"Por quanto tempo odiareis e desprezareis os mensageiros da justiça de Deus?"* (TM 96).

Um de nossos apreciados autores denominacionais tenta demonstrar que a oposição de 1888 foi justificável. Observem como ele realça as "faltas" de Jones e Waggoner e os culpa por terem

causado a rejeição de sua mensagem. Assim, de fato perpetua o preconceito contra 1888 e atrasa o nosso relógio por cem anos:

"Não só era ele [Jones] grosseiro por natureza, mas cultivava a singularidade de oratória e maneiras,... era às vezes irritadiço, e propiciava motivos para ressentimento. . .

"[Jones e Waggoner] ao gritarem, "Cristo é tudo" ... davam evidência de que não eram inteiramente santificados... [Incorretamente cita a Sra. White como apoiando a idéia de que Jones e Waggoner contribuíram com um espírito de contenda para a "terrível experiência durante a Assembléia de Mineápolis"].

"Eles se apegavam quase exclusivamente à fé como o fator na salvação, . . . não revelavam disposição para considerar o outro lado calmamente. . . Não estavam inteiramente isentos de faltas em seu próprio conceito e arrogância. . .

"Falhavam em revelar a humildade e amor que a justificação pela fé transmitem. . . O ensinamento extremado de Jones e Waggoner é ainda perceptível nas declarações místicas daqueles que tornam a fé tudo, e a as obras nada.

"... [Eles eram] canais imperfeitos... Ao recapitularmos a controvérsia, percebemos que foram os rancores suscitados pelas personalidades [de Jones e Waggoner], muito mais do que as diferenças em crença, que provocaram a dificuldade." (A. W. Spalding, Captains of the Host, pp. 591-602).

Essa é uma análise negativa dos homens a quem a inspiração atribuiu o papel de "mensageiros do Senhor". Conquanto eles fossem "tão-somente homens", é difícil entender por que o Senhor deveria escolher para uma obra tão especial homens que eram notavelmente "canais imperfeitos", não-santificados (em comparação com outros), despertando "ressentimento" e "rancores", grosseiros e "místicos". O Senhor aborrece um espírito de justiça própria e contenda. Mas Jones e Waggoner não tinham tal espírito na época de 1888.

Embora seja verdade que Ellen White repreendia A. T. Jones por ser em algumas ocasiões "demasiado duro" sobre Urias Smith na controvérsia anterior à sessão sobre os dez chifres, não obstante, defende os dois irmãos como "cristãos" e "cavalheiros". E ela mais do que sugeriu que um número considerável dos irmãos da oposição não evidenciavam tais "credenciais celestiais".

Dispomos de autores modernos que pintam a Jones e Waggoner em semelhantes termos de descoberta de falhas, a exemplo de seus oponentes em 1888. Mas os dois "mensageiros" desfrutavam do solidário endosso de Ellen White. É verdade que após a era de 1888 ter-se findado, eles falharam e perderam o rumo. Essa provavelmente é a razão por que os escritores modernos desejam culpá-los pela tragédia de 1888. Mas julgam mal os fatos.

Ellen White predisse que essa trágica conseqüência se daria *caso a oposição à mensagem deles prosseguisse*. Contudo, acrescentou, a falha posterior da parte deles de modo algum invalidaria a sua mensagem e ministério de 1888-1896, o período de seu endosso (ver capítulo 10). Criticar esses "mensageiros" durante aquela época do "início" do alto clamor significa endossar as objeções de seus oponentes contemporâneos. Logicamente, isso justifica a rejeição da bênção especial que procedeu do céu. É impressionante como após cem anos ainda nos sentimos compelidos a culpar os mensageiros especiais do Senhor pelas conseqüências de nossa própria descrença.

Ellen White notavelmente considerou Jones e Waggoner como revelando um genuíno espírito cristão durante e após a Assembléia de Mineápolis (testemunhas oculares substanciam o seu julgamento):

"O doutor Waggoner tem-nos falado de maneira bem direta. . . De uma coisa estou certa, como cristãos não tendes o direito de abrigar sentimentos de inimizade, falta de cortesia e preconceito para com o Dr. Waggoner, que tem apresentado seus pontos de vista de modo claro e de maneira objetiva e direta, como deve agir um cristão. . . Creio ser ele perfeitamente honesto em suas posições, e respeitaria os seus sentimentos e nele confiaria como um irmão cristão, na medida em que não haja evidência de que é indigno. O fato de que ele honestamente sustenta alguns pontos de vista escriturísticos que diferem dos vossos e meus não é razão por que devemos tratá-lo como um ofensor, como um homem perigoso, e torná-lo objeto de crítica injusta." (Ms 15, 1888; Olson, p. 294).

Um jovem pastor que veio à assembléia de Mineápolis com uma mente preconceituosa contra ele deixou em registro suas impressões do espírito que Waggoner demonstrava:

"Tendo decididamente inclinação em favor do Pastor Butler, e contra E. J. Waggoner, fui à reunião com uma mente predisposta. . . .

"Com lápis e caderno de anotações na mão eu ouvia em busca de heresias e estava pronto a encontrar falhas e achar defeitos no que quer que fosse apresentado. Na medida em que o Pastor Waggoner começou, parecia muito diferente daquilo que eu estava à procura. Pelo fim de sua segunda lição eu estava pronto a reconhecer que ele ia ser preciso e sua metodologia não revelava qualquer espírito de controvérsia, nem mencionou qualquer oposição que eu estava antecipando. Muito em breve sua maneira, e o puro evangelho que estava propondo muaram materialmente minha mente e atitude, e passei a ser um atento ouvinte em busca da Verdade. . . Ao final da quarta ou quinta lição do Pastor Waggoner eu era um pecador arrependido e submisso. . .

"... Após o Pastor Waggoner ter concluído seus onze estudos, a influência deles havia em grande medida eliminado de muitos o espírito de debate. . ." (C. McReynolds, "Experiences While at the General Conference in Minneapolis, Minn., in 1888" [Experiência Enquanto na Assembléia da Associação Geral de Mineápolis, Minn., em 1888]. E. G. White Estate, D File, 189).

Ellen White até defendeu a metodologia ousada e espírito aparentemente iconoclasta dos jovens mensageiros:

"Homens sairão no espírito e poder de Elias para preparar o caminho para o segundo advento do Senhor Jesus Cristo. É sua obra tornar coisas tortuosas retas. Algumas coisas precisam ser derribadas; algumas coisas devem ser edificadas." (Ms. 15, 1888; Olson, p. 300).

"Que nenhuma alma se queixe dos servos de Deus que a eles foram com uma mensagem enviada pelo céu. Não mais busqueis falhas neles, dizendo: "Eles são demasiado positivos; eles falam de modo muito vigoroso". Eles podem falar com vigor; mas não seria necessário? Deus fará com que os ouvidos dos ouvintes reverberem se não derem atenção a Sua voz ou a Sua mensagem. . . .

"Pastores, não desonreis a vosso Deus e agraveis o Seu Santo Espírito lançando reflexos sobre os caminhos e maneiras dos homens que Ele escolheria. Deus sabe que ninguém, a não ser homens ardorosos, firmes, determinados, de fortes sentimentos considerarão esta obra como sendo de importância vital, e aplicarão tal firmeza e decisão a seus testemunhos que despedaçarão as barreiras de Satanás." (TM 410, 412, 413).

Um historiador moderno descreve o grosseiro e supostamente inculto A. T. Jones como "um homem alto e magro, com um jeito saltitante e posturas e gestos rudes" (Spalding, *op. cit.*, p. 591). Ellen White tinha uma opinião muito diferente dele:

"Há obreiros cristãos que não receberam uma educação superior porque foi-lhes impossível obter tal vantagem; mas Deus tem oferecido evidência de que os tem escolhido. . . Ele os tem tornado co-obreiros eficientes consigo próprio. Eles têm um espírito pronto a aprender; sentem sua dependência de Deus, e o Espírito Santo está com eles para ajudar em suas fraquezas... Ouve-se em sua voz o eco da voz de Cristo.

"É evidente que ele caminha com Deus, que tem estado com Jesus e aprendido Dele. Tem trazido a verdade ao santuário interior da alma; é para ele uma realidade viva, e apresenta a verdade na demonstração do Espírito e de poder. As pessoas ouvem o alegre som. Deus fala a seus corações mediante o homem consagrado a Seu serviço. . . Ele se torna realmente eloqüente. É fervoroso e sincero, e amado por aqueles por quem trabalha... Seus defeitos serão perdoados e esquecidos. Seus ouvintes não se farão cansados e desgostosos, mas agradecerão a Deus pela mensagem de graça a eles enviada por meio de Seu servo.

"Eles [os oponentes] podem sustentar o átomo objetável sob lentes de aumento de sua imaginação até que o átomo se torne como um mundo, e apague de sua vista a preciosa luz do céu. . . Por que levar tanto em conta aquilo que possa parecer-vos tão objetável no mensageiro, e descartar todas as evidências que Deus tem oferecido para equilibrar a mente com respeito à verdade?" ("Cristian Education". 1893, citado em FE 242, 243; RH, 18 de abril de 1893).

A própria Ellen White, com toda sua respeitável experiência e idade, e consciente de sua exaltada posição como mensageira especial do Senhor, julgou uma honra apoiar a obra de Jones e Waggoner:

"Tenho viajado de um lugar a outro, assistindo a reuniões onde a mensagem da justiça de Cristo foi pregada. Considerei um privilégio permanecer ao lado de meus irmãos, e dar o meu testemunho com a mensagem para o tempo." (RH, 18 de março de 1890).

A Verdadeira Razão Por Que a Mensagem Foi Rejeitada

Ao relermos hoje as inspiradas mensagens enviadas por anos após 1888, instando pela aceitação da mensagem, não podemos compreender -- lendo sobre a superfície -- por que poderia haver qualquer falha em fazê-lo. Temos, portanto, cometido o erro de assumir que nossos irmãos realmente chegaram a aceitá-la de coração.

Não devemos passar por alto um fato importante. Como poderia alguém aceitar a mensagem que Deus enviou e "odiar e desprezar" os mensageiros que empregou? Eles eram "tão-somente homens", muito positivos e ousados, e desafortunadamente para o prestígio e paz dos irmãos, estavam certos. Isso fez com que as agências escolhidas pelo Senhor de libertação se tornassem objeto de tropeço e uma pedra de ofensa devido à prevalecente descrença. Aquilo que o Senhor tencionou como um aroma de vida para vida tornou-se um aroma de morte para morte. Aquilo que Ele enviou para a terminação de Sua obra tornou-se o início de um longo atraso.

Aceitar a mensagem era demasiada humilhação. As implicações eram de que Deus estava de algum modo descontente com a condição espiritual daqueles que eram os "canais apropriados" para a luz especial do céu. Observem a análise de Ellen White quanto ao cerne do problema:

"Se os raios de luz que brilharam em Mineápolis tivessem podido exercer o seu poder convincente sobre aqueles que tomaram posição contra a luz, se todos tivessem renunciado a seus caminhos e submetido sua vontade ao Espírito de Deus naquele tempo, teriam recebido as mais ricas bênçãos, desapontado o inimigo, e permanecido como homens fiéis, verdadeiros a suas convicções. Eles teriam tido uma rica experiência; mas o eu declarou: "Não". O eu não estava disposto a ser afetado; o eu lutou pelo predomínio, e todas aquelas almas serão novamente provadas nos pontos em que falharam então. . . O eu e a paixão desenvolveram características odiosas." (Carta 19, 1892).

"Alguns têm estado cultivando ódio contra os homens a quem Deus tem comissionado para levarem uma mensagem especial ao mundo. Eles começaram essa obra satânica em Mineápolis. Posteriormente, quando viram e sentiram demonstração do Espírito Santo testificando que a mensagem era de Deus, odiaram-na ainda mais, porque era um testemunho contra eles." (TM 78, 80; 1895).

"O Espírito Santo, de tempos em tempos, revelará a verdade mediante seus próprios agentes; e nenhum homem, nem mesmo um sacerdote ou governante, tem o direito de dizer, não dê publicidade a vossas opiniões, porque não creio nelas. Esse maravilhoso "eu" pode tentar rebaixar o ensinamento do Espírito Santo." (TM 70; 1896).

"Eles [os oponentes] não ouviam, nem queriam entender. Por que?-- Para não se converterem e terem de reconhecer que todas as suas idéias não estavam corretas. Isso eles eram demasiadamente orgulhosos para fazer, e assim persistiram em rejeitar o conselho de Deus e a luz e evidência que haviam sido dadas. . . . Esse é o terreno sobre que alguns de nossos irmãos da liderança estão agora percorrendo." (Ms. 25, 1890).

"Vi que Jones e Waggoner tiveram sua contrapartida em Josué e Calebe. Como os filhos de Israel apedrejaram os espias com pedras literais, vós apedrejastes esses irmãos com pedras de sarcasmo e ridículo. Vi que vós voluntariamente rejeitastes o que sabíeis ser a verdade. Apenas porque ela era por demais humilhante para a vossa dignidade. Vi alguns de vós em vossas tendas arremedando e fazendo toda a sorte de galhofas desses dois irmãos. Vi também que se tivéssemos aceito a mensagem deles teríamos estado no reino após dois anos daquela data, mas agora temos de retornar ao deserto e ficar 40 anos." E.G.White, Escrito de Melbourne, Austrália, 09.05.1892.

Como em todas as eras passadas, uma análise da verdade de um profeta foi desonrada e desacatada. Mas para nós hoje, há boas novas em defrontar a realidade.

Podemos firmar nossos pés sobre a rocha sólida somente se estivermos dispostos a defrontar a verdade plena. É chegado o tempo para fazer isso e ninguém poderá retardar o relógio.

Onde Estavam os "Alguns"?

Observem a expressão, "*alguns* de nossos irmãos da liderança" rejeitaram "o conselho de Deus". É possível conhecer a verdade de qual é a proporção implícita desses "*alguns*"?

Seis anos depois Ellen White identificou aqueles que rejeitaram a mensagem com uma designação genérica. Os "*alguns*" constituíam o corpo principal de nossos irmãos da liderança e mais influentes: "*A luz que deve iluminar a terra inteira com sua glória foi resistida, e pela ação de nossos irmãos tem sido em grande medida mantida afastada do mundo.*" (Carta 96, 1896; 1 SM

235; ênfase acrescentada). Sem exceção ela consistentemente identifica aqueles dentre "nossos próprios irmãos" que rejeitaram como "muitos" e os que aceitaram como "poucos" (ver capítulo 4).

A parábola de 1888 lança luz sobre nossa posição hoje:

"Os judeus recusaram receber a Cristo porque Ele não veio segundo as suas expectativas. . . .

"Esse é o perigo a que a igreja agora se expõe--que as invenções dos homens assinalem o caminho preciso para o Espírito Santo vir. Conquanto não se preocupem em reconhecê-lo, alguns já têm feito isto. E devido a que o Espírito deve vir, não para o louvor de homens ou para estabelecer suas errôneas teorias, mas para reprovar o mundo do pecado, e da justiça, e do juízo, muitos se volvem Dele." (TM 64, 65; 1896).

Obviamente, a mensagem de 1888 foi muito mais do que uma mera reiteração de uma doutrina negligenciada. Os delegados à Assembléia chegaram inesperadamente a defrontar a Cristo face a face quando depararam face a face a Sua mensagem. *"O que é justificação pela fé? É a obra de Deus em lançar a glória do homem no pó"* (COR 104). O confronto envolvia a humilhação de suas almas até esse pó, e não estavam preparados para tanto. Eles se ressentiam de contrição, e lágrimas descendo-lhes a face.

Em suma, podemos ver como o amor de Cristo que derrete corações e o orgulho do clero profissional são incompatíveis. Eles estavam montados sobre o êxito, e a humildade de coração tornou-se-lhes uma pedra de tropeço.

Poderia este ser ainda nosso problema hoje?

4. Aceitação ou Rejeição: Em Busca de um Enfoque Mais Nítido

Ter sido aceita ou rejeitada a mensagem de 1888 é mais do que uma controvérsia acadêmica trivial. Assim como não é possível separar o evangelho do relato da cruz, é impossível apreciar a mensagem de 1888 à parte de ver a verdade de sua história. Não podemos compreender corretamente nosso relacionamento coletivo atual com Cristo a menos que entendamos essa realidade. A confusão é perigosa, pois é bem sabido que um povo que não conhece a sua história está fadado a repeti-la, e pode já estar vivendo tal processo.

A abordagem da história por Ellen White é clara e impossível de ser incompreendida. Não obstante, um autor representa a evidência histórica como sendo ambígua:

"A questão tem sido freqüentemente debatida: O que aconteceu após a Assembléia da Associação Geral de 1888? A igreja aceitou ou rejeitou a nova ênfase sobre o evangelho de salvação? Se uma pessoa estuda os registros daqueles anos à procura de evidência de rejeição pode também encontrar aquilo de que precisa." (N. F. Pease, The Faith That Saves [A fé que salva], p.43).

Contudo, a questão importante não é se a Igreja aceitou a mensagem. Ellen White declara que "Satanás teve êxito em eliminá-la de nosso povo, em grande medida" (cf. 1SM 234, 235, 1896). A igreja nunca tivera oportunidade devida de considerá-la sem distorções ou oposição. A questão é se a liderança a aceitou. Ellen White fala francamente sobre isso. O seu testemunho é a verdade presente, relevante à nossa condição espiritual hoje.

A Igreja Adventista do Sétimo Dia a nível mundial tem sido ensinada mediante publicações autorizadas de que a mensagem de 1888 foi aceita naquela geração pela liderança predominante, e tem sido a segura posse doutrinária da igreja desde então. Aqui está uma presunção de "rica estou, de nada tendo falta". De modo resumido, a posição oficial é como segue:

"Os obreiros e leigos adventistas do sétimo dia em geral aceitaram as apresentações [de 1888] em Mineápolis e foram abençoados. Certos homens de liderança ali resistiram ao ensino." (A Further Appraisal of the Manuscript "1888 Re-examined" [Avaliação adicional do manuscrito "1888 Reavaliado"], Associação Geral, setembro de 1958, p. 11).

Uma obra de caráter oficial que em sua publicação inicial levava o endosso de dois presidentes da Associação Geral "foi lida criticamente por cerca de sessenta de nossos mais hábeis eruditos. . . Sem dúvida nenhum volume em nossa história obteve tão magnífico em sua pre-publicação" (p.8). Esse livro nos informa que oposição à mensagem foi insignificante porque, por fim, *menos de dez* delegados à sessão de 1888 rejeitaram de fato a mensagem ou foram a ela hostis. Essa impressionante opinião merece cuidadosa atenção, pois se for verdadeira, temos de nela crer:

"A acusação . . . de que o ensino de Justificação Pela Fé foi rejeitado em 1888 pela denominação, ou pelo menos por sua liderança, é . . . refutada pelos participantes pessoais da Assembléia, e é um pressuposto não comprovado e infundado. Isto simplesmente não é historicamente verdadeiro. . . . "Alguns" irmãos de liderança postaram-se no caminho da luz e bênção. Mas os . . . líderes como um grupo, nunca rejeitaram a doutrina bíblica da Justificação pela Fé." (L. E. Froom, Movement of Destiny [Movimento predestinado], p. 266; 1971).

"Dos aproximadamente noventa delegados registrados na Assembléia da Associação Geral de Mineápolis de 1888, havia menos do que duas dezenas -- e conseqüentemente nem mesmo um quarto do número total de participantes -- que realmente combateram a mensagem...

"A maioria dos que primeiro apresentaram objeções fizeram confissões. . . e daí em diante cessaram sua oposição. . . Somente um pequeno grupo de "radicais" prosseguiu rejeitando-a.

"Os "alguns" que rejeitaram revelaram-se menos que um quarto. E, segundo Olson, a maioria desses vinte fizeram confissões, daí deixando de ser "rejeitadores" e, desse modo, tornando-se aceitadores." (ibid., pp. 367-369; ênfases do original).

Este livro informa ainda que a mensagem foi inicialmente aceita em 1888 pela liderança da Igreja:

"A denominação como um todo, e sua liderança em particular, não rejeitou a mensagem e as provisões da Justificação Pela Fé em 1888 e anos seguintes. . . O novo presidente . . . de coração aceitou e manteve o ensino da justificação pela fé. . . " (ibid., pp. 370, 371; ênfases do original).

Tanto um vice-presidente da Associação Geral quanto o presidente em declarações separadas concordam:

"Durante meus cinqüenta e cinco anos no ministério adventista . . . nunca ouvi um obreiro ou membro leigo . . . expressar oposição à mensagem da justificação pela fé. Nem sei de qualquer

oposição dessas sendo expressa por publicações adventistas do sétimo dia." (A. V. Olson, Through Crisis to Victory [Da Crise para a Vitória], p. 232; 1966).

"É certo dizer que a mensagem [de 1888] foi anunciada tanto do púlpito quanto da imprensa, e pela vida de milhares após milhares de dedicados filhos de Deus. . . . Pastores e evangelistas adventistas têm anunciado essa mensagem vital de púlpitos de igrejas e plataformas públicas, com corações inflamados em amor por Cristo." (ibid, pp. 233, 237).

"Tem . . . sido sugerido por alguns poucos -- de modo inteiramente errôneo -- que a Igreja Adventista do Sétimo Dia perdeu o rumo ao falhar em assimilar esse ensino cristão fundamental [a mensagem de 1888]." (R. R. Figuhr, Presidente da Associação Geral, no Prefácio de By Faith Alone [Pela Fé Somente], de N. F. Pease; 1962).

O Secretário do Patrimônio de Ellen G. White por longo tempo nos assegura que a mensagem foi geralmente aceita:

"A concepção de que a Associação Geral, e com isso a denominação, rejeitou a mensagem de justificação pela fé em 1888 carece de fundamento... Registros contemporâneos não confirmam qualquer sugestão de rejeição denominacional. Não existe declaração de E. G. White em parte alguma que diga que assim se deu... O registro histórico do recebimento no campo seguindo-se à sessão apóia a noção de que atitudes favoráveis eram bem generalizadas. . . Pareceria que ênfase desproporcional chegou a ser dada à experiência da Assembléia da Associação Geral de Mineápolis." (A. L. White, The Lonely Years [Os Anos Solitários], p. 396; 1984).

Seguindo os passos de outros eruditos, um outro autor assinala:

"Significa isso que a igreja como um todo, ou mesmo sua liderança, rejeitou a mensagem de 1888? De modo algum. Alguns a rejeitaram -- uma minoria barulhenta... A nova liderança endossou de todo o coração a nova ênfase." (Marjorie Lewis Lloyd, To Slow Getting Off [Muito devagar para a decolagem], pp. 19,20).

Se esses pontos de vista oficiais são substanciados pela história e pelo testemunho de Ellen White, estamos sob obrigação moral de crer neles. Mas temos um problema, porque ela repetidamente compara a reação da liderança à mensagem de 1888 com a dos judeus contra Cristo.¹ Isso não é aceitação!

Se essas declarações forem verazes, é difícil entender por que Ellen White teria que tornar-se tão preocupada por um década, e até mais, a respeito do que dissera que constituía persistente rejeição da mensagem de parte de "nossos irmãos" na sede, se tão poucos se opunham. Iria o Senhor reter de toda a Igreja mundial as bênçãos da chuva serôdia e alto clamor se menos do que dez ministros persistissem em opor-se a ela, não sendo eles sequer líderes?

Se assim for, poderemos jamais esperar um melhor percentual de aceitação a qualquer mensagem que o Céu possa nos enviar? Se o Senhor retém de todos nós as bênçãos de Seu Santo Espírito devido a tão minúscula oposição, que esperança temos de que jamais poderá haver uma terminação da comissão evangélica?

Os Judeus Negam Ter Rejeitado o Messias

A negação dos judeus toma duas formas: (a) um caso de errônea identidade: Jesus de Nazaré não foi o Messias, dizem, portanto rejeitá-lo" não foi um sério equívoco; (b) um caso de errônea atribuição de culpa: os romanos, e não eles, crucificaram-No" (cf. Max I. Dimont, *Jews, God, and History* [Os judeus, Deus e a História], pp. 138-142).

É evidente em muitas das declarações acima que temos também um problema: (a) Há uma identidade errônea. Quase todos esses autores fogem do fato de que a mensagem de 1888 representou o início da chuva serôdia e do alto clamor. Praticamente sem exceção eles identificam a mensagem de 1888 como uma mera "reiteração" da doutrina protestante de justificação pela fé do século XVI, tal como ensinada pelas igrejas populares². (b) Há um problema de errônea atribuição de culpa: insiste-se uniformemente que somente uns poucos indivíduos sem importância resistiram e rejeitaram a mensagem, a maioria dos demais arrependendo-se, de modo que no final, a mensagem foi em grande medida bem aceita pela liderança responsável da igreja.

O Dr. Froom nos conta que os relatórios de A. W. Spalding e L. H. Christian do evento de 1888 estão "em completa harmonia" com os fatos (*op. cit.* p. 268). E A. V. Olson igualmente sugere que Spalding apresenta "a verdade integral" do assunto (*op. cit.*, p. 233). O relatório deles difere marcadamente do de Ellen White, mas uma vez que desfrutaram tão pleno endosso modernamente, eles merecem nossa cuidadosa atenção:

"O maior evento dos anos oitenta [do século XIX] na experiência dos Adventistas do Sétimo Dia foi a recuperação, ou reafirmação e nova consciência de sua fé na doutrina básica do cristianismo. . . A última década do século viu a igreja se desenvolvendo, mediante esse evangelho, numa corporação preparada para cumprir a missão de Deus. . . A igreja foi despertada pela mensagem reavivadora da justificação pela fé." (A. W. Spalding, *Captains of the Host* [Capitães das Hostes], pp. 583, 602; 1949).

"1888 é notavelmente um marco na história adventista do sétimo dia. Foi realmente como cruzar uma fronteira continental para um novo país. Alguns destruidores dos irmãos que se chamam a si próprios de reformadores têm tentado apresentar alegações de que aquela assembléia foi uma derrota; não obstante, a verdade é que o evento se apresenta como uma gloriosa vitória. . . Ela introduziu um novo período em nossa obra--um tempo de reavivamento e salvação de almas. . . O Senhor deu a Seu povo uma maravilhosa vitória. Foi o início de um grande despertar espiritual entre os adventistas. . . alvorecer de um dia glorioso para a igreja adventista. . . O efeito benéfico do grande reavivamento de Mineápolis . . . começando em 1888 . . . foi rico tanto em santidade quanto em frutos missionários." (L. H. Christian, *The Fruitage of Spiritual Gifts* [Os frutos dos dons espirituais], pp. 219, 223, 224, 237, 244, 245).

Observem que um de nossos autores cumpre sem o perceber a profecia de Cristo a respeito da liderança da igreja laodiceana. Ele emprega as mesmas palavras que Ele pôs nos lábios do "anjo da igreja" (Apocalipse 3:14, 17), que reivindica estar "rica" de nada tendo falta mediante uma presumível aceitação da mensagem.

Foi a Mensagem Aceita ou Rejeitada?

Certamente nosso autor não desejaria intitular um ex-ilustre presidente da Associação Geral como um "destruidor dos irmãos". Mas logicamente A. G. Daniells deve ajustar-se a essa categoria, pois

claramente diz que a história de 1888 assinalou uma "derrota" no avanço da causa de Deus. Suas declarações contradizem completamente nossos endossados autores:

"Esta mensagem de justificação em Cristo... defrontou oposição de parte de homens zelosos e bem-intencionados na causa de Deus! A mensagem [de 1888] nunca foi recebida, nem proclamada, nem teve livre curso como deveria ter tido a fim de transmitir à igreja as imensuráveis bênçãos que estavam nela inseridas... A divisão e conflito que despertou entre os líderes devido à oposição à mensagem da justiça em Cristo, produziu uma reação muito desfavorável. Os membros em geral estavam confusos e não sabiam o que fazer . . .

"Por detrás da oposição revela-se a insidiosa artimanha daquela mente mestra do maligno. . . Quão terrível devem ser os resultados de qualquer vitória dele em derrotá-la!" (A. G. Daniells, Christ Our Righteousness [Cristo Justiça Nossa], pp. 47, 50, 53, 54; 1926).

Observem a palavra "derrota". Isso é o oposto de "vitória". Por todo o seu livro, Daniells insiste em que não houve reavivamento em escala denominacional nem aceitação desta mensagem e experiência. Em 1926 ele considerou o reavivamento como ainda futuro:

"Ao longo dos anos nesse entrementes [desde 1888] tem-se desenvolvido firmemente o desejo e esperança -- sim, a crença -- de que algum dia a mensagem da justificação pela fé brilhará, em toda sua inerente glória, valor e poder, e receberá pleno reconhecimento." (ibid., p. 43).

O "poderoso reavivamento" que outros declaravam ter tido lugar, Daniells situava na categoria de "o que poderia ter sido":

"Que poderoso reavivamento da verdadeira santidade, . . . que manifestação de poder divino para a terminação da obra, . . . poderia ter sobrevivendo ao povo de Deus se todos os nossos ministros tivessem saído da Assembléia como fez essa obediente serva do Senhor [Ellen White]." (ibid., p. 47).

Ellen White deve também logicamente situar-se sob a censura crista de ser uma "destruidora dos irmãos", pois ela sumariou o fim da era de 1888 como um tempo de vitória *para nossos inimigos* quando declarou que "Satanás teve êxito . . . em grande medida" em manter a mensagem distante tanto da igreja quanto do mundo (1 SM 234, 235; 1896).

A. T. Jones, quando caminhava humildemente com o Senhor, deve também submeter-se à mesma repreensão, e não somente ele, mas a congregação reunida na Assembléia da Associação Geral de 1893. Contudo, eles estavam próximos da real situação. Nem uma única pessoa ousou desafiar o orador, pois todos sabiam que estava dizendo a verdade:

"Quando esta mensagem da justiça de Cristo começou conosco como um povo? [Um ou dois na audiência: "Três ou quatro anos atrás"] Quanto tempo, três ou quatro anos? [Congregação: "Quatro"]. Sim, quatro. Onde foi isso? [Congregação: "Mineápolis"] O que, pois, os irmãos da liderança rejeitaram em Mineápolis? [Alguns na congregação: "O alto clamor"]. . . . O que os irmãos naquela tremenda postura que tomaram, rejeitaram em Mineápolis? Rejeitaram a chuva serôdia--o alto clamor--da terceira mensagem angélica." (GCB, 1893, p. 183).

Em 1908 Jones fala da oposição oficial ainda em prosseguimento durante aqueles "vinte e um anos contra a mensagem divina da justificação pela fé":

"Hoje, em posições de presidentes de Uniões, e de oficiais da Associação Geral, há homens que no início . . . opunham-se inteiramente e por todos os meios suscitavam questões . . . que pudessem

levantar, à verdade da justificação pela fé tal como essa verdade se acha na clara palavra das Escrituras. Disso sei porque mais do que uma vez fui detido por mais de uma hora exatamente desse modo, por exatamente esses mesmos homens." (A. T. Jones, carta para R. S. Owen, 20 de fevereiro de 1908).³

Se os membros regulares e obreiros da Igreja Adventista aceitassem as apresentações de Mineápolis, seria razoável esperar que anos mais tarde Jones se lembrasse de pelo menos *um* deles, além de Ellen G. White? Treze anos depois de 1908 ele recorda:

"Não posso agora lembrar-me do nome de ninguém que aceitou a mensagem na assembléia de 1888 abertamente [obviamente além de Ellen White]. Mas mais tarde muitos disseram que foram grandemente ajudados por ela. Um homem de Battle Creek disse naquela reunião após uma das reuniões do Dr. Waggoner: 'Agora podemos dizer amém a tudo isto, se isto é tudo o que houve. Mas lá à distância há ainda algo por vir. E isso deve nos conduzir àquilo. . . E se dissermos amém a isso, teremos que dizer amém àquilo, e então somos apanhados'. . . Não havia tal coisa, e assim eles privaram seus corações daquilo que lhes havia dito ser a verdade; e por combaterem o que somente imaginavam, prenderam-se à oposição ao que sabiam que deveriam ter dito amém." (Carta a C. E. Holmes, 12 de maio de 1921).

Na mesma carta, Jones acrescentou que "os opositores eram . . . todos quantos podiam ser manipulados pela influência da Associação Geral".

Jones certa vez disse que "alguns" aceitaram a verdade na Assembléia de Mineápolis, "alguns" rejeitaram e "alguns" permaneceram entre as duas posições (GCB 1893, p. 185). Os que se inclinaram pela aceitação da teoria interpretaram isto como significando que o grupo estava a grosso modo dividido em três segmentos; e uma vez que se presume que "muitos" dos que inicialmente a rejeitaram ou se revelaram neutros, mais tarde se arrependeram, imagina-se que a grande maioria terminou aceitando a mensagem. A declaração de Jones de 1921 prossegue segundo uma diferente perspectiva:

"Outros a favoreceriam, mas quando o espírito de perseguição era forte, em lugar de permanecerem nobremente no temor de Deus, e declarar em face do ataque: 'É a verdade de Deus, e creio nela com toda minha alma', começavam a recuar e desculpando-se apresentavam escusas para aqueles que a estavam pregando."

Essa atitude hesitante pode ser qualquer coisa, menos aceitação da mensagem da justiça de Cristo! Aqueles que seguem a Cristo estão preparados para morrer por Sua verdade.

Jones deixou em registro a sua opinião da extensão dos "reavivamentos denominacionais em escala global" que se seguiram à assembléia de 1888. O texto seguinte, desta carta de 1921 é citado num livro oficialmente aprovado que apoia a posição de aceitação:

"Quando chegou a ocasião das campais [após 1888] todos nós três [Ellen White, Waggoner, e ele próprio] visitamos as campais com a mensagem de justificação pela fé . . . Às vezes todos os três dentre nós na mesma reunião. Isso fez com que a maré mudasse de rumo com o povo, e aparentemente com a maior parte dos homens da liderança." (Pease, By Faith Alone [Pela Fé Somente], p. 149).

A citação no livro pára aqui. Mas a próxima sentença de Jones refuta a tese da aceitação:

"Mas este último foi somente aparente, nunca real, pois todo o tempo na Comissão da Associação Geral e entre outros havia um antagonismo secreto, sempre levado avante, e que . . . finalmente ganhou o dia na denominação, e deu supremacia ao espírito de Mineápolis, e à contestação e aos homens."

Esta carta foi escrita quando Jones não distava da morte. Ela revela um espírito refinado de lealdade a todas as crenças doutrinárias adventistas do sétimo dia, e à completa inspiração do ministério profético de Ellen White.

Dentro de cinco anos, A. G. Daniells publicou sua posição que concorda essencialmente com a de Jones: *"A mensagem nunca foi recebida, nem proclamada, nem recebeu livre curso como deveria ter sido, a fim de comunicar à Igreja as imensuráveis bênçãos que estavam nela envolvidas"* (Christ Our Righteousness [Cristo, Justiça Nossa], p. 47; 1926).

Mas não precisamos depender das avaliações de Jones ou Daniells sobre o que teve lugar. Temos outro testemunho.

Significativa Evidência Inspirada

Candidamente investigados, os escritos de Ellen White nunca são ambíguos sobre esta questão do recebimento da mensagem de 1888. Ela não pode apagar ambos os lados dessas posições contraditórias. A declaração de Jones a respeito da "maré" voltando-se "aparentemente" com os irmãos da liderança é substantiada por Ellen White:

"Por quase dois anos [1890] temos instado o povo a vir e aceitar a luz e a verdade com respeito à justiça de Cristo, e não sabem se vêm e tomam posse deste preciosa verdade ou não." (RH, 11 de março de 1890).

Por que se dava isso? Na semana seguinte ela declarou a razão por que os membros leigos e jovens ministros estavam hesitantes:

"Nossos jovens observam nossos irmãos mais velhos, e ao verem que eles não aceitam a mensagem, mas tratam-na como se fosse de nenhuma consequência, influencia aqueles que são ignorantes das Escrituras a rejeitarem a luz. Esses homens que se recusam a receber a verdade, interpõem-se entre o povo e a luz." (R&H, 18 de março de 1890; ênfase acrescentada).

Ela também concordava com a declaração de Jones de que não havia *um* só dos irmãos dirigentes no escritório central desejoso de assumir uma firme posição pela mensagem da justiça de Cristo:

"Vez após vez dei o meu testemunho àqueles que estavam reunidos [em Mineápolis, 1888] de modo claro e vigoroso, mas aquele testemunho não foi recebido. Quando vim a Battle Creek, repeti o mesmo testemunho na presença do Pastor Butler, mas não houve um que teve a coragem de ficar do meu lado e ajudar o Pastor Butler a ver que ele, bem como outros, tinham assumido posições equivocadas. . . . O preconceito do Pastor Butler foi maior após ouvir os vários relatórios de nossos irmãos ministros na assembléia de Mineápolis." (25 de janeiro de 1889; Carta U3, 1889; ênfase acrescentada).

Os irmãos que ela dissera que se interpuseram, eram líderes. Graças a Deus, nem todos "recusaram-se receber a verdade", mas o termo "nossos próprios irmãos" é genérico, em certo sentido. Deve

significar o corpo maior da liderança responsável, com poucas exceções de influência, se houvesse alguma. Ela emprega o termo repetidamente. E o que é significativo, ela o usa em retrospecto:

"Em Mineápolis . . . Satanás teve êxito em desviar de nosso povo, em grande medida, o poder especial do Espírito Santo. . . . O inimigo impediu que obtivessem aquela eficiência que poderiam ter tido em levar a verdade ao mundo. . . . A luz que deve iluminar a terra toda com suas glória foi resistida, e pela ação de nossos próprios irmãos tem sido em grande medida afastada do mundo." (1 SM, 234, 235).

De modo algum poderiam alguns poucos "cabeças duras" sem influência ter tal efeito determinativo se muitos dos irmãos da liderança tivessem recebido de coração a mensagem. O contrário disso seria crer que a cauda poderia agitar o cão. Ela escreveu o seguinte a um parente, após a maioria das "confissões" de peso tinham sido feitas.:

"Quem dos que tiveram parte na assembléia de Mineápolis chegaram à luz e receberam os ricos tesouros da verdade que o Senhor lhes enviou do céu? Quem manteve o passo com o líder, Jesus Cristo? Quem fez total confissão de seu equivocado zelo, sua cegueira, seus ciúmes e más suspeitas, seu desafio da verdade? Ninguém..." (Carta, 5 de novembro de 1892; B2a 1892).

Sete ou oito longos anos após 1888 ela é forçada a confessar a respeito de "alguns" em Battle Creek que "mantiveram vivo o espírito que causou distúrbios em Mineápolis", e que é também identificado com "muitos":

"Eles começaram esta obra satânica em Mineápolis. . . Contudo esses homens têm mantido posições de confiança, e têm estado moldando a obra à sua semelhança, ao ponto em que podem fazê-lo." (TM 80; 1o de maio de 1895; 30 de maio de 1896; ênfase acrescentada).

Um Apelo a Simples Honestidade

A. G. Daniells incentiva-nos a sermos honestos ao encarar a realidade: "Seria muito mais agradável eliminar algumas das declarações feitas pelo Espírito de Profecia com respeito à atitude de alguns dos líderes para com a mensagem e os mensageiros. Mas isso não pode ser feito sem oferecer somente uma apresentação parcial da situação, . . . deixando a questão num certo mistério" (*op. cit.*, p. 43).

Quanto menos "mistério", melhor, nesse tardio e perigoso tempo. Portanto, as citações seguintes, apresentadas palavra por palavra de modo sucinto, são tomadas dos *Testimonies to Ministers* [Testemunhos para ministros], escrito em 1895. Este é o julgamento em retrospectiva de Ellen White, escrito bem à altura do fechamento da era 1888:

"Muitos . . . tratam-na [a mensagem] com desdém.

"Voltastes vossas costas, e não vossa face, ao Senhor.

"A luz que deve encher toda a terra com sua glória tem sido desprezada.

"Acautelai-vos como . . . votais ao desprezo as manifestações do Espírito Santo.

"Eu não sei mas alguns já mesmo agora foram muito longe para retornar e se arrepender.

"Essas grandiosas e solenes realidades não são apreciadas e tornam-se objeto de crítica.

"Homens . . . postam-se no caminho dos pecados, e sentam-se na roda dos escarnecedores.

"Muitos adentraram veredas escuras e secretas, e alguns jamais retornarão.

"Tentaram a Deus, rejeitaram a luz.

"Escolheram as trevas em lugar da luz, e contaminaram a alma.

"Não somente recusaram aceitar a mensagem, mas odiaram a luz.

"Esses homens são partícipes da ruína de almas. Eles se interpuseram entre a luz enviada do céu e o povo. Pisaram a pés a palavra de Deus, e estão desdenhando o Seu Santo Espírito.

"Têm estado por anos resistindo à luz e acariciando o espírito de oposição.

"Por quanto tempo odiareis e desprezareis os mensageiros da justiça de Deus?

"Eles os tacharam [os mensageiros] de serem fanáticos, extremistas, e entusiastas.

"Vereis, quando for demasiado tarde, que estivestes combatendo contra Deus.

"Vossa atitude de pôr as coisas de cabeça para baixo é conhecida do Senhor.

"Prossequi um pouco mais como tendes feito, em rejeição da luz do céu, e estareis perdidos.

"A exemplo de falsas placas, indicando o caminho errado.

"Se rejeitais os mensageiros designados por Cristo, rejeitais a Cristo.

"Desprezas essa gloriosa oferta de justificação mediante o sangue de Cristo.

"Apelo-vos . . . a que cessai vosso teimosa resistência da luz e evidência." (TM 89-98).

Isto foi o que nossos autores referiram como "notável marco na história adventista do sétimo dia", o cruzamento de uma "fronteira continental em novo território", a "gloriosa vitória e a ocasião e início de coisas maiores e melhores para a igreja do advento", o tempo de reavivamento e salvação de almas", o "tempo de feliz experiência espiritual", o "início de um grande despertar espiritual entre os adventistas", um "reavivamento por toda a denominação"! Ellen White escreveu melhor do que sabia em 1895: *"Vossa atitude de pôr as coisas de cabeça para baixo é conhecida do Senhor"*.

Sete ou oito anos após a Assembléia propiciaram ampla oportunidade para arrependimento, confissões, e uma dedicada participação num "reavivamento de amplitude denominacional". A cronologia de rejeição pode ser catalogada ano por ano:

"Em vez de forçardes vosso peso contra a carruagem da verdade que está sendo empurrada para cima numa estrada íngrime, devíeis trabalhar com toda a energia que tendes para empurrá-la para cima.

"Nossos irmãos mais velhos . . . não aceitam a mensagem, mas tratam-na como se fosse de somenos importância." (RH, 18 de março de 1890).

"Não posso expressar-vos meu pesar e angústia de alma quanto à verdadeira condição da causa ao ela ser-me apresentada. . .

"Foi-me mostrado que da parte dos pastores em todas as nossas associações, há negligência no estudo das Escrituras, para a busca da verdade. . . Fé e amor, quão destituídas estão as igrejas dessas coisas! . . .

"A religião bíblica é muito escassa, mesmo entre nossos ministros. . . O padrão do ministério tem sido grandemente rebaixado.

"Frieza, indiferença, falta de terna simpatia, estão levedando o acampamento de Israel. Se esses males forem permitidos se fortalecer como se tem dado por alguns anos no passado, nossas igrejas estarão numa deplorável condição." (TM 142-156; 20 de agosto de 1890).

Não houve muito reavivamento à altura de 1892:

"A atmosfera da igreja é tão frígida, seus espírito de tal ordem, que homens e mulheres não podem sustentar ou suportar o exemplo da piedade primitiva, brotada do céu. O calor de seu primeiro amor está extinto, e a menos que sejam refrigerados pelo batismo do Espírito Santo, seu castiçal será removido de seu lugar." (TM 167, 168, 161; 15 de julho de 1892).

O mesmo se dava em 1893:

"Oh, quão pouco sabemos do dia de sua visita! . . . Estamos convencidos de que entre o povo de Deus há cegueira de mente e dureza de coração, conquanto Deus tenham manifestado inexprimível misericórdia com respeito a nós. . . .

"Hoje há poucos que estão servindo a Deus de coração. A maioria dos que compõem nossas congregações estão espiritualmente mortos em ofensas e pecados. . . As mais doces melodias que derivam de Deus mediante lábios humanos -- justificação pela fé, e a justiça de Cristo -- não extraí deles uma resposta de amor e gratidão. . . Eles endurecem seus corações contra [o Mercador Celestial]." (RH, 4 de abril de 1893).

As condições não haviam melhorado em 1895:

"Há muitos que deixaram para trás sua fé no advento, . . . enquanto dizem em seus corações, "o Meu Senhor retarda a Sua vinda". . . .

"Homens que têm sobre si pesadas responsabilidades, mas que não contam com uma viva ligação com Deus, tem estado em condição de desprezo ao Seu Espírito Santo. . . Advertências têm procedido de Deus vez após vez para esses homens, mas eles as puseram de parte e se aventuraram a prosseguir no mesmo rumo. . .

"Se Deus poupar suas vidas, e eles nutrirem o mesmo espírito que assinalou seu curso de ação tanto antes como depois da assembléia de Mineápolis, preencherão a medida dos atos daqueles a quem Cristo condenou quando esteve sobre a terra." (TM 77-79; 1º de maio de 1895).

Aparentemente ocorreu pouca mudança por 1896:

"Que os homens mantenham vivo o espírito prevaleceu em Mineápolis é uma ofensa a Deus. Todo o céu está indignado com o espírito que por anos tem sido revelado em nossa instituição editora de Battle Creek... Uma voz foi ouvida assinalando os erros e, no nome do Senhor, pleiteando por decidida mudança. Mas quem seguiu a instrução dada? Quem humilhou seu coração para eliminar dele todo vestígio de seu espírito ímpio e opressivo?" (TM 76, 77; 30 de maio de 1896).

Parece que o "reavivamento" não tinha tido sucesso em conquistar os corações dos líderes até 1897:

"Deus dá aos homens conselho e repreensão para o seu bem. Ele tem enviado Sua mensagem, dizendo-lhes o que era necessário para a época--1897... Ele vos deu oportunidade para virdes armados e equipados para o auxílio do Senhor. E tendo feito tudo, ele vos disse para levantardes.

Mas aprontaste-vos? Dissestes, "Eis-me aqui; envia-me a mim?" Sentaste-vos em tranqüilidade e nada fizestes. Deixastes a palavra do Senhor cair sobre o chão descuidadamente. . .

"Oh, por que os homens serão obstáculo, quando poderiam ser auxílios? Por que bloquearão a roda, quando poderiam impulsioná-las com marcado êxito? Por que privarão suas próprias almas do bem, e impedirão a outros a bênção que poderia vir por seu intermédio? Esses rejeitadores da luz permanecerão como desertos estéreis." (TM 413).

Certamente esses rejeitadores permaneceram como "desertos estéreis" espiritualmente. Uma vista de olhos em seus sermões e artigos impressos revela que eram áridos e monótonos, isentos dos motivos essenciais das verdades de 1888. Contudo, tornam evidente que suprema confiança de que entendem e pregam justificação pela fé.

A História dos Reavivamentos Pós-1888

De 1888 a 1890 Ellen White faz numerosas referências às reuniões de reavivamento que ela manteve em companhia de Jones e Waggoner. A teoria da aceitação é grandemente baseada nessas declarações. Devemos dar-lhe o devido peso. O que se segue são amostras de seu grande entusiasmo:

"Nunca vi uma obra de reavivamento prosseguir com tal inteireza, e, contudo, permanecer tão livre de toda excitação indevida. Não houve qualquer insistência ou convite. As pessoas não foram chamadas à frente, mas houve um solene reconhecimento de que Cristo não veio chamar os justos, mas os pecadores ao arrependimento. . . Houve muitos que testemunharam que à medida que as verdades desafiadoras eram apresentadas, tornaram-se convencidos à luz da lei de serem transgressores." (RH, 5 de março de 1889).

"As novas de que Cristo é nossa justiça trouxe alívio a muitas, muitas almas, e Deus declara a Seu povo: "Ide adiante". . . .

"Em toda reunião desde a [assembléia da] Associação Geral [de 1888] almas têm ansiosamente aceito a preciosa mensagem da justiça de Cristo. . . .

"No sábado [Ottawa, Kansas], verdades foram apresentadas que eram novas para a maioria da congregação . . . Mas os labores do sábado não foram em vão. No domingo pela manhã houve decidida evidência de que o Espírito de Deus estava operando grandes mudanças na condição moral e espiritual daqueles que se reuniam." (ibid., 23 de julho de 1889).

"Estamos tendo reuniões extraordinariamente excelentes. O espírito que prevalecia na reunião de Mineápolis não se faz sentir aqui. Todos marcham em harmonia. . . O testemunho universal daqueles que têm falado tem sido de que essa mensagem de luz e verdade que tem vindo ao nosso povo é exatamente a verdade para este tempo, e onde quer que vão entre as igrejas, luz, e alívio, e a bênção de Deus certamente advirão." (Ms. 10, 1889).

Essas declarações extraídas de um contexto de dez anos dão a impressão de uma aceitação da mensagem, da parte da liderança, de todo o coração. Contudo, evidência adicional no contexto precisa ser levada em conta. Uma impressão de aceitação da liderança deve ser equilibrada pela realidade.

Jones declarou que aquelas reuniões "fizeram a maré voltar com o povo". Todavia, nunca houve uma questão ou maré a ser voltada com o povo. O problema era inteiramente com os líderes e o ministério. As pessoas estavam prontas para aceitarem a luz alegremente se os líderes a permitissem que lhes chegasse sem distorções ou oposição, ou, antes, se a acatassem alegremente e a apresentassem. Muitos pastores mais jovens revelaram-se profundamente interessados. Mas a contínua atitude de neutralidade ou franca oposição de líderes responsáveis em Battle Creek e outras partes sufocaram o movimento. Não somente as declarações de Ellen White atestam este fato, mas a correspondência da Associação Geral nos Arquivos é também clara.

De fato, não é necessário apelar a seu testemunho para dar provas dessa rejeição oficial de Battle Creek à mensagem. A documentação na correspondência gravada demonstra uma corrente subterrânea de oposição, a que Jones faz referência como "um antagonismo secreto sempre levado adiante" (ver Nota Adicional ao final deste capítulo).

A Pressão Contra o Reavivamento

Em Mineápolis, Ellen White rapidamente viu que o problema jazia com a liderança. Ela ansiosamente apelou aos delegados para não olharem aos homens mais velhos e experientes para verem o que fariam com a luz. Ele declarou que eles até tentariam impedi-la de atingir o povo:

"Apelo-vos a que façais de Deus a vossa confiança; não idolatreis homens, não dependais de homem algum. Não deixeis que vosso amor de homens os mantenha em posições de confiança para as quais estão desqualificados. . .

"Necessitais de maior luz, e mais clara compreensão da verdade que levais ao povo. Se vós próprios não virdes a luz, fechareis a porta, se puderdes, e impedireis que os raios de luz alcancem o povo. Não se diga desse povo altamente favorecido, 'Eles próprios não entram, e impedem a entrada de outros que entravam'. Todas estas lições são dadas para benefício daqueles sobre os quais os fins dos tempos são chegados. . .

"Nesta reunião . . . a oposição, em lugar de investigação, é a ordem do dia. . .

"Ninguém deve ter permissão de fechar o canal pelo qual a luz da verdade alcançará o povo. Tão logo isso seja tentado, o Espírito de Deus será apagado." (Ms. 15, 1888; Olson, pp. 297, 301).

"Agora nossa reunião está chegando ao fim e nenhuma confissão se fez, não houve qualquer abertura que permitisse o ingresso do Espírito de Deus. Ora, eu estava dizendo, para que serve nos reunirmos aqui e nossos irmãos ministrantes virem se estão somente para impedir que o Espírito de Deus alcance o povo?" (Ms. 9, 1888; Olson pp. 290, 291).

Qual era o verdadeiro mecanismo da rejeição? Como operava? Conquanto seja verdade que Jones e Waggoner tinham permissão de falar em reuniões campais e publicar artigos, e conquanto seja verdade que a mensagem deles era bem acolhida pelos leigos, a rejeição da liderança constantemente contrariava seus melhores esforços. Temos a análise de Ellen White sobre o que ocorreu:

"Os próprios homens que deveriam estar em alerta para verem o que o povo de Deus precisa a fim de que o caminho do Senhor possa estar preparado, estão interceptando a luz que Deus desejaria que viesse a Seu povo e rejeitando a mensagem de Sua graça curadora." (Carta aos irmãos Miller, 23 de julho de 1889).

"Alguns de nossos irmãos da liderança têm freqüentemente tomado posições do lado errado, e se Deus enviasse uma mensagem e esperava por esses irmãos mais velhos abrirem o caminho para o seu avanço, ela nunca alcançaria o povo. . .

"A repreensão do Senhor estará sobre aqueles que desejariam ser guardiães da doutrina, que barrariam o caminho a fim de que luz maior não venha ao povo; e se não houver vozes entre os homens para dá-la, as próprias pedras clamariam. . . É a frieza de coração, a descrença dos que deveriam ter fé, que mantém as igrejas na debilidade." (RH, 26 de julho de 1892; ênfase acrescentada).

Nesse tempo, tanto Jones quanto Waggoner eram *persona non grata* diante dos irmãos responsáveis em Battle Creek (Olson, p. 115). Como veremos num capítulo posterior, o editor da *Review and Herald* era o opositor mais influente. E Ellen White declarou que o próprio novo presidente da Associação Geral *"agiu como Arão com respeito àqueles homens que se haviam oposto à obra de Deus desde a assembléia de Mineápolis"* (Carta a A. O. Tait, 27 de agosto de 1896). *"O presidente da Associação Geral . . . foi diretamente contrário às advertências e admoestações a ele dadas"* com respeito aos desenvolvimentos posteriores a 1888 (Carta a I. H. Evans, 21 de novembro de 1897; E51, 1897).

Ademais, era somente natural que irmãos oponentes esperassem que com toda probabilidade a mensagem mal acolhida não impressionasse o povo comum melhor do que o fizera com os anciãos e autoridades de Battle Creek. Mas quando os relatórios chegaram sobre os maravilhosos resultados da pregação do inspirado trio, eles ficaram contrariados. É penoso relatar que Ellen White declara que a aprovação do Espírito Santo à obra os melindrava. Ela não estava preocupada com uma minoria insignificante de obscuros irmãos, mas a respeito do impacto total de líderes responsáveis e influentes:

"Posteriormente, quando viram e sentiram a demonstração do Espírito Santo testificando de que a mensagem era de Deus, odiaram-na ainda mais, porque era um testemunho contra eles. Não quiseram humilhar seus corações para arrepender-se, para dar a Deus a glória, e vindicar o direito." (1º de maio de 1895; TM 80).

Os reavivamentos mantidos em South Lancaster, Chicago, Ottawa, Kansas, e na própria igreja de Battle Creek, eram um poderoso testemunho de que Deus havia apostado o Seu selo à mensagem sendo transmitida. O experimento de prova da luz fora feito no laboratório das igrejas. Funcionou -- nunca havia tais manifestações de glória celestial acompanhado qualquer mensagem ou movimento desde o clamor da meia-noite de 1844:

"Agora, conquanto tenha havido um determinado esforço para tornar de nenhum efeito a mensagem que Deus enviou, os seus frutos têm demonstrado que derivava da fonte de luz e verdade. Os que têm . . . permanecido barrando o caminho contra toda a evidência, não podem imaginar-se possuidores de maior visão espiritual por terem por tanto tempo fechado os olhos à luz que Deus enviou ao Seu povo. . . . Haverá resistência dos mesmos que esperávamos que se empenhassem em tal obra." (Carta O19, 1892).

Ela prosseguiu a esperar por uma mudança de coração entre os líderes uma vez reconhecessem a prova incontestável. O parágrafo seguinte poderia ser citado como evidência de que a mensagem de 1888 foi aceita pela liderança da igreja:

"Vi que o poder de Deus acompanhava a mensagem onde quer que fosse proferida. Não poderíeis fazer o povo crer em South Lancaster que não se tratava de uma mensagem de luz que lhes alcançou . . . Deus determinou realizar esta obra. Trabalhamos em Chicago; foi uma semana antes de ter havido uma interrupção nas reuniões. Mas como uma onda de glória, a bênção de Deus sobreveio-nos ao apontarmos aos homens o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. O Senhor revelou Sua glória, e sentimos as profundas ações de Seu Espírito."

Mas o mesmo artigo na *Review* de 18 de março de 1890 indica que os irmãos *dirigentes* ainda não estavam em simpatia com a obra:

"Tentei apresentar-vos a mensagem como a compreendi, mas quanto tempo aqueles à frente da obra se manterão alheios à mensagem de Deus?"

Um pecado maior foi acrescentado à descrença de 1888 em Mineápolis: as incontrovertidas evidências da aprovação do Espírito Santo à mensagem, demonstrado nos maravilhosos reavivamentos, somente confirmavam a oposição desses irmãos. *"Quando viram e sentiram a demonstração do Espírito Santo testificando de que a mensagem era de Deus, odiaram-na mais ainda"*. (TM 80; 1895). Poucos anos antes, Ellen White havia apelado pateticamente por unidade com os mensageiros:

"Por quase dois anos temos instado o povo a vir e aceitar a luz e verdade concernentes à justiça de Cristo, e eles não sabem se vêm e tomam posse dessa preciosa verdade ou não." (*ibid.*, 11 de março de 1890)

"Apelamos a vós que vos opondes à luz da verdade, para deixardes livre o caminho do povo de Deus." (*ibid.*, 27 de maio de 1890).

O esmagador peso da evidência indica que eles se posicionaram no caminho. Este contexto dos luminosos relatórios de "reavivamentos" devem ser levados em conta. Declarações anteriores expressando esperança profética (1889-1890) devem ser equilibradas pelo desapontamento da história real subsequente que Ellen White foi forçada a registrar (1891-97). Toda avenida de sólida evidência segue na mesma direção: o seu testemunho, o testemunho de Jones, os arquivos oficiais, e o óbvio peso de quase um século de história.

"Exatamente Como os Judeus!"

Nunca desde a rejeição por Israel de seu Rei de glória tem o universo celestial testemunhado um fracasso mais inescusável e vergonhoso da parte do povo escolhido de Deus, liderado por seus dirigentes. A mensageira do Senhor não hesita em aplicar aos irmãos dirigentes o famoso "ai dos fariseus" (Lucas 11:50-52), e a realçar sua aplicação para o presente (1896): "Se Deus alguma vez falou por mim, estas passagens significam muito àqueles que lhes derem ouvidos" (TM 76). "Não entraís vós mesmos, e impedis os que estavam entrando".

Este é o verdadeiro retrato do "grande reavivamento" que se seguiu à assembléia de 1888. Muitos membros leigos e ministros mais jovens começaram a "entrar", mas os anciãos de Jerusalém verdadeiramente os "impediam". Assim, o reavivamento demonstrou-se abortivo, e o Espírito Santo foi ofendido, "insultado" e abafado. Frequentemente a mensageira do Senhor comparou o espírito anti-1888 com a rejeição de Cristo por parte dos judeus. Por exemplo:

"Luz tem estado a brilhar sobre a Igreja de Deus, mas muitos têm dito por sua atitude de indiferença: "Não desejamos o Teu caminho, ó Deus, mas o nosso próprio". O Reino dos céus chegou bem perto, . . . mas bloquearam a porta do coração, e não receberam os visitantes celestiais; pois ainda não conhecem o amor de Deus. . . .

"Há menos escusa em nosso tempo para a teimosia e descrença do que havia para os judeus nos dias de Cristo. . . . Nosso pecado e sua retribuição será maior, se recusamos caminhar na luz. Muitos dizem: "Se eu somente tivesse vivido nos dias de Cristo, não teria torcido as Suas palavras, ou interpretado falsamente a Sua instrução. Não O teria rejeitado nem crucificado, como fizeram os judeus"; mas isso será provado pelo modo em que tratais Sua mensagem e Seus mensageiros hoje. . . .

"Aqueles que vivem neste tempo não são responsáveis pelos atos dos que crucificaram o filho de Deus; mas se com toda a luz que brilhou sobre o Seu antigo povo delineada perante nós, trilhamos o mesmo terreno, acariciamos o mesmo espírito, recusamos receber reprovação e advertência, então nossa culpa será grandemente aumentada." (ibid., 11 de abril de 1893).

Uma semana depois a autora acrescentou:

"Aqueles que estão cheios de descrença podem discernir o mínimo detalhe que tem algum aspecto objetável. Podem perder de vista todas as evidências que Deus tem dado . . . ao revelar preciosas gemas de verdade da inexaurível mina de Sua palavra. Podem sustentar o átomo objetável sob as lentes de aumento de sua imaginação até que o átomo se pareça um mundo, e apague de sua visão a preciosa luz do céu. . . . Por que levar tanto em conta aquilo que pode parecer-vos objetável no mensageiro [A. T. Jones ou E. J. Waggoner] e descartar todas as evidências que Deus tem dado para equilibrar a mente com respeito à verdade?" (ibid., 18 de abril de 1893).

Nossa imaginação luta para assimilar a realidade das bênçãos que teriam advindo à Igreja Adventista do Sétimo Dia se esta preciosa mensagem tivesse sido aceita de todo coração:

"Se mediante a graça de Cristo o Seu povo se tornar novos odres, Ele os encherá com novo vinho. Deus concederá luz adicional, e velhas verdades serão recuperadas, e substituídas na estrutura da verdade; e onde quer que os obreiros vão, triunfarão." (RH, Extra, 23 de dezembro de 1890).

Nossa História de Cabeça Para Baixo

O que teria tido lugar, mas não se deu, foi tornado claro numa declaração feita na sessão da Associação Geral de 1901, quando Ellen White recapitulou a crise de 1888-1891. O que nossos historiadores têm presumido ter sido "reavivamento" revela-se somente uma aceitação verbal sem nenhuma reforma genuína:

"Sinto especial interesse nos movimentos e decisões que serão feitos nesta Assembléia com respeito às coisas que deveriam ter sido feitas anos atrás, e especialmente dez anos atrás, quando estivemos reunidos em Assembléia, e o Espírito e poder de Deus vieram à nossa reunião, testificando que Deus estava pronto para operar por este povo se este se dispusesse em ordem de ação. Os irmãos concordaram com a luz que Deus havia dado, mas houve os que estavam ligados a nossas instituições, especialmente ao escritório da Review and Herald e Associação Geral, que introduziram elementos de descrença de modo que a luz concedida não foi posta em prática. Foi

acatada, mas nenhuma mudança especial foi feita para fazer com que tal condição de coisas propiciasse ao poder de Deus ser revelado entre o Seu povo." (GCB 1901, p. 23).

Alguns dos irmãos reconheceram em 1893 que devido à reforma ter sido recusada, o reavivamento havia por consequência falhado. Jones declarou:

"Irmãos, o tempo é chegado para assumir esta noite o que lá rejeitamos [em Mineápolis, quatro anos antes]. Nenhuma alma dentre nós jamais foi capaz de sonhar ainda com as maravilhosas bênçãos que Deus tinha para nós em Mineápolis, e que já estaríamos desfrutando por esses quatro anos, se os corações houvessem estado prontos para receber a mensagem que Deus enviou. Estaríamos quatro anos à frente, e no meio das maravilhas do próprio alto clamor esta noite." (GCB, 1893, p. 183).

A carta seguinte de Ellen White, lida na mesma assembléia, explica como operou o processo pelo qual a mensagem de 1888 foi transformada em derrota:

"A oposição em nossas próprias fileiras têm imposto sobre os mensageiros do Senhor uma tarefa laboriosa e probante; pois eles têm enfrentado dificuldades e obstáculos que não careciam existir. . . . Todo o tempo e pensamento e labor requeridos para contrafazer a influência de nossos irmãos que se opõem à mensagem tem sido tomado do mundo dos rápidos juízos de Deus. O Espírito de Deus tem estado presente em poder entre o Seu povo, mas Ele não pôde ser-lhe concedido, porque não abriu o coração para recebê-Lo.

"Não é a oposição do mundo que temos de temer; mas sim os elementos que operam entre nós mesmos que têm impedido a mensagem. . . . O amor e confiança constituem uma força moral que teriam unido nossas igrejas e assegurado harmonia de ação; mas a frieza e desconfiança acarretaram desunião que nos destituíram de nossa força. . . .

"A influência que se desenvolveu da resistência à luz e à verdade em Mineápolis tenderam a tornar de nenhum efeito a luz que Deus concedeu a Seu povo mediante os Testemunhos. . . . porque alguns dos que ocupavam posições de responsabilidade estavam levedados com o espírito que prevaleceu em Mineápolis, um espírito que anuviou o discernimento do povo de Deus." (ibid., p. 419).

Um exército que perde uma batalha tentará posteriormente descobrir por que a derrota teve lugar. Falarão de vitória somente no modo verbal condicional subjuntivo, como o "que poderia ter sido". É significativo que a passagem freqüentemente citada, publicada em 1909, em *Testimonies* [Testemunhos], Vol. 9, pág. 29, que começa com um trágico "se", foi escrita com respeito aos resultados da história de 1888. É a próxima sentença após a citação acima:

"Se todo soldado de Cristo houvesse cumprido o seu dever, se todo atalaia sobre os muros de Sião tivesse dado à trombeta o sonido certo, o mundo teria já ouvido a mensagem de advertência. Mas a obra está anos atrasada. Que contas se dará a Deus por assim se achar retardada a obra?"

Há Boas Novas na História de 1888

Isso não significa que a guerra foi perdida. Longe disso. Somente *uma batalha* foi perdida. Aqui temos, contudo, uma situação muito intrigante. Uns poucos parágrafos depois na mesma carta, Ellen White predisse que Satanás haveria de aproveitar-se arditamente de sua vantagem. "A profunda trama de Satanás revelará sua operação por toda parte". Ele seria esperto demais para assumir o seu

papel diabólico; pretenderia ser o Cristo. "A aparência de um falso Cristo despertará esperanças enganosas nas mentes daqueles que se permitirem ser enganados".

Satanás tem mente muito hábil para reivindicar sua vitória antes que esta seja completa, mesmo que a vitória parcial seja um fato. Tal alegação levaria o remanescente a cair sobre os joelhos no arrependimento dos séculos, pois é honesto de coração. Dizer-lhe a verdade nunca funcionará -- deve ser mantida em engano até o último momento.

Portanto, o desejo de Satanás é que sejamos enganados a respeito de nossa história de 1888. Ele admitirá matreiramente a derrota e concederá a vitória, pretendendo fazer prostrado aos nossos pés. Mas o engano, se acariciado, pode conduzir somente a uma ênfase com o falso Cristo. Se não podemos ler o passado corretamente, como seremos capazes de interpretar o futuro de modo correto à medida que se desenrola diante de nossos olhos?

Acaso essas verdades óbvias pintam um quadro sombrio e desanimador? Não, se amamos Aquele que disse ser a Verdade. Reconhecer a verdade é o único modo de aproximar-nos Dele!

Conquanto seja verdade que nossa história é um claro chamado ao arrependimento, devemos nos lembrar que o chamado ao arrependimento sempre tem sido positivo, inspirador de esperança e encorajador.

CONCLUSÃO

Os que retratam nossa história de 1888 como uma gloriosa vitória são muito sinceros. Desejam preservar a unidade da Igreja. Críticos têm levantado alegações de que a vitória conquistada por Satanás em 1888 e posteriormente foi completa, de modo que a Igreja está agora numa situação de desesperança. Isso não é verdade, mas tais idéias falsas criam raízes e florescem como reação contra o orgulho e complacência que eram a verdade de nossa história por geração após geração. Israel nunca se tornará Babilônia [?], conquanto possa ter períodos de cativeiro. O Senhor a trará novamente para dentro de suas próprias fronteiras, abatida e arrependida.

Ao buscar desdizer críticos desleais que condenam a Igreja como se não tivesse mais esperança, não devemos negar a verdade. Atribuamos honra a quem honra é devida. Isso, à luz da nossa história passada, requererá que sejamos grandemente humildes:

"Haverá grande humilhação de coração perante Deus da parte de cada um dos que permanecem fiéis e verdadeiros até o fim." (Ms. 15, 1888; Olson, p. 297).

"A menos que a igreja, que está agora sendo levedada com sua própria apostasia, se arrependa e se converta, comerá do fruto de sua própria produção, até que se aborreça a si mesma." (8T 250).

Essa experiência não dá nenhuma evidência de que Deus descartou Sua Igreja. Pedro, quando lançou-se ao chão no Getsêmani e desejou morrer, foi por fim convertido (Mateus 26:75; DA 713). Quando as palavras acima tiverem cumprimento, a Igreja remanescente igualmente se converterá. O seu Pentecoste não estará tão distante no tempo quanto o de Pedro quando chegou a conhecer-se, e, ao fazê-lo, encontrou o perdão de seu Senhor.

Uma verdadeira compreensão da experiência de 1888 desempenhará grande papel em nossa condição de conhecer-nos a nós mesmos: *"Em algum tempo será visto em seu verdadeiro caráter, com todo o peso da dor que disso tem resultado"* (GCB 1893, p. 184).

A. T. Jones na assembléia de 1893 também referiu-se a esse grandemente protelado "algum tempo" de reparação:

"Há coisas a vir que serão mais surpreendentes do que o foi em Mineápolis. . . . Mas a menos que você e eu tenhamos toda fibra desse espírito desarraigado de nossos corações, trataremos a mensagem e os mensageiros pelos quais ela é enviada, como Deus declarou que temos tratado esta outra mensagem." (ibid., p. 185).

"Em 1888 na Conferência Geral realizada em Minneapolis, Minnesota, o anjo de Apocalipse 18 desceu para fazer sua obra, e foi ridicularizado, criticado e rejeitado, e quando a mensagem que ele trouxe novamente, alargar-se num alto clamor, será novamente ridicularizada, criticada e rejeitada pela maioria." E.G.White in Taking Up a Reproach. Também encontrado em Some History, Some Experience, Some Facts, p. 1, por A.T.Jones.

Se nenhuma das referências apresentadas neste capítulo nos estivesse disponível, a lógica e a simples razão determinariam algumas conclusões:

(1) O alto clamor deveria ter efeito sobre o encerramento da obra como o fogo na palha (RH, 15 de dezembro de 1885). "Os últimos acontecimentos serão rápidos". Mas em lugar de desenvolver-se como fogo na palha, tem havido um século de retardada queima esfumaçada, arrastando-se enquanto almas humanas estão nascendo mais rápido do que as alcançamos com a nossa mensagem. *A única conclusão razoável é de que o fogo foi extinguido -- por instrumentalidade humana, não divina.*

(2) Quando vier o alto clamor, declara João, o Revelador, deve servir como luz para iluminar a terra toda com glória que superará toda demonstração prévia de poder celestial. Os "reis da terra" ainda não se postaram à distância, com os "mercadores da terra", lamentando a queda da grande Babilônia, levada à desolação numa breve "hora" pela poderosa pregação do alto clamor. Contudo, a luz da poderosa mensagem do quarto anjo começou a brilhar nessa forma estranha e impressionante em 1888. *A única conclusão razoável é que a luz foi apagada, por instrumentalidades humanas.*

(3) Quando a mensagem de justificação pela fé de 1888, o verdadeiro "começo" da chuva serôdia, for aceita, será visto na Igreja remanescente um reavivamento da santidade primitiva até aqui desconhecida. "O inimigo de Deus sabe que se o povo a receber plenamente, o seu poder será rompido". (GW 103, velha edição). *A única conclusão possível: a mensagem da justiça de Cristo não foi verdadeiramente recebida.*

(4) A mensagem sendo de Deus num sentido especial, a oposição persistente de autoridades responsáveis a ela constituiu uma derrota espiritual para o movimento do Advento; mas *essa derrota deve ser reconhecida como uma batalha numa guerra mais ampla, e não a perda da própria guerra.*

Tal visão da questão requererá que esta geração reconheça os fatos atinentes ao caso, e retifique plenamente o trágico erro. Isso pode ser feito, e o Deus justo e vivente nos ajudará.

Isso tem que ser boas novas.

1 Cf. MS. 9, 1888, *Through Crisis to Victory* [Através da crise à vitória], p. 292; MS. 15, 1888; *ibid.*, pp. 297, 300; MS. 13, 1889; RH, 4,11 de março; 26 de agosto de 1890; 11, 18 de abril de 1893; TM 64; 75-80; *Special Testimonies* [Testemunhos especiais], Série A, nº 6, p. 20; *Special Testimonies to R & H Office* [Testemunhos especiais ao escritório da R & H], pp. 16, 17; FE 472.

2Pease faz uma breve referência à declaração de Ellen White, datada de 22 de novembro de 1892, identificando a mensagem como o "começo" do alto clamor (*By Faith Alone* [Pela fé somente], p. 156). Mas em geral ele identifica a mensagem como uma mera reiteração da "doutrina" protestante popular. Froom reconhece a mensagem como o "começo" da chuva serôdia, mas contradiz-se illogicamente ao manter que se tratava da mesma mensagem proclamada pelos evangélicos populares da época (*Movement of Destiny* [Movimento predestinado], pp. 262, 318-325, 345, 561-570, 662-667). Os outros autores ignoram totalmente a identificação da mensagem por Ellen White.

3Evidência objetiva em apoio dessas declarações podem ser vistas em publicações oficiais concernentes à controvérsia dos "dois concertos" de 1906-1908. O ponto de vista prevalecente era o de *oposição* à mensagem de 1888. Por exemplo, ver *Signs of the Times* [Sinais dos tempos], 13 de novembro de 1907; 29 de janeiro de 1908.

Nota Adicional ao Capítulo 4

O Testemunho dos Arquivos da Associação Geral

A correspondência oficial nos arquivos de Battle Creek corroboram o testemunho de Ellen White e Jones concernente à atitude negativa dos dirigentes de maior responsabilidade em Battle Creek. A. T. Jones declarou que "havia um antagonismo secreto sempre levado avante" (Carta a C. E. Holmes, 12 de maio de 1921).

As cartas do secretário da Associação Geral, Dan T. Jones, ilustram como essa atitude funcionava. Conquanto ele fosse profundamente hostil à mensagem de 1888 e aos seus mensageiros, poucas semanas após Mineápolis o Espírito Santo o impressionou com evidência clara de que Jones era o verdadeiro mensageiro de Deus. Ele escreve a um amigo:

"Temos tido boas reuniões aqui . . . O irmão A. T. Jones tem feito a maior parte das pregações. Gostaria que pudesse ouvir alguns de seus sermões. Ele parece totalmente diferente do que fez [sic] em Mineápolis. Alguns de seus sermões são os melhores, penso, que já ouvi. São todos inéditos também. Ele é original em sua pregação e em sua pregação prática parece muito terno e sente profundamente tudo quanto diz. O meu conceito a respeito dele subiu consideravelmente desde que vi o outro lado do homem." (Carta a J. W. Watt, 1º de janeiro de 1889).¹

Mas Dan Jones se torna um homem convencido contra a vontade. É fenomenal como bons líderes podiam endurecer o coração contra o que viam claramente serem "credenciais" do Espírito Santo. Precisamos compreender como isso aconteceu, pois hoje estamos em grave perigo de repetir a história deles. Como dizia Lutero, somos todos feitos da mesma massa.

Um ano depois, por alguma estranha razão, Dan Jones deixou o coração tornar-se endurecido contra os mensageiros de 1888, enquanto, durante esse mesmo período a atitude de Ellen White para com eles tinha se tornado de crescente apoio. Aqui vemos um misterioso fermento do espírito humano. Como um oficial administrativo responsável, ele escreve à liderança da Associação do Missouri, sua

região nativa. Ele deve comunicar seu errôneo julgamento. Aqui se vê uma influência operando "debaixo da mesa", o "antagonismo secreto" a que se referira A. T. Jones:

"Creio que um Instituto no Missouri seria uma coisa esplêndida; mas creio que um instituto num plano menos destacado seria preferível a realizar um grande evento e ter . . . Pastores A. T. Jones e E. J. Waggoner. Para dizer a verdade, não tenho muita confiança em algumas de suas maneiras de apresentar as coisas. Eles tentam conduzir tudo diante deles e não admitem que suas posições sejam sujeitas à mínima crítica. . . . De fato, [eles] não se fixam quase em nenhum outro assunto, mas esses sobre que há diferença de opinião entre nossos irmãos da direção. Não creio que desejará trazer esse espírito à Associação do Missouri." (Carta a N. W. Alea, 23 de janeiro de 1890; ênfase destacada).

Os mensageiros de 1888 provavelmente nunca souberam que o seu ministério não era bem-vindo no Missouri.

As cartas informativas de Dan Jones a G. I. Butler concernentes a desenvolvimentos em Battle Creek revelam o "antagonismo" em operação. Ele incentiva Butler em sua oposição à mensagem:

"Estou contente, de fato, de que esteja considerando as questões do ponto de vista em que o faz, e não se está desmotivando e se inclinando sob a carga que parece ser-lhe imposta. . . . Tenho muitas vezes pensado sobre o que me disse no inverno passado concernente a que os camaradas da Califórnia [Jones e Waggoner] estariam no staff editorial da Review em menos de dois anos. Não me sentiria absolutamente surpreso se uma tentativa nessa direção fosse feita dentro desses muitos meses. Mas sinto-me seguro de que isso acarretaria oposição bem vigorosa." (Carta, 28 de agosto de 1889).

A "oposição bem vigorosa" que ele previu entrou em erupção como um vulcão dentro de sua própria alma durante o inverno seguinte de 1890. Waggoner um dia anunciou em sua classe bíblica que na segunda-feira pela manhã seguinte discutiriam os dois concertos. Ele havia sido oficialmente convidado, mesmo instado, a deixar o seu trabalho na Califórnia e ensinar em Battle Creek. Presumira, naturalmente, que estava livre para apresentar o evangelho como o entendia.

Mas quando Dan Jones ouviu as notícias a respeito dos dois concertos, não pôde conter-se. Imediatamente tomou medidas para deter Waggoner, apelando a Urias Smith e mesmo a Ellen White em busca de apoio. Ele estava tão profundamente agitado com o incidente que escreveu consideravelmente a respeito em cartas para G. I. Butler, O. A. Olsen, J. D. Pegg, C. H. Jones, R. C. Porter, J. H. Morrison, E. W. Farnsworth, e R. A. Underwood. Suas cartas não podem disfarçar a antipatia pessoal pela mensagem e os mensageiros, enquanto, logicamente, professando aceitação da "doutrina da justificação pela fé".

Podemos ser gratos de que era um escritor de cartas bastante produtivo, pois ele dá valiosas pistas das atitudes da liderança nos bastidores. Ele revela candidamente os seus íntimos sentimentos. Sua persistente e convicta oposição à mensagem era evidentemente uma pesada carga a sua consciência, semelhantemente à experiência de Saulo de recalcitrar contra os aguilhões. Com respeito a esse confronto com Waggoner, escreve ele a Butler:

"Nada jamais aconteceu em minha vida que me abatesse como isso. Sinto-me tão mal com esse incidente todo que dificilmente tenho sabido como agir ou o que fazer. . . . Quando vi do que se tratavam as lições [lições da Escola Sabatina sobre os concertos, escritas por Waggoner], decidi

imediatamente que não poderia ensiná-las; e após analisar um pouco mais a questão, decidi renunciar a minha posição de professor na escola sabatina2. . . .

"Tenho me preocupado e me angustiado com esse problema até o ponto de esgotar-me mais do que meio ano de trabalho." (Carta, 13 de fevereiro de 1890).

Que espetáculo--o secretário da Associação Geral preocupando-se e angustiado-se com o que, na verdade, era a direção do Espírito Santo na chuva serôdia!

Um Lampejo Por Trás das Cenas na Velha Battle Creek

Dan Jones prossegue com uma impressionante vinheta da administração de Battle Creek, dizendo francamente a Butler sobre o plano oficial de ocultar os fatos reais dos estudantes e "deixar que o assunto fique com o mínimo destaque sem atrair mais atenção dos estudantes da escola à mudança do que o necessário". Isso seria politicamente astuto. Waggoner estragou os seus planos declarando abertamente a verdade, e "deixando extravasar a coisa toda; e tudo que pude fazer foi dizer que tínhamos achado melhor pedir ao Dr. Waggoner que postergasse a questão do concerto no momento".

Ellen White, W. C. White, Waggoner e A. T. Jones agiram para acertar as coisas perante os irmãos em Battle Creek, com o resultado que a verdade colocou a contragosto Dan Jones, Urias Smith, e outros contra a parede. Uma vez mais, Dan Jones foi cândido ao contar a seus amigos o mau bocado que enfrentaram:

"Isso deixou alguns de nós numa posição bastante embaraçosa. Estivéramos laborando sob uma apreensão e a questão foi-nos retirada. Ninguém podia ir contra a palavra do Dr. Waggoner ou da irmã White." (Carta a Butler, 27 de março de 1890).

A humildade e honestidade de Dan Jones são refrescantes - quase inocente, de certo, à luz da real verdade que ele não compreendia - que sua antipatia era de fato dirigida contra o divino dom gracioso da chuva serôdia e a luz inicial do alto clamor. Ele era mortalmente contra essa bênção enviada do Céu e não podia evitar que ela fosse conhecida. Ele foi salientemente um homem convencido contra sua vontade e ainda da mesma opinião contrária.

O famoso sermão de Ellen White de 16 de março de 1890 em Battle Creek (Ms. 2, 1890) contém a afirmação, "Não houve recepção" da mensagem, e umas doze referências da contínua descrença e rejeição entre a liderança de Battle Creek desde Mineápolis. Escrevendo um dia depois, Dan Jones lamenta sua tristeza:

"Parece-me que a posição dela é evidentemente correta, e o princípio se aplicará a outros assuntos com tanta força como se aplica à questão do concerto, ou da lei em Gálatas... Eu estava seguro de que certos planos e propósitos estavam sendo realizados pelo Dr. Waggoner e outros e de que certos motivos estavam por trás daqueles planos e propósitos; mas parece agora que eu estava errado em ambos. Parece estranho como pode ser assim. Cada circunstância parece somar à evidência para provar as coisas como verdadeiras; mas, não obstante a isto, provaram-se falsas." (Carta a J.D. Pegg, 17 de março de 1890).

Escrevendo a Butler dez dias depois, o seu progresso é relutante, e ele ainda não é claro. Mantém a mesma opinião ainda com respeito à mensagem. Tal como se dava com Urias Smith, ele culpa a

Jones e Waggoner por criarem o malentendido. Ele não pode vê-los à luz de como Ellen White os via, como os "mensageiros delegados" pelo Senhor.

"Talvez estívéssemos equivocados em algumas das opiniões que temos sustentado. . . . Não vejo agora o que pode ser feito, mas aceitar as explicações feitas, e agir com elas em mente. . . . A irmã White . . . julga que os relatórios que lhe foram trazidos de Mineápolis estão grandemente exagerados, e que não obteve uma idéia correta com referência ao que estava se passando aqui. Embora eu mantenha a mesma posição sobre a lei em Gálatas, e a questão do concerto que sempre mantive, estou contente de ter minha mente aliviada com respeito ao motivo e planos de alguns dos irmãos. . . . Esperemos que no futuro nossos irmãos não ajam de tal modo que lancem o fundamento de um julgamento injusto em seus planos e propósitos." (Carta, 27 de março de 1890).

Escrevendo a R. C. Porter poucos dias depois, revelou como ele e Urias Smith ainda não estão verdadeiramente reconciliados com os mensageiros de 1888 nem com Ellen White:

"O Pastor Smith . . . não pode entender por que . . . a irmã White falou em certa ocasião positivamente contra uma certa coisa, como fez contra a lei em Gálatas, ao Pastor [J.H.] Waggoner vários anos atrás, depois fez meia-volta e praticamente deu o seu endosso à mesma coisa quando foi suscitada numa forma ligeiramente diferente. . . Estou tentando pensar o menos possível a respeito disso." (Carta, 1º de abril de 1890)³

Duas semanas depois, Dan Jones ainda não está seguro, e pode agora ser levado a falar com algum desdém do que, na realidade, representou a direção do Senhor no início da chuva serôdia. Deseja ver Jones e Waggoner rebaixados e assegura ao Pastor Butler que ele e os irmãos estão ainda nobremente persistindo na luta contra eles. O que Ellen White e a história têm reconhecido como "a mais preciosa mensagem" ele ainda considera na categoria de "pontos de vista peculiares" que espera que nunca mais sejam tolerados:

"Sei que é um pouco difícil em face da evidência circunstancial que tem envolvido esta questão por um ano e meio, que cheguemos à conclusão agora de que aqueles assuntos que transpiraram em Mineápolis ocorreram todas em inocência de cordeiro. Mas se o Dr. Waggoner declara que não tinha qualquer plano quando foi até lá, e o irmão Jones declara o mesmo e a irmã White os apóia, o que podemos fazer, a não ser aceitar isso como um fato? . . . Pode até pensar que fomos lançados para cima um pouco, e laçados, e totalmente engolidos. Não é esse o caso, de modo nenhum. Considero que vencemos todos os pontos que estávamos mantendo, e julgo que o outro lado ficou suficientemente contente para diminuir um pouco; e eu estava desejoso que assim se desse, se eles aprenderam as lições que determinamos que deveriam aprender. Sinto-me confiante agora de que o Dr. Waggoner será muito cauteloso antes de lançar seus pontos de vista peculiares perante o povo até terem sido cuidadosamente examinados pelos dirigentes; e julgo que os irmãos da direção serão muito mais criteriosos no seu exame desses pontos de vista peculiares do que o foram no passado." (Carta a Butler, 14 de abril de 1890).

Esses arquivos confirmam abundantemente a observação de A. V. Olson de que Jones e Waggoner eram *persona non grata* nos escritórios centrais de Battle Creek (*op. cit.*, p. 115). A tensão era tão aguda que é fácil entender como Waggoner terminou sendo mandado para a Grã-Bretanha no princípio de 1892. Sua carta manuscrita ao presidente da Associação Geral de 15 de setembro de 1891 pode ter exarcebado a situação. Ele havia sido designado como membro da comissão de livros, mas sua participação normal em seu trabalho havia de algum modo sido contornada. Sua

carta é respeitosa; ele não expressa nenhuma queixa pessoal; sua preocupação tem que ver com o bem da causa:

"Desejo indagar a respeito do livro do Pastor [G. I.] Butler. Vejo pelo relatório da Comissão de Livros que foi votado que o escritório da Review and Herald o publique. Disso eu concluo que deve estar pronto para publicação. Se assim for, como membro da Comissão de Livros, gostaria de ver o manuscrito. Algo em torno de um ano atrás, penso, vi uma lista dos capítulos que deveriam compor o livro; e daí, juntamente com o que eu sei da condição de coisas em geral, estou bem seguro de que há boa perspectiva de que o livro terá tanta necessidade de ser passado em revista como qualquer outro livro. Se for lançado sem exame, exceto por uma comissão de três, estou certo de que haverá insatisfação. . . Certamente cada membro tem o direito de examinar qualquer manuscrito que venha a ser apropriadamente apresentado perante a comissão4."

Urias Smith Defende Sua Rejeição da Mensagem

A oposição de Urias Smith à mensagem de 1888 era lógica, erudita, e aparentemente razoável. Ele escreve a Ellen White em 17 de fevereiro de 1890, explicando por que não a pode receber. Ele é inteiramente sincero. É uma experiência de humildade ler sua carta de seis páginas, pois ele é bastante convincente. Pode ser-nos tão fácil hoje considerar o maior dom do Espírito Santo como um desastre, como foi para ele fazê-lo. Ele vê a condução do Senhor como uma grande "calamidade". Podemos notar os seus argumentos apenas resumidamente:

"No meu ponto de vista, depois da morte do irmão White, a maior calamidade que já afetou nossa causa foi quando o Dr. Waggoner fez publicar seus artigos sobre o livro de Gálatas através do Signs [Sinais]. . . .

"Se eu estivesse sob juramento perante uma corte de justiça, seria obrigado a testificar que, quanto eu saiba e creio, . . . a irmã declarou que o irmão [J. H. Waggoner] estava errado [a respeito da lei em Gálatas]. Isso tem-me parecido desde então estar em harmonia com as Escrituras. E o irmão White estava tão satisfeito quanto ao tema que, como se recorda, retirou o livro do irmão Waggoner de circulação. . . . A posição que o irmão [E. J.] Waggoner agora assume está aberta exatamente à mesma objeção. . . . Parece-me contrária às Escrituras, e, em segundo lugar, contrário ao que anteriormente viu. . . .

"Os irmãos na Califórnia [Jones e Waggoner] . . . quase arruinaram a Assembléia [de 1888], como temi que o fizessem. Caso aquelas questões perturbadoras não tivessem sido introduzidas, não posso ver razão por que não poderíamos ter tido uma Assembléia tão abençoada e agradável como jamais tínhamos desfrutado. . . .

"[E. J.] Waggoner tomou sua posição sobre Gálatas, a mesma que a irmã havia condenado em seu pai. E quando ela aparentemente endossou sua posição globalmente, . . . foi uma grande surpresa para muitos. E quando me perguntavam o que significava isso, e como eu poderia dar conta disso, realmente, irmã White, eu não sabia o que dizer, e ainda não sei.

". . . Quando pontos de vista e movimentos vêm à tona . . . que . . . minarão inteiramente o seu trabalho, e abala a fé na mensagem, eu não posso senão ter meus sentimentos a respeito da questão; e pode imaginar que deve parecer-me uma situação estranha, quando, devido a ter aventurado uma palavra de precaução sobre alguns outros desses pontos, sou apresentado em público como alguém que está atirando no escuro, e que não sabe contra o que se está opondo.

Creio que sei em certo grau a que me estou opondo. Talvez eu não conheça a extensão plena dessa obra de inovação e desintegração que está em marcha; mas vejo o suficiente para sentir alguma ansiedade. Creio que estou disposto a receber luz em qualquer ocasião, de qualquer um. Mas o que se alega ser luz deve, para mim, demonstrar-se em harmonia com as Escrituras e basear-se em razões boas e sólidas que convençam o julgamento, antes que me pareça luz. E quando alguém apresenta algo que tenho há muito sabido e crido, é-me impossível chamar isso de nova luz." (Carta de Urias Smith, 17 de fevereiro de 1890).

Pode dar-se o caso de haver muitos "Urias Smiths" na igreja hoje, tão exatamente sinceros e razoáveis em sua oposição convicta à luz que na providência de Deus deve ainda iluminar a terra com glória?

É penoso olhar sobre os ombros de nossos irmãos de Battle Creek de um século atrás e ler suas cartas. Mas pode fazer-nos bem reconhecer que algum dia outros lerão nossas cartas. E anjos corretamente discernirão nossa verdadeira atitude de coração para com a obra de Deus.

Uma profunda inimizade íntima contra a mensagem da justiça de Cristo tornou possível que bons irmãos de eras passadas se pusessem a espalhar rumores infundados e relatórios distorcidos. Ellen White freqüentemente comparava a situação com os judeus que se opunham a Cristo. Eles também tinham boa lógica e argumentos bem elaborados de sua parte. Pensavam que viam evidência escriturística que Lhe tornava impossível ser o verdadeiro Messias. Já viera algum profeta da Galiléia? Algum dos líderes em Jerusalém crera nEle? (João 7:48-52). E Sua personalidade também os fazia desviar-se ao caminho errado.

É demasiado tarde agora para nossos irmãos de um século atrás cavarem o suficientemente fundo em suas almas para se arrependerem de rejeitar o mais significativo derramamento do Espírito Santo desde o Pentecoste.

Graças a Deus, não é ainda tarde demais para que o façamos, pois podemos facilmente ver-nos neles.

1. Cartas escritas por Dan T. Jones são encontradas nos Arquivos e Estatísticas da Associação Geral, Grupo de Registro 25. Usadas com permissão.

2. A posição de Waggoner a que Dan Jones, Urias Smith e outros se opunham é apresentada no seu livro *The Glad Tidings* [As boas novas] (Pacific Press, ed. revista, pp. 71-104). A posição de seus oponentes está perpetuada no *Seventh-day Adventist Bible Commentary* [Comentário bíblico adventista do sétimo dia] e *Bible Dictionary* [Dicionário bíblico]. Ellen White diz que Lhe foi mostrado que a posição de Waggoner é correta: "Na noite antes da última foi-me mostrado que evidências a respeito dos concertos eram claras e convincentes. Tu mesmo [Smith], o irmão Dan Jones, o irmão Porter e outros estais gastando vossos poderes de investigação para nada a fim de produzir uma posição sobre os concertos que contradiz a posição que o irmão Waggoner apresentou" (Carta 59, 1890; ver também Carta 30, 1890). Dan Jones relata que Waggoner "acusava os homens da liderança na Associação Geral de terem [implicitamente] endossado a posição de [D. M.] Canright sobre os concertos, estando o irmão Smith entre os restantes", o que, logicamente, eles negavam (Carta a Butler, 13 de fevereiro de 1890). É triste dizer que Waggoner estava correto; é ainda mais triste que após quase um século, essa belíssima verdade de boas novas sobre os dois concertos ainda não tenha encontrado nossa aceitação.

3. Os críticos modernos de Urias Smith e Ellen White estão equivocados em atribuírem a ela uma significativa mudança de sua posição quanto à lei em Gálatas. Ela instava J. H. Waggoner a não dar destaque a sua opinião de que a lei em Gálatas é a lei moral, mas parece não haver evidência de que lhe disse o que Smith julgava que dissera. Sem dúvida, J. H. Waggoner não apreendeu as verdades mais amplas de Gálatas que aquecem o coração tão claramente como o seu filho mais tarde. Ela não podia endossar a mensagem do pai como "mais preciosa". Smith equivocadamente baseou-se num fato parcial para condenar a luz adicional que o Senhor enviara mediante o filho de Waggoner em 1888.

4. Arquivos e Estatísticas da Associação Geral, Grupo de Registro 11. Usado com permissão.

5. O Problema Fundamental: Como Avaliar a Mensagem de 1888

O erro de presumir que "nós" aceitamos a mensagem de 1888 parte de um erro ainda mais profundo de incompreensão, ou seja, qual foi realmente a mensagem.

O ponto de vista endossado oficialmente de que foi aceita deve também levar em consideração que nada houve de peculiarmente adventista a respeito dela. A mensagem é avaliada como "a doutrina da justificação pela fé", ou seja, a mesma "doutrina" que os protestantes têm crido por centenas de anos. O trecho seguinte, de um de nossos estimados autores, um vice-presidente da Associação Geral, é típico dessa opinião amplamente aceita da mensagem:

"Alguns podem indagar, o que foi esse ensino de justificação pela fé que se tornou o alicerce do grande reavivamento adventista de 1888, como ensinada e realçada pela Sra. White e outros? Tratava-se da mesma doutrina que Lutero, Wesley, e muitos outros servos de Deus haviam estado ensinando." (L. H. Christian, The Fruitage of Spiritual Gifts [Os frutos dos dons espirituais], p. 239).

Seria extremamente humilhante confessar que "nós" rejeitamos "a mesma doutrina que Lutero, Wesley, e muitos outros servos de Deus haviam estado ensinando". Então, devemos dizer que aceitamos "a doutrina" em 1888 e após isso.

Conquanto outro escritor de autoridade admita que a mensagem de 1888 fosse "a terceira mensagem angélica em verdade", como Ellen White a caracterizou (RH, 1º de abril de 1890), ele confunde a questão insistindo em que muitos líderes evangélicos não-adventistas também proclamavam "a mesma ênfase . . . geral", tendo obtido sua mensagem "da mesma Fonte". Sem exceção, todos esses livros altamente recomendados de anos recentes deixam implícito logicamente que a "verdade" da mensagem do terceiro anjo nada mais é do que o ensino protestante popular. Nenhum toma uma posição coerente de avaliar a mensagem de 1888 como Ellen White o fez, nem reconhece qualquer elemento singularmente adventista nela. Observem a insistência de Froom:

"Homens de fora do movimento adventista -- [tinham] a mesma preocupação geral e ênfase, e foram suscitados por volta da mesma ocasião. . . . O impulso manifestamente veio da mesma Fonte. E quanto à época, a Justificação pela Fé centralizou-se no ano de 1888.

"Por exemplo, as renomadas Assembléias Keswick da Grã-Bretanha foram fundadas para 'promover a santidade prática'. . . . Cerca de cinqüenta homens poderiam ser facilmente alistados nas décadas finais do século dezanove e primeira décadas do século vinte . . . todos dando essa ênfase geral." (Froom, Movement of Destiny, pp. 329, 320; destaques do original).

A conclusão é lógica e irrecorrível: devemos ir a essas fontes para obter a "doutrina" e aprender como ensinar justificação pela fé. E temos feito isso, por décadas, a despeito do fato de que a tendência desse ponto de vista sobre justificação pela fé é antinomista [contra a lei].

Podemos crer que esses líderes evangélicos eram homens bons, sinceros, vivendo à altura de toda a luz que possuíam. Mas acaso proclamavam "a mensagem do terceiro anjo *em verdade*", como Ellen White descrevia a mensagem de 1888? Nosso autor admite que conquanto eles "não entendessem nossa mensagem específica", isto é, o sábado e o estado dos mortos e outras doutrinas "peculiares", não obstante proclamavam "a mesma . . . justificação pela fé" que o Senhor nos concedeu em 1888. Contudo, em contraste, Ellen White insiste que a mensagem de 1888 contém um nutrimento espiritual peculiar que conduz à "obediência a todos os mandamentos de Deus" (TM 92).

A posição dessas autoridades logicamente apóia o ponto de vista de nossos oponentes de que nada há de especial quanto ao cerne da mensagem adventista do sétimo dia. Isso incentiva a sua perspectiva de que à parte de seja quanto da "doutrina" evangélica possamos tomar por empréstimo dos evangélicos, a essência do adventismo do sétimo dia é o legalismo. Certamente, pois, não temos qualquer mandato para chamar o mundo cristão a julgamento e arrependimento.

Qual é a verdadeira avaliação da mensagem de 1888? Tratava-se da "mesma doutrina" que os reformadores protestantes e os evangélicos do século 19 ensinavam, como nossos autores insistem? Ou era uma compreensão distinta e única do "evangelho eterno" em relação com nossa doutrina especial do santuário? Nossos autores endossados oficialmente ignoram todos qualquer relação especial com o santuário.

A verdade disso é crucial para o entendimento de nossa identidade como um povo.

Se a mensagem de 1888 foi somente a doutrina protestante histórica de justificação pela fé, defrontamos alguns problemas sérios:

(1) Suponhamos que aceitemos que Ellen White esteja correta ao dizer repetidamente que a mensagem de 1888 foi objeto de resistência e rejeição; segue-se, necessariamente, que a liderança da Igreja Adventista do Sétimo Dia rejeitou a "mesma doutrina" que Lutero e Wesley ensinaram concernente a justificação pela fé.

Em outras palavras, o dizermos que a mensagem de 1888 era a "mesma doutrina" que Lutero, Wesley . . . haviam estado ensinando" logicamente requer que nossos antepassados de 1888 rejeitaram a posição protestante histórica. Tal rejeição seria tão desastrosa quanto a rejeição de Lutero por Roma, ou a rejeição de Wesley, pela Igreja da Inglaterra! Seria equivalente a uma queda espiritual tão má quanto a queda de Babilônia.

Mas isso não pode ser, pois destruiria a Igreja. Assim, nossos autores são forçados a presumir que "nós" aceitamos a mensagem de 1888, e tivemos um "grande . . . reavivamento".

(2) Novamente, se a opinião de que a mensagem de 1888 foi "a mesma doutrina" dos reformadores, isso requereria que "Lutero, Wesley, e muitos outros servos de Deus" dos séculos 16 ao 19 tivessem pregado "a terceira mensagem angélica *em verdade*". Assim, os adventistas do sétimo dia não podem logicamente ver sua identidade nas três mensagens angélicas de Apocalipse 14.

Alguns anos atrás Louis R. Conradi, nosso líder na Europa, seguiu essa idéia oficial a seu final lógico e manteve que Lutero pregava a terceira mensagem angélica no século 16. Conradi com o tempo deixou a Igreja. (Ele havia também sido um opositor da mensagem da assembléia de 1888). E hoje estamos perdendo pastores, membros e jovens pela mesma razão básica -- nada vêem em peculiar e atraente em nossa mensagem do evangelho porque esses pontos de vista endossados oficialmente deixam implícito que nada há de singular a respeito.

Acaso nossos historiadores de confiança puseram sem querer em curto circuito o Movimento Adventista que tem um destino a cumprir? Se assim for, grande dano foi feito, pois idéias publicadas com autoridade desempenham um grande impacto sobre a Igreja mundial.

Reiteração da Posição Sobre 1888

Outro ponto de vista altamente endossado quanto à mensagem de 1888 é que representou uma mera "reiteração" do que os pioneiros adventistas tinham crido desde os nossos primórdios, uma recuperação de um equilíbrio homilético na doutrina e pregação, temporariamente perdida entre 1844 e 1888. Esse ponto de vista tem chegado a ser amplamente acatado. Alguns poucos exemplos são suficientes:

"Esta assembléia [de 1888] . . . provou-se ser o início de uma reiteração desta gloriosa verdade, que resultou num despertar espiritual entre nosso povo." (M. E. Kern, RH, 3 de agosto de 1950).

"O maior acontecimento dos anos oitenta na experiência dos adventistas do sétimo dia foi a recuperação, ou a reiteração e nova conscientização, de sua fé na doutrina básica do cristianismo: 'saber que um homem não é justificado pelas obras da lei, mas pela fé de Jesus Cristo'" (A. W. Spalding, Captains of the Host [Capitães da Hoste], p. 583).

"Houve aqueles que aceitaram a ênfase [de 1888] sobre justificação pela fé; na outra extremidade os que pensavam que essa ênfase ameaçava os 'velhos marcos'. . .

"A reação da Igreja durante os anos noventa à nova ênfase sobre justificação . . . foi mista." (N. F. Pease, The Faith That Saves [A Fé que Salva], pp. 40, 45; 1969).

Se esta posição de "reiteração" (ou "ênfase") estiver correta, algumas indagações adicionais podem ser suscitadas:

(1) Como líderes conscienciosos puderam resistir, rejeitar ou mesmo negligenciar uma reiteração do que eles próprios sempre creram e tinham pregado por vinte, trinta ou quarenta anos antes? Ou se essa sessão de 1888 incluía uma nova geração de pregadores adventistas, como poderiam eles rejeitar uma "gloriosa verdade" que seus antepassados imediatos não tinham estado pregando?

(2) Novamente, como poderíamos defender-nos contra a acusação de que a Igreja Adventista sofreu uma queda moral semelhante à de Babilônia se aceitamos o ponto de vista de que os irmãos em

1888 rejeitaram a reiteração da verdade que criam no início do movimento adventista? Quando alguém está subindo, e subitamente vem para trás, isso é uma "queda".

Deploramos os grupos desviados e as críticas descaridas dos que injustamente dizem que a igreja caiu como o fez Babilônia. Não cremos nisto. *Mas a versão oficial de nossa história sobre 1888 logicamente admite esse desencorajador ponto de vista.* Muitas mentes pensantes seguem-no às suas últimas conclusões, como o fez Conradi. Quanto mais descartamos as verdades de 1888, mais evidente se torna que grupos desviados, fanatismo, apostasias, e morna complacência proliferam, devido a nosso fracasso perdurável em reconhecer essas realidades.

Este capítulo apresentará evidência de que a mensagem de 1888 não foi uma mera reiteração das doutrinas de Lutero e Wesley, nem mesmo dos pioneiros adventistas. Nem foi uma reedição do que os oradores de Keswick e líderes protestantes populares da época ensinavam como "doutrina da justificação pela fé". Foi muito maior do que isso! *Tratou-se do "começo" de um conceito mais maduro do "evangelho eterno" do que havia sido claramente percebido por qualquer geração prévia. Foi o "começo" do derramamento final do Espírito Santo como a chuva serôdia.* Foi o anúncio inicial da mensagem do quarto anjo de Apocalipse 18. Deveria ser uma bênção sem precedentes desde o Pentecoste (cf. FCE 473; RH, 3 de junho de 1890).

Isso não significa dizer que os mensageiros de 1888 eram maiores do que Paulo, Lutero, Wesley, ou qualquer outro, nem que eles eram estudantes mais brilhantes e inteligentes. A mensagem que traziam era simplesmente a "terceira mensagem angélica em verdade", um entendimento de justificação pela fé paralela à doutrina do "tempo do fim" da purificação do santuário celestial, onde o Sumo Sacerdote ministra no Dia da Expição antitípico no Compartimento Santíssimo, sendo com ela coerente (cf. EW 55, 56, 250-254, 260, 261). Ele entrou nessa última fase de Sua obra em 1844. De lá Ele ministra a verdadeira justificação pela fé àqueles que O seguem pela fé. Daí, *há* algo peculiar a respeito de justificação pela fé à luz do Dia da Expição, e a mensagem de 1888 o reconhece.

Se tivesse obtido livre curso para plena e cordial aceitação e desenvolvimento teológico, a mensagem teria preparado uma comunidade de cristãos para encontrar o Senhor "sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito", "sem contaminação perante o trono de Deus". Era intenção de Seu Divino Autor amadurecer as "primícias para Deus e o Cordeiro". Se isso não for verdade, a credibilidade de toda a vida de Ellen White será afetada, bem como nosso respeito próprio denominacional.

Ademais, a óbvia e inegável rejeição dessa mensagem não constituiu uma queda moral ou espiritual da Igreja remanescente envolvendo um repúdio da teologia protestante. Foi, antes, a captura de seu desenvolvimento espiritual ordenado, uma pobre cegueira e falta de habilidade em reconhecer a consumação escatológica do amor e chamado do Senhor.

A rejeição dessa mensagem virtualmente eclipsou um entendimento ético e prático da purificação do santuário celestial. Deixou somente a capa exterior da estrutura doutrinal, tal como as provas cronológicas dos 2300 anos, e o conceito mecânico do "juízo investigativo" como pregado por nós antes de 1888. Nosso próprio crescimento retardado em entendimento tem atraído a zombaria de nossos oponentes evangélicos que fazem pouco caso desta verdade peculiar adventista como "balofa, mofada e sem proveito". É por isso que tantos dentre nossa própria gente, especialmente os nossos jovens, vêem a "doutrina" do santuário como entediante e irrelevante.

O Que Ellen White Via na Mensagem de 1888

Tão logo ouviu um pouco da mensagem do Dr. Waggoner em Mineápolis (pela primeira vez e por casualidade), ela reconheceu ser a "preciosa luz" em harmonia com o que tinha estado "tentando apresentar" durante os 45 anos anteriores. Ela não experimentou ciúme, mas acolheu bem os mensageiros e sua mensagem. Era um desenvolvimento adicional, em plena harmonia com a luz passada, mas nunca claramente pregada antes:

"Vejo a beleza da verdade na apresentação da justiça de Cristo em relação com a lei de Deus tal como o Doutor tem-na apresentado diante de vós. Dizeis, muitos dentre vós, que é luz e verdade. Contudo, não a tendes apresentado em sua luz daí em diante. . . . Isso que foi apresentado se harmoniza perfeitamente com a luz que Deus tem-Se comprazido em dar-me durante todos os anos de minha experiência. Se nossos irmãos ministrantes aceitassem a doutrina que tem sido apresentada tão claramente . . . o povo seria alimentado com sua porção de alimento no tempo certo." (Ms. 15, 1888; Olson, op. cit., pp. 284, 295).

Os próprios irmãos em Mineápolis entenderam que a mensagem era uma revelação de nova luz, antes que uma reiteração do que se havia pregado anteriormente. Isso está implícito como segue:

"Um irmão perguntou-me se eu pensava que havia alguma nova luz que deveríamos ter, ou quaisquer novas verdades? . . . Bem, devemos parar de pesquisar as Escrituras porque temos a luz sobre a lei de Deus, e o testemunho de Seu Espírito? Não, irmãos." (Ms. 9, 1888; Olson, pp. 292, 293).

Assim, a mensagem de 1888 foi algo que os irmãos não haviam compreendido anteriormente. Houve uma falha em apreciar o cerne e veracidade da terceira mensagem angélica, apreendendo somente suas formas exteriores:

"Há somente alguns poucos, mesmo daqueles que reivindicam crer, que entendem a terceira mensagem angélica; contudo esta é a mensagem para este tempo. É a verdade presente. Mas quão poucos assumem esta mensagem em seu verdadeiro peso e a apresentam ao povo em seu poder. Com muitos tem somente pequena força. Disse-me o meu guia: 'Há muita luz ainda para brilhar da lei de Deus e do evangelho da justificação. Esta mensagem entendida em seu verdadeiro caráter, e proclamada no Espírito, iluminará a terra com a sua glória.'" (Ms 15, 1888; Olson, p. 296).

"A obra peculiar do terceiro anjo não tem sido vista em sua importância. Deus intencionou que o Seu povo estivesse bastante adiantado da posição que ocupa hoje... Não está no ordenamento de Deus que a luz seja ocultada de nosso povo -- a própria verdade presente de que carece para este tempo. Nem todos os nossos pastores que estão dando a terceira mensagem angélica, realmente entendem o que constitui essa mensagem. " (5Testimonies 714, 715).

Ellen White nunca, nem uma vez sequer, empregou a palavra "reiteração" ou mesmo "ênfase" com respeito à mensagem de 1888. Claramente, ela parecia ser nova luz, o que contradizia idéias mantidas pelos irmãos, tal como os judeus imaginavam que Cristo contradizia Moisés quando de fato a Sua mensagem cumpria Moisés. O seu contexto é a mensagem e o seu recebimento:

"Vemos que o Deus do céu às vezes comissiona homens para ensinar o que é considerado como contrário às doutrinas estabelecidas. Devido a que os que outrora foram depositários da verdade se tornaram infiéis a seu sagrado legado, o Senhor escolheu outros que recebessem os brilhantes raios do Sol da justiça, e advogassem as verdades que não estavam em harmonia com as idéias dos líderes religiosos. . . .

"Mesmo os adventistas do sétimo dia estão em perigo de fechar os olhos à verdade como está em Jesus, porque ela contradiz algo que têm assumido como verdade, mas que o Espírito Santo ensina não ser verdade." (30 de maio de 1896; TM pp. 69, 70).

Havia um princípio que tornava uma revelação antecipada de "nova luz" necessária em 1888. Isso é declarado em um dos sermões de Ellen White em Mineápolis:

"O Senhor necessita de homens que sejam . . . atuados pelo Espírito Santo, que estejam certamente recebendo o maná recém vindo do céu. Sobre as mentes desses, a palavra de Deus emite luz. . . ."

"Aquilo que Deus concede a Seus servos para falar hoje talvez não tivesse sido verdade presente há vinte anos, mas é a mensagem de Deus para este tempo." (Ms. 8a, 1888; Olson, pp. 273, 274).

Houve uma distinta diferença em sua mente entre a mensagem da justificação pela fé como apresentada em 1888 e a "mensagem passada" que o Senhor apresentou antes de 1888. Conquanto não devesse haver contradição, deve haver desenvolvimento adicional: *"Desejamos a mensagem passada e a nova mensagem."* (RH, 18 de março de 1890). (Mas os apelos dela não são uma licença ao fanatismo ou idéias novas irresponsavelmente proclamadas).

Numa série de artigos da *Review* no princípio de 1890, Ellen White debateu a verdade da purificação do santuário em conexão com a controvertida mensagem de justificação pela fé de 1888. Cada verdade complementava a outra. Houve uma desesperada necessidade por mais profundo entendimento do evangelho eterno com relação ao Dia da Expição:

"Estamos no dia da expiação, e devemos operar em harmonia com a obra de Cristo de purificação do santuário. . . . Devemos agora apresentar perante as pessoas a obra que pela fé vemos nosso grande Sumo-sacerdote realizando no santuário celestial." (RH, 21 de janeiro de 1890).

"A obra mediatória de Cristo, os grandes e santos mistérios da redenção, devem ser estudados e compreendidos pelo povo que reivindica ter luz superior a todos os outros povos sobre a face da Terra. Estivesse Jesus pessoalmente sobre a Terra, Ele teria se dirigido a um número maior dos que reivindicam crer na verdade presente com as palavras com que Se dirigiu aos fariseus: 'Errais não conhecendo as Escrituras, nem o poder de Deus'. . . ."

"Há velhas, contudo novas verdades para serem ainda acrescentadas aos tesouros de nosso conhecimento. Não compreendemos ou exercemos fé como deveríamos. . . . Não somos chamados para adorar e servir a Deus pelo uso de meios empregados em anos anteriores. Deus requer agora serviço mais elevado do que nunca antes. Requer o desenvolvimento dos dons celestiais. Ele nos tem posto numa posição em que precisamos de coisas melhores e mais elevadas do que nunca antes se deu." (*ibid.*, 25 de fevereiro de 1890).

"Temos estado ouvindo Sua voz mais distintamente na mensagem que tem avançado pelos últimos dois anos. . . . Temos somente começado a obter um pequeno lampejo do que seja a fé." (*ibid.*, 11 de março de 1890).

É, pois, evidente que:

1. A mensagem de 1888 foi "luz" que os irmãos não haviam visto nem apresentado "até então".
2. Era o nosso "alimento no tempo certo"--alimento para hoje, não o maná restaurado de ontem.

3. Ellen White ouvira em Mineápolis pela primeira vez uma exposição doutrinária do que estivera "tentando apresentar" o tempo todo -- os incomparáveis encantos de Cristo à luz de Seu ministério do Dia da Expição. Nenhum outro lábio humano o havia pregado.
4. Ela reconheceu em E. J. Waggoner um agente empregado pelo Senhor para uma revelação avançada da verdade a Seu povo e ao mundo.
5. A "verdade" da terceira mensagem angélica não havia sido compreendida pelos nossos pastores porque eles não tinham avançado em entendimento como deveriam ter feito há quarenta e quatro anos após o início da purificação do santuário. Em vez disso, luz adicional havia sido omitida do povo.
6. Os irmãos na época entenderam o apoio dela a Waggoner e Jones como uma recomendação da nova luz que traziam. Não foi um chamado a seu entendimento original das "doutrinas estabelecidas". Opunha-se à mera reiteração de antigos entendimentos. Caso os irmãos Butler, Smith e outros assim o entendessem, não a teriam fortemente defendido, em lugar de se oporem a ela, como o fizeram?
7. Portanto, o que os irmãos rejeitaram foi o chamado para "mudanças bastante decisivas". Eles não recusaram recuar; recusaram avançar. Assim, tentaram permanecer parados -- algo bem difícil para qualquer exército que está em marcha.

A Luz de 1888 e o Começo da Luz Maior

Ellen White freqüentemente falava da certeza de que o Senhor enviaria nova luz se e quando o Seu povo estivesse disposto a recebê-la. O trágico "se e quando" é necessário apenas porque o novo vinho deve ter novos odres, e isso significa uma crucifixão do eu (cf. Mateus 9:16, 17):

"Se pela graça de Cristo o Seu povo tornar-se novos odres, Ele os encherá com o novo vinho. Deus concederá luz adicional, e velhas verdades serão recuperadas e recolocadas no edifício da verdade; e onde quer que os trabalhadores forem, triunfarão. Como embaixadores de Deus, devem pesquisar as Escrituras para buscar as verdades que têm estado ocultas sob o entulho do erro." (ibid., 23 de dezembro de 1890).

"Uma grande obra deve ser feita, e Deus vê que nossos irmãos dirigentes têm necessidade de luz maior, para que possam unir-se harmonicamente com os mensageiros a quem Ele enviará para realizar a obra que Ele determina que realizem." (ibid., 26 de julho de 1892).

Pode haver qualquer dúvida de que a mensagem de 1888 foi o começo da mensagem do quarto anjo, que une a sua voz com a do terceiro anjo? Nem o *The Fruitage of Spiritual Gifts* [Os frutos dos dons espirituais] (Christian), o *Captains of the Host* [Capitães da hoste] (Spalding), o *Through Crisis to Victory* [Através da crise à vitória] (Olson), o *The Lonely Years* [Os anos de solidão] (A. L. White), nem a recente "Declaração" do Patrimônio White inserido em *Selected Messages* [Mensagens escolhidas], Vol. 3, (pp. 153-163), faz uma única alusão a esse fato. O mesmo é verdade quanto ao artigo sobre a assembléia de 1888 na edição da primavera de 1985 de *Adventist Heritage* [Herança adventista]. Nossa *Seventh-day Adventist Encyclopedia* [Enciclopédia adventista do sétimo dia] discute a mensagem de 1888 em vários artigos, mas nunca a reconhece pelo que foi (pp. 634, 635, 1086, 1201, 1385).

Essa omissão de verdade vital é impressionante. Assemelha-se à prontidão dos judeus em reconhecer Jesus de Nazaré como um grande rabino, enquanto deixam de vê-Lo como o Messias. Mas a lógica e a coerência requerem esta manobra especial por aqueles que insistem em dizer que a mensagem de 1888 foi aceita. Precisam virtualmente ignorar o fato de que a mensagem foi o começo da chuva serôdia e do alto clamor, ou terão que explicar como uma obra que deveria ter-se espalhado "como fogo na palha seca" tem se arrastado por quase um século, quando poderia ter iluminado o mundo há muito tempo se "nossos irmãos" a tivessem verdadeiramente aceito (Carta B2a, 1892; GCB 1893, p. 419).

Observem como Ellen White viu claramente a mensagem de 1888 à luz de Apocalipse 18:

"Várias pessoas me têm escrito, indagando se a mensagem de justificação pela fé [de 1888] é a mensagem do terceiro anjo, e tenho respondido: "É a mensagem do terceiro anjo em verdade". O profeta declara: "E após isso vi outro anjo descendo do céu, tendo grande poder; e a terra foi iluminada com a sua glória." [Apocalipse 18:1] (RH, 1º de abril de 1890).

"O alto clamor do terceiro anjo já começou na revelação da justiça de Cristo. . . Este é o começo da luz do anjo cuja glória encherá toda a terra." (ibid., 22 de novembro de 1892).

Se essa tremenda mensagem deve ser proclamada pelos reavivalistas protestantes populares, não temos razão de existir como um povo especial.

A Luz Apagada do Alto Clamor

O Senhor é misericordioso e longânimo, e pronto a perdoar. Ele restaura o que se perdeu sob condição de arrependimento. Mas não podemos permitir que a confusão neutralize a parábola de 1888.

Se aqueles que se opuseram à luz em Mineápolis mais tarde se arrependessem verdadeiramente e obtivessem o perdão, por que não foi o propósito original da mensagem de 1888 cumprido? É certo que não houve reavivamento e reforma coerente em escopo e efeito com o que viria, caso a luz tivesse sido aceita. O Senhor não enviou mais luz além daquele fatídico "começo". Podemos perguntar, por quê?

Em ocasião alguma entre 1888 e 1901 a liderança responsável da Igreja manifestou um firme propósito de retificar o trágico erro de 1888. Dúvida, suspeita, desconfiança da mensagem e dos mensageiros prosseguiram mesmo por décadas.

Conquanto essa tragédia tenha se passado, não há necessidade de concluir que o Senhor retirou Suas bênçãos de Seu povo. O que foi desprezado e rejeitado foi a chuva serôdia, mas a chuva *temporã* tem continuado a cair. Inumeráveis almas têm sido conduzidas ao Senhor durante o século passado -- inclusive cada leitor deste livro. Nenhuma pessoa que teve parte na história de 1888 está vivendo hoje.

Deus não Se esqueceu do Seu povo. Mas nossa atitude atou Sua mãos, tornando impossível que Ele enviasse mais derramamento de chuva *serôdia*. Ele não poderia e não desejou lançar Suas pérolas mais preciosas perante aqueles que não reverenciam Sua graça mais abundante. Portanto, essas chuvas da chuva serôdia cessaram após o derramamento inicial ter sido persistentemente repudiado. Ele não está além da capacidade de ser ofendido.

Num sermão que despertou a reflexão, em linguagem quase cifrada, Ellen White falou de como Elias foi alimentado por uma viúva *fora* de Israel porque os que se achavam em Israel e que tinham luz não viveram à altura dela. "Eles eram o povo de mais dura cerviz no mundo, os mais difíceis de impressionar com a verdade", disse. O sírio Naamã foi purificado da lepra enquanto os israelitas leprosos permaneciam contaminados. Quando os habitantes de Nazaré se levantaram contra o Filho de Maria, "alguns" estavam prontos para aceitá-Lo como o Messias, mas uma influência "pressionou-os" a abafar a sua convicção. Essas foram ilustrações de nossa história de 1888:

"Mas aqui uma condição de descrença se levanta: Não é este o filho de José? . . . O que fizeram eles em sua loucura? 'Levantaram-se e O expulsaram da cidade'. Aqui desejo dizer-vos quão terrível coisa é quando Deus concede luz, e ela impressiona o coração e espírito. . . Ora, Deus foi aceito em Nazaré por alguns; o testemunho aqui esteve de que Ele era Deus; mas uma influência contrária pressionou-os . . . o que levaria os corações a descrever." (Ms. 8, 1888; Olson, pp. 263, 264).

Essa "influência contrária" é um fator significativo em nossa história de 1888. Dois dias antes ela havia advertido que os passos da descrença que se haviam dado comprovar-se-iam finais para aquela geração no tocante a luz adicional da chuva serôdia:

"Estamos perdendo muitas bênçãos que poderíamos ter tido nesta assembléia [Mineápolis], porque não avançamos em nossos passos na vida cristã, como nosso dever é apresentado perante nós; e essa será uma perda eterna." (ibid., Olson, p. 257).

"Essa luz que deve encher toda a Terra com a sua glória foi desprezada por alguns que reivindicam crer na verdade presente. . . . Eu não sei, mas alguns têm até agora ido longe demais para retornarem e se arrependerem." (TM 89, 90; 1896).

"Se esperais que luz venha numa maneira que agrade a todos, esperareis em vão. Se esperardes por chamados mais altos ou melhores oportunidades, a luz será retirada, e sereis deixados em trevas." (5T 720).

Falando de uma reunião de líderes e ministros em 1890, Ellen White revelou o patético quadro de Jesus sendo rejeitado tal como a enamorada em Cantares de Salomão 5:2ss fez o seu amado afastar-se: "Cristo bateu à porta em busca de entrada mas não houve lugar para acolhê-Lo, a porta não foi aberta e a luz de Sua glória, tão próxima, foi retirada" (Carta 73, 1890).

A Fonte de Incompreensão Reformacionista

Esforços zelosos por décadas para descartar a mensagem de 1888 como "nova luz" tende a desviar atenção favorável da própria mensagem para os conceitos populares não-adventistas do protestantismo. Esse foi o caso por quase sessenta anos, começando em torno dos anos da década de 1920. *Christ Our Righteousness* [Cristo, Justiça nossa], de A. G. Daniells em 1926 não percebeu nada peculiar na mensagem de 1888, mas equivocadamente interpretou-a como estando "em perfeita harmonia com o melhor ensino evangélico [não-adventista]" (Pease, *By Faith Alone* [Pela fé somente], p. 189).

Essa longa tradição tem, indubitavelmente, lançado os fundamentos do êxito de correntes atuais de conceitos de justificação pela fé semelhantes aos mantidos pelos teólogos calvinistas "reformacionistas". Se os não-adventistas possuem a verdade quanto à justificação pela fé, temos

que necessariamente importar deles a verdade. *Mas no processo de fazê-lo, as verdades de 1888 têm sido negligenciadas, e mesmo sido opostas.*

O que se segue tipifica esta posição amplamente acatada. Ela confunde seriamente as posições reformacionistas com a mensagem de 1888. Eis um exemplo do venerável fundamento sobre que repousa a fenomenal confusão de décadas recentes:

"A justificação pela fé [de 1888] não era nova luz. Há os que têm mantido a errônea idéia de que a mensagem da justiça de Cristo era uma verdade desconhecida ao movimento adventista até o tempo da assembléia de Mineápolis, mas o fato é que nossos pioneiros a ensinavam desde o princípio mesmo da Igreja do advento. Quando eu era um jovem pregador, ouvi por diversas vezes nossos veteranos, como J. G. Matteson e E. W. Farnsworth, declararem que justificação pela fé não era um ensinamento novo em nossa Igreja." (Christian, The Fruitage of Spiritual Gifts [Os frutos dos dons espirituais], pp. 225, 226).

É triste dizer que alguns desses "veteranos" não eram receptivos à luz crescente de 1888. Essa insistência em que a mensagem de 1888 não era nova luz foi a insígnia familiar da *oposição* dessa época. Não muito depois da assembléia de Mineápolis, R. F. Cottrell escreveu um artigo para a *Review* atacando a mensagem de 1888, perguntando: "Onde está a Nova Ruptura?" (RH, 22 de abril de 1890). W. H. Littlejohn igualmente atacou a mensagem com um artigo em 16 de janeiro de 1894, intitulado, "Justificação Pela Fé Não é Nova Doutrina". Ambos deixavam de reconhecer o que estava acontecendo em seus dias -- a iniciação da chuva serôdia.

Alguns autores têm citado isoladamente declarações de Ellen White, distorcendo-as, em apoio à mesma tese de oposição--de que não se tratava de nova luz. Mas ela não se contradiz nesse importante ponto. Examinemos as declarações empregadas em apoio à posição de "reiteração". Devemos conceder-lhes uma justa atenção:

"O Pr. E. J. Waggoner teve o privilégio [em Mineápolis] da concessão de falar claramente, apresentando suas posições sobre justificação pela fé e a justiça de Cristo com relação à lei. Isso não era nova luz, mas a velha luz colocada onde deveria estar na terceira mensagem angélica. . . Não era nova luz para mim, pois me havia vindo de autoridade mais elevada pelos últimos quarenta e quatro anos." (Ms. 24, 1888; 3 SM 168; Olson, p. 48).

"Obreiros na causa da verdade deveriam apresentar a justiça de Cristo, não como nova luz, mas como preciosa luz que por um tempo foi perdida de vista pelo povo." (RH, 20 de março de 1894; Olson, p. 49).

Essas declarações não dizem que a mensagem de 1888 em sua plenitude não foi a nova luz da chuva serôdia e do alto clamor. No contexto, a declaração do Ms. 24, de 1888 foi escrita para refutar o preconceito de irmãos oponentes que depreciavam a mensagem como meramente uma novidade de origem humana. Toda luz é eterna; nenhuma é estritamente "nova". Mas era certamente novo para os nossos irmãos em 1888 e para as nossas congregações. E teria sido novo para o mundo se a houvéssemos proclamado!

E seja o que foi a luz de 1888, nova ou velha, é óbvio que ninguém mais a havia pregado entre nós durante aqueles "últimos quarenta e quatro anos" (Ms. 5, 1889; MS. 15, 1888; Olson, p. 295). Mais adiante, no manuscrito de 1889, Ellen White declarou que a mensagem inteira de 1888 provar-se-ia realmente "nova luz" se a comissão evangélica devesse ser terminada naquela geração:

"Perguntas foram feitas naquela época: 'Irmã White, acha que o Senhor tem alguma nova e aumentada luz para nós como um povo?' Eu respondia: 'Certamente. Não só penso assim, mas posso falar com entendimento. Sei que há preciosa verdade a ser-nos desdobrada se somos o povo que deve permanecer de pé no dia da preparação de Deus.'" (3SM 174).

Os adventistas do sétimo dia não devem cultivar a reputação de serem inventores de novas doutrinas, mas reparadores de brecha, restauradores de veredas para nelas habitar, descobridores dos velhos caminhos. Tal apresentação desarmará o preconceito, enquanto a apresentação da verdade como algo inventado há pouco despertará oposição.

Mas isso não nega que a mensagem de 1888 foi uma revelação avançada para a igreja. Conquanto a convicção de Ellen White gradualmente se aprofundasse no sentido de que se tratava do cumprimento da profecia de Apocalipse 18, ela via como se harmonizava com o conceito peculiar da purificação do santuário celestial. Esse era o cérebro da mensagem.

Esta é uma verdade que os sinceros amigos protestantes nunca compreenderam. Poderia uma razão disso ser que nós jamais a tornamos clara a eles?

É chocante aos judeus ortodoxos que têm orado pela vinda do seu Messias reconhecer que Ele veio há muito tempo mas foi rejeitado por seus antepassados. Não é menos chocante aos adventistas do sétimo dia que se mantêm orando pelo derramamento da chuva serôdia reconhecer que a bênção veio um século atrás, mas foi rejeitada por seus antepassados.

1. Não há evidência de que Ellen White assumisse a missão de Jones e Waggoner, assim fazendo-os redundantes. Contudo, a idéia comumente prevalecente hoje é de que a mensagem deles é redundante porque Ellen White escreveu após 1888 a luz que eles foram comissionados a trazer à igreja e ao mundo. Ela *apoiava* a mensagem deles porque era o que estivera "tentando apresentar", ou seja, "os incomparáveis encantos de Cristo". Mas ela nunca alegou que o Senhor lhe havia imposto o encargo de proclamar a mensagem do alto clamor. A maior parte de *Steps to Christ* [Caminho a Cristo] foi escrita antes de 1888 e compilada depois. Dizer que não necessitamos da mensagem de 1888 por dispormos de seus escritos é contradizer sua própria mensagem.

6. A Rejeição de Ellen G. White em 1888

O que Ellen White diz a respeito da reação contra a mensagem de 1888 soa quase incrível. Poderia dar-se que uma descrença naturalmente cubra nossos olhos e coração? Nós, seres humanos, parecemos ter dificuldade em crer no "testemunho de Jesus". Aquilo que foi uma derrota gostamos de chamar "uma gloriosa vitória". Onde perdemos o rumo presumimos que o encontramos.

Devemos esclarecer impressões confusas, nebulosas para fixar-nos na precisão o máximo possível. Vários canais de bênção celestial foram bloqueados pela reação negativa para com a mensagem de 1888. Os habitantes do céu já reconhecem o que "nós" fizemos nessa história, como segue:

(1) O Espírito Santo Foi Insultado

Isso pode soar impossível, por várias razões. Pode ser difícil para nós prontamente conceber o Espírito Santo como uma Pessoa que *pode* ser insultada ou que pode sentir e preocupar-se a respeito. E pode ser ainda mais difícil conceber como os adventistas do sétimo dia podiam fazer uma coisa tal -- certamente não pastores e dirigentes da Associação Geral. Mas devemos defrontar o que a mensageira do Senhor tem a dizer. O testemunho de Jesus não passa por alto a realidade:

"Agora nossa assembléia aproxima-se do seu encerramento e . . . não tem havido nenhuma abertura para que o Espírito de Deus entre. Agora eu estava dizendo, de que vale nos reunirmos aqui e de nossos irmãos ministrantes virem se eles estão aqui somente para impedir o Espírito de Deus de alcançar o povo?" (Ms. 9, 1888; Olson, pp. 290, 291).

"Houve, eu sei, uma impressionante cegueira sobre as mentes de muitos [em Mineápolis], de modo que não discerniram onde o Espírito de Deus estava e o que constituía a verdadeira experiência cristã. E considerar que esses eram os que tinham a guarda do rebanho de Deus era penoso. . . .

"Nossos irmãos que têm ocupado posições de liderança na obra e causa de Deus deveriam estar tão intimamente ligados com a Fonte de toda a luz que não chamariam à luz trevas, e às trevas luz." (Ms. 24, 1888; ênfase acrescentada).

Os detalhes desta história são precisos e nítidos. Não precisa haver nenhuma confusão em nosso pensamento com respeito a intangíveis. O recebimento do Espírito Santo estava implícito no recebimento da própria mensagem. Seria impossível receber o dom do Espírito Santo da chuva serôdia e não receber a mensagem mediante a qual o dom era concedido. E as boas novas que hoje necessitamos assimilar é o corolário desta verdade: é igualmente impossível receber a mensagem hoje e não receber o dom do Espírito Santo nela implícito. Se não temos recebido o Espírito Santo no poder da chuva serôdia e do alto clamor, isso é clara evidência de que não recebemos a mensagem que o Senhor nos enviou.

O que é importante na compreensão de 1888 não é a atitude negativa de uns poucos indivíduos, uma chamada minoria empedernida, mas o espírito que "controlava" ou "prevalecia" na Assembléia de 1888 e posteriormente. Foi isso que teve um efeito determinante sobre aquela geração, e tem tido sobre cada geração desde então. Ellen White é clara a respeito dessa influência "controladora":

"Encontrei-me com os irmãos no tabernáculo e senti ser meu dever apresentar um breve histórico da assembléia e minha experiência em Mineápolis, o roteiro que havia seguido e por que, e claramente declarar o espírito que prevalecia naquela assembléia. . . . Eu lhes disse da posição difícil em que fui colocada, para, por assim dizer, permanecer sozinha e ser obrigada a reprovar o espírito errado que era um poder controlador nessa reunião. A suspeita e ciúme, as murmurações e a resistência ao Espírito de Deus que lhes apelavam pareciam-se mais com o modo por que os reformadores tinham sido tratados. Era a própria ordem em que a igreja [Metodista] tinha tratado a família de meu pai e oito dentre nós. . .

"Declarei que o roteiro que tinham estado seguindo em Mineápolis era crueldade para com o Espírito de Deus." (Ms. 30, 1889; ênfase acrescentada).

"[Os irmãos oponentes] foram movidos durante a assembléia [de Mineápolis] por outro espírito, e não sabiam que Deus havia enviado esses jovens para levarem uma mensagem especial a eles, a qual trataram com ridicularia e desprezo, não reconhecendo que as inteligências celestes estavam olhando para eles. . . Eu sei que naquele tempo o Espírito de Deus foi insultado." (Carta S24, 1892).

"Os pecados . . . jazem à porta de muitos... O Espírito Santo tem sido insultado, e a luz tem sido rejeitada." (TM 393; 1896).

"Alguns 1 têm tratado o Espírito como um visitante incômodo, rejeitando o recebimento do rico dom, recusando reconhecê-Lo, dando-Lhe costas, e condenando-O como fanatismo." (TM 64; 1896).

A idéia de insultar o Espírito Santo é mais do que uma hipérbole passageira. Esta tragédia nos afeta hoje tão certamente quanto os erros dos judeus afetaram-nos há muito tempo.

Um pecado que um indivíduo cometeu há tempos no passado como um insulto a outra pessoa permanece como um peso sobre sua consciência e afeta o caráter e personalidade. Isso pode prosseguir até por décadas, na medida em que ambos os indivíduos viverem e até que o arrependimento e restituição tenham lugar.

De mesma forma, a consciência da corporação da Igreja, nosso caráter e personalidade denominacionais, nossa postura perante o Céu, o espírito que permeia nossas igrejas, são afetados negativamente por esse episódio vital de nossa história. Nossa herança ambiental é inescapável. Jeremias diz que "o pecado de Judá está escrito . . . com diamante pontiagudo . . . na tábua do seu coração e nas pontas dos seus altares" (Jeremias 17:1). E ele se estende duma geração a outra (2:5, 9; 3:24, 25; 14:20). Até que o arrependimento tenha lugar, condenamo-nos a repetir os pecados de nossos pais. A alienação do Espírito Santo está profundamente envolvida.

O Espírito Santo é uma pessoa, não uma mera influência ou uma entidade etérea. Ele pode ser ofendido. Esse agudo conceito da personalidade de Deus como o Espírito Santo perspassa as Escrituras hebraicas. Os profetas estavam constantemente representando a Deus como o amante desapontado e ofendido da alma de Israel 2. O conceito é peculiar para Israel, pois nenhuma religião pagã tinha qualquer concepção de uma personalidade divina "ciumenta".

A mesma verdade se revela no Novo Testamento, e é também impressionantemente realçada nos testemunhos de Ellen White. Contudo, a idéia está geralmente ausente nos ensinamentos do moderno catolicismo e protestantismo. Uma plena apreciação dessa realidade é exclusiva àqueles que receberão o Senhor por ocasião de Sua segunda vinda, pois são coletivamente representados como uma noiva que finalmente aprontou-se para o relacionamento íntimo do matrimônio (Apocalipse 19:7-9; A heresia do panteísmo do início do século vinte atacava esta verdade da personalidade do Espírito Santo; o "ômega" sem dúvida reforçará esse erro).

Ofendido e insultado, Ele tem direito a retribuição. E como pode buscá-la, de modo coerente com o Seu caráter de amor? Sua retribuição é mais pungentemente penosa de suportar do que qualquer outra, pois ainda será a voz de amor que fala:

"Haverá mensagens transmitidas, e aqueles que têm rejeitado a mensagem que Deus envia ouvirão declarações as mais chocantes. . . . Magoada e insultada, a Divindade falará, proclamando os pecados que têm estado ocultos. Tal como os sacerdotes e governantes, cheios de indignação e terror, buscaram refúgio em fuga do último cenário da purificação do Templo, assim se dará na obra para estes últimos dias." (Special Testimonies, Série A, nº 7, pp. 54, 55).

O contexto dessa declaração é uma discussão da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

(2) Jesus Cristo Foi Rejeitado e Insultado

Isto também nos é difícil de ver. Uma vez mais, a personalidade do Filho de Deus está em debate. Tem Ele sentimentos como nós, humanos, temos? Pode Ele ser ofendido? O que aconteceu em nossa história de 1888 parece tão assustador que a história seria inacreditável se não estivesse narrada claramente nos escritos de Ellen White. O seu discernimento foi inspirado.

O manso e humilde Jesus ainda escolhe mensageiros que são "somente homens", que se assemelham "a uma raiz de uma terra seca". Ele condescendeu em identificar-Se com os mensageiros de 1888 e foi ofendido e insultado quando as "credenciais celestes" que lhes concedeu foram desprezadas:

"Aqui estava evidência, que todos poderiam discernir a quem o Senhor reconheceu como Seus servos. . . Esses homens contra quem tendes falado têm sido como sinais no mundo, como testemunhas para Deus. . . Se rejeitais aos mensageiros delegados de Cristo, rejeitais a Cristo." (TM 97; 1896).

"Acusar e criticar aqueles a quem Deus está usando é acusar e criticar o Senhor que os enviou. . . .

"Para muitos o clamor do coração tem sido: "Não teremos este homem [Cristo] reinando sobre nós". . . A verdadeira religião, a única religião do Salvador ressurreto, que advoga justificação pela fé do Filho de Deus, tem sido diminuída, criticada, ridicularizada, e rejeitada." (TM 466-468).

"A mensagem atual . . . é uma mensagem procedente de Deus; ela traz as credenciais divinas, pois os seus frutos são para santidade." (RH 3 de setembro de 1889).

"Esta mensagem, como tem sido apresentada [por Jones e Waggoner] deveria ir a toda igreja que alega crer na verdade, e conduzir o nosso povo a uma posição mais elevada. . . . Desejamos ver quem tem apresentado ao mundo as credenciais celestes." (ibid., 18 de março de 1890).

Mas mesmo em tempos modernos, nosso estimado historiador eclesiástico desdenha o mensageiro, se não a própria mensagem:

"Ao remontarmos à controvérsia percebemos que foram os rancores despertados por personalidades, muito mais do que diferenças em crença, que causaram a dificuldade. O partido de Butler, Smith e Morrison cria na teoria da justificação pela fé. . . O partido de Waggoner e Jones cria na prática de boas obras; mas . . . demoravam-se quase exclusivamente sobre a fé como o fator da salvação. As mentes que podiam raciocinar serenamente tinham condições de harmonizar essas opiniões, mas nenhum dos lados se dispunha a considerar o outro lado serenamente." (Spalding, *Captains of the Host* [Capitães da hoste], p. 599).

Uma avaliação mais exata seria que os mensageiros de 1888 "demoravam-se quase exclusivamente" numa "fé que opera pelo amor", precisamente como Paulo pregava (Gálatas 5:6). Essa mensagem com "credenciais divinas" não era uma mistura comprometedora de legalismo e evangelho. Eles proclamavam com muita ênfase a justificação pela fé somente -- mas era a fé do Novo Testamento que demonstra seu poder motivador implícito para a verdadeira obediência a todos os mandamentos de Deus (TM 92).

Acaso aqueles mensageiros que se declarava deverem representar nosso Senhor "despertaram" os "rancores" que fizeram o Céu abandonar o cenário envergonhado? Iria o Senhor conceder "credenciais celestes" a mensageiros que não se dispusessem a "raciocinar serenamente"? Ellen White, certamente, nunca poderia reconhecer "preciosa luz" em não-santificados "gritos" ou irrazoável "ensinamento extremista" que nosso autor lhes atribui. (Spalding, *op. cit.*, pp. 593, 601).

Por trás da vergonhosa cena em Mineápolis e das confusas sombras causadas por nossa descrença hoje, permanece a Figura que foi a Rocha de ofensa e a Pedra de tropeço daquela fatídica assembléia. Defrontamos face a face a realidade:

"Homens professando santidade têm desprezado a Cristo na pessoa de Seus mensageiros. à semelhança dos judeus, eles rejeitaram a mensagem de Deus. . . Ele não era o Cristo que os judeus estavam à procura. Assim hoje as agências que Deus envia não são o que os homens têm estado a buscar." (FCE 472; 1897).

"Cristo tem registrados todos os duros, orgulhosos, zombeteiros discursos proferidos contra os Seus servos como sendo contra Si próprio." (RH, 27 de maio de 1890).

O verdadeiro Cristo tem sempre sido mal assimilado. Como se espera com freqüência, Ele com idêntica freqüência tem sido rejeitado. Mas o moderno Israel deve vencer pelo menos todas as falhas passadas do antigo Israel. Isso terá lugar, pois estamos vivendo no tempo da purificação do santuário celestial. Essa é uma obra especial do tempo do fim de vitória que nunca foi completada no passado.

A carne e o sangue nunca nos revelam as verdadeiras credenciais da "raiz numa terra seca" que deve apresentar-se diante de nós. A história de 1888 nos ensina que os antigos judeus terão que deixar espaço para que ao lado deles nos ajoelhemos:

"Muitos dizem, 'Se eu tivesse somente vivido nos dias de Cristo, não teria torcido Suas palavras, ou interpretado falsamente as Suas instruções. Não O teria rejeitado e crucificado, como fizeram os judeus'. Mas isso será provado pelo modo em que tratais sua mensagem e Seus mensageiros hoje." (RH, 11 de abril de 1893).

A questão de 1888 não foi quanta "ênfase" colocar sobre a pregação desta "doutrina" com relação às nossas outras doutrinas "peculiares". A verdadeira questão era, "O que pensais vós de Cristo?" É-nos fútil hoje falar de estabelecer um correto "relacionamento com Cristo" a menos que defrontemos esta realidade de 1888.

A fim de reforçar nossa confiança de que não precisamos de arrependimento, temos produzido teses de Seminário "para indagar que lugar o ensino de justificação pela fé tem sido atribuído juntamente com as crenças distintivas" da Igreja. Gráficos têm sido elaborados contando o número de vezes que as palavras "justificação", "fé", "salvação", "Salvador", e "lei" têm aparecido em nossos trimensários da Escola Sabatina, "para provar que os adventistas do sétimo dia não têm reduzido a ênfase em salvação mediante Cristo". Poderiam agora os computadores medir nossa fidelidade e provar que a Verdadeira Testemunha está errada? Se mera verbalização é o critério, o catolicismo romano deve ser o ensino mais cristocêntrico do mundo. Enquanto o Filho de Deus continua a sofrer, devemos lançar sortes em várias pesquisas para ver como dividir Suas vestes, esta "doutrina ou crença da justificação pela fé juntamente com as crenças distintivas da Igreja?" A justiça de Cristo é vastamente mais do que uma mera repetição verbal.

A maior oportunidade escatológica de todos os tempos foi rejeitada em nossa era de 1888. O que se desprezou foi uma íntima reconciliação do coração com Cristo tal como um noivo sente por sua noiva. Mas verbalização e doutrina fria têm sido substitutos disso.

Homílias áridas que se perdem em pormenores entre justiça imputada e comunicada, justificação e santificação, expiação e propiciação, têm tornado o tema da "justificação pela fé" entediante para muitos. A mesma dificuldade prevaleceu pouco após 1888. Ellen White discute os esforços daqueles cujos corações se opunham à mensagem:

"Muitos cometem o erro de tentar definir minuciosamente os finos pontos de distinção entre justificação e santificação. Nas definições desses dois termos muitas vezes trazem suas próprias idéias e especulações. Por que tentar ser mais minucioso do que a Inspiração na questão vital da justificação pela fé? Por que tentar desenvolver cada pormenor, como se a salvação da alma dependesse de todos terem exatamente o seu entendimento dessa questão?" (Diário, 27 de fevereiro de 1891).

Podemos chegar a ver como o Cristo vivente e amorável foi insultado em Mineápolis, e não a fria doutrina mal compreendida! Deixamos de confiar naquelas vibrações do coração que eram a atração Dele, e lançamos desprezo sobre Aquele que nos estava atraindo, atribuindo a Sua ternura a designação de "fanatismo". As lágrimas que começaram a fluir da misteriosa atração da soerguida cruz extraiu de nós zelosas declarações "contra o entusiasmo e o fanatismo" (TM 80, 81).

Jesus conhece a nossa natureza humana, pois Ele próprio ainda compartilha dela. Ele é uma Pessoa. Ele também conhece o respeito próprio. Ele aproximou-se de nós em 1888. "Nenhuma alma dentre nós sonha o que poderia ter sido" nos doces dias que se teriam seguido, caso andássemos com Ele na gloriosa luz celestial. Frequentemente falamos de 1844 como o "Grande Desapontamento". Mas em 1888 deu-se o Seu desapontamento, pois podemos ler de como Ele nos amou. Essa intimidade de amor não a teríamos. Por que nos deveríamos maravilhar se Ele não a forçasse sobre nós?

Foi-nos dito na própria Mineápolis:

"Ninguém deve permitir fechar o canal pelo qual a luz da verdade virá ao povo. Tão logo isso seja tentado, o Espírito de Deus será extingüido. . . . Permite que o amor de Cristo reine nos corações aqui. . . . Quando o Espírito de Deus entrar, o amor tomará o lugar da hesitação, porque Jesus é amor; se o Seu Espírito fosse acariciado aqui, nossa assembléia seria como uma corrente d'água no deserto." (Ms. 15, 1888; Olson, pp. 300, 301).

"Não mais ternos chamados, nenhuma melhor oportunidade poderia ser-lhes dada a fim de que pudessem realizar o que deveriam ter feito em Mineápolis. . . Ninguém pode dizer quanto pode ter estado em jogo quando se negligencia a conformação com o chamado do Espírito de Deus. Virá o tempo quando estarão dispostos a fazer qualquer coisa possível a fim de ter uma chance de ouvir o chamado que rejeitaram em Mineápolis. . . Melhores oportunidades jamais virão, sentimentos mais profundos não terão." (Carta 019, 1892).

Uma vez mais o testemunho de Ellen White estende a nossa fé. Mas devemos compreender a realidade. Os corações humanos fizeram pouco caso do terno amor d'Aquele que deu o Seu sangue por nós. Finalmente, da parte de "muitos" na liderança, a leviandade transformou-se naquilo que Ellen White tristemente chamou de "ódio". Sete anos após Mineápolis ela disse àqueles "muitos":

"Voltastes as costas, não a face, ao Senhor. . . O Espírito de Deus está partindo de muitos dentre o Seu povo. Muitos avançam por veredas escuras e secretas, e alguns desses nunca regressarão. . . Eles não só recusaram aceitar a mensagem, mas odiaram a luz. . . Estão votando ao desprezo o Seu Espírito Santo." (TM 89-91; 1895).

O Céu "indignou-se" (TM 76). Há uma intimidade de angústia pessoal envolvida aqui que é peculiar na moderna história religiosa, talvez em todos os tempos. São-nos lembrados os lamentos profundos de Jeremias e Oséias do passado. Ellen White declarou em Mineápolis: "Se somente soubésseis como Cristo tem considerado a vossa atitude religiosa nessa assembléia" (Ms. 8a, 1888; Olson, p. 281). Quatro anos depois, "há tristeza no céu quanto à cegueira espiritual de muitos de

nossos irmãos" (RH, 26 de julho de 1892). Falando daqueles "que resistiram ao Espírito de Deus em Mineápolis," ela declarou:

"Todo o universo celestial testemunhou o tratamento descaridoso de Jesus Cristo, representado pelo Espírito Santo. Tivesse Cristo estado perante eles, teriam-No tratado de modo semelhante àquele em que os judeus trataram a Cristo." (Special Testimonies [Testemunhos especiais], Série A., nº 6, p. 20).

"As cenas que tiveram lugar naquela assembléia [de Mineápolis] fizeram o Deus do céu envergonhar-Se em chamar aqueles que tomaram parte nelas de Seus irmãos. Tudo isso o Vigilante celeste anotou, e foi escrito no livro das lembranças de Deus." (Special Testimony to the Review and Herald Office [Testemunho especial ao escritório da Review and Herald], 1896, pp. 16, 17).

Estas são palavras muito tristes para registrar, mas não podemos ser honestos e recusar encarar a implicação plena delas. O que "o Vigilante celeste anotou" deve também estar "escrito no livro de [nossa] lembrança". Podemos ver-nos naqueles caros irmãos de um século atrás, pois, "pela graça de Deus, eu sou".

(3)O Ministério de Ellen White Foi Desprestigiado

A atitude da liderança para com o apoio de Ellen White à mensagem de 1888 foi semelhante ao do antigo Israel e Judá a profetas tais como Elias e Jeremias. Observem os seus comentários francos pouco depois da assembléia de Mineápolis:

"Não tenho tido um tempo fácil desde que deixei a costa do Pacífico. Nossa primeira reunião não foi semelhante a qualquer outra Assembléia de Conferência Geral de que já participei. . . Meu testemunho foi ignorado, e nunca em minha vida fui tratada como na assembléia [de 1888]." (Carta 7, 9 de dezembro de 1888).

"Irmãos, estais me instando a ir a vossas campais. Devo dizer-vos claramente que as atitudes tomadas contra mim e minha obra desde a Assembléia da Assoc. Geral de Mineápolis -- vossa resistência à luz e advertências que Deus tem dado por meu intermédio -- tem tornado os meus esforços cinquenta vezes mais difíceis do que teria sido doutro modo. . . Parece-me que puseste de lado a Palavra do Senhor como indigna de vossa atenção. . . Minha experiência desde a assembléia em Mineápolis não tem sido muito asseguradora. Tenho pedido ao Senhor por sabedoria diariamente, e para que não me sinta inteiramente descoroçoada, descendo à sepultura de coração partido como ocorreu com o meu marido." (Carta 1, 1890).

Essas não eram palavras de uma mulher dominada pelas emoções. Ela tinha boas razões para os seus sentimentos:

"Relatei na reunião de quinta-feira de manhã [em Ottawa, Kansas] algumas coisas com referência à assembléia de Mineápolis. . . .

"Deus me deu alimento no tempo certo para o povo, mas foi recusado por não ter vindo exatamente da maneira que esperava que viesse. Os Pastores Jones e Waggoner apresentaram luz preciosa ao povo, mas o preconceito e descrença, ciúme e vãs suspeitas barraram a entrada dos corações de modo que nada dessa fonte poderia encontrar entrada em seus corações. . . .

"Assim como se deu na traição, julgamento e crucificação de Jesus, tudo isso tinha passado perante mim ponto por ponto e o espírito satânico tomou o controle e moveu-se com poder sobre os corações humanos, que haviam se aberto a dúvidas e amargura, ira e ódio. Tudo isso era prevalente durante a assembléia [de Mineápolis]. . .

"Fui conduzida à casa onde nossos irmãos faziam sua habitação, e havia muita conversação e excitação de sentimentos e alguns comentários penetrantes e supostamente inteligentes e irônicos. Os servos aos quais o Senhor enviara eram ridicularizados e colocados sob uma luz ridícula. O comentário . . . passou por mim e a obra que Deus me havia dado a cumprir era qualquer coisa menos lisonjeira. O nome de Willie White era utilizado livremente e ele era ridicularizado e denunciado, também os nomes dos Pastores Jones e Waggoner." (Carta 14, 1889; ênfase acrescentada).

"Vozes que estava surpresa em ouvir uniam-se nessa rebelião, . . . duras, ousadas e decididas em denunciar [a irmã White]. E de todos aqueles tão livres e avançados em suas cruéis palavras, ninguém havia vindo a mim para indagar se aqueles relatórios e suas suposições eram verazes. . . . Após ouvir aquilo tudo, meu coração afundou dentro em mim. Nunca havia imaginado perante minha mente que tipo de confiança podemos depositar naqueles que alegam ser amigos, quando o espírito de Satanás encontra acesso aos seus corações. Pensei na crise futura, e sentimentos que nunca posso transpor em palavras por um breve momento me dominaram. . . . 'O irmão trairá o seu irmão até a morte'." (idem).

Não seria justo caracterizar a reação íntima de Ellen White a isso como "emocional", bem como a de Jones e Waggoner. Mas todos os três eram seres humanos com corações que podiam ser feridos. Todos os três sentiram dor e angústia, como se dera com os antigos profetas. Ellen White em particular sentia profundamente as premonições da perseguição final dos santos. Ela em realidade empregou a palavra "perseguição" para descrever a atitude íntima de irmãos dirigentes para com os mensageiros de 1888 (GCB 1893, p. 184).

Por outro lado, era um enigma aos sinceros irmãos daquela época como ela podia apoiar dois jovens *apaentemente deficientes* contra o julgamento sereno e sólido de quase todos os dirigentes e pastores estabelecidos. Se "equilíbrio" se fazia necessário, por que apoiava os *apaentemente* desequilibrados? Por que comparava a reação dos irmãos contra a mensagem de Jones e Waggoner à reação dos judeus contra Cristo?

A oposição a 1888 era composta de pastores bons, sinceros, altruístas e grandes trabalhadores. A preocupação deles com o progresso da Igreja era genuína. Foi o temor deles de que essa bela visão da justiça de Cristo conduzisse ao fanatismo. Mas esse temor calcificou os corações humanos. Parece haver somente uma maneira de entender essa misteriosa reação. Um estudo cuidadoso das numerosas declarações de Ellen White indica que era à revelação da largura, comprimento, profundidade e altura do amor de Cristo (*ágape*) que nosso queridos e ativos irmãos estavam se opondo instintivamente. O amor revelado na cruz "nos constrange" de modo que os crentes doravante acham impossível prosseguir vivendo para o eu (2 Coríntios 5:14, 15). A profunda verdade parece ser que esse tipo de devoção a Cristo, esta intimidade maior com Ele, foi mal acolhida:

"Aqui estava evidência de que todos poderiam discernir a quem o Senhor reconhecia como Seus servos. Mas há aqueles que desprezaram os homens e a mensagem que traziam. Eles o têm rotulado de fanáticos, extremistas e entusiastas." (TM 97; 1896).

"Esses homens [da oposição] têm estado mantendo posições de confiança, e têm moldado a obra segundo sua própria semelhança, na medida em que o puderam. . . Eles têm estado zelosamente denunciando o entusiasmo e o fanatismo. Fé . . . que Deus tem requerido que Seu povo exerça, é chamada de fanatismo. Mas se há algo sobre a terra que deveria inspirar os homens com zelo santificado, é a verdade tal como está em Jesus, . . . Cristo, feito a nós sabedoria, e justiça, e santificação e redenção.

". . . Se há algo em nosso mundo que deveria inspirar o entusiasmo, é a cruz do Calvário." (ibid., pp. 80, 81; 1895).

Assim, somos levados aos pés da cruz de Cristo. Aqui está a misteriosa divisão continental no adventismo, onde a fé e a descrença seguem rumos separados. De todos os seres humanos, o pastor evangélico ou administrador defronta a mais sutil tentação de assumir um amor disfarçado do eu. A menos que pesquise aquela maravilhosa cruz e lance o desprezo sobre todo o seu orgulho profissional e pessoal, resistirá inconscientemente ao ágape ali revelado. Em *O Peregrino* John Bunyan viu que perto do próprio portão do céu há uma vereda que conduz ao inferno.

Ellen White não considerava as exposições de Jones e Waggoner nem extremas, nem radicais, mas tentava argumentar com os irmãos que julgavam que assim fossem. Declarações amplamente publicadas tais como a seguinte faz perdurar um mito:

"A Sra. White [não] endossava as idéias propostas pelo Pastor Waggoner com respeito a Gálatas. . . Ela até parecia ter um sentimento de que os dois homens que eram tão destacados naquela época poderiam posteriormente ser levados a desviar-se dadas as posições extremadas de certos pontos." (Christian, *op. cit.*, p. 232).

Suas asserções não eram dirigidas contra quaisquer "pontos de vista extremos" que Waggoner tivesse. Em lugar de acusá-lo de ser radical ou extremista, ela indica que alguns de seus pontos de vista eram imaturos -- não havia "perfeição". No plano de Deus, essa imaturidade devia ser superada por cuidadoso "cavar nas minas de Deus em busca do precioso tesouro". A luz que brilhou em 1888 era somente o "começo" da luz que devia iluminar a terra com glória³. Tal luz gloriosa começou a brilhar mediante canais imperfeitos, mas divinamente escolhidos.

Uma Gloriosa Caça ao Tesouro Desprezada

Não era plano de Deus que um ou dois jovens realizassem toda a escavação. Outras mentes mais amadurecidas deveriam prosseguir com isso, desejando receber "todo raio da luz que Deus enviar . . . embora pudesse vir mediante o mais humilde de Seus servos" (Ms. 15, 1888). Dentro de seu tempo de vida o evangelho eterno deve ser desdobrado num todo maduro e completo, pronto para iluminar a terra com a glória da verdade.

Se esse fosse o propósito de Deus, seria necessário que as posições tanto de Waggoner quanto de Jones não fossem perfeitas ou maduras nesse estágio inicial de desenvolvimento. Eles deveriam meramente desafiar os seus irmãos à maior caça ao tesouro de todos os tempos. As próprias imperfeições e imaturidade de suas opiniões iria atrair a voluntária cooperação de seus irmãos. Tivessem os dois jovens cavalheiros visto toda a luz em sua perfeição, onde se situaria o gozo de seus irmãos no puro deleite da descoberta? Deus, em Sua infinita misericórdia, haveria de compartilhá-la entre eles.

Foi este gracioso privilégio que os irmãos desprezaram, atribuindo aos mineiros pioneiros dos ocultos filões da verdade o título de "fanáticos" e "extremistas". Sugerir que os mensageiros mesmo em Mineápolis fossem instáveis, em perigo de serem "desviados" com seus "pontos de vista extremos", *lança uma injustificada aspersão sobre a própria Ellen White*. Não estaria ela sendo ingênua se endossasse os jovens mensageiros tão indignos de confiança?⁴

Ela quase temerariamente arriscou sua reputação em entusiástico e persistente apoio da mensagem deles. Poderia o Senhor escolher mensageiros tão instáveis? Atribuir-lhes-ia uma mensagem tão potencialmente auto-destrutiva? É perigoso submeter-se para ser um mensageiro do Senhor? Certamente a misericórdia de Deus é maior do que a atribuição a Seus servos de mensagens auto-destrutivas!

Devemos observar brevemente como em várias assembléias da Associação Geral oradores reconheceram abertamente que o espírito anti-1888 incluía virtual desafio ao ministério de Ellen White:

"O que os irmãos naquela temerosa posição em que se postaram, rejeitaram em Mineápolis? Rejeitaram a chuva serôdia--o alto clamor da mensagem do terceiro anjo.

"Irmãos, não é isso demasiado mau? Logicamente os irmãos não sabiam que estavam fazendo isso, mas o Espírito do Senhor ali estava para dizer-lhes que o faziam, não estava? Mas quando rejeitaram o alto clamor, "o ensino de justificação", e então o Espírito do Senhor, por seu profeta, postou-se ali e nos disse o que eles estavam fazendo,--o que então? Oh, então eles simplesmente puseram esse profeta de lado com todo o resto." (A. T. Jones, GCB 1893, p. 183; ênfase acrescentada).

Ninguém na Assembléia o desafiou, pois todos sabiam que o que ele dizia era a verdade. No Concílio Anual de 1886 no Rio de Janeiro, Robert W. Olson, do Patrimônio Ellen White, também declarou que na sessão de 1888 Ellen White foi "publicamente desafiada" (*Adventist Review*, 30 de outubro de 1886). Em 1889 ela declarou:

"O Pastor Butler apresentou-me a questão numa carta declarando que minha atitude na Assembléia [de 1888] quase chegou a partir o coração de alguns dos nossos irmãos do ministério naquela reunião. . .

"Sendo que alguns de meus irmãos me têm na conta de que eu não tenho um julgamento de maior valor do que o de qualquer outro, ou como alguém que não foi chamado para essa obra especial, e que estou sujeita à influência de meu filho Willie, ou de alguns outros, por que pede à irmã White para participar de vossas campanhas ou reuniões especiais?

"Eu não posso ir. Não poderia fazer-lhes bem nenhum, e isso seria somente estar tratando com levandade as sagradas responsabilidades de que o Senhor me incumbiu. . .

"Ter essas palavras distorcidas, mal aplicadas pelos descrentes, é de se esperar, o que não me surpreenderá; mas ter os meus irmãos que estão familiarizados com a minha missão e meu trabalho, tratar levianamente a mensagem que Deus me dá para transmitir, ofende o Seu Espírito e é para mim desencorajador. . .

"Meu caminho é bloqueado pelos meus irmãos." (Carta U-3, 1889).

Logicamente, nem todos os irmãos opunham-se-lhe desse modo. Mas o apoio aberto a ela era bem pouco visível. A humilde mensageira do Senhor reconheceu em Mineápolis o que estava

acontecendo. As bênçãos mais abundantes da chuva serôdia fizeram com que ex-amigos mudassem de atitude de positivo para negativo:

"Deus não me ergueu para atravessar a planície a fim de falar-vos enquanto vos assentais aí para questionar a Sua mensagem, e indagar se a irmã White é a mesma que costumava ser outrora. . . Depois reconheceis que a irmã White estava certa. Mas de algum modo isso mudou agora, e a irmã White é diferente. Tal como a nação judaica." (Ms. 9, 1888; Olson, p. 292).

(4) O Exílio de Ellen White na Austrália

Tão determinada estava a oposição pós-1888 a Ellen White que a Associação Geral virtualmente a exilou na Austrália. Conquanto seja verdade que o Senhor reverteu sua estada lá para o bem de Sua causa naquele continente, nunca foi Sua vontade que ela fosse naquela época. Ela declara que o Senhor desejava que o inspirado trio ficasse junto na América e combatesse a batalha até a vitória. Seus próprios escritos indicam que os irmãos dirigentes desejavam que tanto Ellen White como Waggoner ficassem fora do caminho.

É bem sabido que a Sra. White foi somente porque a Associação Geral designou que fosse (um exemplo elogiável de cooperação com a liderança da Igreja!). Em 1896 ela escreveu com muita franqueza ao presidente da Associação Geral:

"O Senhor não estava dirigindo nossa saída da América. Ele não revelou que era Sua vontade que eu deixasse Battle Creek. O Senhor não planejou isso, mas permitiu que agissem segundo vossa própria imaginação. O Senhor desejava que W. C. White, sua mãe e seus obreiros permanecessem na América. Nós éramos necessários no centro da Obra, e tivesse vossa percepção espiritual discernido a verdadeira situação, nunca teríeis consentido com as medidas tomadas. Mas o Senhor lê os corações de todos. Havia tanta disposição para que partíssemos que o Senhor permitiu que esse evento tivesse lugar. Aqueles que estavam cansados com os testemunhos dados foram deixados sem as pessoas que os transmitiam. Nossa separação de Battle Creek foi para deixar os homens cumprirem sua própria vontade e maneira, que julgavam superior à maneira do Senhor.

"O resultado está perante vós. Tivessem permanecido do lado certo, tal decisão não teria sido tomada neste tempo. O Senhor teria trabalhado pela Austrália por outros meios, e uma forte influência teria sido mantida em Battle Creek, o grande coração da Obra.

"Lá teríamos permanecido ombro a ombro, criando uma atmosfera saudável a ser sentida em todas as nossas associações. Não foi o Senhor quem planejou essa questão. Não pude obter um raio de luz quanto a deixar a América. Mas quando o Senhor apresentou-me essa questão tal como realmente era, não abri os lábios para ninguém porque eu sabia que ninguém discerniria a questão em todas as suas implicações. Quando partimos, alívio foi sentido por muitos, mas não tanto por ti mesmo, e o Senhor não Se agradou disso, pois Ele havia nos colocado junto às rodas do maquinismo de Battle Creek.

"Esta é a razão de te estar escrevendo. O Pastor Olsen não teve a percepção, a coragem, a força, para levar as responsabilidades; nem houve qualquer outro homem preparado para cumprir a obra que o Senhor Se tinha proposto que deveríamos fazer. Eu te escrevo, Pastor Olsen, dizendo-te que era desejo de Deus que permanecêssemos lado a lado, para que eu te aconselhasse, te instrísse, e para que agíssemos em conformidade. . . Não estavas discernindo; não estiveste disposto a ter a forte experiência e conhecimento que não deriva de fonte humana removida de ti, e assim revelaste

que os caminhos do Senhor foram mal calculados e passados por alto. . . Este conselho não foi considerado uma necessidade.

"Que o pessoal de Battle Creek sentisse que poderia deixar-nos partir na época em que o fizemos foi o resultado de planejamento humano, e não do Senhor. . . O Senhor determinou que devêssemos estar próximos das casas publicadoras, que devêssemos ter fácil acesso a essas instituições para que pudéssemos juntos nos aconselhar. . . Oh, quão terrível é tratar o Senhor com dissimulação e negligência, zombar de Seu conselho com orgulho devido à sabedoria do homem parecer tão superior." (Carta a O. A. Olsen, 127, 1896).

Aqueles que dizem que a mensagem de 1888 foi aceita pela liderança da Igreja podem interpretar os anos de Ellen White na Austrália como cooperação com o Espírito Santo. É verdade que lhe era possível escrever boas cartas para a terra natal. Mas privar a América do Norte de seu ministério pessoal nessa ocasião crítica confirmou "em grande medida" a final derrota do começo da mensagem do alto clamor.

E. J. Waggoner sofreu um exílio semelhante ao ser enviado à Inglaterra na primavera de 1892. Há evidência também de que não foi puro zelo missionário que o enviou. Àquelas alturas Ellen White já se tinha ido; o segundo membro do trio especial devia também partir. Notamos o seguinte, na tese doutoral de Gilbert M. Valentine sobre W. W. Prescott:

"Segundo W. C. White, a Sra. White, que aparentemente ainda tinha lembrança das injustiças do período pós-1888, declarou que lhe havia sido mostrado 'que conquanto alguns de nosso pessoal alegravam-se em tê-lo [E. J. Waggoner] removido da obra em Battle Creek por sua designação para trabalhar na Inglaterra', ele devia ser colocado de volta 'para dar assistência como um professor no coração de nossa Obra'. (W. C. White a A. G. Daniells, 30 de maio de 1902." William Warren Prescott: Seventh-day Adventist Educator [William Warren Prescott: Educador Adventista], Vol. 1, p. 289).

Um ano antes de Ellen White ir para a Austrália, ela derramou o seu coração numa carta a J. S. Washburn, um jovem ministro. Aqui, à semelhança de Jeremias, ela escreve quase em desespero. Descreve vividamente o clima prevalecente na sede de Battle Creek:

"Assisto a reuniões nas pequenas igrejas mas sinto que não tenho forças para trabalhar com a Igreja que tem tido o meu testemunho tão abundantemente, e contudo aqueles que se puseram contra a minha mensagem, e não se inclinam a mudarem sua posição de resistência, não obstante tudo quanto o Senhor me tem dado a dizer em demonstração do Espírito e poder, não tenho esperança de que pudessem ser ajudados por nada que eu pudesse dizer adicionalmente. Eles têm resistido aos apelos do Espírito de Deus. Não tenho esperança de que o Senhor tenha um poder em reserva para quebrar a resistência deles. Deixo-os nas mãos de Deus, e a menos que o Senhor ponha sobre mim um decidido encargo de falar palavras no Tabernáculo [de Battle Creek] não tentarei dizer nada até que aqueles que têm participado no bloqueio de meu caminho o deixem livre. . . Não tenho forças para contender com o espírito, e resistência, dúvidas e descrença que têm invadido suas almas, de modo a que não vejam quando vem o bem. Tenho muito maior liberdade em falar a descrentes. Eles estão interessados. . .

"Oh, é o lugar mais difícil no mundo, falar onde grande luz tem vindo aos homens em posições de responsabilidade. Eles têm sido iluminados, mas escolheram as trevas, antes que a luz. . .

"Podes crer que tenho grande angústia de alma. . . Qual será o fim dessa teimosa descrença ainda teremos que ver." (Carta W32, 1890).

Os Anos da Década de 1890 Teriam Uma Mensagem Para a Década de 1990?

O ministério de Ellen White à Igreja Adventista do Sétimo Dia freqüentemente exhibe essa qualidade que se iguala a Jeremias. A mensagem do antigo profeta é verdade presente. O episódio de 1888 é uma parábola, e Deus nos testará uma vez mais.

Devido ao fato de que nossa história de 1888 tem sido tão vastamente deturpada, nossa atitude contemporânea é ainda preconceituosa contra a obra de Jones e Waggoner. Ainda parecemos suspeitar de que a mensagem deles poderia conduzir ao fanatismo. Ainda presumimos falsamente que ela conduziu os dois mensageiros ao desvio da apostasia. Na medida em que assim pensamos, caso o Senhor envie mais pérolas de verdade a serem lançadas perante nós, seríamos obrigados a reagir a tal mensagem como fez a oposição da era 1888.

Hoje não herdamos nenhuma culpa genética de nossos antepassados que rejeitaram a maior oportunidade de todos os tempos, o começo da chuva serôdia e do alto clamor; mas somos seus descendentes espirituais. As Escrituras Sagradas não ensinam nenhuma transmissão genética de pecado, seja "original" ou de outra espécie, de geração a geração. Mas há uma transmissão de pecado que não é genética. "Por um homem, entrou o pecado no mundo". "O pecado abundou" e "reinou para a morte". "Todo o mundo [tornou-se] culpado diante de Deus" (Romanos 5:12, 20, 21; 3:19). Essa misteriosa transmissão de pecado nos é esclarecida na seguinte declaração:

"Em sua própria fonte, a natureza humana foi corrompida. E desde então o pecado tem continuado a sua obra odiosa, atingindo mente após mente. Todo pecado cometido desperta os ecos do pecado original. . .

"A mútua dependência é uma coisa maravilhosa. A influência recíproca deveria ser cuidadosamente estudada. . .

"Cada geração assume alguma fase do mal em antecipação àquele que a precedeu, seguindo adiante na marcha da impenitência e rebelião. Deus está observando, medindo o templo e os adoradores em seu interior. . .

"Nenhum homem vive para si mesmo. Consciente ou inconscientemente ele está influenciando outros, seja para o bem ou para o mal. . . Não seria tempo de que um povo se levante em independência moral, abrigoando ao mesmo tempo um senso de sua dependência de Deus? . . .

"O Senhor enviou ao nosso mundo uma mensagem de advertência, que é a Terceira Mensagem angélica. Todo o céu está aguardando para nos ouvir vindicar a lei de Deus." (RH, 16 de abril de 1901).

Temos mais luz do que nossos antepassados, daí temos maiores responsabilidades. A alienação do coração de Cristo que causou a rejeição da mensagem de 1888 é hoje bem mais sutil, mais sofisticada, mais profundamente sepultada além de nossa consciência. Mas não é menos real. Somente a iluminação do Espírito Santo a tornará manifesta. Deve chegar o tempo, pelo menos para cada um de nós, quando "a cruz será apresentada, e sua real importância será vista por toda mente que tem sido cegada pela transgressão. Diante da visão do Calvário com sua misteriosa Vítima, os pecadores se apresentarão condenados" (DA 58). Não seria uma bênção se pudéssemos ver a cruz hoje antes que seja demasiado tarde?

O Espírito Santo capacita o crente sincero a ver-se refletido nos personagens bíblicos de tempos atrás. Ele pode igualmente nos capacitar a ver-nos em nossos antepassados de um século atrás.

Inatamente não somos melhores do que eles. O Espírito Santo pode curar-nos da cegueira que permite vermos o mal se estiver suficientemente distante no passado, enquanto deixamos de reconhecê-Lo sob o nosso próprio nariz. A Palavra de Deus tem sido verdadeira desde o próprio começo:

"Sem a iluminação do Espírito de Deus, não seremos capazes de discernir a verdade do erro, e cairemos sob as tremendas tentações e enganos que Satanás trará sobre o mundo.

"Estamos próximos do encerramento da controvérsia entre o Príncipe da luz e o príncipe das trevas, e em breve os enganos do inimigo provarão que tipo de fé que é a nossa." (RH, 29 de novembro de 1892).

Conclusão

Reconhecer a verdade de que nossos antepassados insultaram o verdadeiro Cristo e o verdadeiro Espírito Santo não é em si más notícias. E revelar a realidade da resistência profundamente arraigada ao "testemunho de Jesus" é uma bênção. De nenhuma outra maneira além de defrontar a verdade podemos nos preparar para futuras provas. A verdade é positiva, ativa, animadora.

As boas novas são que o céu tem por todo o tempo estado mais disposto a conceder o derramamento final do Espírito de Deus do que temos pensado. É tão-só nossa contínua resistência, freqüentemente inconsciente, que tem impedido o Dom agora por mais de um século, a despeito de nossas orações por Ele.

Defrontar a verdade honestamente tem sido uma fonte de gozo. A estabilidade e progresso da Igreja organizada pode somente ser abençoada por isso.

1. Nunca Ellen White diz que "alguns" que se opunham eram "poucos", nem diz ela que aqueles que aceitaram eram "muitos". Sem exceção conhecida, os que rejeitaram a mensagem eram "muitos" e os que a aceitaram foram "poucos".

2. Ver, por exemplo, 1 Samuel 8:7; 12:6-12; Isaías 50:1; 54:5-17; 61:10; 63:9-14; Jeremias 31:1-9; Ezequiel 16; Oséias, *passim*.

3. Incidentalmente, conquanto Ellen White não tomasse nenhuma firme posição sobre a "lei em Gálatas" em 1888, por 1896 ela estava pronta para tomar uma posição. Waggoner estivera certo o tempo todo! "A lei em Gálatas [é] . . . especialmente . . . a lei moral" (1 SM 234, 235).

4. Ver Apêndice para uma discussão da acusação de que Jones estaria ensinando o erro da "carne santa" e perfeccionismo pouco depois da assembléia de 1888.

7. Um Exame Mais Detido das Confissões

O mistério envolve as confissões posteriores a 1888 daqueles que se opuseram à mensagem. Chegamos ao tempo da chuva serôdia e do alto clamor, e então deixamos passar a nossa oportunidade. Israel também chegou aos limites de sua Terra Prometida, e então recuou.

Arrependimento profundo e genuíno é uma virtude rara. Não é de modo algum impossível, à luz do sacrifício de Cristo. Mas muitas confissões são superficiais, como a de Esaú e do rei Saul. Ambos reconheceram-se errados, e ambos derramaram lágrimas; nenhum deles encontrou o arrependimento que restaura o que estava perdido.

A história de Israel em Cades-Barnéia e depois ilustra a experiência deste movimento durante e após a assembléia de Mineápolis. Israel cometeu um erro e depois se "arrependeu", mas aquela geração nunca recuperou o que tinha perdido.

Há um princípio envolvido no tipo de arrependimento e confissão que não abrange a gravidade do pecado:

"Agora [Israel em Cades-Barnéia] parecia arrepender-se sinceramente de sua conduta pecaminosa; mas eles se entristeceram devido ao resultado de sua ímpia atitude, não por causa de um senso de sua ingratidão e desobediência. . . Deus provou sua aparente submissão, e comprovou que não era genuína. . . Eles ficaram somente aterrorizados em descobrir que tinham cometido um erro terrível, e os resultados do mesmo se lhes demonstrariam desastrosos. Os seus corações permaneceram inalterados. . .

"Conquanto a confissão deles não partisse de verdadeiro arrependimento, serviu para vindicar a justiça de Deus no Seu trato com eles.

"O Senhor ainda opera de modo semelhante para glorificar o Seu nome ao levar os homens a reconhecerem a Sua justiça. . . E embora o espírito que inspirou o mau desígnio não seja radicalmente mudado, confissões são feitas que vindicam a honra de Deus, e justificam os Seus fiéis reprovadores, que foram objeto de oposição e má representação." (PP, 391, 393).

A evidência de uma pena inspirada indica que essa foi a natureza das confissões pós-1888 dos líderes destacados de maior influência que inicialmente haviam rejeitado a mensagem.

Mas opiniões contemporâneas amplamente publicadas sustentam que a maioria dos irmãos que se opuseram em Mineápolis retificaram o seu erro, fizeram confissões humildes e profundas, arrependeram-se inteiramente, e daí pregaram a mensagem de 1888 "com poder".

O que a evidência demonstra?

(1) As confissões foram praticamente extorquidas por evidência esmagadora, compelente. "A evidência atual de Sua operação é-vos revelada, e não estais sob obrigação de crer", declarou Ellen White em 1890 (TM 466). A fé havia quase inteiramente dado lugar à vista.

(2) Há evidência de que os confessores mais proeminentes e influentes agiram contrariamente às suas confissões mais tarde.

(3) Houve bem pouca reconciliação aberta que conduziu a união fraternal com A. T. Jones e E. J. Waggoner ou aceitação da mensagem deles. (Foi após as confissões que Ellen White foi exilada na Austrália e Waggoner na Grã-Bretanha). Ainda em 1903 os Pastores G. I. Butler e J. N. Loughborough, na assembléia da Associação Geral, representaram mal a verdadeira posição deles diante de seus protestos verbais (ver capítulo 10).

(4) A questão em jogo era a salvação pessoal das almas dos ministros opositores. Mas não há evidência de que se hajam arrependido de terem abafado o derramamento do Espírito Santo na chuva serôdia, ou de suprimirem a luz do alto clamor mantendo-a oculta "em grande medida" da Igreja e do mundo. Assim, a consequência da rebelião em Mineápolis, o indefinido retardamento da proclamação em âmbito mundial da mensagem do alto clamor, não poderia ser evitada.

(5) Com exceção de W. W. Prescott, não há evidência de que nenhum dos confessores recuperou a essência da mensagem de 1888 de modo suficiente para proclamá-la bem. (Saulo de Tarso arrependeu-se tão completamente que depois sempre proclamou o evangelho com poder). Pease revela que quando o século dezenove tornou-se o vinte, nenhum daqueles que inicialmente rejeitaram a mensagem de 1888 estava em evidência para proclamá-la eficazmente:

"Durante os anos noventa o reavivamento centralizado nessa grande doutrina era em grande parte obra das mesmas três pessoas, a Sra. White, E. J. Waggoner e A. T. Jones. É verdade que havia muitas vozes que se harmonizavam, mas nenhum Elias se destacava na altura de 1900, pronto para assumir o manto em caso de que algo acontecesse aos três principais campeões da doutrina." (By Faith Alone [Pela fé somente], p. 164).

Um exame das mensagens impressas após a confissão desses "confessores" confirma esta declaração. Um verdadeiro arrependimento teria resultado numa multidão de poderosos mensageiros dominados pelo evangelho, proclamando a "mais preciosa mensagem" de modo que teria reavivado integralmente a Igreja e iluminado o mundo com glória. Mas Ellen White teve que dizer em 5 de novembro de 1892 que "ninguém" dos rejeitadores originais havia recuperado o que havia perdido por sua descrença inicial (Carta B2a, 1892). Esta declaração foi feita após as confissões mais destacadas aparecerem.

Posições Contemporâneas das Confissões Pós-1888

Uma declaração freqüentemente citada de um antigo obreiro forma a base para muito do entendimento atual do que aconteceu após Mineápolis.

"Logo no início da primavera de 1889, começaram a surgir rumores de que os que se posicionaram com a oposição na assembléia começavam a ver a luz e logo fervorosas confissões se seguiram. Dentro de dois ou três anos a maioria dos homens da liderança que haviam recusado a luz por ocasião da assembléia vieram a público com claras confissões." (C. McReynolds, "Experiências enquanto na Assembléia da Assoc. Geral de Mineápolis em 1888", Arquivo D, 189, Patrimônio E. G. White. Cf. N. F. Pease, *op. cit.*, pp. 142, 143).

"As confissões mencionadas acima eram, sem dúvida, em alguns casos, inspiradas por sóbria reflexão após os indivíduos envolvidos estarem bem longe, retirados da cena de controvérsia." (Pease, *op. cit.*, p. 144).

Outra declaração, de *Captains of Host* [Capitães da hoste], apóia a idéia de que as confissões realmente reverteram a oposição de 1888:

"Gradualmente deu-se a reviravolta e a reunião na unidade da fé. Havia tanto um poder cortante quando curativo nas mensagens que [Ellen White] enviava, levando a mensagem de justificação e boa vontade em Cristo, que em geral atraíam para junto os irmãos outrora afastados." (Spalding, *op. cit.*, pp. 598, 599).

Nossa *Seventh-day Adventist Encyclopedia* [Enciclopédia adventista do sétimo dia] apresenta o mesmo ponto de vista:

"Malentendido, oposição e divisão anuviam o registro daquela assembléia [de 1888]. Contudo, muitos que estavam relutantes em aceitar essa nova ênfase em 1888 mais tarde mudaram de ponto de vista. Alguns proseguiram por um tempo a se oporem a ela." (p. 1086).

Nenhuma menção se faz em *The Fruitage of Spiritual Gifts* às confissões, uma vez que o autor presume que em geral a mensagem de 1888 foi *inicialmente* bem recebida na própria assembléia de Mineápolis.

A posição predominante que temos hoje é que "possuímos" a mensagem de 1888 como segura possessão, seja por nossos antepassados a terem aceito, ou porque houve subseqüentes confissões e arrependimento. E "nós" temos, portanto, estado proclamando-a poderosamente por muitas décadas. Devemos inquirir se essa não seria uma mentalidade do "rico sou, de nada tenho falta".

Há Problemas Com Esta Posição

Se as confissões dos opositores de Mineápolis mudaram sua real atitude de modo que poderiam proclamar a mensagem eficazmente ao nosso povo e ao mundo, algumas perguntas carecem de resposta.

(1) Onde está a evidência de que a mensagem e luz de 1888 foram recuperadas, e pelos próprios irmãos arrependidos proclamada ao nosso povo em forma clara e poderosa? Onde está a evidência de que a oposição cessou em lugar de passar a ser subterrânea?

(2) Por que a "obra" não foi terminada logo após o tempo da confissão e arrependimento? A oposição em Mineápolis abafou o alto clamor; um arrependimento apropriado logicamente o restauraria.

(3) Como explicar as persistentes e numerosas declarações de Ellen White ainda em 1901 de que a mensagem era continuamente mal representada e objeto de oposição pela liderança? Segue-se uma delas, indicando que a genuína reforma que se segue a arrependimento não poderia ter tido lugar:

"Sinto especial interesse nos movimentos e decisões que terão lugar nesta Assembléia [de 1901] concernentes às coisas que deveriam ter sido feitas anos atrás, e especialmente dez anos atrás, quando estávamos reunidos em Assembléia. . . . Os irmãos acederam à luz dada, mas . . . a luz que foi dada não levou a uma ação a seu respeito. Ela foi admitida, mas nenhuma mudança especial foi feita para operar uma condição de coisas de modo que o poder de Deus pudesse revelar-se entre o Seu povo. Ano após ano o mesmo reconhecimento foi feito. . . . É uma maravilha para mim que tenhamos alcançado tanto progresso hoje. É devido à grande misericórdia de Deus, não devido a nossa justiça, que o Seu nome não deva ser desonrado no mundo." (GCB 1901, p. 23; ênfase acrescentada).

Suas reais convicções são reveladas numa declaração que fez uma semana depois, apoiando a reorganização e uma esperada reforma. *"Muitos que têm estado mais ou menos fora de passo desde a assembléia de Mineápolis terão o passo acertado"* (p. 205).

Uma das mais pungentes mensagens proféticas de Ellen White é seu testemunho "O Que Poderia Ter Sido" (5 de janeiro de 1903; 8T 104-106). O belo arrependimento que nossos historiadores declaram ter tido lugar se revela somente um sonho, em vez de "realidade".

O Testemunho de Nossa História

É de conhecimento comum que Urias Smith foi um dos mais persistentes opositores da mensagem. Como editor da *Review and Herald* e com seu bem adquirido prestígio como autor destacado, ele podia ter exercido a mais poderosa influência pela mensagem. Sua redação incisiva e lógica apelava às mentes pensantes. Esse irmão capaz e amável brandia a mais poderosa pena em Battle Creek e poderia ter ajudado a iluminar a terra com a glória da verdade desenvolvida à maturidade. O Espírito Santo podia ter operado com o autor de *Thoughts on Daniel and the Revelation* [Pensamentos sobre Daniel e o Apocalipse] se o seu coração e mente aguda tivessem se somado à feliz tarefa.

Ele preferiu não fazê-lo. Considerava a mensagem como meramente uma "doutrina" enfatizada em excesso e mantinha que sempre a havíamos ensinado. Imediatamente após Mineápolis, ele e W. W. Prescott tentaram silenciar A. T. Jones em Battle Creek. Ellen White menciona o incidente:

"O Pastor Urias Smith pensava que seria melhor que [A. T. Jones] não fosse convidado a falar, pois ele tinha posições bastante fortes. E os arranjos foram feitos para excluí-lo da escola [de Battle Creek]." (Ms. 16, 1889).¹

Esforços para auxiliar Smith somente agravaram a sua teimosia. Por um longo tempo, nenhuma "sóbria reflexão" levou-o a qualquer ponto de vista diverso.

Em março de 1890 Ellen White escreveu na *Review*:

"Tentei apresentar-vos a mensagem como a entendi, mas por quanto tempo irão aqueles à frente da Obra manter-se afastados? . . .

"Por quase dois anos temos estado instando as pessoas a se erguerem e aceitarem a luz e a verdade concernente à justiça de Cristo, e elas não sabem se vêm e assumem esta preciosa verdade ou não. . . . Posso falar ao ouvido, mas não posso falar ao coração. Não nos levantaremos e sairemos da posição de descrença?" (RH, 18 de março de 1890).

Finalmente, após estar "sob obrigação de crer" (TM 466), o Pastor Smith vagava deploravelmente, em perigo de perder-se:

"O irmão Smith está enredado pelo inimigo e não pode em sua presente condição dar à trombeta o som certo . . . contudo . . . está colocado em posições como instrutor para moldar e formar as mentes dos estudantes, quando é fato bem conhecido que ele não se posta sob a luz. Não está atuando na ordem de Deus. Está semeando sementes de descrença que brotam e produzem frutos para algumas almas colherem. . . . O Pastor Smith não receberá a luz que Deus tem dado para corrigi-lo, e não tem um espírito para corrigir por confissão qualquer curso errado que tenha seguido no passado. . . . Tem-me sido mostrado que como agora se encontra, Satanás preparou suas tentações para fechar-se em torno de sua alma." (Carta a O. A. Olsen, 7 de outubro de 1890).

"Tenho grande sofrimento de coração. Sei que Satanás está buscando obter o senhorio sobre os homens. . . . Tais homens, como o Pastor Smith endurecerão seus corações, a menos que vejam e sejam

convertidos. Há aqueles que estão olhando ao Pastor Smith, pensando que um homem que tem recebido tão grande luz será capaz de ver quando o bem vem, e reconhecerá a verdade. Mas tem-me sido mostrado que no caráter do Pastor Smith há um orgulho e teimosia que nunca foi plenamente trazido em sujeição ao Espírito de Deus. Vez após vez sua experiência religiosa tem sido maculada por sua determinação de não confessar os seus erros, mas passá-los por alto e esquecê-los. Homens podem acariciar este pecado até não haver mais perdão para eles." (Diário, 10 de janeiro de 1890, Battle Creek).

Estas solenes palavras contêm a evidência do amor semelhante ao de Cristo que Ellen White tinha por sua alma. À luz da eternidade, a verdade é mais preciosa do que o engano próprio. Em outras comunicações da parte dela podemos ver quão séria havia se tornado a situação:

"Os homens em posições de responsabilidade têm desapontado a Jesus. Eles têm recusado bênçãos preciosas, e recusado ser canais de luz. . . . O conhecimento que deveriam receber de Deus . . . recusam aceitar, e assim se tornam canais de trevas. O Espírito de Deus é ofendido." (Ms. 13, 1889).

"Nossos jovens reparam como os homens mais velhos permanecem parados como estacas, e não se moverão para aceitar qualquer nova luz que é introduzida; rirão e ridicularizarão o que esses homens dizem e o que fazem como não tendo importância. Quem leva a carga [culpa] desse riso e desse desprezo? . . . [Eles] se interpuseram entre a luz que Deus concedeu, a fim de que não vá ao povo que deve obtê-la." (Ms. 9, 1890).

"O diabo tem estado operando por um ano para obliterar essas idéias [a mensagem sobre a justiça de Cristo, de 1888]--a totalidade delas. . . . Por quanto tempo o povo no centro da Obra se manterá contra Deus? Por quanto tempo os homens aqui irão sustê-los em realizar esta obra? Saí do meio do caminho, irmãos. Tirai a mão de sobre a arca de Deus, e deixai o Espírito de Deus entrar e operar em grandioso poder." (idem).

A influência negativa do redator da *Review* expandiu-se largamente. Ellen White tinha-o como responsável em grande medida:

"Tens fortalecido as mãos e mentes de homens tais como Larson, Porter, Dan Jones, Eldridge e Morrison e Nicola e vastos números mediante eles. Todos citam-te, e o inimigo da justiça observa isso com prazer. . . Se tiveres de recuperar a fé como podes remover as impressões de descrença que tens semeado em outras mentes? Não labores tão duramente para cumprir a própria obra que Satanás realiza. Esta obra foi realizada em Mineápolis. Satanás triunfou." (Carta 59, 1890).

Quando Ellen White tentou ajudá-lo, ele respondeu "por escrever-me uma carta acusando o Pastor Jones de derribar os pilares de nossa fé" (Carta 73, 1890; ver Nota Adicional, capítulo quatro). Finalmente, após a virada do novo ano de 1891, ele fez a confissão a seus irmãos, e pediu perdão à Sra. White por sua errônea atitude. Isso foi bom. Ele era um homem honesto. Nossa *Seventh-Day Adventist Encyclopedia* [Enciclopédia adventista do sétimo dia] admite sua oposição inicial à "nova ênfase sobre justificação pela fé", mas credita sua confissão como restaurando "completa harmonia" (p. 1201). Mas não seria este o caso.

O Pastor Smith havia previamente tido experiências bem semelhantes. A sua fé na obra de Ellen White às vezes não era muito forte. E ele propagava a sua descrença. Suas cartas dificilmente poderiam exercer influência contrária a levar D. M. Canright a questionar a inspiração de Ellen White 2. O mais débil impulso enviará um homem que se afoga ao fundo.

Fora o arrependimento do Pastor Smith no princípio de 1891 completo e permanente? Bem poderia ter sido. O Senhor o desejaria. Falando ao escritório da Review and Herald, Ellen White declarou que "o Senhor *apagará as transgressões de quantos desde aquele tempo têm-se arrependido com sincero arrependimento*".

Como Algo Saiu dos Trilhos

O regozijo pelas confissões deve ser situado na perspectiva da história subsequente. Como temos visto, Ellen White mais tarde declarou que tinha havido uma influência no escritório da Review and Herald que tendia a dizer: "Eu irei, Senhor", mas não foi. Ninguém pode questionar a sinceridade e bondade dos irmãos; apenas fazemos notar a realidade de camadas mais profundas de descrença de que não estavam cientes. "Os irmãos *consentiram* com a luz que Deus havia dado, mas existiam aqueles que estavam ligados a nossas instituições, especialmente ao escritório da Review and Herald e [Associação] Geral, que introduziam elementos de descrença, de modo que a luz dada *não era posta em ação*" (GCB 1901, p. 23; ênfase acrescentada).

Após sua confissão, ela o incentivou a considerar as coisas segundo a luz correta. Ela sabia que ele não estava dando à trombeta o som certo na Review. Mais de um ano após sua confissão, ela escreveu-lhe num tom de advertência e conselho, declarando de modo claro que ele havia retornado a sua postura anterior de oposição:

"Alguns de nossos irmãos . . . estão cheios de ciúmes e murmurações, e estão sempre prontos para demonstrar exatamente no que discordam dos Pastores Jones e Waggoner. O mesmo espírito que foi manifesto no passado, manifesta-se novamente em toda oportunidade; mas isso não deriva do impulso do Espírito de Deus. . . .

"Devessem [os Pastores Jones ou Waggoner] sucumbir às tentações do inimigo, . . . quantos . . . não entrariam num engano fatal devido a não estarem sob o controle do Espírito de Deus." (Carta S24, 1892; ênfase acrescentada).

O Pastor Smith parecia ter um errôneo senso da condição espiritual da Igreja. Como anteriormente (1882) ele continuava a "pensar demasiado favoravelmente do tempo presente" (cf. 5T 80). Não podemos condená-lo, pois ele não tinha o discernimento do dom de profecia. Não obstante, seu otimismo irreal estabeleceu-o como o Sr. Laodicéia. Seus inocentes leitores então não sabiam melhor; nós um século depois sabemos melhor, agora que a história tem sustido o Espírito de Profecia, que tanto se opunha a seu ponto de vista. Num editorial de 14 de março de 1892, ele se expressou com indevido otimismo:

"A Causa tem avançado com crescente rapidez, especialmente nestes últimos anos. O objetivo aqui é . . . chamar a atenção ao maravilhoso ritmo crescente que a Causa da verdade presente tem agora atingido. Ela está seguindo em frente por toda parte. Está crescendo em velocidade dia após dia. Avança com um poder que não pode ser detido. No nível do progresso agora desenvolvido, deve em breve atingir a sua meta. Está acelerando os seus passos rumo a seu triunfo final." (RH, 14 de março de 1892).

A mensageira do Senhor não parecia tão contente, pois estava consciente de um sério obstáculo à obra dentro de nossas próprias fileiras e o espectro visível à frente de um longo atraso. A história tem comprovado que o editorial do Pastor Smith era um julgamento superficial. Ellen White assim declarou, então:

"A oposição em nossas próprias fileiras tem imposto sobre os mensageiros do Senhor uma tarefa laboriosa e probante, pois têm tido que defrontar dificuldades e obstáculos que não precisavam ter existido. . . São elementos que atuam entre nós mesmo que têm impedido a mensagem. . . .

"A influência que se desenvolveu de resistência à luz e à verdade em Mineápolis tenderam a tornar de nenhum efeito a luz que Deus tinha dado. . . .

"A obra está anos atrasada. Que contas se dará a Deus por esse retardamento da obra?" (GCB 1893, pp. 419).

Repetidamente, o desorientado editor seguia uma linha de pensamento diametralmente oposta à verdade presente -- a da justiça de Cristo soando no princípio do alto clamor. De forma suficientemente dramática, sua oposição era freqüentemente enfrentada de modo adequado por artigos de Ellen White ou outros que surgiam como aparentes coincidências. Para seu crédito, ele os publicava. O controle editorial era mais relaxado naqueles dias do que agora. Mas a sua mentalidade pessoal estava fixada.

Ainda em 1892, bem após a confissão do redator, ela declara: *"A primeira posição que tomaste com respeito à mensagem e ao mensageiro tem-te sido um contínuo laço e uma pedra de tropeço. . . . Essa perda é ainda tua perda"* (Carta S24, 1892).

Encontramo-lo escrevendo um editorial dizendo que a mensagem presente não é o começo do alto clamor; isso é algo ainda futuro. O seu ponto de vista era o de determinismo soberano divino, virtualmente o do moderno calvinismo reformacionista. Não podemos nem apressar nem retardar a vinda do Senhor:

"Seria a atitude apropriada agora para o povo de Deus fixar a mente sobre essas bênçãos futuras e esse poder futuro, e renunciar a tudo o mais, fazendo dessas coisas o objetivo direto a ser especialmente buscado? Fixar a mente sobre o que está para vir, e daí raciocinar, Agora a Igreja deve ter tais e tais obras poderosas, deve alcançar tal e tal condição, e daí concluir que deve, em detrimento de deveres mais próximos, buscar por meios especiais obter aquele poder e aquelas realizações agora -- é esse o caminho em que essas bênçãos devem ser asseguradas? . . .

"Todos esses outros desenvolvimentos virão no bom tempo do Senhor. Deus no devido tempo concederá a Seu povo o poder necessário. . . . Ele trará o alto clamor da mensagem. . . . Deixai que as bênçãos futuras sejam concedida por Aquele de quem é a obra, para quando e como melhor lhe aprouver." RH, 14 de maio de 1892).

O Pastor Smith aparentemente não tinha idéia de que "o bom tempo do Senhor" tem sido e é sempre *agora*, uma vez que o sétimo anjo começou a soar em 1844, "Não haverá demora" (Apocalipse 10:5). Somente uma semana depois apareceu um artigo de Ellen White que contradizia o espírito desse malfadado editorial. S. N. Haskell logo enviou um fervoroso artigo para contrafazer as palavras do tipo "paz e segurança" do redator (26 de julho de 1892). Depois o Presidente Olsen também prevaleceu-se da oportunidade para repreender o redator mediante as colunas de sua publicação:

"Temos há muito falado sobre o alto clamor da mensagem do terceiro anjo . . . Bem, é chegado o tempo para esse alto clamor ser ouvido? . . . Certamente que sim, irmãos. . . . Então não fiquéis contemplando a uma ocasião mais além, não a espereis nalgum lugar remoto; considerai que está aqui, e que isso significa alguma coisa." (RH, 8 de novembro de 1892).

Durante esse tempo emocionante de grande oportunidade escatológica, o redator da *Review* continuava suas homílias ultrapassadas de argumentos quanto ao domingo examinados e refutados. Há algo de patético quanto à situação. No próprio tempo do alto clamor, ele se empenha num estilo polêmico e apologético diante da cavilosa oposição irracional à observância da verdade do sábado, algo que teria tido mais lugar trinta anos antes. Podemos ouvir os anjos implorando, "Sr. Laodicéia, desperte!"

Com respeito a tal cegueira em reconhecer a obra de Deus, Ellen White escreveu:

"Muito freqüentemente o líder tem se erguido hesitantemente, parecendo dizer: 'Não nos apressemos tanto. Pode haver um equívoco. Precisamos ser cuidadosos para não despertar um falso alarme'. A própria hesitação e incerteza de sua parte está clamando: 'Paz e segurança'. 'Não fiquéis agitados. Não vos alarmeis. Fala-se muito mais sobre essa questão da Emenda Religiosa do que o requerido. Essa agitação desaparecerá'. Assim ele virtualmente nega a mensagem enviada por Deus; e a advertência que foi designada a despertar as igrejas deixa de cumprir o seu mister. A trombeta do vigia não dá o som certo, e o povo não se prepara para a batalha." (5T, 715, 716).

Essa política editorial e mentalidade forçam a uma conclusão desfavorável. Urias Smith retornou a sua postura anterior de oposição e cegueira descomprometida após os efeitos emocionais de sua confissão terem se esvaído.

Finalmente, em dezembro Ellen White falou com bastante clareza:

"Na própria véspera da crise, não é tempo de encontrar-se com um coração maligno de descrença, e afastamento do Deus vivo. . . .

"Entre aqueles que têm coração dobre estão os da classe que se gaba de sua grande precaução em receber "nova luz" como a denominam. Mas a falha deles em receber a luz é provocada por sua cegueira espiritual. . . .

"Há homens em nossa Causa que poderiam ser de grande utilidade se se dispusessem a aprender de Cristo, e a seguir de luz para maior luz; mas devido a não o quererem, tornam-se obstáculos decisivos." (RH, 6 de dezembro de 1892).

Na mesma edição ocorre uma admissão editorial meio capenga de que poderíamos ter retardado a obra, mas não de modo absolutamente sério. Citamos esta declaração porque sua atitude de *laissez faire* calvinista é imensamente popular entre muitos adventistas nesses últimos anos do século 20, que dizem que o povo de Deus não pode nem apressar nem retardar o retorno de Cristo:

"Como a situação poderia ter sido mudada se todos tivessem trabalhado mais zelosa e rapidamente na Causa, não podemos dizer. . . .

"Mas não importa quanto tem estado em nosso poder o retardar a obra, não nos compete deter o seu progresso nem prevenir a sua conclusão final. Dentro dos limites deste tempo quando a obra do Senhor deve ser feita, ela será feita." (ibid., 6 de dezembro de 1892).

Num editorial na *Review* de 10 de maio, Smith indispôs-se abertamente contra E. J. Waggoner. No mesmo ano ele novamente se meteu em aberta disputa com A. T. Jones a respeito da "imagem da besta". Nosso povo observava esses conflitos. O irmão Foster da Igreja de Prahran, na Austrália, expressou sua perplexidade a Ellen White. Ela narra o incidente:

"[Foster] viu na Review o artigo do irmão A. T. Jones com respeito à imagem da besta, e depois um do Pastor Smith apresentando a posição oposta. Ele ficou perplexo e confuso. Havia recebido muita luz e conforto em ler artigos dos irmãos Jones e Waggoner; mas ali estava um dos velhos obreiros, um que havia escrito muitos dos livros oficiais, e de quem tínhamos crido terem sido ensinados por Deus, que pareciam estar em conflito com o irmão Jones. O que tudo isso poderia significar? Estava o irmão Jones do lado errado? Estava o irmão Smith em erro? Quem estava certo? Ele ficou confuso. . . .

"Se antes de publicar o artigo do Pastor Jones. . . o Pastor Smith tivesse dialogado com ele, declarando de modo objetivo que as suas posições diferiam das do irmão Jones, e que se o artigo aparecesse na Review, ele próprio precisava apresentar a posição oposta, então a questão apareceria sob uma luz diferente de como agora se dá. Mas as atitudes tomadas neste caso foram as mesmas que se tomaram em Mineápolis. Os que se opuseram aos irmãos Jones e Waggoner não manifestaram qualquer disposição de se encontrarem com eles como irmãos. . . Contudo esse cego embate prossegue. . . . Sabemos que o irmão Jones tem estado dando a mensagem para este tempo, alimento no tempo apropriado ao faminto rebanho de Deus.

"A assembléia de Mineápolis foi a oportunidade áurea para todos os presentes humilharem seus corações perante Deus, e acolherem a Jesus como o grande Instrutor; mas a postura tomada por alguns naquela assembléia provou-se ser a sua ruína. Desde então nunca mais viram com clareza, e nunca verão; pois persistentemente acariciam o espírito que ali prevaleceu, um espírito ímpio, crítico, denunciatório. . . . No juízo serão inquiridos: "Quem requereu isto de vossa mão, levantar-se contra a mensagem e os mensageiros que Eu enviei ao Meu povo? . . . Por que bloqueastes o caminho com vosso espírito perverso? E posteriormente, quando evidência acumulou-se sobre evidência, por que não humilhastes vossos corações perante Deus, e não vos arrependestes de vossa rejeição da mensagem de misericórdia que Ele vos enviou?" (Carta de 9 de janeiro de 1893; ênfase acrescentada).

Na mesma carta, Ellen White cita o ex-presidente da Associação Geral como compartilhando a perda do Pastor Smith. A questão não é a salvação de suas almas -- isso deixamos com Deus. O ponto básico é a proclamação da mensagem do alto clamor:

"Se homens tais como o Pastor Smith, Pastor Van Horn e Pastor Butler se mantiverem à parte, não se unindo com os elementos que Deus vê como essenciais para levar avante a obra nestes tempos perigosos, serão deixados para trás. . . . Esses irmãos têm tido toda oportunidade de se situarem nas fileiras que estão marchando rumo à vitória; mas se recusarem, a obra avançará sem eles. . . . Se recusarem a mensagem, . . . esses irmãos . . . depararão a perdição eterna pois devem arrepender-se e ser salvos no final, nunca poderão reaver o que perderam mediante seu errôneo curso de ação (ênfase acrescentada)."

Conclusão

Isso de modo algum significa que a obra de toda a vida daqueles queridos irmãos foi um fracasso. A questão é que empregaram sua influência para rejeitar o começo da chuva serôdia e assim contribuíram para retardar a conclusão da obra de Deus por longo tempo.

O caso deles era difícil. Eles eram sinceros, e bons, e amoráveis. Mas foram falsamente encorajados por toda onda de reavivamento superficial que ocasionalmente se manifestava por Battle Creek.

Mesmo após a virada do século ao aproximar-se de seu fim, o Pastor Smith fez questão de demonstrar que nunca mudou de opinião a respeito das questões relativas a 1888. Ele era o notável protótipo dos adventistas ultraconservadores, contudo descrentes, de hoje em dia.

Seu entendimento das profecias de Daniel e Apocalipse e de outras doutrinas estava em harmonia com o dos pioneiros. As condições mundiais em seu tempo eram um claro cumprimento da profecia. A obra de Deus poderia ter sido rapidamente terminada então. Os seus livros tinham ganho milhares de pessoas para a Igreja e ajudado a estabelecer o adventismo ao redor do mundo. Se somente ele pudesse ter aceito o "começo" da chuva serôdia, poderia ter tido a alegria de ajudar a proclamar o glorioso alto clamor ao mundo.

Confiante de que entendia de justificação pela fé e de que sempre havia crido nisso, ele ofereceu sua contribuição após 1888 em seu principal trabalho sobre o assunto, *Looking Unto Jesus* [Olhando para Jesus]. Indubitavelmente saudado por muitos oponentes de 1888 então como uma obra-prima, é óbvio que lhe faltavam "os mais preciosos" elementos da mensagem de 1888.

Houve uma confissão que A. T. Jones mencionou próximo do fim de sua vida:

"Para fazer justiça ao irmão J. H. Morrison, deve ser dito que ele se isentou de toda ligação com aquela oposição, e dedicou-se de corpo, alma e espírito à verdade e bênção da justificação pela fé, numa das mais finas e nobres confissões que jamais ouvi." (Carta a C. E. Holmes, 22 de maio de 1921).

Jones posteriormente na mesma carta declarou de outros que a mudança de coração da parte deles "era somente aparente, nunca tendo sido real, pois por todo o tempo na Comissão da Associação Geral e entre outros havia um antagonismo secreto sempre levado avante".

Nenhuma oposição é mais difícil de tratar do que a que se manifesta subterraneamente. As confissões após Mineápolis impeliram o espírito de descrença para baixo da superfície visível.

Daí é que podemos sinceramente presumir que somos ricos como um povo com a "contribuição" ao adventismo feita em 1888, e que de nada temos falta na compreensão da justificação pela fé, de modo que tudo quanto de que carecemos é mais dinheiro e recursos tecnológicos para propagar o presente entendimento de nossas crenças.

Os sintomas de nossa neurose denominacional são evidentes; as causas jazem sepultadas numa profunda antipatia pela luz que brilhou sobre nosso caminho em 1888, que refletia a verdadeira Luz que ilumina todo homem que vem ao mundo. Uma expiação final, uma reconciliação derradeira com Cristo, é nossa única solução.

O propósito primário deste capítulo foi demonstrar como as confissões que se seguiram a Mineápolis cortaram os "galhos" mas deixaram as "raízes" da descrença intactos (cf. TM 467). Ao desenvolver-se a investigação, um propósito secundário veio à tona. É uma consequência lógica do primeiro, sendo, porém, de muito maior significação.

(1) Em alguns sérios exemplos, nossas posições oficiais presentes de justificação pela fé são idênticas às da *oposição* à mensagem de 1888. O ensino real dessa última é somente ligeiramente evidente em nossas atuais exposições.

(2) Paralelamente às concepções equivocadas da mensagem há a posição altamente otimista da "velocidade" e "rapidez" com que a obra supostamente avança hoje, quando em realidade está sendo retardada por nossa profunda descrença de coração. Os relatórios estatísticos nos iludem.

(3) A confusão concernente à justificação pela fé promove uma sorte de "contínua" transgressão de princípios que Deus confiou à Igreja remanescente para a administração de nossa obra evangelística, de publicações, médica e educacional. "Tem havido um desvio do plano de Deus em muitas maneiras . . . e temos estado progredindo firmemente nos caminhos dos gentios, e não segundo o exemplo de Jesus Cristo" (cf. GCB 1893, p. 459 e FE 221-230). Nossa esperança repousa na misericórdia e amor de Deus, e Sua esperança jaz na honestidade das almas de Seu professo povo.

(4) A verdadeira purificação do santuário celestial requer uma obra complementar em nossos corações. Deve haver uma purificação de raízes "subterrâneas" ocultas de alienação de Cristo. A luz que porá em evidência esta realidade e um meio de terapia espiritual adequada para lidar com isso, são mais necessários do que qualquer montante de recursos tecnológicos para a propagação de nossa "fé" atual.

Em outras palavras, o poder necessário é *luz*, e a conclusão da comissão evangélica será uma consequência natural. Uma verdadeira compreensão da história de 1888 propicia um diagnóstico; uma verdadeira compreensão do evangelho da cruz é a terapia.

1. Somente a influência de Ellen White assegurou o púlpito e a sala de aula para ele. W. W. Prescott uniu-se a Smith em buscar barrar Jones do púlpito em Battle Creek.

2. 1883.

8. Um Momento de Crise: A Assembléia da Associação Geral de 1893

A assembléia da Associação Geral de 1893 situa-se em segundo lugar, em grau de importância, à de 1888 no que tange a determinar como a mensagem foi recebida. A teoria da aceitação requer essa opinião da assembléia de 1893: "Foi realmente na sessão da Associação Geral de 1893 que a luz sobre justificação pela fé pareceu obter sua vitória máxima" (Christian, *op. cit.*, p. 241).

Devemos examinar os relatórios impressos dessa assembléia a fim de entender a natureza dessa "vitória". De acordo com o último testemunho perceptivo de Ellen White, a "vitória" obtida no final foi a de Satanás (cf. 1SM 234, 235). A sessão claramente assinalou a retirada do dom celestial da chuva serôdia. Incidentes nessa assembléia são de profunda significação àqueles dentre nós que vivem hoje.

Desde o início da assembléia, a mensagem de 1888 fora o tema de esmagadora importância. Poucos meses antes, a agora famosa declaração aparecera na *Review* de 22 de novembro de 1892, que realmente tinha sido o "começo" do alto clamor. Essa declaração assemelhou-se a

uma bomba. Vários dos oradores puderam falar de pouca coisa, exceto sobre esse importantíssimo assunto. Mesmo alguns da distante Austrália sabiam o que estava acontecendo. A. T. Jones relatou:

"Recebi uma carta há pouco do irmão Starr, da Austrália. Lerei duas ou três sentenças porque calham bem nesta parte de nossas lições: 'A irmã White declara que temos estado no tempo da chuva serôdia desde a assembléia de Mineápolis'". (GCB 1893, p. 377).

Podemos imaginar a agitação que prevaleceu? Era natural que por detrás da questão do recebimento da mensagem de 1888 aparecia o bendito pensamento da breve volta de Cristo. A não ser desde o Clamor da Meia-Noite de 1844 tinha um gozo tão solene aquecido corações crentes:

"Agradecemos ao Senhor por ainda estar lidando conosco, para salvar-nos de nossos erros, salvar-nos de nossos perigos, manter-nos longe dos caminhos errados, e derramar sobre nós a chuva serôdia, para que possamos ser trasladados. É isso o que significa a mensagem -- trasladação -- para vós e para mim." (ibid., p. 185).

Sabiam que o Senhor em Sua misericórdia não retiraria a chuva serôdia até dar-lhe uma razoável oportunidade de responder. Isso requeria pelo menos alguns anos após 1888. As palavras seguintes citadas na assembléia expressam o princípio de justiça e paciência divinas:

"Deus provará o Seu povo. Jesus o suporta pacientemente, e não o vomita de Sua boca num momento. Disse o anjo: 'Deus está pesando o Seu povo'. Se a mensagem houvesse sido de curta duração como muitos de nós supúnhamos, não teria havido tempo para desenvolverem o caráter. Muitos mudaram seus sentimentos, não com base em princípio e fé, e esta mensagem solene e tremenda os inspirou. . . . Ele lhes concede tempo para que a excitação se esvaia, e depois os prova para ver se obedecerão ao conselho da Testemunha Verdadeira." (1T 186, 187; GCB 1893, p. 179).

Previsão de Grande Perigo

Diferentes oradores sentiram que a luz seria retirada caso não agissem logo. Assim, tratar levianamente o oferecimento celestial significaria perdê-lo. Poucos meses antes da Assembléia de 1893, Ellen White escreveu:

"O pecado cometido no que teve lugar em Mineápolis permanece nos livros de registro celestes, assinalados contra os nomes daqueles que resistiram à luz, e permanecerão em registro até que plena confissão seja feita, e os transgressores se apresentem em plena humildade diante de Deus. . . . E quando essas pessoas forem testadas, e trazidas novamente ao pó, o mesmo espírito será revelado. Quando o Senhor os tem provado suficientemente, se não se Lhe submeterem Ele retirará o Seu Espírito Santo." (Carta O19, 1892).

Em Mineápolis, ela havia advertido de que a negligência da luz que então brilhava seria uma tragédia. O problema não era meramente a salvação pessoal de indivíduos que haviam rejeitado a mensagem. A questão escatológica da chuva serôdia e do alto clamor estava suspensa sobre o corpo eclesial coletivo:

"Aqui desejo dizer-vos que uma coisa terrível é, se Deus concede luz, e ela é impressionada

sobre vosso coração e espírito, . . . por que Deus retirará o Seu Espírito a menos que a Sua verdade seja aceita." (Ms. 8, 1888, Olson, p. 264).

Os irmãos reunidos na assembléia de 1893 estavam numa atmosfera de expectativa. A assembléia parecia carregada de solenidade, numa percepção de que uma decisão tremenda lhes seria imposta. Com base em sua escolha raiaria a feliz manhã, ou o retorno da noite. Se Satanás pudesse "levá-los a comprometer-se com o lado errado, ele traçou planos para conduzi-los numa longa jornada", declarou Ellen White ao presidente Olsen (Carta O19, 1892). Imaginem a tensão que dominava aquela assembléia:

"Agora o solene pensamento que me vem à mente é que [Deus] está Se impacientando, e não esperará muito mais tempo por vós e por mim. . . Não posso afastar-me da idéia de que este é um tempo extremamente crítico para cada um, pessoalmente. . . Parece-me que exatamente agora estamos fazendo escolhas que determinarão se prosseguiremos com esta obra mediante o alto clamor e seremos trasladados, ou se seremos enganados pelos ardís de Satanás e deixados em trevas. . . Tenho tido estes sentimentos no decorrer desta assembléia." (W. W. Prescott, GCB 1893, p. 386).

A. T. Jones reconhecia a seriedade sem precedentes da questão naquela reunião. Observem como o seu entendimento transcendia a idéia calvinista determinista da vontade soberana irresistível de Deus:

"Ele tem tentado nestes quatro anos fazer-nos receber a chuva serôdia, e quanto mais tempo irá esperar até que a recebamos?

"E o ponto básico é, algo está para ser feito. . . Esse é o ponto atemorizante na situação desta assembléia; é isto o que empresta a esta reunião seu caráter assustador. O perigo é que haja alguns aqui que têm resistido por estes quatro anos, ou talvez que não tenham resistido por todo este tempo, e que agora irão . . . deixar de recebê-lo na medida em que o Senhor o concede, e serão passados para trás. Uma decisão será tomada pelo Senhor, por nós mesmos de fato, durante esta assembléia." (ibid., p. 377, ênfase acrescentada).

O presidente da Associação Geral, O. A. Olsen, também sentiu que uma questão crucial confrontava os delegados:

"Este lugar está se tornando mais e mais solene em virtude da presença de Deus. Presumo que nenhum de nós jamais esteve num tal tipo de reunião como experimentamos nesta ocasião. O Senhor certamente virá muito em breve, e está revelando mais e mais coisas, coisas que até então não temos apreciado ou entendido tão plenamente. . . .

"Senti-me muito solene na noite passada. Para mim o lugar era terrível em função da proximidade de Deus, em função do solene testemunho que nos foi transmitido aqui. . . Alguns podem sentir-se tentados quanto à idéia de que se faz referência a Mineápolis. Sei que alguns tem-se sentido ofendidos e tentados ante qualquer alusão a esta assembléia, e à situação ali. Mas que se tenha em mente que a razão por que alguém assim se sinta é um espírito insubmisso de sua parte. . . A mera idéia de que alguém é ofendido revela imediatamente a semente da rebelião no coração." (ibid., p. 188).

Houve outras declarações feitas entre 1888 e 1893 advertindo que se a luz não fosse recebida, ocorreria um especioso desvio a uma luz de contrafação e a idéias apóstatas. Os delegados

ouviram a mensagem seguinte de Ellen White:

"A menos que vigieis e conserveis vossas vestimentas imaculadas do mundo, Satanás se postará como vosso capitão. . . . As palavras que o Senhor enviou serão rejeitadas por muitos, e as palavras que os homens falem serão recebidas como luz e verdade. A sabedoria humana conduzirá para longe da negação própria, da consagração e planejará muitas coisas que tendem a tornar de nenhum efeito as mensagens de Deus. Não podemos com qualquer segurança confiar nos homens que não estão em íntima ligação com Deus. Eles aceitam as opiniões de homens, mas não podem discernir a voz do Verdadeiro Pastor." (ibid., p. 237).

Menos de um ano após a Assembléia de Mineápolis havia vindo esta mensagem:

"A menos que o poder divino seja trazido à experiência do povo de Deus, falsas teorias e idéias errôneas farão as mentes cativas, Cristo e Sua justiça será removido da experiência de muitos, e sua fé será sem poder ou vida." (RH, 3 de setembro de 1889).

A falha em aceitar a luz trazida pelos mensageiros de Deus em Mineápolis resultaria na aceitação de falsa luz trazida por falsos mensageiros. Ela declarou:

"Falsas idéias que foram em grande medida desenvolvidas em Mineápolis não têm sido inteiramente desarraigadas de algumas mentes. Os que não empreenderam uma obra integral de arrependimento sob a luz que Deus têm-Se comprazido em dar a Seu povo desde aquele tempo, não verão as coisas claramente, e estarão prontos a chamarem as mensagens que Deus envia um engano." (GCB 1893, p. 184).

"O que virá a seguir? Esses mesmos acolherão mensagens que Deus não enviou, e assim se tornarão perigosos à causa de Deus em vista de estabelecerem falsos padrões. ("Aos Irmãos em Posições de Responsabilidade". ibid., p. 182).

Lições de Israel "Escritas Para Nossa Admoestação"

Sem dúvida, a mensagem de 1888 foi o maná celestial. Podemos aprender algo do simbolismo antigo. Se Deus coloca um prato de comida diante de nós, temos que comê-lo de imediato, porque o alimento vitalmente nutritivo se estraga mais rapidamente do que o alimento desvitalizado. Havia perigo em deixar o maná de 1888 "até o amanhecer", pois ele estragaria:

"Eis que vos farei chover do céu pão, e o povo sairá, e colherá diariamente a porção para cada dia, para que Eu ponha à prova se anda na minha lei ou não. . . .

"E disse-lhes Moisés: Ninguém deixe dele para a manhã seguinte. Eles, porém, não deram ouvidos a Moisés, e alguns deixaram do maná para a manhã seguinte; porém deu bichos e cheirava mal (Êxodo 16:4, 19,20).

"Estamos vivendo em tempos cheios de importância para cada um, luz está brilhando em raios claros e firmes ao nosso redor. Se esta luz for devidamente recebida e apreciada, ela será uma bênção para nós e outros; mas se confiarmos em nossa própria sabedoria e força, ou na sabedoria e força de nossos semelhantes, ela se transformará num veneno." (TM 385, ênfase acrescentada).

Mesmo na própria Mineápolis, o profeta viu esse tremendo perigo. Aqui está uma pista da trágica falha final da mensagem e dos mensageiros:

"Os que não têm estado cavando mais e mais profundamente na mina da verdade deixarão de ver qualquer beleza nas coisas preciosas apresentadas durante esta Assembléia. Quando a vontade é imediatamente posta em teimosa oposição à luz concedida, é difícil submeter-se mesmo sob a convincente evidência que tem estado nesta assembléia [de 1888]. . . .

"Se negligenciamos caminhar na luz dada, ela se nos tornará em trevas; e a escuridão é proporcional à luz e privilégios que não temos aprimorado." (Ms. 8a, 1888; Olson, pp. 279, 280, ênfases acrescentadas).

Falando ainda da mensagem de 1888 e dos "mensageiros de Deus", ela declara que o inimigo da obra de Deus empregará ministros e líderes não santificados. Ela sentia a realidade do conflito espiritual mortal:

"Ministros não santificados estão unindo forças contra Deus. . . Conquanto professamente recebam a Cristo, eles abraçam a Barrabás, e por suas ações dizem: "Não este homem, mas Barrabás". . . Satanás tem-se gabado do que pode realizar. . . Ele diz: "Sairei e serei um espírito enganador para ludibriar os que possa". . . Seja o filho do engano e falso testemunho acatado por uma igreja que tem tido grande luz, grande evidência, e essa igreja descartará a mensagem que o Senhor tem enviado, e receberá as mais irrazoáveis asserções e falsas suposições e falsas teorias. . . .

"Muitos se postarão em nossos púlpitos com a tocha da falsa profecia nas mãos, acesas pela tocha infernal de Satanás. Se dúvidas e descrença forem acatadas, os ministros fiéis serão removidos do meio do povo que julga saber tanto." (TM 409, 410).

Somente poucos meses antes da Sessão de 1893 veio esta inegável palavra:

"A igreja primitiva foi enganada pelo inimigo de Deus e do homem, e a apostasia foi trazida às fileiras daqueles que professavam o amor de Deus; e hoje, a menos que o povo de Deus desperte do sono, será apanhado desprevenido pelos enganos de Satanás. . . .

"Os dias em que vivemos são solenes e cheios de perigo. . . .

"Sem a iluminação do Espírito de Deus, não seremos capazes de discernir a verdade do erro, e cairemos sob as tentações e enganos magistrais que Satanás acarretará sobre o mundo." (RH, 22 de novembro de 1892).

O inimigo empregaria a sua habilidade para "tentar todo engano possível", apresentando o erro no disfarce de verdade presente, de modo que não seríamos "capazes de discernir a verdade do erro". Os delegados atravessariam uma linha divisória oculta e fatal na Assembléia de 1893. Poucos meses antes de reunir-se, a mensageira do Senhor escreveu ao presidente da Associação Geral de seu exílio australiano:

"Desejo apelar aos nossos irmãos que se reunirão na Assembléia da Associação Geral que atentem à mensagem dada aos laodiceanos. Que condição de cegueira é a deles; este assunto [a mensagem de 1888] tem sido trazido a vossa atenção vez após vez; mas vossa insatisfação com vossa condição espiritual não tem sido suficientemente profunda e penosa para operar uma reforma. . . A culpa de engano próprio jaz sobre nossas igrejas. A vida religiosa de

muitos é uma mentira. . .

"Tenho profundo sofrimento de coração porque tenho visto quão prontamente uma palavra ou ação do Pastor Jones ou Pastor Waggoner é criticada. . . Cessai de observar vossos irmãos com suspeita. . . Há muitos no ministério que não têm amor por Deus ou por seus semelhantes. Estão adormecidos, e enquanto dormem, Satanás está semeando o seu joio." (Carta O19, 1892).

Vários escritores têm comparado a experiência do antigo Israel em Cades-Barnéia com nossa história de 1888. Mas não tem sido reconhecido que a Assembléia de 1893 é um moderno correspondente da tentativa de Israel após Cades-Barnéia de subir e capturar a "terra prometida". Israel estava sob a falsa excitação e entusiasmo de um arrependimento superficial, e a moderna reedição está transparentemente documentada no próprio *Bulletin* [Boletim] de 1893:

Calebe e Josué levaram esta mensagem a Israel:

"Se o Senhor se agradar de nós, então nos fará entrar nessa terra, e no-la dará; terra que mana leite e mel. Tão-somente não sejais rebeldes contra o Senhor, e não temais o povo dessa terra. . . . O Senhor é conosco. . . . Apesar disso toda a congregação disse que os apedrejassem." (Números 14:7-10; comparar com 5T 383).

"Em 1888 na Conferência Geral realizada em Minneapolis, Minnesota, o anjo de Apocalipse 18 desceu para fazer sua obra, e foi ridicularizado, criticado e rejeitado, e quando a mensagem que ele trouxe novamente, alargar-se num alto clamor, será novamente ridicularizada, criticada e rejeitada pela maioria." E.G.White in Taking Up a Reproach. Também encontrado em Some History, Some Experience, Some Facts, p. 1, por A.T.Jones.

"Vi que Jones e Waggoner tiveram sua contrapartida em Josué e Calebe. Como os filhos de Israel apedrejaram os espias com pedras literais, vós apedrejastes esses irmãos com pedras de sarcasmo e ridículo. Vi que vós voluntariamente rejeitastes o que sabíeis ser a verdade. Apenas porque ela era por demais humilhante para a vossa dignidade. Vi alguns de vós em vossas tendas arremedando e fazendo toda a sorte de galhofas desses dois irmãos. Vi também que se tivéssemos aceito a mensagem deles teríamos estado no reino após dois anos daquela data, mas agora temos de retornar ao deserto e ficar 40 anos." E.G.White, Escrito de Melbourne, Austrália, 09.05.1892.

Mais tarde, após evidenciar-se que o povo tinha verdadeiramente se rebelado, o Senhor foi forçado a decretar um retorno ao deserto: "Tereis experiência do Meu desagrado". Mas Israel supunha que sua confissão superficial ("havemos pecado"), e seu arrependimento superficial ("e o povo se contristou muito") haviam assegurado uma reversão da sentença divina, e que podiam agora prontamente vencer os seus inimigos.

Em seu entusiasmo, eles interpretaram fora de contexto a mensagem anterior dos dois espias fiéis: "O Senhor é conosco; não os temais". O povo presumia que isso ainda seria verdade após um arrependimento superficial ter deixado sua persistente rebelião sem ser afetada. Julgando que o Senhor estava ainda "com" eles, e sem contrição, presunçosamente se lançaram no que confiantemente julgavam seria a sua experiência de "alto clamor" para conquistar Canaã.

Moisés tentou dissuadi-los, dizendo-lhes que a mensagem que Caleb e Josué lhes dera antes de sua rebelião não mais se tratava de verdade presente. "Não subais, pois o *Senhor não estará no*

meio de vós", ele clamou (verso 42).

O esforço de Israel foi um desastre. Na verdade, o Senhor não estava com eles na conquista de Canaã. Mas Ele não os iria esquecer. Ainda estaria com eles num programa de cansativo e desgastante jornada pelo deserto até que a geração inteira de descrentes perecesse. Assim, finalmente eles volveram-se.

O entusiasmo despertado ao final da Assembléia da Associação Geral de 1893 não representou a "vitória máxima" da mensagem da justiça de Cristo que tínhamos suposto. Antes, foi claramente uma falsa excitação sem verdadeira contrição e arrependimento. Nossa história tem demonstrado que foi um fracasso, pois o alto clamor não se manifestou após aquela reunião.

A Igreja Adventista do Sétimo Dia é verdadeiramente o moderno Israel e o Senhor tem estado conosco. Ele não nos esqueceu mais do que teria esquecido o povo de Israel em Cades-Barnéia. Mas Ele tem estado conosco como uma coluna de nuvem de dia e um pilar de fogo à noite em décadas de cansativo jornada pelo deserto, não num programa de conquista de "Canaã" no poder do "alto clamor". Essa experiência é ainda futura para a igreja remanescente, assim deixada por nossa descrença no passado. O propósito de Deus teve que ser alterado.

Precisamos considerar a evidência em registro.

Os Estudos de A. T. Jones

Os vinte e quatro estudos de A. T. Jones sobre "A Mensagem do Terceiro Anjo" não apresentam indícios de que ele fosse uma pessoa amarga, argumentativa ou um mau cristão.

O seu estilo era a própria simplicidade, e sua metodologia era a essência da bondade fraternal. Ele nunca se elevou acima das pessoas e sempre falava de "nossas" falhas, "nossa" descrença, "nossa" necessidade do Senhor e com frequência incluía-se especificamente como sendo o mais necessitado e o mais desamparado.

Lemos os seus sermões em vão procurando evidência para apoiar as acusações de nossos historiadores de que ele era "neurastênico", "dava justa causa para ressentimento", era de uma "personalidade . . . polemista", "crítico", despertava "rancores" de personalidade, era arrogante ou fazia "declarações extremadas" ou "pronunciamentos místicos". Esses escritores tinham inventado essas idéias, ou, na melhor das hipóteses, haviam distorcido a verdade. O falso julgamento tem sido oficialmente publicado a respeito de um humilde servo a quem o Senhor identificou como "Seu mensageiro".

Seus sermões de 1893 estão relatados no *Bulletin* aparentemente sem omissões ou mudanças editoriais. Uma reimpressão apropriada publicada pela Associação Geral e pelo Seminário de uma seleção desses vinte e quatro sermões convenceria muitos dentre nosso povo hoje de que ali está o mais simples e inspirador ensino da "terceira mensagem angélica em verdade" que temos ouvido por um século. A atuação do Espírito Santo é evidente.

Falando de Mineápolis, ele revelava uma mente humilde. Reconhecia a necessidade de falar francamente, mas é difícil ver como alguém podia ter levantado a questão com maior tato, mais bondade, mais amor, do que ele fez.

O secretário da Associação Geral, Dan T. Jones, escreveu a um amigo sobre ele: "Sua pregação prática parece muito terna e sente profundamente tudo quanto diz" (carta a J. W. Watt, 1º de janeiro de 1889). Em 1890 Ellen White também disse que se alegrava com o seu espírito humilde: "O irmão Jones falou com muita clareza, contudo de modo terno" com respeito ao evento de 1888 (Carta 84, 1890).

Agora ela estava exilada na Austrália e Waggoner fora para a Grã-Bretanha; Jones é deixado virtualmente só:

"E agora vimos . . . ao estudo desta parte do assunto que vos afeta diretamente como indivíduos. . . . Para mim esta lição e a próxima são as mais temíveis de todas a que tenho me dedicado. Não as escolhi, e as temia . . . mas . . . não adianta que . . . consideremos estas coisas levianamente . . . com olhos fechados, ignorando qual é a nossa condição. . . .

"Peço-vos agora, para início, que não me situeis aqui como alguém separado de vós, e acima de vós, como se eu estivesse falando de cima para baixo, excluindo-me das coisas que podem ser apresentadas. Estou convosco em todas essas coisas. Eu, convosco, tão certamente e na mesma proporção, careço de estar preparado para receber o que Deus nos tem concedido, como qualquer outra pessoa sobre a face da terra. Assim vos peço que não me separeis de vós nesta questão. E se virdes faltas que haveis cometido, verei faltas que eu tenho cometido, e, por favor, não me culpeis como se eu vos estivesse julgando, ou achando falta em vós. . . O que desejo, irmãos, é simplesmente buscar a Deus convosco, de todo o coração (Congregação -- "amém") e fazer tudo o mais sair do caminho, para que Deus possa nos dar o que Ele tem para nós." (GCB 1893, pp. 164, 165).

Os seus ensinamentos eram claros, sem inclinações ao misticismo ou extremismo. Se para nós hoje parecem incomuns, é porque temos há tanto empregado espadas cegas que a espada nua da Palavra e do Espírito pode parecer especialmente aguda.

Suas declarações com respeito a obras eram equilibradas. Não foi senão após essa assembléia (9 de abril) que Ellen White achou necessário adverti-lo contra um potencial para declarações extremadas sobre o tema de fé e obras. (E é após esta carta que encontramos seu mais entusiástico endosso de suas mensagens sobre fé e obras). Observem sua clareza e equilíbrio em 1893:

"Digo novamente, que em todos os casos aquele que crê em Jesus Cristo mais plenamente trabalhará mais plenamente por Ele.

"Agora vejamos esta palavra, e isso será o mais próximo possível que eu poderia atingir para toda a questão esta noite: Steps to Christ [Vereda de Cristo], pág. 79 [edição original de 1892]: 'O coração que repousa mais plenamente em Cristo será o mais zeloso e ativo no trabalho por Ele'. Amém. (Congregação: 'Amém') . . . Não pensem que o homem que declara que repousa plenamente em Jesus Cristo é um acomodado física ou espiritualmente. Se ele revela essa característica de acomodação em sua vida, não está repousando em Cristo em absoluto, mas em seu próprio eu. . . Essa é a fé que vos trará o derramamento da chuva serôdia." (GCB 1893, p. 302; ênfase do original).

Ele também foi claro no relacionamento da lei e evangelho. Isso significava que entendia o verdadeiro arrependimento, em contraste com as concepções fatais que são populares hoje. É um trágico erro presumir que as confissões superficiais resultam em todos os nossos pecados serem lavados e eliminados automaticamente, e que essas convicções do Espírito Santo de pecado mais profundo derivam do diabo e devem, portanto, ser repelidas. Observem esta clara

verdade:

"Quando o pecado é-vos assinalado, dizeis: 'Eu preferiria ter a Cristo do que a isso'. E que assim seja. (Congregação: 'Amém'.) . . . Então . . . onde está a oportunidade para qualquer um de nós ficar desanimado com respeito aos nossos pecados? Agora, alguns dos irmãos aqui têm feito exatamente isso. Chegam aqui livres; mas o Espírito de Deus suscitou algo que nunca viram antes. O Espírito de Deus foi mais a fundo do que jamais fora antes, e revelou coisas que nunca haviam visto antes; e daí, em vez de serem gratos ao Senhor de que isso assim era, e deixar que toda a malignidade se fosse, e serem gratos a Deus por obterem Dele muito mais do que jamais haviam obtido antes, começaram a desanimar-se. . . E não obtiveram nenhum bem das reuniões dia após dia.

"Se o Senhor houvesse trazido à tona pecados de que nunca pensamos antes, isso apenas mostra que Ele descerá às profundezas, e finalmente alcançará o fundo; e quando encontrar a última coisa que é impura ou contaminada, que está fora de harmonia com a Sua vontade, e trazer isso às claras, e revelar-nos isso, e dissermos: 'Eu prefiro ter o Senhor a isso' -- então a obra estará completa, e o selo do Deus vivo pode ser fixado sobre esse caráter. . .

"O que preferireis ter, a plenitude perfeita e completa de Jesus Cristo, ou ter menos do que isso, com alguns de vossos pecados acobertados, dos quais nunca tivestes conhecimento? . . . Assim Ele tem que cavar fundo aos pontos mais profundos de que jamais sonhamos, porque não podemos compreender os nossos corações. . . Deixemos que Ele vá adiante, irmãos; deixemos que Ele continue Sua obra de pesquisa." (ibid., p. 404).

Observem a clara concepção do orador de que Satanás controla a mente natural a menos que haja uma crucifixão do eu com Cristo. "A ofensa da cruz" estava presente. Uma breve ilustração de suas assinaladas aplicações deve ser suficiente para revelar que houve uma mensagem genuína, um chamado à união com Cristo mediante a crucifixão do eu com Ele na cruz:

"Temos a palavra aqui de que essas coisas estão entre vós: ambição por posição, ciúme de posição, e inveja de condição; essas coisas estão entre vós. Agora é chegado o tempo de pô-las de parte, . . . para que cada um descubra quão baixo pode ir aos pés de Cristo, e não quão alto na Associação, ou na estima dos homens, ou quão elevado na Comissão da Associação, ou na Comissão da Associação Geral. . . Não faz diferença quanto isso custe; isso nada tem a ver com o fato." (ibid., p. 166).

Ligado a esse solene apelo por arrependimento estava a repetida garantia de uma alegria profunda e sólida no Senhor. Não havia extremos de emocionalismo evidente, mas lágrimas de contrição foram derramadas. Foi uma obra sólida e genuína do Espírito Santo que A. T. Jones apresentou na assembléia de 1893.

Provavelmente nunca houve em nossos 100 anos de história uma mensagem mais bela apresentada numa sessão da Associação Geral, tão profundamente ditada pelo Espírito Santo sob um pilar de fogo pairando acima e uma nuvem que sinalizava o avanço para o cumprimento escatológico.

Mas fanatismo manifestou-se próximo do encerramento da assembléia, introduzida por alguém outro que não A. T. Jones.

8. Um Momento de Crise: A Assembléia da Associação Geral de 1893

A assembléia da Associação Geral de 1893 situa-se em segundo lugar, em grau de importância, à de 1888 no que tange a determinar como a mensagem foi recebida. A teoria da aceitação requer essa opinião da assembléia de 1893: "Foi realmente na sessão da Associação Geral de 1893 que a luz sobre justificação pela fé pareceu obter sua vitória máxima" (Christian, *op. cit.*, p. 241).

Devemos examinar os relatórios impressos dessa assembléia a fim de entender a natureza dessa "vitória". De acordo com o último testemunho perceptivo de Ellen White, a "vitória" obtida no final foi a de Satanás (cf. 1SM 234, 235). A sessão claramente assinalou a retirada do dom celestial da chuva serôdia. Incidentes nessa assembléia são de profunda significação àqueles dentre nós que vivem hoje.

Desde o início da assembléia, a mensagem de 1888 fora o tema de esmagadora importância. Poucos meses antes, a agora famosa declaração aparecera na *Review* de 22 de novembro de 1892, que realmente tinha sido o "começo" do alto clamor. Essa declaração assemelhou-se a uma bomba. Vários dos oradores puderam falar de pouca coisa, exceto sobre esse importantíssimo assunto. Mesmo alguns da distante Austrália sabiam o que estava acontecendo. A. T. Jones relatou:

"Recebi uma carta há pouco do irmão Starr, da Austrália. Lerei duas ou três sentenças porque calham bem nesta parte de nossas lições: 'A irmã White declara que temos estado no tempo da chuva serôdia desde a assembléia de Mineápolis'". (GCB 1893, p. 377).

Podemos imaginar a agitação que prevaleceu? Era natural que por detrás da questão do recebimento da mensagem de 1888 aparecia o bendito pensamento da breve volta de Cristo. A não ser desde o Clamor da Meia-Noite de 1844 tinha um gozo tão solene aquecido corações crentes:

"Agradecemos ao Senhor por ainda estar lidando conosco, para salvar-nos de nossos erros, salvar-nos de nossos perigos, manter-nos longe dos caminhos errados, e derramar sobre nós a chuva serôdia, para que possamos ser trasladados. É isso o que significa a mensagem -- trasladação -- para vós e para mim." (ibid., p. 185).

Sabiam que o Senhor em Sua misericórdia não retiraria a chuva serôdia até dar-lhe uma razoável oportunidade de responder. Isso requereria pelo menos alguns anos após 1888. As palavras seguintes citadas na assembléia expressam o princípio de justiça e paciência divinas:

"Deus provará o Seu povo. Jesus o suporta pacientemente, e não o vomita de Sua boca num momento. Disse o anjo: 'Deus está pesando o Seu povo'. Se a mensagem houvesse sido de curta duração como muitos de nós supúnhamos, não teria havido tempo para desenvolverem o caráter. Muitos mudaram seus sentimentos, não com base em princípio e fé, e esta mensagem solene e tremenda os inspirou. . . . Ele lhes concede tempo para que a excitação se esvaia, e depois os prova para ver se obedecerão ao conselho da Testemunha Verdadeira." (1T 186, 187; GCB 1893, p. 179).

Previsão de Grande Perigo

Diferentes oradores sentiram que a luz seria retirada caso não agissem logo. Assim, tratar levemente o oferecimento celestial significaria perdê-lo. Poucos meses antes da Assembléia de 1893, Ellen White escreveu:

"O pecado cometido no que teve lugar em Mineápolis permanece nos livros de registro celestes, assinalados contra os nomes daqueles que resistiram à luz, e permanecerão em registro até que plena confissão seja feita, e os transgressores se apresentem em plena humildade diante de Deus. . . . E quando essas pessoas forem testadas, e trazidas novamente ao pó, o mesmo espírito será revelado. Quando o Senhor os tem provado suficientemente, se não se Lhe submeterem Ele retirará o Seu Espírito Santo." (Carta O19, 1892).

Em Mineápolis, ela havia advertido de que a negligência da luz que então brilhava seria uma tragédia. O problema não era meramente a salvação pessoal de indivíduos que haviam rejeitado a mensagem. A questão escatológica da chuva serôdia e do alto clamor estava suspensa sobre o corpo eclesial coletivo:

"Aqui desejo dizer-vos que uma coisa terrível é, se Deus concede luz, e ela é impressionada sobre vosso coração e espírito, . . . por que Deus retirará o Seu Espírito a menos que a Sua verdade seja aceita." (Ms. 8, 1888, Olson, p. 264).

Os irmãos reunidos na assembléia de 1893 estavam numa atmosfera de expectativa. A assembléia parecia carregada de solenidade, numa percepção de que uma decisão tremenda lhes seria imposta. Com base em sua escolha raiaria a feliz manhã, ou o retorno da noite. Se Satanás pudesse "levá-los a comprometer-se com o lado errado, ele traçou planos para conduzi-los numa longa jornada", declarou Ellen White ao presidente Olsen (Carta O19, 1892). Imaginem a tensão que dominava aquela assembléia:

"Agora o solene pensamento que me vem à mente é que [Deus] está Se impacientando, e não esperará muito mais tempo por vós e por mim. . . Não posso afastar-me da idéia de que este é um tempo extremamente crítico para cada um, pessoalmente. . . Parece-me que exatamente agora estamos fazendo escolhas que determinarão se prosseguiremos com esta obra mediante o alto clamor e seremos trasladados, ou se seremos enganados pelos ardís de Satanás e deixados em trevas. . . Tenho tido estes sentimentos no decorrer desta assembléia." (W. W. Prescott, GCB 1893, p. 386).

A. T. Jones reconhecia a seriedade sem precedentes da questão naquela reunião. Observem como o seu entendimento transcendia a idéia calvinista determinista da vontade soberana irresistível de Deus:

"Ele tem tentado nestes quatro anos fazer-nos receber a chuva serôdia, e quanto mais tempo irá esperar até que a recebamos?

"E o ponto básico é, algo está para ser feito. . . Esse é o ponto atemorizante na situação desta assembléia; é isto o que empresta a esta reunião seu caráter assustador. O perigo é que haja alguns aqui que têm resistido por estes quatro anos, ou talvez que não tenham resistido por todo este tempo, e que agora irão . . . deixar de recebê-lo na medida em que o Senhor o concede, e serão passados para trás. Uma decisão será tomada pelo Senhor, por nós mesmos de fato, durante esta assembléia." (ibid., p. 377, ênfase acrescentada).

O presidente da Associação Geral, O. A. Olsen, também sentiu que uma questão crucial confrontava os delegados:

"Este lugar está se tornando mais e mais solene em virtude da presença de Deus. Presumo que nenhum de nós jamais esteve num tal tipo de reunião como experimentamos nesta ocasião. O Senhor certamente virá muito em breve, e está revelando mais e mais coisas, coisas que até então não temos apreciado ou entendido tão plenamente. . . .

"Senti-me muito solene na noite passada. Para mim o lugar era terrível em função da proximidade de Deus, em função do solene testemunho que nos foi transmitido aqui. . . Alguns podem sentir-se tentados quanto à idéia de que se faz referência a Mineápolis. Sei que alguns tem-se sentido ofendidos e tentados ante qualquer alusão a esta assembléia, e à situação ali. Mas que se tenha em mente que a razão por que alguém assim se sinta é um espírito insubmisso de sua parte. . . A mera idéia de que alguém é ofendido revela imediatamente a semente da rebelião no coração." (ibid., p. 188).

Houve outras declarações feitas entre 1888 e 1893 advertindo que se a luz não fosse recebida, ocorreria um especioso desvio a uma luz de contrafação e a idéias apóstatas. Os delegados ouviram a mensagem seguinte de Ellen White:

"A menos que vigieis e conserveis vossas vestimentas imaculadas do mundo, Satanás se postará como vosso capitão. . . . As palavras que o Senhor enviou serão rejeitadas por muitos, e as palavras que os homens falem serão recebidas como luz e verdade. A sabedoria humana conduzirá para longe da negação própria, da consagração e planejará muitas coisas que tendem a tornar de nenhum efeito as mensagens de Deus. Não podemos com qualquer segurança confiar nos homens que não estão em íntima ligação com Deus. Eles aceitam as opiniões de homens, mas não podem discernir a voz do Verdadeiro Pastor." (ibid., p. 237).

Menos de um ano após a Assembléia de Mineápolis havia vindo esta mensagem:

"A menos que o poder divino seja trazido à experiência do povo de Deus, falsas teorias e idéias errôneas farão as mentes cativas, Cristo e Sua justiça será removido da experiência de muitos, e sua fé será sem poder ou vida." (RH, 3 de setembro de 1889).

A falha em aceitar a luz trazida pelos mensageiros de Deus em Mineápolis resultaria na aceitação de falsa luz trazida por falsos mensageiros. Ela declarou:

"Falsas idéias que foram em grande medida desenvolvidas em Mineápolis não têm sido inteiramente desarraigadas de algumas mentes. Os que não empreenderam uma obra integral de arrependimento sob a luz que Deus têm-Se comprazido em dar a Seu povo desde

aquele tempo, não verão as coisas claramente, e estarão prontos a chamarem as mensagens que Deus envia um engano." (GCB 1893, p. 184).

*"O que virá a seguir? Esses mesmos acolherão mensagens que Deus não enviou, e assim se tornarão perigosos à causa de Deus em vista de estabelecerem falsos padrões. ("Aos Irmãos em Posições de Responsabilidade". *ibid.*, p. 182).*

Lições de Israel "Escritas Para Nossa Admoestação"

Sem dúvida, a mensagem de 1888 foi o maná celestial. Podemos aprender algo do simbolismo antigo. Se Deus coloca um prato de comida diante de nós, temos que comê-lo de imediato, porque o alimento vitalmente nutritivo se estraga mais rapidamente do que o alimento desvitalizado. Havia perigo em deixar o maná de 1888 "até o amanhecer", pois ele estragaria:

"Eis que vos farei chover do céu pão, e o povo sairá, e colherá diariamente a porção para cada dia, para que Eu ponha à prova se anda na minha lei ou não. . . .

"E disse-lhes Moisés: Ninguém deixe dele para a manhã seguinte. Eles, porém, não deram ouvidos a Moisés, e alguns deixaram do maná para a manhã seguinte; porém deu bichos e cheirava mal (Êxodo 16:4, 19,20).

"Estamos vivendo em tempos cheios de importância para cada um, luz está brilhando em raios claros e firmes ao nosso redor. Se esta luz for devidamente recebida e apreciada, ela será uma bênção para nós e outros; mas se confiarmos em nossa própria sabedoria e força, ou na sabedoria e força de nossos semelhantes, ela se transformará num veneno." (TM 385, ênfase acrescentada).

Mesmo na própria Mineápolis, o profeta viu esse tremendo perigo. Aqui está uma pista da trágica falha final da mensagem e dos mensageiros:

"Os que não têm estado cavando mais e mais profundamente na mina da verdade deixarão de ver qualquer beleza nas coisas preciosas apresentadas durante esta Assembléia. Quando a vontade é imediatamente posta em teimosa oposição à luz concedida, é difícil submeter-se mesmo sob a convincente evidência que tem estado nesta assembléia [de 1888]. . . .

"Se negligenciamos caminhar na luz dada, ela se nos tornará em trevas; e a escuridão é proporcional à luz e privilégios que não temos aprimorado." (Ms. 8a, 1888; Olson, pp. 279, 280, ênfases acrescentadas).

Falando ainda da mensagem de 1888 e dos "mensageiros de Deus", ela declara que o inimigo da obra de Deus empregará ministros e líderes não santificados. Ela sentia a realidade do conflito espiritual mortal:

"Ministros não santificados estão unindo forças contra Deus. . . Conquanto professamente recebam a Cristo, eles abraçam a Barrabás, e por suas ações dizem: "Não este homem, mas Barrabás". . . Satanás tem-se gabado do que pode realizar. . . Ele diz: "Sairei e serei um espírito enganador para ludibriar os que possa". . . Seja o filho do engano e falso testemunho acatado por uma igreja que tem tido grande luz, grande evidência, e essa igreja

descartará a mensagem que o Senhor tem enviado, e receberá as mais irrazoáveis asserções e falsas suposições e falsas teorias. . . .

"Muitos se postarão em nossos púlpitos com a tocha da falsa profecia nas mãos, acesas pela tocha infernal de Satanás. Se dúvidas e descrença forem acatadas, os ministros fiéis serão removidos do meio do povo que julga saber tanto." (TM 409, 410).

Somente poucos meses antes da Sessão de 1893 veio esta inegável palavra:

"A igreja primitiva foi enganada pelo inimigo de Deus e do homem, e a apostasia foi trazida às fileiras daqueles que professavam o amor de Deus; e hoje, a menos que o povo de Deus desperte do sono, será apanhado desprevenido pelos enganos de Satanás. . . .

"Os dias em que vivemos são solenes e cheios de perigo. . . .

"Sem a iluminação do Espírito de Deus, não seremos capazes de discernir a verdade do erro, e cairemos sob as tentações e enganos magistrais que Satanás acarretará sobre o mundo." (RH, 22 de novembro de 1892).

O inimigo empregaria a sua habilidade para "tentar todo engano possível", apresentando o erro no disfarce de verdade presente, de modo que não seríamos "capazes de discernir a verdade do erro". Os delegados atravessariam uma linha divisória oculta e fatal na Assembléia de 1893. Poucos meses antes de reunir-se, a mensageira do Senhor escreveu ao presidente da Associação Geral de seu exílio australiano:

"Desejo apelar aos nossos irmãos que se reunirão na Assembléia da Associação Geral que atente à mensagem dada aos laodiceanos. Que condição de cegueira é a deles; este assunto [a mensagem de 1888] tem sido trazido a vossa atenção vez após vez; mas vossa insatisfação com vossa condição espiritual não tem sido suficientemente profunda e penosa para operar uma reforma. . . A culpa de engano próprio jaz sobre nossas igrejas. A vida religiosa de muitos é uma mentira. . .

"Tenho profundo sofrimento de coração porque tenho visto quão prontamente uma palavra ou ação do Pastor Jones ou Pastor Waggoner é criticada. . . Cessai de observar vossos irmãos com suspeita. . . Há muitos no ministério que não têm amor por Deus ou por seus semelhantes. Estão adormecidos, e enquanto dormem, Satanás está semeando o seu joio." (Carta O19, 1892).

Vários escritores têm comparado a experiência do antigo Israel em Cades-Barnéia com nossa história de 1888. Mas não tem sido reconhecido que a Assembléia de 1893 é um moderno correspondente da tentativa de Israel após Cades-Barnéia de subir e capturar a "terra prometida". Israel estava sob a falsa excitação e entusiasmo de um arrependimento superficial, e a moderna reedição está transparentemente documentada no próprio *Bulletin* [Boletim] de 1893:

Calebe e Josué levaram esta mensagem a Israel:

"Se o Senhor se agradar de nós, então nos fará entrar nessa terra, e no-la dará; terra que mana leite e mel. Tão-somente não sejais rebeldes contra o Senhor, e não temais o povo dessa terra. . . . O Senhor é conosco. . . . Apesar disso toda a congregação disse que os

apedrejassem." (Números 14:7-10; comparar com 5T 383).

"Em 1888 na Conferência Geral realizada em Minneapolis, Minnesota, o anjo de Apocalipse 18 desceu para fazer sua obra, e foi ridicularizado, criticado e rejeitado, e quando a mensagem que ele trouxe novamente, alargar-se num alto clamor, será novamente ridicularizada, criticada e rejeitada pela maioria." E.G.White in Taking Up a Reproach. Também encontrado em Some History, Some Experience, Some Facts, p. 1, por A.T.Jones.

"Vi que Jones e Waggoner tiveram sua contrapartida em Josué e Calebe. Como os filhos de Israel apedrejaram os espias com pedras literais, vós apedrejastes esses irmãos com pedras de sarcasmo e ridículo. Vi que vós voluntariamente rejeitastes o que sabíeis ser a verdade. Apenas porque ela era por demais humilhante para a vossa dignidade. Vi alguns de vós em vossas tendas arremedando e fazendo toda a sorte de galhofas desses dois irmãos. Vi também que se tivéssemos aceito a mensagem deles teríamos estado no reino após dois anos daquela data, mas agora temos de retornar ao deserto e ficar 40 anos." E.G.White, Escrito de Melbourne, Austrália, 09.05.1892.

Mais tarde, após evidenciar-se que o povo tinha verdadeiramente se rebelado, o Senhor foi forçado a decretar um retorno ao deserto: "Tereis experiência do Meu desagrado". Mas Israel supunha que sua confissão superficial ("havemos pecado"), e seu arrependimento superficial ("e o povo se contristou muito") haviam assegurado uma reversão da sentença divina, e que podiam agora prontamente vencer os seus inimigos.

Em seu entusiasmo, eles interpretaram fora de contexto a mensagem anterior dos dois espias fiéis: "O Senhor é conosco; não os temais". O povo presumia que isso ainda seria verdade após um arrependimento superficial ter deixado sua persistente rebelião sem ser afetada. Julgando que o Senhor estava ainda "com" eles, e sem contrição, presunçosamente se lançaram no que confiantemente julgavam seria a sua experiência de "alto clamor" para conquistar Canaã.

Moisés tentou dissuadi-los, dizendo-lhes que a mensagem que Caleb e Josué lhes dera antes de sua rebelião não mais se tratava de verdade presente. "Não subais, pois o *Senhor não estará no meio de vós*", ele clamou (verso 42).

O esforço de Israel foi um desastre. Na verdade, o Senhor não estava com eles na conquista de Canaã. Mas Ele não os iria esquecer. Ainda estaria com eles num programa de cansativo e desgastante jornada pelo deserto até que a geração inteira de descrentes perecesse. Assim, finalmente eles volveram-se.

O entusiasmo despertado ao final da Assembléia da Associação Geral de 1893 não representou a "vitória máxima" da mensagem da justiça de Cristo que tínhamos suposto. Antes, foi claramente uma falsa excitação sem verdadeira contrição e arrependimento. Nossa história tem demonstrado que foi um fracasso, pois o alto clamor não se manifestou após aquela reunião.

A Igreja Adventista do Sétimo Dia é verdadeiramente o moderno Israel e o Senhor tem estado conosco. Ele não nos esqueceu mais do que teria esquecido o povo de Israel em Cades-Barnéia. Mas Ele tem estado conosco como uma coluna de nuvem de dia e um pilar de fogo à noite em décadas de cansativo jornada pelo deserto, não num programa de conquista de "Canaã" no poder do "alto clamor". Essa experiência é ainda futura para a igreja remanescente, assim deixada por nossa descrença no passado. O propósito de Deus teve que

ser alterado.

Precisamos considerar a evidência em registro.

Os Estudos de A. T. Jones

Os vinte e quatro estudos de A. T. Jones sobre "A Mensagem do Terceiro Anjo" não apresentam indícios de que ele fosse uma pessoa amarga, argumentativa ou um mau cristão.

O seu estilo era a própria simplicidade, e sua metodologia era a essência da bondade fraternal. Ele nunca se elevou acima das pessoas e sempre falava de "nossas" falhas, "nossa" descrença, "nossa" necessidade do Senhor e com frequência incluía-se especificamente como sendo o mais necessitado e o mais desamparado.

Lemos os seus sermões em vão procurando evidência para apoiar as acusações de nossos historiadores de que ele era "neurastênico", "dava justa causa para ressentimento", era de uma "personalidade . . . polemista", "crítico", despertava "rancores" de personalidade, era arrogante ou fazia "declarações extremadas" ou "pronunciamentos místicos". Esses escritores tinham inventado essas idéias, ou, na melhor das hipóteses, haviam distorcido a verdade. O falso julgamento tem sido oficialmente publicado a respeito de um humilde servo a quem o Senhor identificou como "Seu mensageiro".

Seus sermões de 1893 estão relatados no *Bulletin* aparentemente sem omissões ou mudanças editoriais. Uma reimpressão apropriada publicada pela Associação Geral e pelo Seminário de uma seleção desses vinte e quatro sermões convenceria muitos dentre nosso povo hoje de que ali está o mais simples e inspirador ensino da "terceira mensagem angélica em verdade" que temos ouvido por um século. A atuação do Espírito Santo é evidente.

Falando de Mineápolis, ele revelava uma mente humilde. Reconhecia a necessidade de falar francamente, mas é difícil ver como alguém podia ter levantado a questão com maior tato, mais bondade, mais amor, do que ele fez.

O secretário da Associação Geral, Dan T. Jones, escreveu a um amigo sobre ele: "Sua pregação prática parece muito terna e sente profundamente tudo quanto diz" (carta a J. W. Watt, 1º de janeiro de 1889). Em 1890 Ellen White também disse que se alegrava com o seu espírito humilde: "O irmão Jones falou com muita clareza, contudo de modo terno" com respeito ao evento de 1888 (Carta 84, 1890).

Agora ela estava exilada na Austrália e Waggoner fora para a Grã-Bretanha; Jones é deixado virtualmente só:

"E agora vimos . . . ao estudo desta parte do assunto que vos afeta diretamente como indivíduos. . . . Para mim esta lição e a próxima são as mais temíveis de todas a que tenho me dedicado. Não as escolhi, e as temia . . . mas . . . não adianta que . . . consideremos estas coisas levianamente . . . com olhos fechados, ignorando qual é a nossa condição. . . .

"Peço-vos agora, para início, que não me situeis aqui como alguém separado de vós, e acima de vós, como se eu estivesse falando de cima para baixo, excluindo-me das coisas que podem ser apresentadas. Estou convosco em todas essas coisas. Eu, convosco, tão

certamente e na mesma proporção, careço de estar preparado para receber o que Deus nos tem concedido, como qualquer outra pessoa sobre a face da terra. Assim vos peço que não me separeis de vós nesta questão. E se virdes faltas que haveis cometido, verei faltas que eu tenho cometido, e, por favor, não me culpeis como se eu vos estivesse julgando, ou achando falta em vós. . . O que desejo, irmãos, é simplesmente buscar a Deus convosco, de todo o coração (Congregação -- "amém") e fazer tudo o mais sair do caminho, para que Deus possa nos dar o que Ele tem para nós." (GCB 1893, pp. 164, 165).

Os seus ensinamentos eram claros, sem inclinações ao misticismo ou extremismo. Se para nós hoje parecem incomuns, é porque temos há tanto empregado espadas cegas que a espada nua da Palavra e do Espírito pode parecer especialmente aguda.

Suas declarações com respeito a obras eram equilibradas. Não foi senão após essa assembléia (9 de abril) que Ellen White achou necessário adverti-lo contra um potencial para declarações extremadas sobre o tema de fé e obras. (E é após esta carta que encontramos seu mais entusiástico endosso de suas mensagens sobre fé e obras). Observem sua clareza e equilíbrio em 1893:

"Digo novamente, que em todos os casos aquele que crê em Jesus Cristo mais plenamente trabalhará mais plenamente por Ele.

"Agora vejamos esta palavra, e isso será o mais próximo possível que eu poderia atingir para toda a questão esta noite: Steps to Christ [Vereda de Cristo], pág. 79 [edição original de 1892]: 'O coração que repousa mais plenamente em Cristo será o mais zeloso e ativo no trabalho por Ele'. Amém. (Congregação: 'Amém') . . . Não pensem que o homem que declara que repousa plenamente em Jesus Cristo é um acomodado física ou espiritualmente. Se ele revela essa característica de acomodação em sua vida, não está repousando em Cristo em absoluto, mas em seu próprio eu. . . Essa é a fé que vos trará o derramamento da chuva serôdia." (GCB 1893, p. 302; ênfase do original).

Ele também foi claro no relacionamento da lei e evangelho. Isso significava que entendia o verdadeiro arrependimento, em contraste com as concepções fatais que são populares hoje. É um trágico erro presumir que as confissões superficiais resultam em todos os nossos pecados serem lavados e eliminados automaticamente, e que essas convicções do Espírito Santo de pecado mais profundo derivam do diabo e devem, portanto, ser repelidas. Observem esta clara verdade:

"Quando o pecado é-vos assinalado, dizeis: 'Eu preferiria ter a Cristo do que a isso'. E que assim seja. (Congregação: 'Amém'.) . . . Então . . . onde está a oportunidade para qualquer um de nós ficar desanimado com respeito aos nossos pecados? Agora, alguns dos irmãos aqui têm feito exatamente isso. Chegam aqui livres; mas o Espírito de Deus suscitou algo que nunca viram antes. O Espírito de Deus foi mais a fundo do que jamais fora antes, e revelou coisas que nunca haviam visto antes; e daí, em vez de serem gratos ao Senhor de que isso assim era, e deixar que toda a malignidade se fosse, e serem gratos a Deus por obterem Dele muito mais do que jamais haviam obtido antes, começaram a desanimar-se. . . E não obtiveram nenhum bem das reuniões dia após dia.

"Se o Senhor houvesse trazido à tona pecados de que nunca pensamos antes, isso apenas mostra que Ele descerá às profundezas, e finalmente alcançará o fundo; e quando encontrar a última coisa que é impura ou contaminada, que está fora de harmonia com a Sua vontade, e trazer isso às claras, e revelar-nos isso, e dissermos: 'Eu prefiro ter o Senhor a isso' --

então a obra estará completa, e o selo do Deus vivo pode ser fixado sobre esse caráter. . .

"O que preferireis ter, a plenitude perfeita e completa de Jesus Cristo, ou ter menos do que isso, com alguns de vossos pecados acobertados, dos quais nunca tivestes conhecimento? . . . Assim Ele tem que cavar fundo aos pontos mais profundos de que jamais sonhamos, porque não podemos compreender os nossos corações. . . Deixemos que Ele vá adiante, irmãos; deixemos que Ele continue Sua obra de pesquisa." (ibid., p. 404).

Observem a clara concepção do orador de que Satanás controla a mente natural a menos que haja uma crucifixão do eu com Cristo. "A ofensa da cruz" estava presente. Uma breve ilustração de suas assinaladas aplicações deve ser suficiente para revelar que houve uma mensagem genuína, um chamado à união com Cristo mediante a crucifixão do eu com Ele na cruz:

"Temos a palavra aqui de que essas coisas estão entre vós: ambição por posição, ciúme de posição, e inveja de condição; essas coisas estão entre vós. Agora é chegado o tempo de pô-las de parte, . . . para que cada um descubra quão baixo pode ir aos pés de Cristo, e não quão alto na Associação, ou na estima dos homens, ou quão elevado na Comissão da Associação, ou na Comissão da Associação Geral. . . Não faz diferença quanto isso custe; isso nada tem a ver com o fato." (ibid., p. 166).

Ligado a esse solene apelo por arrependimento estava a repetida garantia de uma alegria profunda e sólida no Senhor. Não havia extremos de emocionalismo evidente, mas lágrimas de contrição foram derramadas. Foi uma obra sólida e genuína do Espírito Santo que A. T. Jones apresentou na assembléia de 1893.

Provavelmente nunca houve em nossos 100 anos de história uma mensagem mais bela apresentada numa sessão da Associação Geral, tão profundamente ditada pelo Espírito Santo sob um pilar de fogo pairando acima e uma nuvem que sinalizava o avanço para o cumprimento escatológico.

Mas fanatismo manifestou-se próximo do encerramento da assembléia, introduzida por alguém outro que não A. T. Jones.

9. Uma Falsa Justificação Pela Fé: Semeando a Semente da Apostasia

(A Assembléia da Associação Geral de 1893, Parte II)

A rejeição da luz de 1888 abriu o caminho para que falsas idéias entrassem sob o disfarce de justificação pela fé. De fato, se nos volvermos do genuíno, nada pode impedir que acatemos o falsificado.

Antes de apresentar a evidência de tais concepções erradas, Jones lembrou à assembléia de 1893 a rejeição da luz em Mineápolis, e daí em diante por quatro anos. A seguir mostrou como a mente dedicada ao eu se torna a mente de Satanás. Ele analisou o seu desenvolvimento através do paganismo até as sutilezas do romanismo. Há dois tipos de justificação pela fé -- uma verdadeira e uma falsificada:

"Temos descoberto . . . que quando o cristianismo veio ao mundo essa mesma mente carnal apanhou uma falsificação daquela e se cobriu -- a mesma mente carnal -- com uma forma de cristianismo, e a chamou de justificação pela fé quando era inteiramente justificação pelas obras, -- a mesma mente carnal. Isso é o papado, o mistério da iniquidade." (GCB, 1893, p. 342).

A seguir ele analisou o desenvolvimento da mente do eu no espiritismo moderno, demonstrando como esse engano exaltaria o mesmo amor do eu. Ele até parecia ter o embrião de uma concepção do espiritualismo como um falso Espírito Santo, uma idéia avançada para o seu tempo mas óbvia em nossos dias de carismatismo:

"Quanto mais próximo estamos da segunda vinda do Salvador, mais plenamente o espiritismo estará professando a Cristo. . . O próprio Satanás . . . vem como Cristo; ele é recebido como Cristo. Assim, pois, o povo de Deus deve estar bem familiarizado com o Salvador de que nenhuma profissão do nome de Cristo será recebida ou aceita onde não seja a coisa natural, genuína." (loc. cit.).

Somente deixando-se a mente do eu ser crucificada com Cristo, tornando possível uma permanência da mente de Cristo, poderia a igreja remanescente reconhecer tal engano tão monstruoso e, contudo, sutil:

"Então, conquanto essas pessoas citem as palavras de Cristo, é tudo um engano. Vocês sabem que [O Grande Conflito] nos fala que quando o próprio Satanás vem com palavras graciosas que o Salvador proferiu, ele as proferirá com muito do mesmo tom, e as transmitirá àqueles que não têm a mente de Cristo. Irmãos, não há salvação para nós, não há segurança para nós, não há remédio para nós em absoluto, mas ter a mente de Cristo." (ibid., p. 343).

A mente do eu sendo crucificada "com Cristo" de modo algum reduz o respeito próprio, mas o fortalece mediante a união com Cristo. Havia uma concepção errada de justificação pela fé já evidente em 1893, após a rejeição "em grande medida" da genuína (cf. 1 SM 234, 235).

Verdadeiramente, é um princípio que "os que em alguma medida foram cegados pelo inimigo . . . estarão inclinados a aceitar uma falsidade" (*Special Testimonies* [Testemunhos especiais], Série A., pp. 41, 42; ênfase acrescentada). Jones desmascarou a falsidade:

"Alguns desses irmãos, desde a assembléia de Mineápolis, que eu próprio tenho ouvido dizerem 'amém' à pregação, a declarações que eram inteiramente pagãs, e não sabiam que não se tratava da justiça de Cristo. Alguns desses que se posicionaram tão abertamente contra isso naquela época, e votaram com mãos levantadas contra ela 1, . . . desde aquele tempo tenho ouvido dizerem 'amém' a declarações que eram aberta e decididamente papais como a própria igreja papal pode declará-las. Isso eu apresentarei aqui numa destas lições, e chamarei vossa atenção à declaração da Igreja Católica e sua doutrina de justificação pela fé. . . Diz alguém: 'Eu pensei que criam em justificação pelas obras'. Eles o fazem e não crêem em nada mais; mas o transmitem sob o nome de justificação pela fé. E não são as únicas pessoas no mundo que fazem assim." (GCB 1893, p. 244).

"Possuo aqui um livro intitulado 'Crença Católica'. . . .

"Que você pode ter as duas coisas -- a verdade da justificação pela fé, e a falsidade dela -- lado a lado, lerei o que isto declara, e depois . . . Steps do Christ [Vereda de Cristo]. . . Desejo que vejam o que é a idéia Católica Romana de justificação pela fé, porque tenho deparado com isso entre professos adventistas do sétimo dia nos últimos quatro anos. . . Essas . . . mesmas expressões que estão neste livro católico, quanto ao que é justificação pela fé e como obtê-la, são exatamente como certas exposições que professos adventistas do sétimo dia têm-me feito do que é a justificação pela fé. . .

"Esta é justificação pela fé. Essa outra coisa é justificação pelas obras. Esta é de Cristo; aquela é do diabo. Uma é a doutrina de justificação pela fé de Cristo; a outra é a doutrina de justificação pela fé do diabo." (ibid., pp. 261, 262).

Jones via que a essência do romanismo é a adoração própria -- assuma a forma que for. Qualquer ensino especioso de justificação pela fé, mesmo ostensivamente por um agente adventista do sétimo dia, que exalta a mente pecaminosa do eu, é em realidade um ramo que cresce do romanismo e espiritismo:

"Essa é justificação pela fé; essa é uma fé que opera, graças ao Senhor, -- não uma fé que crê em algo muito distante, que mantém a verdade de Deus no pátio exterior, e daí busca por seus próprios esforços compensar a deficiência. Não, mas a fé que . . . por si mesma está operando; ela traz em si um divino poder. . .2

"Isso é o suficiente para mostrar que a doutrina papal de justificação pela fé é a doutrina de Satanás; é simplesmente a mente natural dependendo do eu, operando mediante o eu, exaltando o eu; e daí cobrindo tudo com uma profissão de crença . . . mas não tendo poder nenhum de Deus." (ibid., pp. 265, 266).

Uma contrafação ainda mais sutil foi exposta. O *The Christian's Secret of a Happy Life* [O segredo do cristão para uma vida feliz], de Hannah Withall Smith, era um livro imensamente popular com data de *copyright* de 1888. Ele apresentava virtualmente um conceito desprovido de cruz de justificação pela fé, arrependimento ou contrição, sem qualquer conceito claro da expiação sobre a cruz, nem de um Salvador pessoal que está próximo, como Ele é apresentado na mensagem de 1888. Sua justificação pela fé é uma filosofia de "verdades que subjazem todas as teologias . . . [e] se ajustam a todo credo. . . É dessa religião absoluta que meu livro busca tratar" (Prefácio da edição de 1888).

Fenelon, um místico católico romano da corte de Luis XIV da França, que gastou as energias de sua vida buscando converter protestantes de volta a Roma 3. O resíduo da fé desvitalizada de Smith foi denominado "confiança em Cristo". Uma vez ocorra a "submissão", a alma deve assumir que está "salva", e qualquer convicção enviada pela verdadeira advertência do Espírito Santo em contrário deve ser instantaneamente repelida por uma repetida afirmação psicológica de que tudo está bem.

Alguns dentre o nosso povo haviam estado lendo o livro de Smith e equivocadamente presumiam que continha a essência de nossa mensagem de 1888. Estavam declarando que Jones e Waggoner obtiveram sua luz disso. Jones sentiu o perigo fatal e tratou de acertar as coisas:

"Tenho visto essa mesma coisa operando doutro modo. Existe esse livro sobre o qual muitos realçam bastante, The Christian's Secret of a Happy Life. . . Desejo que todos vocês entendam que

há mais do segredo do cristão de uma vida feliz na Bíblia do que em dez milhares de volumes desse livro. . .

"Ouvi certa vez . . . que obtive minha luz desse livro. Há o Livro do qual obtive o meu segredo do cristão para uma vida feliz [erguendo a Bíblia] e este é o único lugar. E a tive antes de jamais ter visto o outro livro, ou ter sabido que ele existia." (GCB 1893, pp. 358, 359).

Prescott apresentou uma série de sermões sobre "A Promessa do Espírito Santo". Reconhecia que um sério engano havia sido cometido em Mineápolis quatro anos antes. Ele havia assistido àquela assembléia com preconceito em favor de Urias Smith e Butler e contra A. T. Jones e sua mensagem. Após a assembléia de Mineápolis, havia até tentado barrar Jones de falar no Tabernáculo de Battle Creek. Ele havia mais tarde privadamente confessado ter tomado uma posição errada em companhia da maioria dos irmãos 4. Contudo, em seus longos estudos durante a assembléia de 1893 ele não deu qualquer indicação de que estivera do lado errado, ou de que tal confissão teria sido necessária.

Conquanto Jones expressasse o princípio da culpa corporativa, falando da mensagem que "nós ali rejeitamos" (pp. 165, 183) embora sendo um dos mensageiros, Prescott postou-se como se fosse alguém que sempre tinha estado do lado certo. Uma confissão honesta e humilde de sua parte teria feito maravilhas para abrir o caminho para a operação do Espírito de Deus na sessão de 1893, mas isso nunca foi expresso.

Em vez disso, ele se identificou destacadamente com Jones como alguém que compartilhava sua comissão divina especial. Talvez Jones ingenuamente o convidou para ajudar, pois sem dúvida sentia-se sozinho defendendo a mensagem de 1888 com Ellen White e Waggoner, ambos exilados no exterior.

Os sermões de Prescott precediam aos de Jones cada noite. Quando Jones estava falando ele tinha a ousadia de interrompê-lo para introduzir idéias ou citações, ou mesmo exortações à audiência. Com um espírito menos manso e de menor apelo, ele veemente e severamente requeria que os irmãos se consertassem.

É penoso observar certa soberba de maneiras e impaciência de apelo. A diferença sutil de temperamento dificilmente daria certo na cicatrização de feridas. O seu espírito contrastava-se em grande medida com o de Jones cujo senso de arrependimento coletivo 5 o capacitava a compartilhar a culpa da rejeição da mensagem. Os sermões de Prescott não dão evidência dessa humildade. Observem como um espírito hierárquico, estranho à mensagem de 1888 se desenvolveu:

"Agora o solene pensamento que me vêm à mente é de que [Deus] está ficando impaciente, e não esperará muito mais por ti e por mim. Desejo que vejam isso claramente. . . . Novamente digo, estou extremamente ansioso com essa situação. . . . Não digo a ninguém, mas algo precisa ser feito, algo diferente deve vir a nós, em comparação com o que tem vindo nesta Assembléia ainda, o que é seguro. . .

"É por isso que nós [!] instamos-vos a aceitardes a justificação, porque o Espírito ali está. Não vedes?" (GCB 1893, pp. 386, 387).

O fato de que Prescott tão extrovertidamente fez-se colega especial de Jones haveria naturalmente de confundir as mentes dos delegados e da congregação a pensarem que esse era o espírito do movimento de reavivamento de 1888, quando não era:

"Não há nada que minha alma anseie mais do que ver o batismo do Espírito repousando sobre os cultos de Deus neste tempo. . . . Devemos ter experiências como as de remover olhos e cortar fora mãos direitas. Todos que desejam essa experiência querem estar prontos para dar tudo, mesmo a própria vida, a Deus. (Murmúrios de "amém"). E devemos nos lembrar de que é mais fácil dizer "amém" do que fazer o que Deus diz.

". . . Qual, então, é o nosso dever neste tempo? É sair e proclamar a mensagem do ALTO clamor ao mundo. . .

"Senhor por muito tempo tem estado esperando para conceder-nos o Seu Espírito. Ele mesmo agora impacientemente está a esperar que possa concedê-Lo a nós. . .

"Agora uma obra que será maior do que no Pentecoste começou, e há aqueles aqui que a verão. É aqui, é agora que devemos adequar-nos para a obra." (ibid., pp. 38, 39; ênfases do original).

Prescott não sentia o sublime conceito da motivação de 1888 -- que a verdadeira fé neotestamentária "opera por amor". O impacto de suas mensagens de 1893 revertia à motivação egocêntrica de obras, "devemos fazer isto ou aquilo". Num espírito quase frenético ele argumentava com a congregação para fazer algo, agir, trabalhar (temos ouvido a repetição disso agora por mais de um século). Em contraste, Jones apela à congregação para *crer* em algo -- no evangelho; e assegura que a verdadeira fé produzirá todas as obras e ações que terminarão a obra de Deus.

Ao ler os sermões de Jones, não se acha exemplo de severidade ou grosseria. Mas Prescott deixa uma impressão bem diversa:

"Digo que se jamais houve um grupo carente, é este. . . .

"Agora estou perfeitamente ciente de que estou falando com grande clareza. . . . Se não fazemos desta uma questão de fervorosa oração, digo que simplesmente significará morte para você e para mim. . . . Não adianta seguir por este caminho mais, e meu conselho é o de maior solenidade para todos quantos não podem sair agora imbuídos com o poder do alto e portar esta luz do céu, e realizar a obra que Deus tem que realizar agora, permaneça em casa. . .

"Agora eu sei que isto é muito severo. Mas digo-vos, irmãos, algo deve vir-nos, algo deve dominar-nos. . . .

"A questão é, que faremos a respeito? O que você e eu faremos a respeito disso aqui mesmo, agora, nesta Assembléia?. . . Novamente eu digo, o que iremos fazer a respeito disso? (ibid., p. 67).

"Os servos de Deus sob esta mensagem sairão com faces iluminadas com um santo gozo e santa consagração. Desejo ver esses irmãos saindo dessa maneira; desejo ver suas faces iluminadas como a de Estêvão quando estava no concílio." (ibid., p. 389).

"Agora digo com toda sinceridade que poderíamos igualmente decidir aqui e agora, antes de darmos qualquer passo adicional, enfrentar a morte . . . A menos que permaneçamos exatamente nessa posição neste momento, e digamos que renunciaremos a amigos, casas, e que nada nos separará do amor de Deus que está em Cristo nosso Senhor, poderíamos também parar agora." (ibid., p. 241).

Esta triste seqüência de lamentáveis declarações revela como um espírito imperioso, fanático começou a desenvolver-se no que era estranho à mensagem de 1888. Mas o seu "nós" dava a impressão errada.

Prescott mais tarde humilhou o seu coração em arrependimento pelo fanatismo que se seguiu ao encerramento dessa assembléia, e posteriormente à essa contrição ele apresentou boas mensagens na Austrália em 1895. Mas essas apresentações de 1893 trouxeram confusão e impediram qualquer possibilidade de uma contrita aceitação da mensagem. Oponentes, como Smith e Butler, naturalmente estariam prontos para citar esse fanatismo como um exemplo -- do tipo "bem que eu lhes disse". (Até os nossos dias, fanáticos e reformadores por contra própria levam muitos sinceros membros da igreja a terem preconceito contra a mensagem de 1888. Onde quer que o Senhor opera, o inimigo busca introduzir fanáticos e "Elias" auto-designados para causar confusão). Três dias antes que essa reunião começasse, Ellen White havia feito a advertência através da *Review and Herald*:

"Satanás está operando com todo o seu poder insinuante e enganoso. . . Quando o inimigo vir que o Senhor está abençoando o Seu povo, e preparando-o para discernir os seus enganos, ele operará com o seu poder dominante para introduzir fanatismo, por um lado, e frio formalismo, por outro. . .

"Atentai incessantemente . . . pelo primeiro passo de avanço que Satanás possa dar entre nós. . . .

"Há perigos a serem observados à direita e à esquerda. . . . Alguns não irão usar corretamente a doutrina da justificação . . . [para serem conduzidos] a caminhos errôneos." (RH, 24 de janeiro de 1893).

Em seus sermões sobre o Espírito Santo, Prescott pregava uma estranha doutrina sem o princípio da cruz, sem idéias claras do que arrependimento é, dum modo contraditório e confuso. Sua veemência tinha a aparência de fervor. Ele próprio estava apoiando projetos ao mesmo tempo em que eram opostos pelo Espírito de Profecia, conquanto indubitavelmente inconsciente de tão assinalada disparidade 6.

Ele igualmente, como seria natural, estaria inconsciente da disparidade entre sua doutrina do recebimento do Espírito Santo e a verdade. Uns poucos exemplos dessa confusão ilustrarão o que aconteceu. Afortunadamente, o *Boletim* de 1893 tem sido republicado de modo que os leitores interessados possam mais facilmente ver por si próprios a evidência neles:

"O que temos a fazer? . . . É começar a confessar nossa pecaminosidade a Deus com humildade de alma, com profunda contrição perante Deus para ser zelosos e arrependidos. Agora, esta é a única mensagem que posso trazer-lhes esta noite. É tão somente isso. . . .

Isso parece soar bem, atingindo bem a meta. Mas o problema começa a aparecer quando ele prossegue:

"Suponham que eu diga que nada vemos para confessar, em absoluto. Isso não afeta a questão de modo algum. Quando Deus nos envia palavra de que somos pecadores, toca-nos dizer que assim somos, possamos vê-lo ou não. Essa deveria ser a nossa experiência." (GCB 1893, p. 65).

Em parte alguma as Escrituras nos dizem que Deus deseja uma confissão verbal com palavras que o coração não sente. Isso se aproxima mais do islamismo do que do genuíno cristianismo. *"Os lábios podem expressar uma pobreza de alma que o coração não reconhece". (COL 159).* Jones reconhecia que havia perigo em tais idéias. Com o evidente propósito de responder a Prescott ele posteriormente declarou:

"Se o Senhor deve remover os nossos pecados sem o nosso conhecimento, que bem nos faria isso? Seria simplesmente transformar-nos em máquinas. Ele não se propõe a fazer isso;

conseqüentemente, deseja que vós e eu saibamos quando nossos pecados se vão, para que possamos saber quando a Sua justiça vem. . . .

"Somos sempre instrumentos inteligentes. . . . Seremos usados pelo Senhor segundo nossa própria escolha viva." (GCB 1893, pp. 404, 405).

Um Esforço Para Resolver o Impasse

Prescott não expressou oposição aberta a Jones, e é certo que não houve intenção consciente disso. Mas teria ele de fato superado sua oposição inicial à mensagem de Jones? A evidência em suas volumosas mensagens dificilmente indicariam isso.

Certamente a "ofensa da cruz" não havia cessado. O Espírito de Deus estava trazendo convicção de pecado a muitos corações, e Prescott tentara encontrar alguma maneira de receber o Espírito Santo que fosse aceitável para corações perturbados e ainda evitar uma penosa convicção de pecado.

As pessoas sabiam muito bem que a responsabilidade pela rejeição do início da chuva serôdia pairava sobre a assembléia como uma nuvem. O resultado concreto dos estudos de Prescott foram confusão, um bloqueio das ondas espirituais que perturbaram mesmo Jones.

Prescott era indiscutivelmente contra o pecado, mas parecia não ter clara noção de qual era a raiz do pecado que perturbava a congregação. A verdade presente de aceitar a chuva serôdia e proclamar o alto clamor era o seu peso d'alma. Mas como lidar com o corrente impedimento, a culpa que pairava sobre eles pelos passados quatro anos, parecia confundir o seu entendimento.

Algo de sua perplexidade pode ter sido o resultado de entender a verdadeira questão, mas temendo dizê-lo claramente devido à presença imponente dos preconceituosos irmão dirigentes. Mesmo o profeta Jeremias teria-se "confundido" caso houvesse permitido que os líderes de Judá o intimidassem (1:17). Quando um orador se sente forçado a contornar uma questão, ele inevitavelmente comunica confusão.

Finalmente, cerca de dez dias antes do encerramento da assembléia, Prescott começou a desenvolver um novo método de receber o Espírito Santo. Tem grande semelhança com as idéias expressas no *The Christian's Secret of a Happy Life*. O que era necessário era simplesmente um "ato de fé" em presumir que se está *possuindo* o dom do derramamento final do Espírito Santo, o arrependimento específico pelo pecado de 1888 sendo passado por alto. Parecia haver um sentimento de desespero:

"Sinto-me livre para dizer que comecei a sentir-me seriamente ansioso quanto à nossa obra agora. . . . Agora por quase quatro semanas . . . temos considerado o que impediu nosso recebimento de um derramamento do Espírito de Deus. . . . Desde então tenho sentido que há quase uma reação disso, e que esta obra parece avançar muito bem conosco agora. Desejo dizer por mim mesmo que não estarei absolutamente satisfeito se esta Assembléia passar sem um maior derramamento do Espírito de Deus do que temos já experimentado. . . .

"Estou extremamente ansioso quanto a esta situação; porque o tempo está passando, e os dias se escoam livremente uns após outros. . . .

"Algo diferente de tudo quanto se passou nesta Assembléia precisa nos advir, com certeza. . . .

"Temos somente cerca de dez dias para o fim da Assembléia." (GCB 1893, pp. 384, 386, 389).

Agora começa um argumento nebuloso e dúbio que levava a audiência a entender que poderia receber o dom da chuva serôdia por simplesmente *presumir* e *reivindicar* que a experimentaram. Não devemos *sentir* que temos o poder do Espírito Santo, precisamos *saber* que o temos. Tal admissão consciente não incluirá verdadeiro auto-conhecimento nem uma consciência da profundidade de nosso pecado, o que poderia ser perigoso e nos desencorajar:

"Observo que muitos aqui têm de tempos em tempos pedido ao Senhor para revelar-lhes como Ele próprio os vê; e suponho que é uma petição que o Senhor achou por bem não nos atender. E não acredito que devamos pedir-Lhe para fazê-lo. Agora podeis ver qual será o possível efeito quando Ele começa a mostrar-nos a nós próprios; começar a questionar imediatamente se o Senhor nos ama ou não, e se o Senhor pode salvar-nos ou não. . . . Não tinha qualquer idéia de meu caráter.

"Bem, o Senhor provavelmente não começou a mostrar-nos a nós mesmos como nos vê; eu não suponho que tenhamos qualquer idéia, ou qualquer concepção em absoluto, da maneira como nos apresentamos à vista de Deus." (ibid., p. 445).

Assim foi ignorada a verdadeira função da lei, e a congregação viu-se levada à confusão. Os freqüentes apelos de Ellen White por honestidade em defrontar a realidade interior foram contornados.

O orador parafraseava ou repetia algumas idéias que Jones havia apresentado, mas dava-lhes uma sutil distorção para ajudar sua argumentação de que em lugar de *levar* a curativa convicção do pecado, o Confortador o *removia*. A nuvem sobre a Assembléia precisava ser erguida de algum modo, por qualquer meio possível. Devemos agora presumir que sem uma necessidade para o arrependimento, Deus pode perdoar o pecado que tem causado a confusão. Agora precisamos somente *reclamar* que nossos pecados se foram. Aqui aparece o seu débito a Hannah Withall Smith:

"Mantende-vos dizendo o que Ele diz: Não podeis errar depois. Se não o entenderdes, e não podeis ver luz nisso, mantende-vos dizendo o que Ele diz." (ibid., p. 447).

Talvez a melhor maneira de rever esta linha de raciocínio seja citar dele o seguinte:

"Agora [o Espírito] nos convence da justiça de Deus em Cristo -- a justiça de Cristo. E Ele nos convence de que há uma coisa maravilhosamente desejável para ter, e então prossegue e declara que podemos tê-la, e daí que Ele nos convence de que a temos, se O seguirmos. . . .

"O propósito não é, eu vos convencerei de que sois um pecador, e então vos convencerei de que estais condenados. Não, a operação do Espírito é convencer-nos de que essa condenação foi removida." (ibid., pp. 448, 449; ênfases do original).

O problema como o via não era a libertação pessoal do pecado, mas o erguer a nuvem que pairava sobre a sessão devido à rejeição da chuva serôdia. Aqui estava um *band-aid*, uma aspirina para nossa profunda ferida.

Sua teoria poderia somente confundir. A trombeta não estava dando um somido certo, e o pecado de Mineápolis nunca foi diretamente defrontado e devidamente tratado. Presumia-se que o sentimento de culpa devia ser de origem satânica e precisava ser vigorosamente repellido.

Assim cumpriu-se o testemunho de 1890 de que o topo de 1888 seria cortado e as raízes deixadas intactas (TM 467). Se qualquer verdadeira convicção devesse introduzir-nos em corações cujas raízes ainda ali estivessem, a convicção devia ser considerada uma obra do diabo.

Isso, logicamente, seria o resultado lógico de uma doutrina que ensinava (1) que uma confissão verbal generalizada de pecado inconsciente e não reconhecido era suficiente sem os pecados serem trazidos à consciência; (2) que era errado orar por verdadeiro auto-conhecimento; e (3) que a verdadeira obra do Espírito Santo não é trazer uma convicção de pecado, mas remover tal convicção--diretamente contrário ao ensinamento de Cristo em João 16:8, 9.

Um quarto ponto se seguiria logicamente em qualquer mente pensante: qualquer dúvida de que a pessoa agora tem o Espírito Santo *no poder da chuva serôdia* seria uma falta de fé em Deus. A pessoa, assim, devia presumir que a teria recebido. Essa é a idéia que agora estava desenvolvida:

"Desejo sentir em minha experiência que o Salvador está comigo tal como esteve com os Seus discípulos. . . . Não desejo pensar nEle como estando simplesmente ali, desejo pensar nEle como estando aqui. . . . Não simplesmente, eu O desejo, mas eu O tenho." (ibid., p. 385).

Jones mais tarde descartou tais pressuposições:

"Desse modo, o homem que reivindica crer em Jesus, e reivindica a justiça de Deus que sobrevém ao crente em Jesus, está apresentando uma reivindicação suficiente ... ? (Congregação: 'Não'.) . . . Bem, como o sabeis? 'Ora, sinto-o em meu coração; sinto em meu coração, e o tenho sentido por vários anos'. Bem, essa não é evidência de modo algum; pois 'o coração é enganoso, mais do que todas as coisas'." (ibid., p. 414).

Mas Prescott insistia no ponto que tinha desenvolvido:

"O ponto a que quero chegar é, o que a impede [a chuva serôdia] agora? O que precisamos buscar é a justiça de Cristo . . . Tenho estado pensando a respeito disso um bocado deste modo: Se tivéssemos que suspender qualquer questionamento quanto a um e outro, . . . e simplesmente nos sentássemos aqui como uma criança, . . . poderíamos obtê-la. . .

"Irmãos, o que nos impedirá de aceitá-la agora dessa forma? Nada. Então louvemos o Senhor e digamos, eu agora a possuo." (ibid., pp. 388, 389, ênfase no original).

Assim foi desenvolvida a doutrina popular que tinha sido pregada por várias gerações de adventistas desde 1893: recebemos o derramamento da chuva serôdia por simplesmente presumir e reivindicar que a temos, sem conhecimento ou arrependimento de tê-la rejeitado. *Mas ela não foi recebida assim.*

Jones Confuso

Jones sentia a letargia que estava anuviando corações, e não sabia o que fazer. Ficou praticamente sozinho, exceto quanto a seu colega auto-designado, cujos esforços somente criavam confusão e possivelmente má vontade. Ele expressa a sua apreensão:

"Irmãos, estamos numa temerosa posição aqui nesta Assembléia. É simplesmente terrível. Eu o disse uma vez antes, mas reconheço isso esta noite mais do que então o fiz. Não posso evitá-lo, irmãos. . . Nenhuma alma dentre nós jamais pode sonhar que resultados temíveis pairam sobre os dias que aqui se esvãõ." (ibid., 346).

Durante seus dois últimos ou três estudos, encontramo-lo evidenciando desconforto ao citar Prescott. Cansado e perplexo, ele parecia volver-se a ele e ecoar seus confusos pensamentos.

Ambos deixaram de reconhecer uma realidade fundamental: a chuva serôdia precisa ser retirada e o moderno Israel deve tornar a errar no deserto "muitos anos mais" (Ev 696). Ambos presumiram que nada poderia impedir a conclusão da obra de Deus em sua geração. Portanto, presumiram que devem seguir avante a despeito de oposição e rejeição. A idéia de Prescott era essencialmente a do calvinismo popular -- o despertador divino havia soado a hora e *era impossível para a Sua soberana vontade ser impedida pela descrença de Seu povo*. Agora encontramos Jones repetindo as exigências extremas de Prescott:

"Digo novamente que a mensagem ali nos dada é a mensagem para vós e para eu levar desta assembléia. E quem quer que não leve esta mensagem consigo desta assembléia melhor é que não vá Melhor seria que esse ministro não saísse de seu lugar como um ministro." (ibid., p. 495).

Em breve ele estava fazendo proposições insensatas e formulando perguntas que melhor seria terem sido deixadas de lado:

"Tem Ele vos dado a luz do conhecimento de Sua glória? (Congregação: "Sim".) Tem mesmo? (Congregação: "Sim") . . .

"Então esse Espírito tem vindo àqueles que podem olhar para face de Jesus Cristo."

Poucos minutos depois, "por permissão do orador, Prof. Prescott leu o seguinte: 'Levantai os olhos pela fé, e a luz da glória de Deus brilhará sobre vós'". Jones prosseguiu:

"Agora, com a força acumulada de um exercício de quatro anos, Deus o apresenta a Seu povo. A proposição novamente é: 'Ergue-te, resplandece, porque a luz é vinda, e a glória do Senhor se levantou sobre ti'. Quem o fará? Quem o fará? (Numerosas vozes: 'Eu o farei'.) Muito bem! Por quanto tempo o fareis? (Vozes: 'Sempre'.) . . .

"Então, 'Levanta-te, e resplandece, porque a luz é vinda, e a glória do Senhor levantou-se sobre ti.'" (ibid., pp. 496, 497).

Se a chuva serôdia devesse realmente sair com poder, seguir-se-ia que grandes mudanças teriam lugar na igreja. Agora encontramos Jones, apoiado por Prescott, fazendo profecias desafortunadas que nunca ainda se cumpriram. Algum dia suas palavras devem cumprir-se, mas não tiveram cumprimento naquela geração:

"Eis a mais bendita promessa que, segundo me consta, já foi dada à Igreja Adventista do Sétimo Dia. 'Pois doravante não virá a ti o incircunciso e o impuro'. Graças ao Senhor, Ele nos tem livrado doravante de pessoas não convertidas; de pessoas trazidas à igreja para operar sua própria injustiça, e para criar divisão na igreja. As provações da Igreja todas desapareceram, graças ao Senhor; todos os tagarelas e perturbadores se foram. . . .

"'Não mais virá a ti o incircunciso e o impuro'. . . .

"Não há lugar na Igreja Adventista do Sétimo Dia para hipócritas. Se o coração não é sincero, é o lugar mais perigoso em que o homem jamais pôde achar-se. . . .

"Irmãos, esta é a mensagem para agora . . . e aquele que não a pode levar não devia ir. Oh, não vá. . . . Que ninguém vá sem a consciência daquela presença íntima--o poder do Espírito de Deus. (ibid., p. 461).

Prescott entusiasticamente predisse a manifestação dos dons do Espírito, obviamente estendendo o dom de profecia a outros além do autêntico agente que se achava na Austrália:

"Mas agora no encerramento da obra de Deus, . . . os dons reaparecerão na igreja. E Deus não pretende, como me parece, que esses dons estejam limitados a apenas uma pessoa aqui, ou talvez outra ali, e que seja algo raro que qualquer dom especial seja manifesto em alguma igreja. . . . Dons de cura; operação de milagres; profecias; interpretação de línguas; -- todas essas coisas serão manifestas novamente na igreja." (ibid., p. 461).

Vieram esses maravilhosos dons? Houve profecias de certo tipo após essa sessão, e tanto Prescott como Jones foram enganados pelas desafortunadas alegações de uma tal Anna Rice Phillips. O fanatismo foi inevitável, pois o alto clamor da mensagem do terceiro anjo não se manifestou após a assembléia de 1893.

Tão entusiasmado estava Prescott que predisse que alguns sairiam agora literalmente para levantar os mortos:

"Desejo dizer-vos que há pessoas bem aqui nesta casa que passarão por essas mesmas experiências; serão retiradas da prisão pelo anjo do Senhor para ir e proclamar a mensagem; curarão os enfermos, e levantarão também os mortos. Agora isso ocorrerá bem nesta mensagem. . . . Precisamos crer nestas coisas tão simplesmente como uma criancinha nelas crê." (ibid., p. 386).

O tempo e a história têm revelado que essas predições são falsas, certamente no que concerne à Igreja como corporação. O pressuposto de que se tinham agora apropriado da chuva serôdia do Espírito Santo teria maior peso de verdade?

As Predições de Apostasia de Prescott

Prescott não estava tão certo de sua doutrina naquela assembléia, e fez uma série de estranhas, mas significativas referências a tornar-se enganado por um falso Cristo:

"Agora, digo àqueles que têm estado no ministério, e que têm estado ensinando Cristo às pessoas e não hoje à noite não podem dizer a diferença entre a voz de Cristo e a voz do diabo, é tempo para pararmos e aprendermos a voz de Deus. . . . Mas ainda perguntais: 'Como conhecerão Sua voz?' Não vos posso dizer. . .

"Iremos tão certamente, vós e eu, a despeito de toda a luz que temos tido sob esta obra, ser desviados. O fato é que mudaremos líderes e não o sabemos, a menos que tenhamos o Espírito de Deus conosco. . . . Iremos indispor-nos contra esta obra, contra o poder de Deus." (ibid., p. 108).

Ele parecia não conhecer um meio claro de reconhecer a verdade do erro, exceto pelo que chamou de "o Espírito". O que ele não tornou claro foi como distinguir "o Espírito da verdade" do "espírito do erro":

"A promessa foi de que o espírito de verdade viria,--o Espírito de verdade, -- O ESPIRITO DE VERDADE. . .

"Haverá todo vento de doutrina soprando, todo esforço feito para introduzir -- não de um modo aberto, mas numa maneira disfarçada, numa maneira que não reconheceremos de nossa própria sabedoria -- princípios... para enganar se possível O esforço será feito para introduzi-las como verdade, e ocultá-la sob a vestimenta de verdade . . . e induzir-nos a fazer concessões com o erro sem o saber." (ibid., p. 459, ênfases do original).

Falando uma vez daqueles com "olhos cegados entre nós", ele declarou: "Quem sabe se isso significa eu ou não?" (p. 237). Finalmente ele disse à assembléia que a questão que os deparava era serem trasladados ou enganados pelos ardis de Satã:

"Não posso afastar-me da idéia de que esta é uma ocasião extremamente crítica conosco pessoalmente. . . . Parece-me que exatamente agora estamos fazendo escolhas que determinarão se prosseguiremos com esta obra mediante o alto clamor para ser trasladados, ou se seremos enganados pelos ardis de Satanás e ser deixados de fora, em trevas." (ibid., p. 386).

Eles não foram trasladados; disso estamos certos. Teriam, então, sido "enganados pelos ardis de Satanás?"

A década que se seguiu a essa conferência foi sombria. O fogo destruiu a sede da igreja em Battle Creek como um divino julgamento. O panteísmo afetava líderes destacados. E mais de dez décadas se desenrolaram sem termos recebido a graciosa bênção que os Céus tentaram conceder-nos em 1888.

Conclusão

A sessão da Associação Geral de 1893 assinalou o próximo fim da era 1888. O Senhor retirou a possibilidade da chuva serôdia, bem como do alto clamor. Os irmãos da época assim o reconheceram, e a história tem-no demonstrado. Um falso entusiasmo enfatizou o encerramento da Assembléia de 1893. E Jones foi enganado.

Um mês depois (9 de abril) Ellen White escreveu-lhe da Austrália, advertindo-o contra declarações extremadas concernentes a fé e obras. Não foram feitas durante a assembléia, nem registradas no *Bulletin*. Ela não os havia lido, mas ouvi-as "em meu sonho". Por exilarem Ellen White e Waggoner, a oposição virtualmente assegurou a falha conclusiva da mensagem de 1888, porque os métodos do dragão comprovaram-se por demais astutos e determinados para que o isolado Jones os defrontasse sozinho 7.

Ele havia feito o melhor que pôde. Zelosamente e em humildade havia instado com os irmãos para aceitarem a luz, assegurando que Deus concederia a experiência do alto clamor para a Sua glória. Mas tal não se daria a menos que experimentassem um genuíno arrependimento quanto a 1888, o que não veio a se passar.

Lemos que Calebe e Josué também estavam excessivamente entusiasmados quanto à conquista de Canaã, dizendo a Israel: "O Senhor está conosco: não os temais"; depois, a rebelião de Israel tornou impossível que o Senhor estivesse com eles naquele programa (Números 14:9).

Pouco antes da assembléia de 1893 ter-se reunido, Ellen White havia advertido o presidente da Associação Geral com respeito à questão de Mineápolis:

"Se Satanás pode impressionar a mente e despertar as paixões daqueles que reivindicam crer na verdade a . . . comprometerem-se com o lado errado, ele tem estabelecido os seus planos para conduzi-los numa longa jornada." (Carta O 19, 1892; ênfase acrescentada).

Ela mais tarde reconheceu que a "longa jornada" havia começado porque os propósitos de Deus tinham de ser alterados:

"Podemos ter que permanecer aqui neste mundo devido à insubordinação por muitos mais anos, como ocorreu com os filhos de Israel. . . . Mas se todos agora somente vissem e confessassem e se arrependessem de seu próprio curso de ação ao se apartarem da verdade de Deus para seguir planos humanos, então o Senhor perdoaria." (Ms. 184, 1901; Ev 696).

Aqueles que confiadamente presumem que a assembléia de 1893 assinalou "a maior vitória" da mensagem da justiça de Cristo não podem responder pelo caminho desviado desses "muitos mais anos" que agora têm-se estendido por mais de um século. É uma estranha maneira para dar-se o alto clamor, quando deveria ter saído como fogo na palha seca.

O líder da confusão de 1893 mais tarde seguiu um rumo misterioso. G. B. Starr assim se expressou a A. G. Daniells:

"Certamente sabe que o Professor Prescott por alguma razão não definida nunca foi um líder confiável. Na Inglaterra ele se chocava com Waggoner em muitos pontos, e no falso profetizar de Anna Phillips mostrou falta de julgamento . . . Ele escreveu sobre panteísmo e o ensinou antes e de modo tão decidido quanto o Doutor Kellog. Essas não são as pegadas de um líder seguro. Este não erra tão freqüente e constantemente." (Carta, 29 de agosto de 1919).

Na Assembléia da Associação Geral de 1950, o recém-eleito presidente empregou a mesma doutrina ensinada por Prescott em 1893. Ele convenceu a vasta congregação em São Francisco de que poderiam receber o final derramamento do Espírito Santo na chuva serôdia por simplesmente *presumir* e *reivindicar* que a possuíam. Nenhum arrependimento pela rejeição do "início" da chuva serôdia era necessária, nenhuma lição de nossa história devia ser aprendida, nenhuma compreensão daquela "mensagem muito preciosa" que o Senhor nos enviou era necessária (cf. RH, GC Report, 17 de julho de 1950, pp. 113-117, sermão de sábado, 15 de julho).

Com bem poucas exceções, a congregação inteira agia como ovelhas cegamente seguindo um pastor que reiterava a mesma doutrina que Prescott ensinara em 1893. Novamente, não houve recebimento da chuva serôdia. Isso foi mais de 40 anos atrás.

A maior parte dos dirigentes de 1950 estão agora no seu descanso, como também se dera com nossos dirigentes de 1893. Somos forçados a indagar -- acaso 1950 representou um progresso significativo com relação a 1893? Seria de bom alvitre observar que muito provavelmente poucos, se algum de nossos líderes de 1950, na época sabiam o que ocorrera na assembléia de 1893. Temos tudo a temer do futuro se nos esquecemos da maneira em que o Senhor nos tem conduzido no passado!

Após a assembléia de 1893, Ellen White foi despertada como nunca antes, declarando: "Mudaremos líderes e não o saberemos". Sua preocupação parecia ser de que o inimigo operaria agora dentro da igreja. Os novos Canrights daí em diante realizariam um trabalho "interno":

"O fanatismo aparecerá bem em nosso meio. Enganos ocorrerão, e de tal caráter que se fosse possível iriam enganar os próprios eleitos. Se assinaladas incoerências e declarações enganosas fossem evidenciadas nessas manifestações, as palavras dos lábios do Grande Mestre não se fariam necessárias. . . .

"O Espírito Santo de Deus somente pode criar um entusiasmo saudável." (2 SM 16; 1894).

O curso da assembléia de 1893 revela a possibilidade de alguém pregar a respeito do Espírito Santo sem entendê-Lo ou reconhecê-Lo, ou mesmo enquanto a Ele resiste.

Ser-nos-ia bom orar: "Senhor, serei eu?"

1. Para evidência concernente a um voto tomado na Assembléia da Associação Geral de 1888 para rejeitar a mensagem trazida por Jones e Waggoner, ver capítulo 14.
2. Esta é evidência de que sua teologia concernente à relação de fé e obras estava correta. Ele nunca expressou qualquer idéia denegrindo as obras, até o ponto em que há registro de seus sermões.
3. Ver *Encyclopedia Britannica*, 1968, Vol. 9, pp. 169, 170; *The Christian Secret of a Happy Life*, copyright de 1888 por Fleming H. Revell, pp. 80, 81, 87. Muito do que se dá em nossas atuais apresentações populares de justificação pela fé deriva do conceito de Smith e seu livro tem sido freqüentemente recomendado a nossa juventude como sendo de auxílio e muito bom. Vastamente publicado até os dias presentes, trata-se, na verdade, de uma contrafação de *Steps do Christ* [Caminho a Cristo], e da mensagem de 1888.
4. Ver *William Warren Prescott: Seventh-day Adventist Educator* [William Warren Prescott: Educador adventista do sétimo dia], dissertação doutoral por Gilbert Murray Valentine, Andrews University, 1982, pp. 81, 82, 143: "Parece que sua reação natural às discussões teológicas [de 1888] foi tentar manter uma posição neutra conquanto sentisse um forte impulso para o lado de Urias Smith e G. I. Butler, a ambos dos quais sentia um senso de lealdade e obrigação. Ele também sentia-se incomodado pelo estilo provocativo e algo rude de Jones, tendo contra ele preconceito. . . . [e havia sido] partícipe de ações destinadas a impedir que A. T. Jones pregasse no Tabernáculo e para restringir seu magistério no colégio àquilo que havia sido previamente ensinado pela denominação".
5. Observar que Waggoner também, desde o início de seu interesse por justificação pela fé, claramente entendeu a concepção de culpa e arrependimento coletivos. Cf. sua carta a M. C. Wilcox, 16 de maio de 1916, onde se refere a sua experiência de lampejo interior de 1882.
6. Comparar GCB 1893 pp. 279, 459, com FE 220-230.
7. Cf. observações de Ellen White quanto à contínua oposição de Butler e Smith, impondo uma carga sobre Jones que o Senhor nunca intencionou que levasse. Carta H-27, 1894.

10. Por Que Jones e Waggoner Perderam o Rumo

Um dos grandes mistérios na história adventista do sétimo dia é o fracasso posterior de A. T. Jones e E. J. Waggoner. O entendimento costumeiro de tal fracasso é de que as tendências básicas nessa direção existem em caráter desde o início da ligação de uma pessoa com a Igreja. Tal é o pensamento expresso pelo apóstolo João:

"Eles saíram de nosso meio, entretanto não eram dos nossos; porque, se tivessem sido dos nossos, teriam permanecido conosco; todavia, eles se foram para que ficasse manifesto que nenhum deles é dos nossos." (1 João 2:19).

Este princípio parece ter-se aplicado ao caso de D. M. Canright. Muito antes de nos ter deixado ele, espiritualmente falando, não era "dos nossos". Ele reprimia suas dúvidas íntimas de tempos em tempos com confissões abjetas, mas as dúvidas nunca eram erradicadas. A história em detalhe é narrada em *Testimonies* [Testemunhos] (Vol. 5, pp. 516-20, 571-3, 621-28).

Uma séria questão prevalece hoje com respeito a Jones e Waggoner. Eram eles cristãos genuínos mesmo em Mineápolis? Como puderam ter sido verdadeiros naquela época para depois perderem o rumo? O *The Fruitage of Spiritual Gifts* [Os frutos dos dons espirituais] expressa o ponto de vista popular de que eles eram radicais, extremados, estando em erro mesmo em Mineápolis, esperando somente por uma chance para saírem fora da pista:

"[Ao tempo da Assembléia de Mineápolis] alguns estavam fortemente inclinados a tomar posições radicais, como se fosse um sinal de força ser extremado. A Sra. White . . . mesma parecia ter um sentimento de que os dois homens que eram tão destacados na época poderiam mais tarde ser desviados por suas posições extremadas." (p. 232).

Contudo, um julgamento inspirado declara que eles eram corretos e verdadeiros ao tempo da assembléia de Mineápolis:

"O Senhor em Sua grande misericórdia enviou uma mensagem muitíssimo preciosa a Seu povo mediante os pastores Waggoner e Jones. . . ."

"Deus concedeu a Seus mensageiros exatamente aquilo de que o povo necessita." (TM 91, 95).

"Deus está apresentando às mentes dos homens divinamente designados gemas preciosas de verdade, apropriadas para o nosso tempo." (Ms 8a, 1888; Olson, p. 279).

"Deus havia enviado esses jovens para trazerem uma mensagem especial." (Ms. S24, 1892).

Como poderiam tais palavras ser escritas sobre homens que eram "radicais" ou "extremados"?

O fato de que Jones e Waggoner por fim falharam não significa que "não eram dos nossos". Mas o fracasso posterior deles é interpretado de molde a lançar uma sombra sobre a mensagem que transmitiram em 1888, ficando implícito que a mensagem é que os fez desviarem-se do caminho.

Essa é a principal razão por que alguns dizem que temem estudar essa mensagem. Assim, até nossos dias, a oposição levantada em Mineápolis é sutilmente justificada, e a mensagem e mensageiros enviados pelos céus são sutilmente desprezados. Tal foi a idéia perigosa que Ellen White declarou que se desenvolveria entre nós caso eles mais tarde perdessem o rumo.

Uma Providência Misteriosa

Defrontamos aqui com um problema singular. Dois fenômenos são evidentes: (a) Uma mente-mestre de iniquidade se regozija nessa rejeição aparentemente conclusiva da mensagem. (b) O próprio Senhor misteriosamente permite que essa tragédia seja uma pedra de tropeço a todos que *desejam* alguma razão para rejeitar a realidade da mensagem da chuva serôdia.

A pergunta especialmente difícil é por que deveria Deus escolher como mensageiros especiais aqueles que mais tarde se tornariam desviados da fé? Por que permitiria Ele que os portadores de Sua mensagem tão duramente contestada se transviassem quando a apostasia deles apenas confirmaria a oposição a ela? Algo profundamente significativo está envolvido nessa história paradoxal. Os passos de Deus podem ser misteriosos, mas isso não é razão para devermos descuidosamente deixar de entender sua estranha providência.

Supor que o Senhor cometeu um erro estratégico ao escolher Jones e Waggoner é impensável, pois Ele nunca erra em Seu conselho. Supor que fez homens louvarem-no contra sua própria vontade é também impensável, pois é evidente que ambos eram cristãos sinceros, zelosos, de mente humilde quando usados pelo Senhor. Eles não foram "movidos de ganância, [e] se precipitaram no erro de Balaão" por amor "ao prêmio da injustiça" (Judas 11; 2 Pedro 2:15), nem havia indício de desonestidade evidente no ministério deles.

A evidência inspirada sugere uma resposta a nossas perguntas, e indica que:

(1) Jones e Waggoner não foram "desviados" por quaisquer "pontos de vista extremados" concernentes à justiça de Cristo, mas foram *afastados* pela persistente e irrazoável oposição dos irmãos aos quais Deus enviou para serem iluminados.

(2) Ellen White reconheceu a seriedade da oposição a eles pessoalmente e a sua mensagem, e atribuiu a culpa derradeira pelo ulterior fracasso dos dois *"em grande medida"* aos irmãos oponentes.

(3) O Senhor permitiu que o triste episódio tivesse lugar como um teste aos irmãos oponentes; e a derrocada dos mensageiros de 1888 teve o efeito de confirmar o "nós" num estado de virtual descrença. Foi um exemplo do que Paulo chama "a operação do erro", que Deus "manda" (permite) "para darem crédito à mentira, a fim de serem julgados todos quantos não deram crédito à verdade"; antes, pelo contrário, deleitaram-se com a injustiça" (2 Tessalonicenses 2: 11, 12).

Parece até que Deus é um tipo de Cavalheiro que aparentemente sai de Seu caminho para propiciar-nos ganchos em que dependurar nossas dúvidas, se as desejarmos. Ele não deseja que qualquer de nós receba a chuva serôdia a menos que tenhamos plenamente nos comprometido de coração com Ele e Sua verdade. De algum modo o Seu caráter de ciúmes está aqui envolvido. Quem quer que recue da bênção pela mínima desculpa tem ampla oportunidade para fazê-lo. Mas, oh, como essa pode ser uma bondade severa!

(4) Os resultados práticos do juízo investigativo requererão que a igreja remanescente, antes da ocasião da vitória final, chegue a ver a verdade da mensagem e sua história e reconheça a obra de Jones e Waggoner de 1888-96 em seu verdadeiro valor, o "começo" da chuva serôdia e do alto clamor.

A Natureza Profundamente Arraigada da Oposição

Criticar os mensageiros impunha sobre eles uma carga muito mais pesada de levar do que a oposição normal.

"Seja qual for o curso que o mensageiro persiga, será objetável aos opositores da verdade; e eles capitalizarão sobre cada defeito em maneiras, costumes, ou caráter de seus advogados." (RH, 18 de outubro de 1892).

"Alguns de nossos irmãos . . . cheios de ciúmes e maus sentimentos, . . . estão sempre prontos a mostrar em exatidão o que diferem dos pastores Jones ou Waggoner." (Carta S24, 1892).

Os dois homens falavam positiva e vigorosamente. Agudas percepções da verdade freqüentemente levam os que são "simplesmente homens" a falarem dessa maneira. Mas isso era ofensivo à natureza humana que estava em busca de desculpas para rejeitar a mensagem:

"Que nenhuma alma se queixe dos servos de Deus que vieram a eles com uma mensagem enviada do céu. Não mais encontrem falhas neles, dizendo: 'Eles são por demais positivos; falam muito vigorosamente'. Eles podem falar vigorosamente; mas não é isso necessário? . . ."

"Ministros, não desonreis o vosso Deus e ofendais o Seu Espírito Santo, por lançardes reflexões sobre os meios e maneiras dos homens que Ele escolheu. . . . Ele vê o temperamento dos homens que escolheu. Ele sabe que ninguém, senão homens zelosos, firmes, determinados, de fortes sentimentos verão essa obra em sua importância vital, e aplicarão essa firmeza e decisão em seu testemunho a fim de romperem as barreiras de Satanás." (TM 410-413).

O próprio Senhor havia revestido os Seus mensageiros especiais com evidências de autoridade, "credenciais celestes". Eles perderam de vista o eu em seu amor por Cristo e Sua mensagem especial. O eu ainda não crucificado em outros foi afetado:

"Se os raios de luz que brilharam em Mineápolis fossem permitidos exercer o seu poder convincente sobre os que tomaram posição contra a luz, . . . teriam recebido as mais ricas bênçãos, desapontados pelo inimigo, e permanecido como homens fiéis, leais a suas convicções. Eles teriam tido uma rica experiência; mas o eu disse: Não. O eu não devia ser recusado; o eu lutou pelo senhorio." (Carta O 19, 1892).

Assim, o princípio subjacente a essa rejeição da verdade é o que os judeus demonstraram em sua rejeição de Cristo. Caifás considerou a Cristo como seu rival; ele sentiu ciúme pessoal dEle (DA 704). Entremeadado com esse ciúme dAquele que parecia um mero homem, Caifás estava expressando a inimizade do coração natural contra Deus e Sua justiça. Semelhantemente, em Mineápolis, a personalidade de Jones e Waggoner tornaram-se a pedra de tropeço visível e consciente para a invisível e inconsciente rejeição de Cristo, a Palavra. Isto é evidente, como segue:

"Homens professando santidade têm desprezado a Cristo na pessoa de Seus mensageiros. Semelhantemente aos judeus, eles rejeitam a mensagem de Deus. Os judeus perguntavam a respeito de Cristo: 'Quem é este? Não é o filho de José?' Ele não era o Cristo que o judeus buscavam. Assim, hoje as agências que Deus envia não são o que os homens têm buscado." (FE 472).

A Carga Pessoal Que Jones e Waggoner Suportavam

Poucos têm apreciado o efeito que a oposição inevitavelmente teve sobre os jovens mensageiros. Eles sabiam que a mensagem da justiça de Cristo era de Deus. Sabiam que haviam sido designados pelo Espírito de Deus para falarem ousadamente em sua defesa. E não podiam estar cegos ao fato óbvio de que uma resistência bastante determinada àquela mensagem era a reação da liderança da única Igreja remanescente verdadeira que deve triunfar por fim.

Eles sabiam que a mensagem era o começo do alto clamor, que devia propagar-se como "fogo na palha seca". Sabiam que havia chegado o tempo para a conclusão da obra, quando inteligências celestes estavam observando com profundo interesse o desenrolar dos acontecimentos. Sabiam mais que estavam vivendo no tempo da purificação do santuário quando, como nunca, a descrença e falhas da velha Jerusalém não mais deveriam ser repetidas. Nunca um ponto mais culminante se dera; nunca os céus concederam maiores evidências em vindicação de uma mensagem especial.

Mas, para sua grande surpresa, nunca a história houvera registrado uma mais vergonhosa falha humana em prevalecer-se de uma oportunidade de caráter celestial. Parecia aos jovens mensageiros como sendo o final e completo fracasso do povo de Deus em crer e entrar em Seu repouso. O que possivelmente poderia vir adiante?

Lutero não passou por mais duro revés, em comparação. Quando perseguido por Roma, tudo quanto tinha a fazer era ler as profecias de Daniel e Apocalipse e reconhecer o papado como o pequeno chifre e a besta. Isso o fazia sentir-se bem, mesmo ao ponto de reunir coragem para queimar a bula papal. Mas Jones e Waggoner não puderam encontrar conforto ao seu coração. A profecia não indicava uma oitava igreja para suceder a Laodicéia. A possibilidade de o povo de Deus atrasar o Seu programa por um século ou mais parecia além da compreensão deles.

Deve ser dito para seu crédito que Jones e Waggoner não renunciaram à fé no Deus de Israel. Eles nunca se tornaram infiéis ou agnósticos ou ateus. Nunca renunciaram ao sábado ou a sua dedicação de toda a vida a Cristo. No clima de hoje de assistência à Igreja eles seriam ainda membros em condição regular. *O pecado deles foi que perderam a fé na corporação da Igreja e sua liderança.* Eles não confiaram no arrependimento denominacional. Chegaram a duvidar da natureza humana; daí se explica a amargura e fracassos de sua própria natureza humana. O inimigo nos pressionará severamente a repetirmos o fracasso deles. Mas não temos que submeter-nos!

Os pequenos arbustos no vale, inclinando-se sob os ventos do zefir que ocasionalmente agitam seu tranqüilo ambiente, fariam bem em abster-se de comentários críticos quando os portentosos carvalhos no topo da montanha desabam sob a fúria esmagadora da tempestade. Permitamos que Deus fale quando declara verdadeiramente que não houve desculpa para o fracasso de Jones e Waggoner; sejamos vagarosos no falar, quando reconhecemos que "nós" em grande proporção fomos a causa disso.

C. S. Lewis nada sabia da nossa experiência de 1888, mas fez um comentário profundo em suas *Reflexões nos Salmos*:

"Tal como o resultado natural de lançar um fósforo aceso numa pilha de rebarbas de madeira é produzir um incêndio, . . . assim o resultado natural de enganar um homem, ou "mantê-lo por baixo" ou negligenciá-lo é despertar ressentimento; isto é, impor sobre ele a tentação de tornar-se o que os salmistas eram quando escreveram as passagens condenatórias. Ele pode ter êxito em resistir à tentação; ou não. . . . Se esse pecado o corrompe inteiramente, tenho-o em certo sentido degenerado ou seduzido. Eu fui o tentador." (p. 24).

Ellen White sentiu agudamente o peso que eles levavam. Em 1892 escreveu ao presidente da Associação Geral com respeito a eles:

"Gostaria que todos vissem que o mesmo espírito que recusou aceitar a Cristo, a luz que dispersaria a escuridão moral, está longe de ser extinta nesta época. . . .

"Alguns podem dizer, 'Eu não odeio o meu irmão; eu não sou tão mau assim'. Mas quão pouco compreendem o seu próprio coração. Podem julgar que têm zelo por Deus em seus sentimentos contra o seu irmão se suas idéias parecem, de qualquer modo, conflitar-se com as deles; sentimentos são trazidos à superfície que não têm qualquer relação com o amor. . . . Eles poderiam estar em condição de ponta de espadas com os seus irmãos, como também não, mas ainda estarem trazendo uma mensagem de Deus ao povo. . . .

"Eles . . . [crêem] que estão certos em sua amargura ou sentimento contra seus irmãos. Irá o mensageiro do Senhor suportar a pressão que lhe é anteposta? Se assim for, é porque Deus o insta em Sua força, e vindica a verdade de que é enviado de Deus. . . .

"Deverão os mensageiros do Senhor, após se posicionarem valorosamente pela verdade por um tempo, cair sob tentação e desonrar Aquele que lhes deu sua obra, será isso prova de que a mensagem não é verdadeira? Não . . . O pecado da parte do mensageiro de Deus causaria o regozijo de Satanás, e aqueles que têm rejeitado a mensagem e o mensageiro triunfariam; mas isso não levaria absolutamente a inocentar os homens que são culpados de rejeitar a mensagem de Deus. . .

"Tenho profunda tristeza de coração porque tenho visto quão prontamente uma palavra ou ação dos pastores Jones ou Waggoner é criticada. Quão prontamente muitas mentes passam por alto todo o bem feito por eles nos poucos anos passados, e não vêem evidência de que Deus está operando através dessas instrumentalidades. Eles caçam algo para condenar, e a atitude deles para com esses irmãos que estão zelosamente empenhados em realizar uma boa obra mostra que sentimentos de inimizade e amargura estão no coração." (Carta O19, 1892).

Por volta da mesma época ela escreveu a Urias Smith indicando que eles (Jones e Waggoner) poderiam não ser fortes suficientemente para suportar a tensão e pressão levantada contra eles:

"É bem possível que os pastores Jones ou Waggoner sejam dominados pelas tentações do inimigo; mas se o forem, isso não provaria que não dispunham de qualquer mensagem de Deus, ou que a obra que haviam realizado foi toda um equívoco. Caso isso se dê, quantos tomariam essa posição e entrariam num engano fatal por causa de não estarem sob o controle do Espírito de Deus. . . . Essa é a posição mesma que muitos tomariam se qualquer desses homens devesse cair, e eu oro para que esses homens sobre os quais Deus depôs a carga de uma obra solene, possam ser capazes de dar à trombeta o somido certo, e honrem a Deus em cada etapa, e que o seu caminho a cada passo possa ser mais e mais brilhante até o fim do tempo." (Carta S24, 1892; ênfase acrescentada).

Essa informação lança muita luz sobre a tragédia de Jones e Waggoner:

(1) Eles sofreram definido ódio dos irmãos. Irmãos estavam ansiosamente criticando "uma palavra ou ação", caçando coisas para condenar. Havia uma atitude subjetiva de inimizade, amargura e suspeição até em 1892, após as confissões terem sido feitas.

(2) Os irmãos opositores ingenuamente pensavam que a atitude deles era de zelo por Deus, contudo era "exatamente o mesmo espírito que recusou aceitar a Cristo".

(3) A oposição fez-se uma tentação muito difícil e dominante aos jovens mensageiros.

(4) O resultado trágico confirmou os irmãos oponentes em sua recusa da mensagem.

(5) O fato de perderem os mensageiros o seu rumo foi um "triunfo" para os irmãos opositores, e, é triste dizer, para Satanás. Esse acontecimento, portanto, tornou-se evidência conclusiva de que os irmãos oponentes não se haviam arrependido verdadeiramente do pecado de Mineápolis. O "triunfo" deles constituiria o seu "engano fatal".

Assim, o fracasso dos mensageiros tenderia a confirmar em impenitência os líderes, pastores, administradores e acadêmicos adventistas do sétimo dia. Até o presente, o fracasso final dos mensageiros é freqüentemente citado como evidência de que a mensagem de 1888 deve ser de algum modo perigosa. Esse foi exatamente o propósito de Satanás, e cumpre a predição de Ellen White à risca.

(6) O êxito das orações de Ellen White de que os dois irmãos suportassem o teste dependeria da atitude que os irmãos opositores tomassem de 1892 em diante.

Poucos meses depois, ela escreveu aos delegados da Associação Geral em assembléia sobre a verdadeira causa do possível tropeço dos mensageiros:

"Não é a inspiração do céu que leva alguém a ser suspeito, buscando uma oportunidade e ansiosamente se valendo dela para provar que aqueles irmãos que diferem de nós em algumas interpretações das Escrituras não estão firmes na fé. Há perigo de que essa atitude produzirá os próprios resultados presumidos; e em grande medida a culpa recairá sobre os que estão em busca do mal. . . .

"A oposição em nossas próprias fileiras tem imposto sobre os mensageiros do Senhor uma tarefa laboriosa e probante à alma; pois eles têm tido que defrontar dificuldades e obstáculos que não precisavam ter existido. . . . O amor e a confiança constituem uma força moral que teria unido nossas igrejas, e assegurado harmonia de ação; mas a frieza e desconfiança tem causado desunião que nos tem exaurido as forças." (Carta, 6 de janeiro de 1893; GCB 1893, pp. 419-421).

Foi essa "tarefa laboriosa e probante à alma", "suspeição", "caça a algo para condenar", "dureza de alguns e oposição de outros", valendo-se de átomos para provar que não estavam "firmados na fé" que produziram os "próprios resultados" preditos--o fracasso deles. A palavra apropriada, honesta e inspirada para a oposição era "perseguição":

"Devemos ser o último povo sobre a terra a acatar no mais ínfimo grau o espírito de perseguição contra aqueles que estão portando a mensagem de Deus ao mundo. Esse é o aspecto mais terrível de falta de semelhança a Cristo que tem-se manifestado entre nós desde o encontro de Mineápolis." (GCB 1893, p. 184).

Contudo, o sofrimento da perseguição não eram desculpa para que Jones e Waggoner perdessem o rumo.

Qual Foi o Problema de A. T. Jones?

Uma carta isolada de Ellen White a Jones em 1893 é com frequência citada como evidência de que sua mensagem era extremada. Fora de contexto, essa carta deixa em algumas mentes a impressão de que a sua mensagem de justificação pela fé era desequilibrada. Mas a carta deve ser lida no contexto.

Ellen White nunca publicou a carta durante o seu tempo de vida. Se ela tivesse crido que a mensagem de Jones fosse extremada ou desequilibrada, não teria hesitado em publicá-la em seus *Testimonies*.

Escrevendo da distante Austrália, ela diz a Jones que ouvira algo em seu "sonho". Ela não a havia lido em nenhuma publicação. Jones tinha uma tendência, quando submetido a persistente oposição, de exagerar o seu caso, e a carta cortava a tendência na base. Ele tirou vantagem de seu conselho, que aceitou com humildade. A carta declarava que os seus pontos de vista a respeito de justificação pela fé eram corretos, pois "consideras em realidade esses assuntos como eu o faço", e cita as suas posições como "nossa posição":

"Em meu sonho estive apresentando o assunto da fé e da justiça imputada de Cristo pela fé. Repetiste várias vezes que as obras de nada valem, que não havia condições. A questão foi apresentada de molde a tornar algumas mentes confusas. . . . Declaras essa questão de modo muito vigoroso. . . . Sei o que queres dizer, mas deixas uma impressão errada sobre muitas mentes. . . .

"Na verdade consideras em realidade esses assuntos como eu o faço, contudo tornas esses assuntos, através de tuas expressões, confusas às mentes. . . . Essas declarações vigorosas com respeito às obras nunca tornam nossa posição mais forte. As expressões enfraquecem nossa posição, pois há muitos que te considerarão um extremista, e perderão as ricas lições que tens para eles sobre os assuntos mesmos que carecem de conhecer. . . Não coloques nenhum pedregulho para uma alma que seja fraca na fé tropeçar, com apresentações ou expressões exageradas. . . . Lembra-te que há alguns cujos olhos estão intensamente fixados sobre ti, esperando que ultrapasasses a marca, tropeces e caias." (Carta 44, 1893, 9 de abril; 1 SM 377-79).

Cuidadosa busca nos volumosos escritos e sermões de Jones deixam de produzir seja um só exemplo de que tenha dito que as "obras de nada valem", ou algo de natureza semelhantemente extrema sobre o assunto. Esperaríamos encontrar algum exemplo de uma declaração insensata sobre fé e obras em seus vinte e quatro sermões na assembléia de 1893 que se encerrou pouco antes de ela ter escrito essa carta; mas encontramos apenas o oposto--vigorosas expressões indicando um equilíbrio apropriado entre fé e obras, sustentando obras como não somente necessárias, mas como frutos de genuína fé em Cristo.

Ao final da assembléia de 1893, Jones foi transviado pela influência de Prescott à fanática presunção de que o alto clamor não poderia ser impedido. Isso preparou o terreno para o fanatismo de Anna Rice Phillips.

A carta de Ellen White veio a tempo para incentivá-lo a ser cuidadoso, e ele foi cauteloso. Seu endosso por demais entusiástico ao seu ministério foi escrito após sua carta de 9 de abril de 1893, porque ele humildemente se arrependeu de seu temporário escorregão.¹

Nenhum Pecado É Jamais Escusável

Foi um pecado de impaciência de mente ou mau temperamento do coração que finalmente encerraram o ministério de Jones e Waggoner. Mas a experiência de Moisés nos limites de Canaã ilustra o que se deu com eles. O seu pecado foi igualmente inescusável e teve que morrer por causa dele, um pecado de impaciência com Israel. Passional e impacientemente ele os chamou de "rebeldes", um fato verdadeiro, conquanto o seu espírito não fosse:

"Assim o povo teve ocasião de questionar se a sua atitude passada havia estado sob a direção de Deus, e a desculpar seus próprios pecados. Moisés, tanto quanto eles, havia ofendido a Deus. As ações dele, diziam, haviam desde o início sido abertas a crítica e censura. Agora haviam achado o pretexto que desejavam para rejeitarem todas as reprovações que Deus lhes havia mandado mediante o Seu servo." (PP 417).

Não tivessem Jones e Waggoner coberto seus nomes com desgraça, nós de uma geração posterior provavelmente lhes atribuiríamos quase que um respeito idólatra. "Muitos que se têm indisposto a dar ouvidos aos conselhos de Moisés enquanto ele estava com eles, teriam estado em perigo de cometer idolatria sobre o seu corpo sem vida, caso conhecessem o local de sua sepultura" (*ibid.*, pp. 477, 478). A verdade e lógica da posição de Jones e Waggoner eram tão esmagadoras que não muito depois de 1888 muitos começaram a reconhecê-lo. Mas a chuva serôdia teve que ser postergada até uma futura geração. Agora os mensageiros devem estar secretamente "sepultados"--isso é, toda ocasião para idolatria deve ser removida da parte das gerações não nascidas que ainda haverão de vir. Que melhor método de "sepultamento" do que permitir que os mensageiros percam o seu rumo em desgraça?

É freqüentemente dito que seus numerosos compromissos de falar após 1888 indicam aceitação oficial de sua mensagem. Mas essa é uma dedução equivocada. Vários fatores precisam ser observados: (1) membros leigos e anciãos locais (que acolhiam a mensagem) tinham mais força em conseguir compromissos de oradores do que atualmente; (2) a influência de Ellen White virtualmente requeria a atenção que receberam de audiências durante as sessões da Associação Geral; (3) seus compromissos para falar quando sua mensagem não era bem acolhida a muitos líderes impunha-lhes uma pesada carga emocional. Um exemplo disso é a prevalecente atitude na assembléia de 1893 como evidenciado no *Bulletin*.

Não obstante, muitos que haviam rejeitado a mensagem deles quando estavam certos, ansiosamente os seguiram quando estavam abalados na fé. Isso tornou o problema maior. Em 1912 um ex-presidente da Associação Geral escreveu a respeito deles:

"Quando a mensagem de justificação pela fé começou a ser pregada nesta denominação,² o inimigo ficou profundamente agitado, e fez um grande esforço para deter sua difusão. Falhando nisso, mudou seu plano de oposição para um método que prometia maior êxito. Esse plano foi prender a mente das pessoas com os instrumentos que o Senhor havia chamado a proclamar a mensagem, ao ponto desses homens serem considerados oráculos de Deus, e a fé das pessoas se tornaria centralizada neles, em lugar de sê-lo em Jesus Cristo, o autor da mensagem. Foi percebido pelo inimigo que o louvor e bajulação das pessoas inflariam o ego desses homens tanto que eles chegariam a sentir que suas opiniões e juízos deveriam prevalecer em todas as questões pertinentes tanto às Escrituras, como à administração da obra do Senhor sobre a terra." (G. A. Irwin, RH, 4 de julho de 1912).

Ellen White insistia em que a perseguição descaridosa que sofreram foi a causa *primária* do tropeço deles. Isso os separava do amor e confiança de seus irmãos, de que necessitavam. O estrago causado pela adulação insensata tornou-se *secundária*.

Considerando a natureza da mensagem que portavam, essa causa dupla poderia somente prejudicar suas faculdades espirituais. Se eles pudessem ter recebido maior luz de modo a suportarem até que viesse a vitória, teriam defrontado o mundo na força que aqueles que devem finalizar a obra de Deus sobre a terra devem possuir. Mas luz e poder adicionais tinham que ser eliminados após a rejeição da mensagem. Waggoner tinha estado exilado na Inglaterra, e ambos tinham que atuar sem a ajuda de Ellen White. Eles conheceram somente o "começo" da luz da chuva serôdia, e isso não foi suficiente para a perfeita santificação, mesmo a corações honestos. (Não é suficiente para nós hoje!)

Como Homens Bons Podem Perder o Seu Rumo

Nossa história oferece evidência adicional de como "aqueles que . . . rejeitaram a mensagem e o mensageiro triunfariam" (Carta O19, 1892). O presidente da Associação Geral em 1888, G. I. Butler, foi um dos principais rejeitadores iniciais. Ele era um bom homem com um vigoroso e másculo dom de liderança executiva, mas o problema com que tinha de lidar não tinha precedentes. Nenhum ex-presidente tinha sido confrontado pelo começo da chuva serôdia e alto clamor! Ellen White tentou auxiliá-lo:

"Refere-te a tua posição como Presidente da Associação Geral, como se isso justificasse as tuas atitudes. . . . Não tens o direito de ferir os sentimentos de teus irmãos. Falas-lhes numa maneira que não posso sancionar. . . . Chamas os irmãos Jones e Waggoner de franguinhos." (Carta 21, 1888).

Dada a enfermidade de sua esposa, o Pastor Butler se retirou por alguns anos após 1888 para uma fazenda solitária na Flórida. Finalmente ele confessou suas atitudes erradas e retornou a posições de alta responsabilidade. O Senhor aceitou seus labores posteriores, como foi o caso com Urias Smith. Mas a oportunidade áurea de proclamar a chuva serôdia e a mensagem do alto clamor foi conclusivamente perdida para ambos.

Um exemplo patético de como a oposição de Butler finalmente "obteve a supremacia" (frase de A. T. Jones) é encontrada no *Bulletin* da Associação Geral de 1903. Durante essa assembléia Jones e Waggoner permaneceram com uma minoria que se sentia constrangida por sua consciência em opor-se à revisão da constituição de 1901. Em seu ponto de vista, a revisão de 1903 era um passo atrás dos princípios de reforma de 1901. O estarem certos ou errados em sua convicção não nos diz respeito discutir nestas alturas, mas eles indubitavelmente eram sinceros em mantê-las. Ao arrastar-se o debate, "vozes" pediam que o "Pastor Butler" falasse.

Sete vezes ele saiu do assunto para declarar como amava os "queridos" irmãos Jones e Waggoner; mas o *Bulletin* revela que continuou representando mal a real posição deles mesmo em face de suas intervenções de protesto verbal. Depois ele os colocou em ridículo público (pp. 145-164).

Eles haviam dito na assembléia que "o povo de Deus deve estar sob Ele, e Ele somente. Há um Pastor, e Ele tem um rebanho", e que primariamente "a comissão deve pertencer a Jesus Cristo, e servir a Cristo, e deixar o outro homem sozinho, e deixá-lo pregar o evangelho que Cristo concede". O irmão Butler interpretou isso como sendo uma opinião pela abolição de toda organização, e injustamente comparou a posição deles aos fanáticos anarquistas contra os quais se haviam batidos os pioneiros:

"Esses caros irmãos não conhecem as dificuldades que tínhamos antes da organização. . . .

"Agora, parece-me que se algumas dessas coisas são levadas avante segundo alguns dos bons irmãos têm falado, traria por fim em resultado, se plenamente cumprido, apenas o mesmo estado de desorganização em que iniciamos, em primeiro lugar. . . . Não desejo dizer nada agora para ferir os sentimentos do irmão Jones, pois amo muito o irmão Jones." (GCB 1903, pp. 146-163).

Na assembléia de 1901 Ellen White havia enfaticamente advertido contra o "poder imperial em nossas fileiras para controlar esse ou aquele ramo da obra" (GCB 1901, pp. 25, 26). Essa foi a principal razão por que por anos ela estivera apelando por reorganização e reforma. A tendência de restringir os obreiros havia sido um aspecto notável da presidência anterior do Pastor Butler (cf. TM 297-300). Foi especialmente proeminente na era 1886-1888. Suas repreensões a ele são agora bem conhecidas. Em 1903 ela declarou: "O poder imperial anteriormente revelado na Associação Geral de Battle Creek não deve perpetuar-se" (8T 233). Contudo, o Pastor Butler publicamente contradiz essas declarações, negando que fosse mesmo *possível* que qualquer "poder imperial" ocorresse na presidência da Associação Geral:

"Perdoareis um dos veteranos, que tem estado na Obra por tantos anos, e que tem tido a presidência da Associação Geral por treze mandatos, por dizer que não consegue ver que algo de um poder imperial possa ser ali indicado. Não creio que possa. . . . Eu tenho treze mandatos. . . . Eu lamentaria muito em crer que houvesse qualquer poder imperial nisso. . . . Conquanto eu esteja à frente do trabalho por treze mandatos, nunca fui reprovado por qualquer dessas coisas, quanto possa lembrar-me." (GCB 1903, p. 163).

Nós humanos temos uma tendência de esquecer-nos!

Apanhado no espírito de discussão, o Pastor J. N. Loughborough fez um discurso dando respaldo ao do Pastor Butler. Ele também falou desdenhosamente das convicções minoritárias de Waggoner e Jones.

Eles de fato não se tinham oposto aos verdadeiros princípios de organização em sua posição em 1903, conquanto possam ter tido alguma responsabilidade pelo estado a que chegamos no final do século vinte quando é tão difícil para homens e mulheres em comissões permanecerem sozinhos por Cristo contra forte pressão de grupo e temor de dispensa.

Mas o pensamento de comissões primeiro de tudo submeter-se a Cristo e zelosamente buscar a direção do Senhor, e lembrar-se que somos todos irmãos, parecia para alguns uma razão estranha para temerem tanto a Butler quanto a Loughborough. Loughborough acrescentou:

"Esses irmãos dizem que não se propõem a desmontar a organização. Bem, não julgo que tenham isso em mente, mas parece-me que, afinal de contas, você chega ao ponto de não ter nenhuma constituição ou ordem inteiramente. 'Afinal de contas', eles diziam nos dias primitivos, 'somos todos irmãos. Se buscarmos ao Senhor, Ele nos guiará'". (p. 164).

Era isso uma faca enfiada em suas costas? Jones e Waggoner poderiam ser perdoados por julgarem que o fosse. Antes, pateticamente Jones ergueu-se nesse ponto para fazer um apelo aos delegados. Isso pode ter marcado uma ferida que nunca foi curada:

"Gostaria de fazer um pedido agora a toda a delegação e todas as pessoas que lêem o "Bulletin". Quando esses discursos forem impressos, por favor considerem o dos irmãos Waggoner e [P. T.] Magan e depois o meu; leiam-nos com bastante atenção, e se puderem encontrar qualquer coisa em um deles que se choca com a organização seja em que sentido for, marquem isso e nos mandem a fim de que possamos nos arrepender de tal." (idem).

O desafio de Jones ficou de pé então e permanece até hoje. Ele e Waggoner tinham feito um apelo para uma submissão a Cristo e ao Espírito Santo, que julgavam que estava em harmonia com a mensagem de 1888, uma submissão que tornaria possível a direção do Senhor na conclusão de Sua obra em todo o mundo. Eles não se opunham a organização; o que desejavam ver era a organização submissa a Cristo para a conclusão da comissão evangélica. Desejavam que Cristo fosse reconhecido como o verdadeiro Cabeça da Igreja, em controle de sua organização.

Eles foram mal compreendidos e mal representados. Butler teve a última palavra; ele "triunfou", para usar a expressão de Ellen White. Algo levou ele e a Loughborough a ignorar o protestos deles e suplantar seus apelos por justiça. O que pode explicar isso exceto um ressentimento persistente de 15 anos?

A humilhante derrota de Jones e Waggoner em 1903 foi provavelmente o começo de sua final amargura humana. "Queridos irmãos Jones e Waggoner" seria mais do que humano se eles não se sentissem terem sofrido o insulto culminante após quinze anos de oposição. Poderiam passar sem sentir a dor?

O apelo deles por submissão primária a Cristo acima de subserviência ao controle humano estava em harmonia com os freqüentes apelos de Ellen White e com a Escritura, *mas logicamente isso só poderia ser feito com segurança se o Espírito Santo achasse uma acolhida uniforme entre nós.*

A contínua atitude de convicção do Pastor Butler é encontrada numa carta ao Dr. Kellogg um ano depois. Ele torna claro que nunca se arrependeu de sua cegueira quanto a 1888. Ele deve ainda culpar a Waggoner por males que perturbavam a Causa, e considera a sua derrocada uma bênção:

"Mantenho precisamente a mesma opinião que sempre tive desde que cheguei a ser um estudante da Bíblia. . . . A última turma que veio dirigir as coisas após eu ter saído do ofício [de presidente da Associação Geral] remodelou as coisas um bocado. O Pastor Waggoner foi um espírito dominante nessas mudanças. Ele parece ter remodelado a si mesmo de um pregador a um doutor. Talvez isso seja tão bom para ele quanto para todos os interessados. Desejo-lhe que se saia bem em toda maneira." (Carta, 9 de setembro de 1904).

Chegando exatamente neste tempo, pode-se a imaginar como tal carta poderia ter ajudado o Dr. Kellogg!

Há os que acusam Jones de cobiçar o ofício de presidente da Associação Geral. Isso pode ser verdade ou não. Os livros do céu podem registrar motivos do coração melhor do que podemos com nossa limitada visão de sombras indefinidas do passado. Sem dúvida o seu melhor julgamento o convenceram de que ele não estava talhado para a administração, ou para redigir a *Review and Herald*. Suas "credenciais celestes" tinham sido para um trabalho diverso--proclamar o evangelho do alto clamor para a igreja e para o mundo. Isso era suficiente para qualquer homem fazer por si. Quando essa missão falhou, ele perdeu seu apego à paciência dos santos.

O Espírito de 1888 e a Tragédia Kellog

Ellen White nos conta que o Dr. Kellogg era verdadeiramente convertido durante uma reunião de Mineápolis (GCB 1903, p. 86). O endosso dela a seu caráter e sincera dedicação são abundantes. Aqui está um dos últimos:

"Deus concedeu ao Dr. Kellogg o êxito que ele tem tido. . . . Deus não endossa os esforços apresentados por diferentes pessoas para tornarem a obra do Dr. Kellogg a mais difícil possível. . . . Aqueles que rejeitam [a luz sobre reforma da saúde] rejeitam a Deus. Um e outro que sabiam melhor disseram que tudo veio do Dr. Kellogg, e fizeram guerra contra ele. Isso exerceu uma má influência sobre o doutor. Ele vestiu a capa da irritação e retaliação." (GCB 1903, p. 86).

Uma carta ao Pastor Butler, presidente da Associação Geral em 1888, indica que a apostasia derradeira de Kellogg foi "em larga extensão" nossa responsabilidade. Seguramente, não era da vontade de Deus:

"8s vezes será visto que nossos irmãos e irmãs não têm sido inspirados pelo Espírito de Cristo em sua maneira de tratar o Dr. Kellogg. Sei que vossas opiniões sobre o doutor não são corretas. Vossa atitude para com ele não obterão a aprovação de Deus. . . . Podeis seguir um rumo que enfraquecerá tanto a sua confiança em seus irmãos que eles não poderão ajudá-lo quando e onde precisa ser ajudado. . . .

"O Dr. Kellogg tem realizado um trabalho que nenhum homem que conheço entre nós tem tido qualificações para cumprir. Ele tem necessitado de simpatia e confiança de seus irmãos. . . . Eles deveriam manter uma atitude que teria ganho e retido sua confiança. . . . Mas, em vez disso, tem havido um espírito de suspeita e crítica.

"Se o doutor falhar em cumprir o seu dever e ser um supervisor afinal, aqueles irmãos que têm falhado em sua busca de sabedoria e discernimento para ajudar o homem quando e onde ele carecia de seu auxílio, serão em grande extensão responsáveis. . . . Seus irmãos às vezes sentem que Deus está empregando o doutor para realizar uma obra que nenhum outro é qualificado a cumprir. Mas então eles enfrentam tão forte fluxo de relatórios em seu detrimento que ficam perplexos. Parcialmente os aceitam, e decidem que o Dr. Kellogg deve realmente ser hipócrita e desonesto. . . . Como deve o doutor sentir-se ao ser sempre visto com suspeita? . . . Deve isso sempre ser assim? . . . Cristo pagou o preço da redenção por sua alma e o diabo fará o máximo para arruiná-la. Que nenhum de nós o ajude nesse mister." (Carta B21, 1888).

"Aqueles que estão bem no centro da obra abrigaram os seus próprios desejos de modo a desonrarem a Deus. . . . O Dr. Kellogg não foi sustido na obra da reforma de saúde. . . . [Ele] assumiu o trabalho que não realizaram. O espírito de crítica revelado nessa obra desde o começo tem sido muito injusto, e havia tornado o seu trabalho duro. . . . É um fato que nossos ministros são muito vagarosos em tornar-se reformadores de saúde. . . . Isso levou o Dr. Kellogg a perder a confiança neles." (Ms. 13, 1901, Diário, janeiro de 1898).

O "maná" de 1888 havia sido rejeitado, e agora começava a produzir o que o antigo maná em Israel causava quando não era comido fresco. Ele se estragava. Alimento altamente nutritivo se estraga mais rapidamente do que alimento desvitalizado. "Nós" perdemos três homens destacados e bem-dotados que por algum tempo deram evidência de serem verdadeiramente ordenados pelo céu. O maná estragado tornou-se desagradável para ser manuseado, e o relato é triste.

Conclusão

As últimas palavras que o Dr. Waggoner escreveu antes de sua súbita morte em 28 de maio de 1916 são essas sentenças finais de uma carta a M. C. Wilcox: "Eu não questiono, mas livremente reconheço, a superior bondade dos irmãos na denominação. Eu seria desleal para com Deus se não reconhecesse a luz que Ele me concedeu; nunca poderia ter entendido por que foi-me concedida, exceto sobre a base de que os Seus dons são concedidos, não segundo méritos, mas de acordo com a necessidade".

Se ele será salvo ou perdido no final não é para nossa especulação. Mas se aqueles foram os seus últimos pensamentos, e Deus em Sua infinita sabedoria e misericórdia encontra alguma maneira de salvá-lo, certo é que Waggoner se declarará indigno. Poderia algum de nós que nos salvamos declarar-nos doutro modo?

Uma das últimas cartas que temos de Jones antes de sua morte revela um espírito humilde de completa confiança na mensagem adventista do sétimo dia e no ministério de Ellen White (12 de maio de 1921). O enfermeiro que tomou conta dele em Battle Creek em sua enfermidade final disse-nos pessoalmente que tem certeza de que Jones morreu como um genuíno cristão.

Uma apropriada e autorizada reimpressão de suas mensagens durante o tempo de sua fidelidade, editadas com endosso de total apoio, propiciaria para esta geração uma renovada visão do puro evangelho. E após termos reunido os fragmentos do que resta para que nada seja perdido, então poderíamos com confiança apresentar nossa petição ao trono da graça para dar-nos hoje o pão que nos é conveniente, alimento do tempo certo.

Tão certamente como há um Deus vivente, a oração não ficaria sem resposta.

1Numa carta a S. N. Haskell um ano depois ela declara que tinha mais confiança em Jones agora do que tinha antes de ele ter errado ao endossar Anna Phillips. A carta declara que Jones é o mensageiro escolhido do Senhor, amado de Deus, Seu embaixador. Esse erro não teria ocorrido se Urias Smith e G. I. Butler tivessem se unido a Jones e Waggoner como deveriam ter feito; "Jones e Waggoner ouvem a voz do Senhor e as pessoas reconhecem em suas

interpretações da palavra de Deus coisas maravilhosas dos oráculos vivos e seus corações ardem por dentro deles enquanto ouvem; eles têm alimentado o povo com pão do céu; o Senhor tem os homens mesmos que desejava; eles têm levado avante a obra com fidelidade, e têm sido porta-vozes de Deus; eles conhecem a voz do conselho e a obedecem; eles têm extraído água do poço de Belém; esses agentes escolhidos de Deus se teriam regozijado em unir-se a Smith e outros, inclusive Butler; se união tivesse existido, erros não teriam sido cometidos." (Carta H-27, 1894).

2Observem a falha em reconhecer a mensagem como o "começo" da chuva serôdia e do alto clamor.

11. As Crises Alfa e Ômega

Uma terrível crise conhecida como a heresia do panteísmo quase sufocou a Igreja Adventista do Sétimo Dia no princípio do século 19. Ellen White descreveu-a como o "alfa" da "sedução de espíritos e doutrinas de demônios". Poderia dar-se que esse engano "alfa" tivesse relação com a rejeição da luz de 1888?

Em direta proporção ao não discernimento e incompreensão da luz genuína terá lugar a luz falsificada, não discernida e incompreendida quanto à sua própria natureza. É-nos dito que após 1888 a apostasia interior seria inconsciente e sutil e provavelmente se difundiria antes que pudesse ser percebida.

Esse princípio de engano seguindo-se à rejeição de luz é uma lei inalterada da história. Jesus declarou aos líderes judaicos: "Eu vim em nome de Meu Pai e não Me recebeis; se outro vier em seu próprio nome, certamente o recebereis" (João 5:43). Uma verdadeira compreensão da era pós-1888 é necessária a fim de reconhecer os "lampejos luminosos" que tomaram o lugar da verdadeira luz.

O ministério na era 1888 era composto de bons homens, consagrados, que trabalhavam longas horas suportando privações. Professando sinceramente a verdade, eles de algum modo conseguiram ignorar ou rejeitar sua realidade. O que aconteceu é um dos mais surpreendentes acontecimentos na história da Obra de Deus.

Os irmãos estavam sinceramente inconscientes de uma atitude mental que provocou uma reação não santificada contra a mais gloriosa luz que jamais brilhara sobre esta Igreja. Mas não eram piores do que somos por natureza. Somos um só corpo com eles.

Segue-se que o pecado de rejeição daquela luz do alto clamor nunca pode ser verdadeiramente vencido até que os motivos não perceptíveis igualmente se apresentem em todos os nossos corações e se patenteiem à nossa consciência. Essa Obra certamente deve incluir-se na purificação do santuário. Aquilo que deixamos de *crer* um século atrás devemos *aprender* por transitar numa rota de desvio de nossa própria criação. Nossa história é resultado de princípios divinamente ordenados para nos conduzir à reconciliação com Cristo.

A História do Alfa do Início

do Século 19 Ilustra Este Princípio

O Senhor não pode nem irá forçar nem conquistar por temor o que conquistaria somente por amor. Daí Sua longa paciência durante nosso desvio. O que mais poderia fazer, a não ser esperar o nosso desapontamento? Mas Sua paciente sabedoria vencerá por fim, porque é a sabedoria do amor, uma estratégia verdadeiramente divina. Entender a história de 1888 significa poderosas boas novas!

Seja em 1844 ou 1888, uma rejeição de luz tornou inevitável uma submissão ao engano. Eis como o princípio operou quando alguns pioneiros adventistas rejeitaram a luz ampliada da verdade do santuário:

"Vi uma luz bastante brilhante vindo do Pai ao Filho, e do Filho ela recobria as pessoas perante o trono. Mas poucos receberiam essa grande luz. Muitos saíram de sob ela e imediatamente lhe resistiram; outros eram descuidosos e não acolheram a luz, e esta se retirou deles. . . .

"Os que se ergueram com Jesus dirigiam sua fé Àquele no Santíssimo, e oravam, 'Meu Pai, dá-nos o Teu Espírito'. . . .

"Voltei-me para olhar ao grupo que ainda se inclinava perante o trono; eles não sabiam que Jesus os havia deixado. Satanás parecia estar junto ao trono, tentando levar adiante a Obra de Deus. Vi-os levantando os olhos ao trono e orando: "Pai, dá-nos o Teu Espírito". Satanás então soprava sobre eles uma influência profana. . . . [Seu] objetivo era mantê-los sob engano, e voltarem para enganar os filhos de Deus." (Primeiros Escritos, 55, 56).

Esse mesmo princípio de engano que se seguiu à rejeição da luz enviada pelo céu operou após 1888. Falando da crise, Ellen White escreveu em 1889: "Nunca devemos esperar que quando o Senhor tem luz para o Seu povo, Satanás permanecerá calmamente à parte e não exercerá esforços para impedi-lo de recebê-la." (5T 728).

"Haverá muitos agora, como em tempos antigos, que se apegarão à tradição, e adorarão àquilo que não sabem de que se trata. . . .

"É certo que tem havido entre nós um desvio do Deus vivo, e um volver-se a homens, colocando o humano em lugar da sabedoria divina.

"Deus despertará o Seu povo; se outros meios falharem, heresias surgirão entre eles, que os peneirão, separando o joio do trigo." (*ibid.*, p. 707).

Na assembléia de Mineápolis, foi-nos dito que o fracasso em avançar sob o comando de Cristo nos exporia sem que percebêssemos tratar-se do comando de Satanás:

"Deus retirará o Seu Espírito a menos que a Sua verdade seja aceita. . . .

"Gostaria que pudésseis ver e sentir que se não estais avançando, estareis regredindo e Satanás entendia disso; ele sabia como tirar vantagem da mente humana. . . . Aqui a batalha está diante de nós." (Ms. 8, 1888, Olson, pp. 264, 265).

Novamente, falando de Mineápolis, Ellen White descreveu o caminho do desdobramento:

"Agora no tempo presente Deus tem determinado que um novo e renovado ímpeto seja dado à Sua Obra. Satanás vê isso, e está determinado a que seja obstaculizado. . . . Aquilo que é alimento para as igrejas é considerado perigoso, e não lhes deveria ser dado. E essa pequena diferença de idéias é permitida perturbar a fé, para causar apostasia, quebrar a unidade, semear discórdia, tudo porque eles não sabem que estão lutando a respeito de si próprios." (Ms 13, 1889, ênfase acrescentada).

Um inimigo reconhecia que na reação de muitos contra a luz de 1888 ele podia obter sua melhor chance de conquistar uma vitória:

"O inimigo de Deus e do homem não está disposto a que essa verdade deva ser claramente apresentada, pois sabe que se o povo a receber integralmente, o seu poder será quebrado. . . . [Cristo] nos tem advertido a estarmos vigilantes contra falsas doutrinas. . . . Muitas falsas doutrinas nos serão apresentadas como o ensino da Bíblia. . . . Deus deseja que sejamos inteligentes . . . e reconheçamos as advertências que nos tem dado para que não sejamos achados do lado do grande enganador na crise que está bem à nossa frente." (RH, 3 de setembro de 1889).

"Os que têm tido grande luz e que nela não têm caminhado terão trevas correspondentes à luz que desprezaram." (TM 163).

Uma vez que a luz que veio em 1888 foi a verdade da terceira mensagem angélica, faz sentido que o inimigo se aproveite da oportunidade de confundir nossa compreensão dessa verdade:

"Satanás está agora operando com todo o seu poder insinuante para desviar os homens da obra da mensagem do terceiro anjo, que deve ser proclamada com grandioso poder. . . . Ele operará com poder dominador para introduzir o fanatismo, de um lado, e frio formalismo, de outro, a fim de que possa reunir uma ceifa de almas. Agora é nosso tempo de vigiar sem cessar. Vigia, barrai o caminho contra o menor passo de avanço que Satanás possa dar entre nós. . . .

"Alguns não farão um correto uso da doutrina da justificação pela fé." (*Special Testimonies* [Testemunhos especiais], Série A, no 1, pp. 63, 64; 1890).

"A menos que o poder divino seja introduzido na experiência do povo de Deus, falsas teorias e idéias errôneas levarão as mentes cativas." (RH, de setembro de 1889).

A. G. Daniells reconheceu em 1926 que a advertência era justificada, que essa profecia *havia tido cumprimento*:

"A um lamentável grau, o povo de Deus falhou em trazer para sua experiência o poder divino, e tem-se visto o resultado predito: . . . falsas teorias e idéias errôneas têm levado mentes cativas." (COR 89).

Ellen White estava preocupada. O tempo do alto clamor é uma ocasião emocionante, mas também um tempo de perigo. Em suas palavras, a crise pós-1888 assinalou uma nova era:

"Doravante teremos uma constante disputa. . . . Essas palavras do Escrito Sagrado foram-me apresentadas: "Dentre vós mesmos, se levantarão homens falando cousas perversas para arrastar os discípulos atrás deles". Isso certamente será visto entre o povo de Deus. . . .

"Haverá aqueles que . . . confundirão o erro como luz, e a enganos especiosos chamarão de luz, trocando fantasmas por realidades, e realidades por fantasmas. . . . Cairão em enganos e mentiras que Satanás tem preparado como redes escondidas para enlaçar os pés daqueles que julgam poder caminhar segundo sua sabedoria humana sem a especial graça de Cristo. . . . Os homens aceitarão um engano após outro até que os seus sentidos estejam pervertidos." (Ms. 16, 1890; Ev. 593, 594).

Conquanto seja verdade que o inimigo tentasse nos enganar antes de 1888, seus ataques mais assíduos foram realizados posteriormente. Os enganos "alfa" foram eficazes somente devido a uma rejeição anterior da luz:

"Ao tempo do alto clamor do terceiro anjo aqueles que têm em qualquer medida sido cegados pelo inimigo, que não se recuperaram plenamente do ardil satânico, estarão em perigo, porque será difícil discernir a luz do céu, e estarão inclinados a aceitar a falsidade. A errônea experiência deles colorirá seus pensamentos, suas decisões, suas proposições, seus conselhos. As evidências que Deus tem concedido não serão evidência alguma para os que cegaram os olhos ao preferirem as trevas à luz. Após rejeitarem a luz, originarão teorias a que denominarão "luz", mas que o Senhor chama de lampejos de seu próprio fogo, pelos quais dirigirão os seus passos.

"As palavras que o Senhor enviou serão rejeitadas por muitos, e as palavras que o homem possa falar serão recebidas como luz e verdade. Jesus declarou: "Eu vim em nome de Meu Pai e não Me recebeis; se outro vier em seu próprio nome, certamente o recebereis". A sabedoria humana conduzirá para longe da negação própria, da consagração, e criará muitas coisas que tendem a tornar de nenhum efeito as mensagens de Deus. Não podemos com qualquer segurança confiar nos homens que não estão em íntima comunhão com Deus. Eles aceitarão as opiniões de homens, mas não podem discernir a voz do Verdadeiro Pastor, e a influência deles desviará a muitos." (RH, 13 de dezembro de 1892).

Após a assembléia de 1893, Ellen White viu que pairava sobre nós males de engano sem precedente: "O discernimento parece ter-se ido, e [muitos] estão destituídos de poder para discriminar entre a luz que Deus lhes envia e as trevas que vêm do inimigo de suas almas" (RH, 7 de agosto de 1894).

O Perigo da Impaciência

Alguns na era 1888 desejavam avançar com Cristo para um gozo espiritual maior de concluir a comissão evangélica. Mas a corporação em geral (especialmente de líderes) não estava pronta. Contrariamente ao predeterminismo calvinista, o Senhor teve que alterar Seu propósito e permanecer com o Seu povo. Se este não acertasse o passo com Ele, Ele deve pelo menos acertar o passo com eles.

Essa foi uma prova dura para os poucos que eram de temperamento mais ardoroso do que a maioria. Tiveram que ser instados a "não correram adiante do Mestre, mas seguirem onde Ele conduzir" (TM 228; 1894).¹ Até seu falecimento, Ellen White permaneceu com a Igreja ainda que não tivesse seguido a liderança do Senhor, tal como Moisés permaneceu com Israel após Cades-Barnéia.

Ela ofereceu bom conselho e um bom exemplo mesmo para hoje. Críticos humanos não são tão pacientes como o Senhor. A longa demora é uma experiência, não por causa do Senhor, mas por causa da Igreja. Por que Deus permite que a apostasia adentre a Sua Igreja? A história de Israel lança um elevado lampejo sobre a nossa:

"Mesmo na Igreja Deus tem permitido que homens testem sua própria sabedoria nessa questão. . . Quando ensinadores infiéis surgiram entre o povo, seguiu-se a fraqueza, e a fé do povo de Deus pareceu extinguir-se; mas Deus levantou-Se e purificou o Seu terreno, e os provados e verdadeiros foram levantados.

"Há ocasiões em que a apostasia penetra as fileiras, quando a piedade é deixada de fora do coração por aqueles que deviam ter-se mantido no compasso de seu divino Líder. . . Mas Deus envia o Confortador como um reprovador do pecado, para que o Seu povo possa ser advertido de sua apostasia e repreendido de seu desvio." (RH, 15 de dezembro de 1891).

O fim do desvio termina em boas novas. Trará a Igreja a um verdadeiro senso de sua condição e a um arrependimento genuíno, uma experiência que será a maior de seu tipo em todas as fases da história:

"Nas balanças do santuário a Igreja Adventista do Sétimo dia deve ser pesada. . . Se as bênçãos conferidas não a tem qualificado a realizar o trabalho que lhe foi confiado, sobre ela será pronunciada a sentença, "achada em falta". . .

"A menos que a Igreja, que está agora sendo fermentada com a sua própria apostasia, arrependa-se e converta, comerá do fruto de sua própria confecção, até que se aborreça de si própria. Quando ela resistir ao mal e escolher o bem, quando buscar a Deus com toda a humildade, . . . será curada. Ela aparecerá em sua simplicidade e pureza concedidas por Deus, separada de conexões terrenas, mostrando que a verdade a tornou verdadeiramente livre. Então os seus membros verdadeiramente serão escolhidos de Deus, Seus representantes.

"Quando esta reforma tiver início, o espírito de oração atuará em cada crente, e banirá da igreja o espírito de discórdia e luta. . . Todos estarão em harmonia com a mente de Cristo." (8T 250, 251; ênfase acrescentada).

Entusiastas separatistas citam trechos desta passagem num esforço para provar que a Igreja foi rejeitada pelo Senhor. No contexto apropriado, Ellen White está aqui predizendo uma experiência de arrependimento denominacional.

"A Igreja Toda" Versus "A Igreja Toda"

Algumas declarações inspiradas aparentemente dizem que "a igreja toda" nunca se arrependerá e cooperará com Cristo. Promotores de dissidências utilizam-nas. Mas outras declarações dizem o oposto. Acaso Ellen White se contradiz?

O contexto resolve a aparente contradição. Antes do "peneiramento" ter lugar, "a Igreja toda" não será reavivada; após o peneiramento, "a Igreja toda" entrará na linha. Observemos ambos os conjuntos de declaração:

"Estamos esperando ver a Igreja toda reavivada? Esse tempo nunca chegará.

"Há pessoas na Igreja que não são convertidas, e que não se unirão à oração fervorosa e insistente. Devemos entrar na obra individualmente." (1SM 122; 1887).

Logo após ter dito isso, a mensagem de 1888 trouxe uma nova visão e esperança. Agora ela fala mais positivamente. Ellen White foi estimulada pela nova mensagem:

"Quando a chuva serôdia for derramada, a Igreja será revestida com poder para a sua obra; mas a igreja como um todo nunca receberá isso até que os seus membros ponham de lado a inveja, murmurações e mexericos." (RH, 6 de outubro de 1896; ênfase acrescentada).

"Quando a Igreja despertar, . . . os membros terão angústia de alma por aqueles que não conhecem a Deus. . . Deus operará mediante uma Igreja consagrada e que se negue a si mesma, e revelará o Seu Espírito numa maneira visível e gloriosa. . .

"Quando o povo de Deus receber esse Espírito, poder sairá dele." (1SM 116, 117; 1898; ênfase acrescentada).

"Quando a reprovável indolência e comodismo tiverem sido banidos da Igreja, o Espírito do Senhor será graciosamente manifestado. . . . A Terra será iluminada com a glória do Senhor.

"Anjos celestes têm há muito aguardado que os agentes humanos--os membros da Igreja--cooperem com eles na grande obra a ser realizada." (9T 46, 47; ênfase acrescentada).

"Em visões da noite representações foram-me mostradas de um grande movimento reformatório entre o povo de Deus. . . Um espírito de genuína conversão manifestava-se. . . . O mundo parecia iluminado com a influência celestial. . . .

"Contudo alguns recusaram converter-se . . . Esses cobiçosos tornaram-se separados da companhia de crentes." (9T 126, ênfase acrescentada).

"O Espírito Santo deve animar e penetrar na igreja inteira, purificando e fortalecendo corações. . . .

"É propósito de Deus glorificar-Se em Seu povo perante o mundo." (9T 20, 21).

Falando do tempo de arrependimento e reforma quando a chuva serôdia for recebida, a serva do Senhor prediz:

"O temor de Deus, o senso de Sua bondade, Sua santidade, circularão em cada instituição. Uma atmosfera de amor e paz penetrará em cada departamento. Toda palavra pronunciada, toda obra empreendida, terá uma influência que corresponda à influência do céu. . . . Então a Obra marchará com solidez e dupla força. . . . A Terra será iluminada com a glória de Deus, e a nós caberá testemunhar a breve vinda, em poder e glória, de nosso Senhor e Salvador." (MM 184, 185; 1902).

Uma compreensão de nossa própria história será necessária para alcançar essa meta. "Nada temos a temer quanto ao futuro, exceto se nos esquecermos do modo porque o Senhor nos tem conduzido, e o Seu ensino em nossa história passada" (LS 196). O honesto de coração o verá, e se alegrará:

"Devemos manter-nos próximos de nosso grande Líder, ou nos tornaremos desorientados, e perderemos de vista a Providência que preside a Igreja e o mundo, e a cada indivíduo. Haverá profundos mistérios nas ações divinas. Podemos perder as pegadas de Deus e seguir nossa própria desorientação e dizer: "Teus julgamentos não são conhecidos"; mas se o coração é fiel a Deus, tudo será tornado claro.

"Há um dia próximo de manifestar-se sobre nós quando os mistérios de Deus serão vistos, e todos os Seus caminhos vindicados." (TM 432, 433).

O Fundamento da Heresia Panteísta

O coração contrito e moldável que aprecia a cruz de Cristo foi o enfoque da mensagem de 1888. A justiça se dava por esse tipo de fé. Mas para muitos, a arrogância do orgulhoso coração humano resistia a essa humildade. Observem como esse orgulho auto-suficiente é o solo em que engano posterior poderia ter criado raízes. Sem esse orgulho negador da fé as mais bem urdidas tentações de Satanás teriam sido impotentes. Não havia razão sobre a Terra pela qual a Igreja tinha de ser afligida pelos enganos "alfa", exceto o orgulho pós-1888:

"Estamos em meio aos perigos dos últimos dias, quando vozes serão ouvidas de todo lado, dizendo: "Eis aqui o Cristo", "Aqui está a verdade"; enquanto a carga de muitos é abalar o fundamento de nossa fé que nos tem conduzido das igrejas e do mundo. . . .

"A verdade para este tempo é preciosa, mas aqueles cujos corações não foram quebrantados, por lançar-se sobre a rocha, Cristo Jesus, não verão e entenderão o que é verdade. Aceitarão aquilo que compraza suas idéias, e começarão a manufaturar outro fundamento além do que está lançado. Se vangloriarão de sua própria vaidade e estima, julgando que são capazes de remover os pilares de nossa fé, e substituí-los por pilares de sua própria criação." (Elmshaven Leaflets, The Church, No 4; Ms. 28, 1890).

A oposição em Mineápolis desejava "permanecer com os antigos marcos". Nada agradaria mais o inimigo do que ver este povo deixar aqueles marcos.

Mas ele tem um exército de cupins que assumirão o trabalho quando a equipe de dinamitadores falhar. Idéias especiosas há muito mantidas, originadas com o pai da apostasia, poderiam sutilmente minar nosso entendimento da verdade. Esses cupins não podem afetar os pilares da verdade, mas podem carcomer interiormente nossa fé deixando-nos somente com uma capa exterior da terceira mensagem angélica. Não estava fora do alcance da inteligência de Satanás tentar tal obra após 1888, como a história do panteísmo demonstra:

"Aqueles que são auto-suficientes . . . serão encontrados professamente trabalhando para Deus, mas em realidade oferecendo o seu serviço ao príncipe das trevas. Em vista de que seus olhos não estão ungidos com o colírio celestial, seu entendimento será cegado, e serão ignorantes quando ardis maravilhosamente especiosos do inimigo. A visão deles será pervertida mediante sua dependência sobre a sabedoria humana, que é loucura à vista de Deus." ("Danger of Adopting Worldly Policy" [O perigo de adotar políticas mundanas], p. 4; 1890).

Acontecimentos estavam tendo lugar subterraneamente, onde aquelas raízes de preconceito sobre 1888 "nunca tinham sido erradicadas, e . . . ainda produziam seu fruto não santificado para envenenar o julgamento, perverter as percepções, e cegar o entendimento. . . . Quando, por confissão integral, destruídes a raiz de amargura, vereis a luz na luz de Deus" (TM 467). Mas a "confissão integral" nunca veio para a maior parte dos irmãos. Cortar os topos e deixar as raízes intactas era exatamente a situação que o inimigo desejava:

"Política mundana está tomando o lugar da verdadeira piedade e sabedoria que vêm de cima, e Deus removerá Sua mão prosperadora da assembléia. Será removida a arca da aliança deste povo? Serão introduzidos ídolos sorrateiramente? Princípios e preceitos falsos serão trazidos para dentro do santuário? Será respeitado o anticristo? Serão ignoradas as verdadeiras doutrinas e princípios a nós concedidas por Deus, que nós tornaram o que somos? . . . Isto é diretamente aonde o inimigo, mediante homens cegos e não consagrados, nos está conduzindo." (Ms. 29, 1890).

Em 1894 veio um crescendo de advertência, novamente expondo as astutas ciladas de Satanás:

"Os anjos de Satanás . . . criarão o que alguns reivindicam ser luz maior, . . . novas e maravilhosas coisas, e contudo enquanto em certos respeitos a mensagem seja verdadeira, estará misturada com invenções humanas, e se ensinarão como doutrinas os mandamentos de homens. . . . Pode haver supostas coisas que parecem tão boas, e, contudo, precisar ser cuidadosamente consideradas com muita oração, pois são artimanhas especiosas do inimigo para conduzir almas no caminho que jaz tão próximo da verdade que será muito difícil distinguir do caminho que conduz à santidade e ao céu. Mas o olho da fé pode discernir que está divergindo do caminho direito, conquanto quase imperceptivelmente. Primeiramente pode ser julgado positivamente certo, mas após mais um pouco é visto como amplamente divergindo do caminho da segurança, do caminho que conduz à santidade e ao céu." (TM 229; 1894).

Até mais pungente foi o seguinte:

"O fanatismo aparecerá bem em nosso meio. Enganos sobrevirão, e de tal caráter que se possível fosse enganaria os próprios escolhidos. Se assinaladas incoerências e declarações falsas se tornarem evidentes nessas manifestações, as palavras dos lábios do Grande Mestre não se farão necessárias. . . .

"A razão por que exibo o sinal de perigo e que mediante a iluminação do Espírito Santo de Deus posso ver aquilo que os meus irmãos não discernem." (Carta 68, 1894).

"O caminho da presunção jaz bem próximo do caminho da fé. . . . Se não houver obra cuidadosa, zelosa, sensível, sólida como uma rocha na divulgação de toda idéia e princípio, . . . almas serão arruinadas." (Carta 6a, 1894).

No mesmo ano, ela escreveu sobre a possibilidade de que nossas escolas se tornassem embaraçadas nos elos dos laços satânicos. Mas novamente ela expressa esperança:

"Nossas instituições de ensino podem inclinar-se à conformidade mundana. Passo a passo podem avançar rumo ao mundo; mas são prisioneiras da esperança, e Deus as corrigirá e iluminará, e as trará de volta à postura ereta de distinção do mundo." (RH, 9 de janeiro de 1894; FE 290).

A síntese popular da Ciência-Cristã na Nova Inglaterra já em 1895 pode ter dominado alguns de nossos educadores e semeado a semente particular de nossa heresia panteísta do princípio do século 19. Seguramente, o panteísmo não se insere na terceira mensagem angélica ou no princípio da mensagem do quarto anjo--é algo alheio que teve de ser importado:

"A associação com homens cultos é apreciada por alguns mais elevadamente do que a comunhão com o Deus do céu. As declarações de homens destacados são consideradas como de maior valor do que a mais elevada sabedoria revelada na Palavra de Deus. . . .

"Os homens que desfilam perante o mundo como maravilhosos espécimes de grandeza . . . cobrem o homem de honra, e falam da perfeição da natureza. Eles pintam um quadro muito belo, mas é uma ilusão. . . . Aqueles que apresentam

uma doutrina contrária à da Bíblia, são conduzidos pelo grande Apóstata. . . Com tal líder--um anjo expulso do céu--os supostos grandes homens da terra podem fabricar teorias enfeitiçantes com que enfatuar as mentes dos homens." (YI, 7 de fevereiro de 1895; FE 331, 332).

A Década Negra de Nossa História

Na véspera da crise de panteísmo, Ellen White sentiu que acontecimentos portentosos pairavam sobre nós:

"A mão direita da comunhão é concedida aos homens mesmos que estão introduzindo falsas teorias e falsos sentimentos, confundindo as mentes do povo de Deus, amortecendo-lhes as sensibilidades quanto ao que constituem princípios retos. . . . A luz dada, chamando ao arrependimento, tem sido extinta nas nuvens da descrença e oposição introduzidas pelos planos humanos e invenções humanas." (B-19 1/2, 1897).

Falando à sessão da Associação Geral em 1899, a Sra. S. M. I. Henry também sentiu algum perigo: "Assim como as coisas mais doces, quando se tornam rançosas, tornam-se as mais repugnantes, igualmente volver-se contra a maior luz e verdade é cair na maior escuridão e mal" (GCB, 1899, p. 174).

A mesma assembléia de 1899 assistiu em primeira mão a um trágico exemplo de engano. Um de nossos honoráveis líderes em seu caminho da Europa para assistir à assembléia em South Lancaster fez amizade a bordo com um homem que reivindicava ser um rico capitão de navio. Sendo um empresário esperto, professou aceitar a "terceira mensagem angélica". Nosso pastor convidou-o com toda sinceridade a que assistisse à assembléia a iniciar-se em South Lancaster. O "Capitão Norman" conseguiu fazer grande sucesso entre os delegados e adventistas locais, inclusive junto a uma jovem senhora a quem propôs casamento, tendo esta aceito.

Um apelo vigoroso foi feito na sessão para que nosso povo propusesse doações para a Obra de Deus. O registro no *Bulletin* de 1899 aponta 100 dólares como a doação mais elevada que alguém fora capaz de propor, com a maior parte dos compromissos muito abaixo, até que o "Capitão Norman" "propôs" cinco mil dólares--naqueles dias uma soma astronômica. Rapidamente as propostas pararam de vir. Por que deveria nosso pobre povo sacrificar-se quando o maravilhoso novo converso prometia *cinquenta* vezes mais do que o melhor que o mais capaz dentre nosso povo havia sido capaz de prometer? Quão contente o Senhor deve estar com o Seu povo para abençoá-lo tão maravilhosamente com um rico novo convertido, como o Capitão Norman!

O homem terminou sendo visto como um agente do diabo, declarou Ellen White². (Ele desapareceu com a quantia poupada pela noiva por toda a vida). Mas os que foram assim enganados por um agente do diabo também logo se confundiram com o que Ellen White denominou "*doutrinas de demônios*" na história do "alfa".

A última década do século 19 foi um período de trevas e confusão na sede de nossa Obra. Havia muito progresso exterior que mascarava uma carência espiritual. Mervyn Maxwell descreve o claro contraste entre a mensagem de 1888 e a condição espiritual da Igreja:

"A liderança, o laicato, as instituições, associações, campos missionários, e a Igreja como um todo, estavam desesperadamente em necessidade de reforma. . . . [Ellen White disse] ter havido uma "assustadora apostasia" com o povo de Deus. A igreja está "frígida", o seu primeiro amor congelado. Os dirigentes em Battle Creek volveram costas ao Senhor; muitos membros da Igreja também tinham rejeitado o Seu senhorio e preferido a Baal. Presidentes de associação estavam-se comportando como bispos medievais. . . . Uma "estranha cegueira" adveio sobre o presidente da Associação Geral de modo que até ele estava agindo de modo contrário à luz. . . . 'Todo o céu está indignado'." (Tell It to the World [Contai-o ao mundo], pp. 246, 247).

Qual era a verdadeira fonte da dificuldade espiritual? Eles tinham rejeitado o início da chuva serôdia e do alto clamor. Haviām desperdiçado a maior oportunidade escatológica que jamais se oferecera a qualquer povo.

¹Parece uma estranha determinação do destino que o principal ensinador da heresia "alfa" foi o Dr. J. H. Kellogg, que fora verdadeiramente convertido na assembléia de Mineápolis, segundo Ellen White (GCB 1903, p. 86). W. W. Prescott, que por uma época lecionou alguns aspectos da mensagem, também ensinava o panteísmo nos primeiros estágios da crise. Mesmo Waggoner errou em algumas de suas expressões, dando a seus oponentes oportunidade de acusá-lo de

ser um panteísta, conquanto Ellen White não lhe achasse falta nesse ponto. Alguns hoje equivocadamente concluem que o mal do panteísmo está implícito na mensagem de 1888.

Exatidão absoluta é essencial em expressar a verdade vital, pois a pista do erro jaz muito próxima. Isso foi especialmente verdadeiro da mensagem que constituiu o início da chuva serôdia e do alto clamor. Os conceitos de 1888 realçam quão próximos de nós o Salvador tem vindo em Sua encarnação e em Seu ministério mediante o Espírito Santo. Oposição determinada e persistente abalou os mensageiros, criando uma alienação de comunhão. Desnecessariamente posto na defensiva e privado de saudável e fraternal correção, Waggoner desviou-se da fina linha que dividia a verdade preciosa do erro.

2Esse incidente nos foi relatado pelo Pastor S. A. Wellman no inverno de 1949-50. Pode ser confirmado pelo verbete "Captain Norman" no *Bulletin* de 1899. A senhora que aceitou sua proposta matrimonial perdeu a quantia de poupança de toda a sua vida. Cinquenta anos após o "Capitão Norman", um incidente semelhante ocorreu na sede em Takoma Park quando o "Dr. Legge", um criminoso espertalhão, enganou alguns dirigentes da Associação Geral com sua pretensa conversão, que igualmente interpretaram a "conversão" como a maravilhosa bênção do Senhor.

12. A Apostasia do Panteísmo

Em lugar dos refrigerantes aguaceiros da chuva serôdia preparando um povo para o retorno de Cristo, a virada do século introduziu uma das maiores quase-tragédias que a Igreja já defrontou. Somente a intervenção pessoal da humilde mensageira do Senhor salvou o bom navio de naufragar como se deu com o *Titanic* poucos anos antes.

O "iceberg" foi a sutil heresia do panteísmo por alguns dos líderes mais altamente respeitados do adventismo que foram tão surdos às advertências do perigo iminente quanto foi o capitão da malfadada embarcação da Cunard.

Quando pareceu a Ellen White que ninguém faria nada para resolver a crise trazida pelos ensinamentos heréticos do Dr. Kellogg, foi-lhe dado um sonho inspirado:

"Uma embarcação estava sobre as águas, num forte nevoeiro. Subitamente o vigia gritou, 'iceberg bem à frente'. Ali, aparecendo bem acima do navio, estava um gigantesco iceberg. Uma voz autoritária exclamou: 'Vá-lhe ao encontro!' Não houve um momento para hesitação. Era ocasião para ação instantânea. O piloto aplicou força total, e o homem ao leme manobrou o navio diretamente no rumo do iceberg. Com um forte impacto atingiu o gelo. Deu-se um tremendo choque, e o iceberg partiu-se em muitos pedaços, desabando com um som semelhante ao de trovão sobre o convés do navio. Os passageiros foram violentamente abalados pela força da colisão, mas nenhuma vida se perdeu. A embarcação ficou danificada, mas não além da possibilidade de reparo. Ela saiu-se do episódio, tremendo de popa a proa, como uma criatura vivente. A seguir avançou adiante em seu caminho." (Special Testimonies [Testemunhos especiais], Série B, 1904, no 2, pp. 55, 56).

O navio era a Igreja Adventista do Sétimo Dia. A "voz" de autoridade era o testemunho de Jesus. O navio foi danificado, mas não além da possibilidade de reparo. Na seqüência da colisão três preciosos obreiros na Causa de Deus que eram especialmente queridos por Ellen White deixaram a sua posição--Jones, Waggoner e o Dr. Kellogg. Caso o iceberg tivesse sido visto antes e a embarcação fosse dirigida contornando-o, a Igreja teria evitado essa perda.

Vários fatores deste relato merecem especial atenção:

(1) Muitos de nossos ministros e médicos não puderam discernir a natureza da crise panteística quando ela se manifestou sobre eles. Estavam como numa neblina. Sentimentos panteísticos eram a coisa da "moda", o símbolo chique da teologia progressista. Havia uma enfeitiçante beleza a respeito dela. As idéias elevadas desfrutavam de ampla promoção, virtualmente sem protesto. "Que aqueles que temos julgado firmes na fé tenham deixado de discernir a

influência mortífera e especiosa dessa ciência do mal deveria alarmar-nos como nada mais nos tem alarmado" (*ibid.*, Série B, no 7, p. 37).

(2) A própria Ellen White pode não ter reconhecido o erro sutil sem discernimento incomum. Não obstante, ela esperava que os seus irmãos e irmãs também estivessem em íntimo contacto com o Espírito Santo a ponto de serem capazes de discerni-lo:

"Este é um tempo em que o poder enganador de Satanás deve ser exercido, não somente sobre as mentes daqueles que são jovens e inexperientes, mas sobre a mente de homens e mulheres de maior amadurecimento e vasta experiência. Os homens em posições de responsabilidade estão em perigo de mudar de líder." (*ibid.*, Série B, no 2, p. 48; 1904).

"Ouvi uma voz dizendo: 'Onde estão os vigias que deveriam permanecer sobre os muros de Sião? Estão adormecidos? Esse fundamento foi edificado pelo Obreiro Mestre, e resistirá à temporais e tormentas. Permitirão que esse homem [Kellogg] apresente doutrinas que negam a experiência passada do povo de Deus? É chegado o tempo para ação decisiva.'" (ibid., p. 54).

Na verdade, para ser justo, a história coloca mais culpa na cegueira dos vigias responsáveis sobre os muros de Sião que deixaram de discernir o perigo, do que sobre o desorientado médico que ensinava a heresia.¹ Apressamo-nos em condená-lo e regozijamo-nos no livramento propiciado pelo dom de profecia. Mas a lição é perturbadora: as repetidas advertências dadas desde 1888 falharam em despertar a maioria de nosso povo.

Assim, a crise panteísta revela a natureza arraigada da descrença pós-Mineápolis na prontidão com que muitos caíram em enganos cerca de uma década depois. Aqueles que defendem ter havido arrependimento para a cegueira de 1888 acham difícil explicar a subsequente cegueira do panteísmo.

(3) Desafortunadamente, a prova do panteísmo não poderia ser a final. As repetidas advertências concernentes ao recebimento de 1888 devia ter habilitado nossos irmãos a dirigirem por sua própria iniciativa o bom navio com segurança através das perigosas águas do panteísmo. Mas uma intervenção pessoal e de emergência de Ellen White fez-se necessária, ou o navio teria naufragado.

Satanás deve, portanto, ter permissão de nos tentar novamente, desta vez quando o agente vivo não mais se fizer presente. Deve ser um teste supremo quanto a se alcançamos a maturidade ou se, como crianças, ainda carecemos da direção pessoal de uma governanta. Assim descobrimos que a crise panteísta foi somente um "alfa" e uma provação "ômega" deve seguir-se. Pode estar mais próxima agora do que pensamos:

"Nosso povo precisa compreender as razões de nossa fé e de nossas experiências passadas. Quão triste é que tantos deles aparentemente depositaram confiança ilimitada em homens que apresentam teorias tendentes a desarraigar nossas experiências passadas e remover os velhos marcos! Aqueles que podem tão facilmente ser levados por um falso espírito revelam que têm estado seguindo o capitão errado por algum tempo, há tanto tempo que não discernem que estão se desviando da fé, ou que não estão edificando sobre o verdadeiro fundamento. . . .

"Alguns dos sentimentos agora expressos são o alfa de algumas das idéias mais fanáticas que poderiam ser apresentadas. Ensinamentos semelhantes àqueles que tivemos de defrontar logo após 1844 estão sendo ensinados por alguns que ocupam importantes posições na Obra de Deus." (*Southern Watchman*, 5 de abril de 1904).

"'Living Temple' [O templo vivo] contém o alfa dessas teorias. Eu sabia que o ômega seguir-se-ia pouco depois, e tremi por nosso povo." (*Special Testimonies*, Série B, no 2, p. 53).

"Não vos enganeis: muitos se desviarão da fé, dando ouvido a espíritos sedutores e doutrinas de demônios. Temos agora perante nós o alfa deste perigo. O ômega será de natureza extremamente surpreendente." (ISM 197; 1904).

"Seguir-se-á o ômega, e será recebido por aqueles que não estão dispostos a dar ouvidos à advertência que Deus tem dado." (*ibid.*, p. 200; *Special Testimonies*, Série B, no 2, p. 50; 1904).

É interessante que não encontramos Ellen White expressando quaisquer advertências contra *The Glad Tidings* [As alegres novas] de E. J. Waggoner. Em 11 de abril de 1901, ele expressamente negou que suas idéias fossem de caráter panteísta. (GCB 1901, p. 223). Teologia rebuscada pode sustê-lo nessa alegação. Seus sermões durante a assembléia de 1901 eram ardorosos e poderosos. Foi após isso que Ellen White recomendou que ele fosse convidado a ensinar em Berrien Springs, pelo seu próprio benefício e o de seus estudantes. Ele precisava de comunhão mais íntima com irmãos capazes que havia conhecido quando estava virtualmente só na Grã-Bretanha.

Na edição de 29 de janeiro de 1982 da revista *The Criterion* [O critério] (L. L. U. -- Universidade de Loma Linda), o Dr. Jack Provonsa declara o seguinte de Kellogg, cujo panteísmo era muito mais pronunciado do que o de Waggonner: "Em termos do significado técnico de panteísmo, [Kellogg] não era um panteísta". Mas Kellogg estava errado em sua concepção da natureza de Deus. Ellen White aparentemente simpatizava com a motivação evangélica de Waggonner, e por essa razão pode ter-se absterido de criticá-lo. Ela discerniu que o rumo tomado por Kellogg poderia destruir o fundamento espiritual da Igreja.

Essa crise foi permitida como um teste e prova para nossa fé e para servir de lição às gerações futuras:

"Deus tem permitido que a apresentação da conjugação do bem e do mal em 'Living Temple' [Templo vivo] ocorra para revelar o perigo que nos ameaça. O trabalho que tem sido tão engenhosamente levado avante Ele permitiu a fim de que certos acontecimentos possam consumir-se, e que possa ser visto o que um homem pode fazer. . . Deus tem permitido que a atual crise abra os olhos daqueles que desejam conhecer a verdade. Ele deseja que Seu povo entenda a que extensão a sofisticação e perspicácia do inimigo pode conduzir." (ibid., no, p. 36).

Destarte, a crise do "Living Temple" não poderia assinalar o fim dos esforços de Satanás em desviar, cativar e confundir e transtornar o povo do Advento. O perigo de apostasia sutil e interior em nosso meio está ainda presente, mais assim do que nunca antes: "Uma coisa deve em breve ser reconhecida--a grande apostasia, que se está desenvolvendo e aumentando e tomando corpo, e continuará a fazê-lo até que o Senhor desça do céu com um clamor" (ibid., pp. 56, 57).

(4) As apresentações populares da história pós-1888 como uma grande vitória cancelam a lição objetiva inerente à apostasia de Kellogg. Aquilo que Deus permitiu para "revelar o perigo que nos ameaça" a fim de que pudéssemos entender "a que extensão a sofisticação e perspicácia do inimigo pode conduzir" é desfigurado como uma vitória para a sabedoria dos homens e evidência do cuidado aprovador e indulgente de Deus. O ponto crucial da experiência é sepultado pela declaração de que o "ômega" foi um *evento* do passado distante:

"Há duas fases da luta--primeiro, os erros panteísticos, em segundo lugar, a questão da posse e controle. O Espírito de Profecia chamou-os o alfa e ômega das questões. O panteísmo, a 'doutrina de demônios', é chamado de Alfa, e do Ômega foi declarado tratar-se de eventos [sic] 'de natureza bastante assustadora'."

"Alguns têm alegado que o termo Ômega refere-se a alguma grande dificuldade futura ou apostasia e têm às vezes feito uma errônea aplicação dele a esse ou aquela ramo das operações denominacionais. . . . Em anos passados, o entendimento desses termos era que o Alfa seriam os erros mencionados acima e o Ômega a divisão e rebelião que privaram a Igreja de sua instituição de saúde mais antiga. Essa foi deveras uma ocorrência assustadora que poucos esperavam. A longo prazo, porém, somente poucos dentre nossos membros nos deixaram." (L. H. Christian, *The Fruitage of Spiritual Gifts* [Os frutos dos dons espirituais], p. 292).

Se for verdade que a perda do Sanatório de Battle Creek foi o *ômega*, podemos descansar assegurados de que as maiores provas e perigos ao movimento adventista tiveram lugar oitenta anos atrás. Com todo o repertório de tentações especiosas de satanás já esgotado no passado remoto, não temos de nos preparar para nada especial no futuro.²

Onde Jaz a Verdade Sobre o "Ômega"?

Numa recente edição de *Spectrum* [Gama], Vol. 12, no 2, o Dr. Robert Johnston reforça a idéia de Christian, citando D. E. Robinson como suporte. Contudo, não oferece evidência de Ellen White para o seu ponto de vista. Ela nunca, em tempo algum, na década logo posterior deu a entender que a perda da instituição de Battle Creek fosse o *ômega*. Ela nunca diz que se trata de "eventos". Johnston enfraquece o seu argumento admitindo que *alfa* e *ômega* são "partes de um contínuo simples e direto". Se assim for, a última deve ser de natureza idêntica à da primeira--não se tratando de "eventos", mas de "doutrinas de demônios" sutilmente mascaradas como pretensa verdade.

A idéia de que o *ômega* refere-se a um "evento" do passado parece contrária às declarações de Ellen White:

(1) Ela disse que "muitos se apartarão da fé" nessa experiência. Mas Christian declara que "somente uns poucos dentre nossos membros nos deixaram" quando perdemos o Sanatório de Battle Creek.

(2) Ela disse que o *ômega* seria um "perigo", o fim de um alfabeto de heresias mortíferas e doutrinas de demônios. Sendo do mesmo alfabeto, deve, então, tratar-se de heresias e ímpias doutrinas, somente mais agudas, mais sutis, e mais especiosas como o *ômega* por fim seguiu-se ao *alfa*. Como poderia a perda física de uma instituição cumprir a profecia?

(3) Quando o *ômega* chegasse, ela disse, "tremi por nosso povo". Mas o grande Sanatório foi reconstruído com a expressa desaprovação de Ellen White; por que ela tremeria "por nosso povo" ante a perspectiva de perder aquilo que se tornara somente um ardil a eles e nunca deveria ter sido reconstruído em tão grande escala?

(4) O simbolismo do alfabeto requer um desenvolvimento de apostasia e confusão dentro da Igreja. O *alfa* é representado como se segue em seus escritos; o *ômega* deve necessariamente ser da mesma natureza:

"A apostasia, princípios errôneos, idéias brilhantes e luminosas, teorias e sofismas que solapam os princípios fundamentais da fé, perversão da verdade, interpretações fantasiosas e espiritualísticas das Escrituras, o engano da injustiça, sementes de discórdia, de descrença, de infidelidade . . . semeiam falácias insidiosas, sentimentos do inimigo, falsidades e fábulas agradáveis, infidelidade e ceticismo, uma multidão de enganos, um jugo de feitura humana, fábulas ardilosamente arquitetadas, uma mentira." (essas são expressões ao pé da letra tiradas de *Special Testimonies* [Testemunhos especiais], Série B, nos 2 e 7, concernentes ao *alfa*).

O grande conflito entre Cristo e Satanás ainda prossegue. Temos agora chegado ao "futuro" que é aqui referido:

"No futuro, a verdade será contrafeita por preceitos de homens. Teorias enganosas serão apresentadas. A falsa ciência é uma das agências que Satanás empregou nas cortes celestiais. . . .

"Não apresenteis teorias ou testes que não tenham fundamento na Bíblia. . . . "Está escrito" é o teste que deve ser apresentado a todos." (RH 21 de janeiro de 1904; Ev. 600, 601).

Por essas alturas, nosso inimigo deve ter adquirido habilidade extraordinária. É perturbador notar a sinceridade do Dr. Kellogg quando declarou que imaginava que estava ensinando as mesmas coisas que Ellen White ensinava. É por isso que muitos de nossos irmãos foram apanhados desprevenidos:

"A vereda da verdade jaz bem junto à do erro, e ambos os caminhos podem parecer um às mentes que não são movidas pelo Espírito Santo, e que, portanto, não se apressam em discernir a diferença entre a verdade e o erro. . . .

"Aqueles que estão a favor de promover ampla circulação [do livro The Living Temple] declararam: "Contém os mesmos sentimentos que a irmã White tem estado ensinando". Essa asserção atingiu diretamente o meu coração. Senti-o quebrantado. . . .

"Pode haver em meus escritos muitas declarações que, tiradas de seu contexto, e interpretadas segundo a mente do escritor do "Living Temple", pareçam estar em harmonia com os ensinamentos desse livro. Isso pode conceder apoio aparente à declaração de que os sentimentos em "Living Temple" estão em harmonia com os meus escritos." (*Special Testimonies*, Série B, no 2, pp. 7, 52, 53; cf. declarações de Ellen White que parecem aproximar-se do panteísmo em 8T 255-261. Não há panteísmo ali, mas um leitor sem discernimento poderia pensar que há).

Quando quer que apareça o *ômega*, muito provavelmente reivindicará apoio do Espírito de Profecia, e "muitas" mentes sem discernimento concordarão. E é também possível que alguns dirigentes destacados e influentes promovam o engano. A verdadeira semelhança de caráter com Cristo conduzirá aqueles em união com Cristo a protestar. Quando o eu é crucificado com Cristo uma santa ousadia se faz possível:

"Quando os homens que se posicionam como líderes e instrutores trabalham sob o poder de idéias e sofismas espiritualistas, nos manteremos silentes, por temor de prejudicar sua influência, enquanto almas estão sendo enganadas? . . .

"Irão os homens em nossas instituições manter-se em silêncio, permitindo que falácias insidiosas sejam promulgadas, para arruinar almas?" (ibid., pp. 9, 13, 14).

Ellen White finalmente fala das provações *ômega* como uma experiência a dar-se após a sua morte:

"Estou encarregada de dizer ao nosso povo que alguns não reconhecem que o diabo tem ardil após ardil e que os leva a efeito em maneiras que não esperam. As agências de Satanás inventarão maneiras de transformar pecadores em santos. Digo-vos agora, que quando for posta em descanso, grandes mudanças terão lugar. Não sei quando serei levada, mas desejo advertir a todos contra os ardis do diabo. . . . Eles devem observar cada pecado concebível que Satanás tentará imortalizar." (Carta, Elmshaven, 24 de fevereiro de 1915).

Conclusão

A verdade genuína é sempre boa nova. Ellen White orava, segundo aqueles que às vezes a ouviam: "Senhor, mostra-me o pior de meu caso". É também uma oração salutar para orarmos: "Senhor, mostra-nos a verdade de nossa história, a verdade de nossa presente condição espiritual". A verdade de nossa história passada oferece incalculável esperança e confiança para o futuro, se apenas a reconhecermos pelo que é.

A Igreja remanescente, enfraquecida e débil como é, ainda é o supremo objeto de consideração do Senhor. Reconhecendo nossa pecaminosidade, nossa esperança está na misericórdia e imutável amor de Deus. O longo retardo da jornada que trouxemos sobre nós deve conduzir na plenitude do tempo ao Cristo que rejeitamos em nossa era de 1888. Em auto-conhecimento das fraquezas e arrependimento, nós O encontraremos. Não haverá auto-vindicação no processo.

Por outro lado, a esperança de Deus em nossa honestidade de coração. Ele próprio está em julgamento em nós, perante o universo. Ele aposta o Seu trono sobre a honestidade de Seu povo. Encontramos este refrigerante apelo cristocêntrico no *Bulletin* da Associação Geral de 1893:

"Algo grandioso e decisivo deve ter lugar, e isso bem cedo. Se qualquer atraso houver, o caráter de Deus e Seu trono estarão comprometidos".

"Será possível estarmos a ponto de arriscar a honra do trono de Deus? Irmãos, pelo amor do Senhor, e pelo Seu trono, saiamos do caminho." (A. T. Jones, citando Ellen White, p. 73; Ellen White, por seu turno, tomou por empréstimo tal pensamento de *The Great Teacher* [O grande mestre], de John Harris, 1836).

Poderia qualquer outro tipo de alto clamor, além do que se seguirá a nosso arrependimento, iluminar a terra com glória?

1Ellen White desejava ajudar Kellogg e acreditava ser possível fazê-lo. Ele era "o médico do Senhor", e tinha se convertido integralmente na assembléia de Mineápolis, dissera ela (GCB, 1903, p. 86). Kellogg declarou: "Eu me teria alegrado de receber alguma crítica amigável oferecida de um modo que pudesse compreendê-lo antes que o livro [*The Living Temple*] tivesse saído." (Carta a W. C. White, 24 de dezembro de 1903). A oposição ministerial tanto à mensagem de 1888 quanto à mensagem da saúde tinha-o desestimulado (cf. EGW Carta K-18, 1892; K-86a, 1893). Kellogg declarou sobre sua juventude: "Quando eu vi os princípios de saúde, pareciam-me tão belos e coerentes que os aceitei de imediato. Então tive tal luta em bater-me por esses princípios que não amava quem quer que não amasse esses princípios. Alguns dos piores conflitos que a obra de saúde tem recebido tem sido de ministros de nossas Associações Gerais. Era uma grande provação para nossos auxiliares no sanatório ter os ministros da Associação Geral freqüentando nossas mesas, e pedindo aos auxiliares, que não tinham provado carne por muito tempo, para levar-lhes algum frango cozido ou um bife. Chegamos a tal ponto que tínhamos receber ali alguém da Associação Geral. . . . Finalmente senti-me tão temeroso de ver os ministros que me tornei suspeito deles; pois não sabia se poderia confiar neles ou não. . . . Sinto agora que posso confiar em ti, e tenho plena confiança em tua pessoa" (GCB 1903, p. 83). Ele mais tarde perdeu muito dessa confiança. Os males duplos de contínua indiferença ministerial tanto com relação à reforma de saúde e quanto à mensagem de 1888 teve muito a ver com a defecção de Kellogg. A fermentação espiritual em Battle Creek causada por oposição íntima à mensagem não poderia propiciar nutrimento para a alma de Kellogg.

2Desde os anos da década iniciada em 1920 tentativas têm sido empreendidas para atribuir como "ômega" essa ou aquela doutrina nova ou falsa. Alguns em nosso tempo têm-no visto na "nova teologia" reformacionista. Cada geração tem tido que defrontar um engano mais sofisticado. Ninguém pode dizer com certeza se temos já visto o fim, o Z, do alfabeto satânico de enganos. Contudo, podemos estar no estágio de X ou Y.

13. Predições de Ellen White Sobre o Culto a Baal

Uma série de quatro partes na *Advent Review* [Revista adventista], de junho de 1986, trata com franqueza de um sério problema. Um elevado número de jovens criados em lares e escolas adventistas estão deixando a Igreja por uma nova razão: estão agora unindo-se a outras igrejas.

A série ("To Catch a Star" [Para agarrar uma estrela]) deplora o fato óbvio de que a maioria dos jovens adventistas carecem da visão que motivava a juventude "missionária voluntária" de gerações anteriores. "Não emocionante, não suficientemente grande, e sem relação com a vida"--essas são as "inadequações específicas" que nossos jovens vêem no adventismo contemporâneo.

Se a missão adventista do sétimo dia é aquela dos três anjos de Apocalipse 14, poderia ser verdade que ela é "não emocionante, não . . . grande, e sem relação com a vida"? Não, a menos que tenhamos entendido mal a realidade! Mas por alguma estranha razão, tem assim *parecido* a muitos jovens.

O verdadeiro dirigente da Igreja Adventista do Sétimo Dia não é a Associação Geral nem um clero hierárquico. É o próprio Cristo, o mesmo Cristo a quem os pioneiros nos idos da década de 1840 viam como começando o Seu ministério no Lugar Santíssimo do santuário celestial. Não será *Ele* suficientemente emocionante, positivo, grande, e relacionado com a vida para captar a devoção de todo o coração da juventude de nossos dias? Ou está essa visão de nossa juventude pioneira tão irremediavelmente perdida para eles como a visão de João e Carlos Wesley está perdida para a juventude metodista moderna?

Se a Igreja Adventista do Sétimo Dia se tornou tão entediante, como a maioria dos nossos jovens pensam, a razão não pode ser que o seu Líder seja "entediante". Segundo a perspectiva profética de Ellen White, *o problema é que um falso cristo usurpou o lugar do Verdadeiro*. Ela diz que o culto a Baal tem cativado muitos de nós tão seguramente quanto enganou o antigo povo de Deus nos dias de Elias e Jeremias. O número proporcional pode até ser semelhante.

Isso não significa que a igreja caiu como se deu com "Babilônia" ou que tenha deixado de ser o supremo objeto do amável cuidado do Senhor. Dissidentes e facciosos que descartam a igreja como caída não entendem a realidade do culto a Baal. A plena verdade é boas novas, pois arrependimento, reforma, e reconciliação com Cristo tornam-se possíveis quando a realidade é reconhecida, tal como se deu nos dias de Elias.

Israel em seu tempo era ainda a nação escolhida do Senhor, e Judá igualmente ao tempo de Jeremias. Segundo a profecia bíblica, a Igreja Adventista do Sétimo Dia é ainda hoje portadora da mensagem de Apocalipse 14. A verdade significa simplesmente que o genuíno arrependimento e reforma são necessários se esta Igreja deve proclamar "o evangelho eterno" ao mundo de modo a iluminar a Terra com glória. E tal experiência espiritual é possível.

Se isso não for verdade, devemos simplesmente espremer-nos dentro de outro nicho denominacional, ao lado de "batistas, presbiterianos, luteranos, episcopais, e católicos", que com outras igrejas, declara a *Review*, estão acolhendo crescentes números de jovens adventistas que abandonam o adventismo. Esses jovens anteriormente adventistas vêm a "distinção denominacional. . . como de menor importância do que uma crença geral num Ser Supremo". Essa mentalidade cancelaria nossa história e nos poria de volta ao marco zero de um mundo que nunca ouviu a mensagem adventista do sétimo dia.

Contudo, o cenário profético de Apocalipse não apela à extinção desse povo singular definido no capítulo 14, nem a supressão de sua mensagem especial.

A Rejeição da Mensagem de 1888

Conduz ao Culto de Baal

Poucos meses após Mineápolis, Ellen White viu uma de suas visões mais nítidas e assustadoras: "Impressionei-me de que grande perigo estava perante nós, no coração da Obra" (TM 460-471).

Parece que ninguém mais compartilhava de seu peso d'alma, mas o Senhor a encorajou a crer que Ele não abandonaria Sua Igreja. "Foram-me apresentadas algumas coisas que eu não podia compreender; mas foi-me dada segurança de que o Senhor não permitiria que o Seu povo se envolvesse na neblina do ceticismo e infidelidade mundanos, amarrado em molhos com o mundo" (p. 460).

Poderia, talvez, ter sentido quantos de nossos jovens contemporâneos se envolveriam com essas névoas, amarrados em molhos com o mundo, satisfeitos como uma mera crença "num Ser Supremo", destituídos de uma clara concepção da obra do Sumo Sacerdote no cósmico Dia da Expição?

Muitos dentre os nossos jovens acham o adventismo como uma concha oca e monótona porque perderam a visão que os pioneiros tinham do santuário e da mensagem de 1888 de esperançosas Boas Novas. A visão de Salamanca de Ellen White faz referência a esse vazio do fracasso em 1888. Ela predisse que em consequência dessa descrença, a antiga apostasia de Israel nos afligiria:

"Os preconceitos e opiniões que prevaleceram em Mineápolis não estão mortos de modo algum; as sementes ali semeadas em alguns corações estão prontas a brotarem à vida e produzir uma messe semelhante. Os topos foram cortados, mas as raízes nunca foram erradicadas, e ainda produzem seu fruto não santificado para envenenar o julgamento, perverter as percepções, e cegar o entendimento daqueles com quem estamos ligados, com respeito à mensagem e mensageiros . . .

"A infidelidade tem conquistado terreno em nossas fileiras; pois é moda apartar-se de Cristo, e dar lugar ao ceticismo. O clamor do coração de muitos tem sido: "Não queremos esse homem dominando sobre nós". Baal, Baal é a escolha. A religião de muitos entre nós será a religião do Israel apóstata, porque amam seu próprio caminho, e se esquecem do caminho do Senhor. A verdadeira religião, a única religião bíblica, que ensina o perdão somente mediante os méritos de um Salvador crucificado e ressurreto, que advoga justificação pela fé no Filho de Deus, tem sido diminuída, criticada, ridicularizada e rejeitada. . . . Que tipo de futuro apresenta-se diante de nós se falharmos em chegar à unidade da fé [de 1888]?" (TM 467, 468; 1890).

Podemos responder a sua pergunta de modo bem simples: o tipo de futuro a que temos agora chegado.

A experiência pós-1888 traumatizou Ellen White, pois viu quase com horror como Satanás poderosamente tentaria destruir a singularidade da missão deste povo. Vários anos depois, ela disse:

"Tudo seguirá em frente em meio a aparente prosperidade; mas Satanás está bem desperto, e está estudando e aconselhando-se com seus anjos malignos sobre outro modo de ataque onde possa ter êxito. . . . O grande conflito se fará mais e mais forte, e se tornará mais e mais determinado. Mente será disposta contra mente, planos contra planos, princípios de origem celestial contra princípios satânicos. A verdade em suas variadas fases estará em conflito com o erro em suas formas sempre mutantes e crescentes, as quais, se possível, enganarão os próprios escolhidos. . . .

"Ministros não santificados estão-se unindo contra Deus. Estão louvando a Cristo e ao deus deste mundo no mesmo fôlego. Enquanto professamente recebem a Cristo, abraçam Barrabás, e por suas ações declaram: "Não este homem, mas Barrabás". . . . Deixemos que o filho do engano e do falso testemunho seja acolhido por uma igreja que tenha tido grande luz, grande evidência, e essa igreja descartará a mensagem que o Senhor enviou, e receberá as mais irrazoáveis asserções e falsas suposições e teorias. . . .

"Muitos se postarão em nossos púlpitos com a tocha da falsa profecia nas mãos, acesas pela tocha infernal de Satanás. . .

"O conflito deve tornar-se mais e mais ferrenho. Satanás avançará no campo e personificará a Cristo. Ele representará mal, aplicará mal e perverterá tudo que possa, para enganar." (TM 407-411; 1897; ênfase acrescentada).

O Que É o Culto a Baal?

São essas predições de culto a Baal uma séria preocupação para nós hoje, ou foi um problema apenas temporário, confinado a Battle Creek no século dezanove? Nossa reação natural a essa inspirada predição é dizer, "Impossível! Incrível! Podemos ser 'miseráveis' e tudo o mais, contudo não estamos espiritualmente 'pobres' assim!" Por outro lado,

nossa consciência silenciosamente nos diz que algo está errado. Pode ser que isso faça sentido, afinal de contas. Quem é Baal?

Na linguagem do antigo Israel, Baal era a simples palavra para senhor ou marido:

"É significativo que nos tempos patriarcais . . . o marido é o mestre, o baal, da esposa, que é dependente dele para sua própria sobrevivência e sobre quem ele tem uma autoridade não compartilhada por outros." (B. G. Sanders, *Christianity After Freud*, Geoffrey Bles Ltd., London, 1949, p. 88; cf. Oséias 2:16).

Baal, o deus dos cananeus, significa "o senhor", freqüentemente a maneira ordinária de falar do verdadeiro Deus de Israel, o SENHOR, Javé. O babilônio Adon, helenizado como Adonis, tem o mesmo significado. É uma palavra cognata do hebraico Adonai, ou "o Senhor". Assim, quando os profetas de Baal oraram no Monte Carmelo, clamavam, "Oh, Senhor, Senhor, ouve-nos", enquanto Elias preservava uma distinta diferença em sua concepção de Deus (1 Reis 18:26).

Assume-se comumente que havia uma vasta diferença evidente entre a verdadeira religião de Israel e as religiões contemporâneas do paganismo. Mas os eruditos declaram que ocorriam surpreendentes semelhanças--um sacrifício matinal e da noite conduzidos diariamente, um dízimo pago aos sacerdotes, animais oferecidos sem mancha, livros sagrados e salmos penitenciais, muitos conceitos e idéias que eram cópias da verdadeira.

Os templos de Babilônia e Assíria tinham muito em comum com o templo de Salomão. O povo de Israel freqüentemente tropeçava nessas semelhanças e era enganado em várias formas de adoração apóstata. Era difícil para Israel sentir que estava adorando um falso deus quando o nome era aquele que comumente se empregava para o verdadeiro Deus. A linguagem e terminologia eram semelhantes, mas somente um profeta inspirado e aqueles que nele criam podiam discernir como os motivos e concepções diferiam. A predição de Ellen White suscita a assustadora possibilidade de que uma apostasia tão séria tem mansamente penetrado na Igreja moderna enquanto dormimos. Se for verdade, a situação é assustadora, mas não desesperadora. O arrependimento foi possível ao tempo de Elias, e é possível nos nossos.

A apostasia no tempo de Elias é freqüentemente entendida de modo equivocado como um desvio da verdade tão óbvia e chocante ao ponto de fazer os israelitas parecerem de forma incomum insensíveis e inescusáveis. Os fatos são que a apostasia de Israel foi gradual e inconsciente, requerendo cerca de um século para assumir as proporções que Elias reconheceu em seus dias. Ele deve ter tido uma mente muito perspicaz para discerni-la (cf. 3T 273; PK 109, 133, 137). Devemos nos lembrar que Elias ainda vive, tendo sido trasladado. Sentir-se-ia ele em casa entre nós, reconhecendo Jezabel e seus profetas?

Sendo, Baal, um falso cristo, é óbvio que *todo culto do eu que é disfarçado como culto a Cristo e que foge ao princípio da cruz será, em realidade, culto a Baal*. As raízes descem fundo, freqüentemente abaixo de nossa consciência.

O uso verbal do nome de Cristo e outra terminologia cristã nada representa no que tange à identificação da verdade. O inimigo de Cristo deve "*personificar a Cristo*", ou seja, assumir Sua aparência e usurpar-Lhe a identidade mediante enganos muito sutis. Mas muito antes da *personificação* virá a sua *falsa representação*. O não-adventista Frederick A. Voigt reconheceu um aspecto desse engano supremo: "A 'Ética Cristã' é o Anticristo do mundo ocidental. Trata-se da mais insidiosa e formidável corrupção que já afligiu este mundo".

Um pequeno exemplo é o culto do amor ao eu. Mediante uma sutil manipulação das Escrituras, o amor pecaminoso do eu tem sido transformado numa virtude. Durante os últimos quinze anos tem sido ensinado com todo empenho a nossos jovens como um suposto dever cristão. A ordem divina para amar nosso semelhante como amamos a nós mesmos é distorcida numa ordem para amar o eu, quando, de fato, o Senhor ensinou que a motivação de nossa natureza pecaminosa de nascença de amor ao eu é agora redirecionada mediante genuína fé a um amor semelhante ao de Cristo por nosso semelhante.

O auto-respeito genuíno é, de fato, uma virtude, mas torna-se autêntica mediante uma apreciação do amor altruísta de Cristo revelado na cruz. A verdadeira auto-estima é assim enraizada em Sua expiação. Mas o amor, do tipo "eu primeiro" é oposto à devoção a Cristo e Sua obra. É compreensível que um inimigo promova o culto do eu como se fosse ensino de Cristo. O que é difícil entender é por que os adventistas do sétimo dia devam promovê-lo.

Indubitavelmente é ignorância ou desconsideração com as declarações de Ellen White sobre o culto a Baal que tem tornado possível que a filosofia da Nova Era seja tolerada em nosso meio na medida em que se dá. Mas o fundamental

em toda nossa confusão moderna é o erro de admitir-se um falso cristo pelo verdadeiro em consequência de nossa tragédia de 1888. As raízes remontam a quase um século.

Estamos todos familiarizados com a descrição do estágio final da personificação de Satanás quando ele imitar o segundo advento:

"Como ato culminante no grande drama de engano, o próprio Satanás personificará a Cristo . . . como um ser majestoso de brilho ofuscante . . . jamais superado por qualquer coisa que olhos mortais tenham contemplado. A exclamação de triunfo soa pelo ar: "Cristo veio! Cristo veio!" As pessoas se prostram em adoração perante ele, enquanto ergue as mãos e pronuncia uma bênção sobre eles. . . . Sua voz é suave e mansa, contudo plena de melodia. . . . Esse é um tremendo engano, quase insuperável (GC 624)."

A visão de Salamanca de 1890 desfaz um mistério. Em consequência de nossa incompreensão de 1888 quanto ao verdadeiro Cristo, esse falso cristo encontrará um meio de introduzir-se mediante *representação falsa* por falsas doutrinas e errôneos conceitos antes de dar o passo final de *personificação* física. É assim que as palavras de Ellen White podem ser cumpridas. "A religião de muitos entre nós será a religião do Israel apóstata"--culto a Baal. *Onde quer que o eu se torne o verdadeiro objeto de devoção enquanto professamos servir a Cristo, há um culto a Baal.* Onde quer que a busca por promoção, prestígio e poder sejam as verdadeiras motivações do ministério, *ali teremos profetas de Baal.*

Mas isso não pode ocorrer onde a verdadeira mensagem de justificação pela fé é entendida e crida. O culto a Baal é fruto de uma espécie de ensinos corruptos que incentivam uma profissão de fé em Cristo enquanto o eu não é crucificado com Ele:

"A época atual caracteriza-se por idolatria, tão verdadeiramente como foi aquele em que viveu Elias. Nenhum objeto de adoração precisa ser visível; pode não haver qualquer imagem para os olhos perceberem; . . . multidões têm uma concepção errônea de Deus e Seus atributos, e estão tão verdadeiramente servindo a um falso deus como estiveram os adoradores de Baal." (PK 177).

"Nesta época o anticristo aparecerá como o verdadeiro Cristo . . . Mas o verdadeiro líder de toda esta rebelião é Satanás revestido como um anjo de luz. Os homens serão enganados e o exaltarão em lugar de Deus, e o deificarão." (TM 62; 1893).

"Cristo será personificado, mas num ponto haverá uma assinalada distinção. Satanás fará o povo desviar-se da lei de Deus." (FE 471, 472; 1897).

"Aqueles que não se acham inteiramente consagrados a Deus podem ser levados a realizar a obra de Satanás, conquanto ainda gabando-se de que estão no serviço de Cristo." (5T 103).

Uma justificação pela fé falsificada é inevitável quando a própria fé não é definida em termos neotestamentários. A motivação popular centralizada no temor ou esperança de recompensa não é o da "fé que opera por amor (*agape*)". Assim, o culto a Baal encontra um meio para introduzir-se mediante teorias populares, mas inadequadas de justificação pela fé.

Como Jeremias Confrontou o Culto a Baal

No tempo de Jeremias, Judá caiu na adoração a Baal tão imperceptivelmente aos sacerdotes e ao povo quanto se dera com Israel ao tempo de Elias. O livro de Jeremias é um livro de texto quanto ao confronto com a adoração de Baal.

(1) Devido a tratar-se de uma apostasia inconsciente, os dirigentes e povo tentaram negar sua existência:

"Como podes dizer: Não estou maculada, não andei após os Baalins? Vê o teu rasto no vale, reconhece o que fizeste. . . . ainda dizes: Estou inocente. . . porquanto dizes: Não pequei". (Jeremias 2:23, 35).

"Por que nos ameaça o Senhor com todo este grande mal? qual é a nossa iniquidade, qual é o nosso pecado, que cometemos contra o Senhor nosso Deus? Então lhes respondereis: Porque vossos pais me deixaram, diz o Senhor, e se foram após outros deuses." (16:10, 11).

"Porque, ó Judá, segundo o número das tuas cidades, são os teus deuses; . . . levantastes altares para vergonhosa cousa, isto é, para queimares incenso a Baal. . . O Senhor me fez saber, e eu o soube; então me fizeste ver as suas maquinações" (11:13, 18).

(2) Esse culto apóstata era combinado com o verdadeiro culto ao Senhor em Seu templo, em Jerusalém:

"Furtais e mатаis, cometeis adultério e jurais falsamente, queimais incenso a Baal e andais após outros deuses que não conheceis, e depois vindes e vos pondeis diante de Mim nesta casa, que se chama pelo Meu nome, e dizeis: Estamos salvos; sim, só para continuardes a praticar estas abominações! . . . porque os filhos de Judá . . . puseram os seus ídolos abomináveis na casa que se chama pelo Meu nome, para a contaminarem" (7:9, 10, 30).

(3) Os líderes religiosos na sede da nação ajudavam e propagavam essa apostasia:

"Pois estão contaminados, assim o profeta como o sacerdote; até na minha casa achei a sua maldade, diz o Senhor. . . Nos profetas de Samaria bem vi eu loucura; profetizavam da parte de Baal, e faziam errar o meu povo, Israel. . .

". . . dos profetas de Jerusalém se derramou a impiedade sobre toda a terra. . .

". . . profetas . . . cuidam em fazer que o Meu povo se esqueça do Meu nome pelos seus sonhos que cada um conta a seu companheiro, assim como seus pais se esqueceram do Meu nome por causa de Baal." (23:11, 13, 15, 26, 27).

Graças a Deus Ele prometeu "enviar . . . Elias, o profeta, antes da vinda do grande e terrível dia do Senhor" (Mal. 4:5). Precisamos dele desesperadamente! (Ellen White dá a entender que "Elias" é a mensagem que começou em 1888; ver RH 18 de fevereiro de 1890). Ao mesmo tempo devemos entender como o inimigo anseia em contrafazer mesmo a vinda de Elias, e incentivará qualquer "reformador" auto-designado que se levanta em sua própria vaidade para apressar-se por onde os anjos temem trilhar. "A palavra do Senhor veio a Elias; ele não buscou ser o mensageiro do Senhor." (5T 299).

Babilônia Continuou a Cair?

Sem entender a mensagem de 1888 e sua história em relação ao Dia de Expição celestial, nossa juventude acha difícil ver como a Igreja Adventista do Sétimo Dia se ajusta ao plano de Deus para o mundo hoje. A tentação é quase irresistível de ver o adventismo como outra opção religiosa, um estilo de vida não necessariamente mais válido do que qualquer outro respeitável grupo religioso que reconhece um "Ser Supremo".

Há inumerável quantidade de pessoas e pastores bondosos e sinceros em igrejas populares observadoras do domingo. Eles são tão felizes, amoráveis, zelosos e dedicado a suas famílias quanto o somos às nossas, em alguns casos de mentalidade mais missionária do que nos temos tornado. O êxito deles em crescimento da igreja supera enormemente o nosso em muitos casos, e seus padrões morais parecem elevados. A pergunta do Senhor, "Que fazeis de mais?" é uma que eles têm o direito de dirigir-nos (Mateus 5:47). E essa é a pergunta embaraçosa que muitos de nossos jovens estão formulando.

A plena luz da terceira mensagem angélica *em verdade* "tem sido em grande medida deixada longe do mundo" desde a época de 1888 (cf. 1SM 234, 235). Como resultado, o mundo tem-se postado numa relação diferente com Deus do que o Seu plano previa. Enquanto "Elias" tem tido que ir para o exílio, alguns "Obadias" têm tido que nutrir os sinceros profetas do Senhor "numa caverna", por assim dizer. A queda de Babilônia tem sido limitada. Ela ainda não se tornou o que será quando o alto clamor for proclamado. A voz de Apocalipse 18:4 ainda não se fez ouvir clara e poderosamente, "Retirai-vos dela, povo Meu".

Nosso Senhor nos diz claramente qual é o problema: Ele ainda não pode trabalhar por sua Igreja Remanescente tão poderosamente quanto gostaria (cf. 6T 371). A expressão grega que nosso Senhor emprega significa que o tornamos tão nauseados que Ele sente-se a ponto de vomitar (Apocalipse 3:16, 17).¹ Seria demais declarar que pessoas sinceras que estão próximas de Jesus também se sentem nauseadas, como se dá com Ele, pelo culto a Baal centralizado no eu que prevalece no moderno equivalente do templo do Senhor? A vaidade de espírito, a superficialidade dos sermões, o louvor e lisonja de homens e mulheres, o gritar nos microfones, as gesticulações e termos jocosos, e o patético legalismo egocêntrico—como Cristo se sente? E como aqueles que Ele descreve em Apocalipse 18:4 como "Meu povo" se sente?

É terrível pensar que o culto a Baal tem-se infiltrado no Israel moderno como ocorreu no antigo Israel, mas a serva do Senhor insiste que é verdade. A natureza humana sendo a mesma em todas as épocas, nossa tendência tem sido a mesma como a do antigo povo do Senhor—assimilar o pensamento das pessoas ao nosso redor. A rejeição da mensagem de 1888 estabeleceu o padrão por quase um século de tal assimilação, começando com a exposição de idéias falseadas na sessão de 1893 que se propunha ser a mesma genuína justificação pela fé.²

Esse foi somente o começo. Temo-nos volvido vez após vez para as igrejas populares e sua liderança em busca de idéias e inspiração que presumimos tratar-se da mesma mensagem, não discernindo as distinções fundamentais. Já nos anos da década 1890 havia tendências de confundir a justificação pela fé católica como sendo a genuína (GCB 1893, pp. 244, 261, 262, 265, 266).

Pouco após a I Grande Guerra, tomamos emprestado o entusiasmo da "vida vitoriosa" do *The Sunday School Times* [Tempos da escola dominical]. O livro de Froom *Movement of Destiny* [Movimento predestinado] até se gaba que a mensagem de 1888 era essencialmente a mesma que uma vasta parcela dos pregadores evangélicos ensinavam (pp. 255-258, 319-321, ed. de 1971).

Isso não significa dizer que todas essas idéias sejam más, mas o conceito singular da purificação do santuário tem estado ausente de tudo isso. Esse vácuo tem propiciado que o culto a Baal invada o arraial.

A Mensagem de 1888 e o Dia da Expição

Conquanto a queda de Babilônia não esteja ainda completa, os estágios iniciais tiveram lugar. Algo essencial está decididamente faltando nas doutrinas e experiência das igrejas que não entendem o ensino escriturístico do dia antitípico da expiação. Por demais afastado por várias gerações de seus pioneiros da era 1844, não podem ser tidas por responsáveis pela verdade que desconhecem a menos que também a tenham rejeitado. Não obstante, são tragicamente mais pobres por não conhecê-la.

Em uma de suas primeiras comunicações Ellen White descreve o início desse processo de privação. Ela recebeu iluminação profética quanto à causa básica da alienação espiritual do moderno cristianismo do "evangelho eterno" de Apocalipse 14. Em sua visão ela contemplou a transição do ministério do Sumo Sacerdote celestial do primeiro compartimento para o segundo. O conhecimento dessa mudança de ministério foi rejeitado por multidões de cristãos. O que torna este relato importante não é a questão de culpa ou falta dela pela rejeição da luz de 1844. A realidade é o terrível engano que se introduziu por falta de uma verdade vital concernente a Cristo e Sua obra deste tempo no Dia da Expição final e do sábado do quarto mandamento. Esta declaração tem profundas implicações:

"Não vi um raio de luz passar de Jesus para a descuidada multidão após ter-Se levantado, e foi deixada em completa escuridão. . . . Aqueles que se levantaram com Jesus dirigiam-Lhe a fé no [compartimento] santíssimo, e oravam: 'Meu Pai, concede-me o Teu Espírito'. Então Jesus soprou sobre eles o Espírito Santo. Nesse sopro havia luz, poder e muito amor, gozo, e paz.

"Volvi-me para olhar o grupo que ainda estava inclinado perante o trono [do primeiro compartimento]; não sabiam que Jesus o havia deixado. Satanás parecia estar junto ao trono, tentando levar avante a obra de Deus. Vi-os olhando para o alto, para o trono, e orando: 'Pai, concede-nos o Teu Espírito'. Satanás então lhes soprava uma ímpia influência; nela havia luz e muito poder, mas não o doce amor, gozo, e paz." (Primeiros Escritos 55, 56).

"Por rejeitarem as duas mensagens anteriores, eles [os rejeitadores] tinham de tal modo obscurecido o seu entendimento que não podem ver luz na mensagem do terceiro anjo, que revela o caminho para o lugar santíssimo. Vi que como os judeus crucificaram a Jesus, do mesmo modo as igrejas nominais crucificaram estas mensagens, e, portanto, não têm conhecimento do caminho para o santíssimo, e não podem beneficiar-se com a intercessão de Jesus ali. δ semelhança dos judeus, que ofereciam seus sacrifícios inúteis, eles oferecem suas inúteis orações ao compartimento que Jesus deixou; e Satanás, satisfeito com o engano, assume um caráter religioso, e atrai a mente desses professos cristãos para si mesmo, operando com o seu poder, seus sinais e maravilhas de engano. . . . Ele também vem como um anjo de luz, e espalha sua influência sobre a terra por meio de falsas reformas. As igrejas estão vibrando e consideram que Deus está operando maravilhosamente por elas, quando trata-se da obra de outro espírito. (ibid., pp. 260, 261).

É essa percepção profética válida? Se for, tem implicações de vasto alcance. Explica o mistério da confusão que vemos no moderno mundo cristão. Conquanto uma aparente prosperidade espiritual caracterize muitas das igrejas que "não têm o conhecimento do caminho para o [lugar] santíssimo" e que "não podem beneficiar-se com a intercessão de Jesus ali", as questões finais da marca da besta testarão a devoção de todos a Cristo.

Membros deixam a Igreja Adventista porque, alegam, encontram "amor", "calor humano" e "poder" espiritual nas outras igrejas, não discernindo a verdadeira natureza do amor de Cristo como *agape*. Assim são facilmente enganados por uma sentimentalidade superficial. É possível entender essa situação confusa à parte da percepção profética do dia final de expiação?

E pode nossa própria impotência espiritual ser identificada com a perda de contacto com esse Sumo Sacerdote especial e único que adentrou o ministério do segundo compartimento ao final da profecia dos 2.300 anos? Sua obra final é emocionante, positiva, grandiosa, relacionada com a vida! Temos também perdido um entendimento prático de Sua obra, de modo que nossa missão pareça em consequência "árida". Analisemos essas declarações de *Primeiros Escritos*:

(1) Uma geração específica de cristãos na era de 1844 rejeitou a proclamação endossada pelo Espírito da primeira e segunda mensagens, e muitos mileritas rejeitaram a terceira mensagem angélica. (A esmagadora maioria dos cristãos e seus ministros hoje nada entendem disso).

(2) Deus é eminentemente justo. Ele não pode considerar culpados esses modernos descendentes da geração rejeitadora de 1844 se não compreenderam a mensagem suficientemente para rejeitá-la de modo inteligente. Não há razão para supor que muitas dessas pessoas não estão vivendo sinceramente à altura de toda a luz que possuem e assim são individualmente aceitas pelo Senhor.

(3) Contudo, a questão fundamental não é mera salvação pessoal em preparação para a morte. Uma vez que a profecia bíblica indica que a vinda do Senhor está próxima, a questão básica é uma preparação para a Sua vinda e as provas finais que a antecedem. E não devemos nos esquecer a motivação transcendente de preocupação pela honra e vindicação do Salvador de modo que o grande conflito possa findar em vitória para Ele.

Para que isto tenha lugar em qualquer comunidade de corações e vidas humanas, a verdade plena da justificação pela fé deve ser claramente compreendida. E as igrejas populares não podem entender essa verdade, conquanto sinceras possam ser, pois "não têm conhecimento do caminho para o santíssimo [lugar], e não podem beneficiar-se com a intercessão de Jesus ali".

A genuína justificação pela fé não é somente uma verdade, mas uma experiência que a acompanha, a qual o Sumo Sacerdote celestial ministra em Sua obra final de expiação. Séculos seguidos de ignorância dessa verdade não podem resolver o problema. A terceira mensagem angélica em verdade é vitalmente necessária. *Na ausência dessa verdade, nenhuma corporação de pessoas em parte alguma pode estar preparada para a segunda vinda de Cristo, a despeito de sua filiação religiosa.*

(4) Ellen White é objetiva ao descrever Satanás como um sutil manipulador. Ele tem êxito somente quando "atrai a mente desses professos cristãos", desviando-os da obra especial e singular de Cristo no Compartimento Santíssimo. Segundo a declaração de *Primeiros Escritos*, o seu método é *aparentar* perpetuar o mesmo ministério de Cristo que prosseguiu no primeiro compartimento desde Sua ascensão até 1844. Seu intento é eclipsar um conhecimento da mudança nesse ministério.

O ministério do Sumo Sacerdote deve mudar, porque Ele não pode ministrar para sempre o Seu sangue em substituição para cobrir a perpétua pecaminosidade de Seu povo. Ele precisa realizar algo no dia da expiação que nunca foi realizado anteriormente. Precisa ter um povo que vence, "assim como" Ele venceu, um povo que "condenou o pecado na carne" mediante Sua fé. Satanás precisa eliminar essa verdade e eclipsá-la se possível. Assim, o enganador atrai as mentes "para si mesmo" desviando o seu interesse da obra singular que o verdadeiro Sumo Sacerdote deve realizar.

Se fabricantes do Terceiro Mundo podem imitar relógios suíços Φ mega de modo a enganar compradores sofisticados, é difícil crer que Satanás tem neste tempo polido uma imitação altamente bem sucedida de Cristo e da verdadeira mensagem do evangelho? Ela inclui "luz e muito poder, mas não o doce amor [*agape*], gozo, e paz". Ele tem estudado diligentemente a obra do verdadeiro Espírito Santo e inventado uma extraordinária imitação que enganará, se possível, os próprios eleitos. Tem sua justificação pela fé falsificada quase aperfeiçoada pelo engano. Logicamente, falta uma compreensão da obra de Cristo no Lugar Santíssimo, aquele ingrediente vital do *agape* que somente pode purificar os corações humanos de todo temor e motivação egocêntrica que perpetua o pecado.

(5) Se Ellen White estiver correta, multidões de "sinceros" cristãos "amoráveis" sucumbirão ante a terrível pressão de restaurar a intolerância religiosa da Idade Média e impor a marca da besta. Várias formas de terrorismo podem facilmente forçar isso para uma nação, um mundo, e igrejas dadas ao materialismo, sensualidade e espiritismo "espiritual". Ellen White desmascara o horrível espectro de um falso cristo espalhando "sua influência sobre a terra por meio de falsas reformas, . . . a obra de outro espírito" (*ibid.*, p. 261).

(6) Há trigo e joio crescendo junto em "Babilônia" como há dentro da igreja que professa levar a terceira mensagem angélica. Mas o impasse de um século precisa ser resolvido. A raça humana está num processo de desintegração moral e espiritual. Defrontamos problemas de suicídio global potencial devido ao abuso de drogas, embriaguez, infidelidade,

despedaçamento de lares, violência, polarização de ricos e pobres, terrorismo, e a sombra do desastre nuclear sempre pairando sobre o horizonte.

O grande conflito entre Cristo e Satanás provavelmente *parecerá* resolver-se numa competição para ver o que pode preservar a vida neste planeta. "A besta" fará com que pareça que é o salvador do mundo. Assim, a sua marca será por fim promovida como o único meio de impedir a destruição da raça humana. As "falsas reformas" introduzidas pelo "sumo sacerdote" falso que pretendeu assumir o ministério do primeiro compartimento do santuário celestial será o meio para efetuar esse vasto engano.

(7) Assim, há verdades inerentes à mensagem de 1888 da justiça de Cristo que não são compreendidas por qualquer segmento de cristãos que não entendem o ministério em dois compartimentos do Sumo Sacerdote celestial. O "evangelho" proclamado pelo poder da "ponta pequena" virtualmente justifica o pecado e, portanto, logicamente sustenta a rebelião de Satanás. *Esse é o segredo da impiedade que invade o mundo moderno em todos os níveis.* Todas as igrejas por toda parte desesperadamente precisam ter o evangelho das três mensagens angélicas *em verdade* efetivamente a elas comunicado.

Por que a Mensagem do Terceiro Anjo

em Verdade é Necessária

A mensagem do terceiro anjo em verdade proclama um Salvador que "condenou o pecado na carne", oferecendo a única refutação válida para as acusações de Satanás contra Deus. Eficazmente "condena o pecado", ou seja, demonstra que o pecado na natureza humana é desnecessário e está, na realidade, destinado à extinção. Ralph Larson explica a relação íntima entre "a Natureza de Cristo e a Obra Salvadora de Cristo" que não pode curar aquilo que não tem assumido (*The Word Was Made Flesh* [O Verbo se fez carne], pp. 277-283). A terceira mensagem angélica assim apresenta um Salvador que foi em todos os pontos tentado como nós, contudo sem pecado, e que, portanto, pode salvar completamente os que vão a Deus por Ele. A mensagem preparará um povo para o retorno do Senhor.

Os que seguem a Cristo pela fé na mudança de Sua missão sumo sacerdotal apreciam três verdades singulares e distintas:

(a) *A perpetuidade da lei de Deus, incluindo o santo sábado.* O verdadeiro "cumprimento da lei" é *agape* (Romanos 13:10) porque produz obediência de coração mediante a expiação. Este é o aspecto singular da justificação pela fé que é ministrada somente no ministério do Lugar Santíssimo.

(b) *A não-imortalidade da alma.* A parte de uma clara compreensão da verdade da natureza do homem, torna-se impossível apreciar o que ocorreu na cruz do Calvário. Assim, a verdadeira motivação para a vida santa é enfraquecida, e a justificação pela fé é anulada.

(c) *A purificação do santuário celestial é o ministério final do Dia da Expiação.* Isso assegura a derradeira demonstração de justificação pela fé nos corações e vida daqueles que crêem na verdade.

Esses três "pilares" de verdade sustentam a Igreja Adventista do Sétimo Dia (CWE pp. 30, 31). Elas abrangem uma mensagem completa que pode preparar um povo para o retorno de Cristo. Mas à parte de um entendimento da mensagem de 1888, o *em verdade* nela contido necessariamente passa-nos desapercibido. Tão certamente quanto a noite se segue ao dia, a confiança dos pioneiros no iminente retorno de Cristo em consequência se esvai; perdemos a visão deles e sua estrela desaparece.

Como o Culto a Baal Nos Rouba

Nossa Mensagem Distintiva

Não há verdade que Satanás tenha buscado mais insistentemente contrafazer do que o amor neotestamentário. Os corações humanos por toda parte anseiam por ele; mas "por se multiplicar a iniquidade, o amor se esfriará de quase todos" (Mateus 24:12). É esse amor genuíno que Ellen White viu ser ministrado somente por Cristo em Sua obra final de expiação.³ Um amor falsificado é ministrado por um espírito santo falso, que é a essência do espiritualismo. Eis o que está ocorrendo diante de nossos olhos:

"Vi a rapidez com que esse engano [espiritismo] estava-se espalhando. Um trem de vagões foi-me mostrado, indo com a velocidade do relâmpago. O anjo instruiu-me a olhar com atenção. Fixei os olhos no trem. Parecia que o mundo inteiro estava a bordo; que não podia ninguém ser deixado fora. Disse o anjo: 'Eles estão se juntando em molhos,

prontos para serem queimados". Então ele me mostrou o condutor, que parecia uma pessoa garbosa e bela e a quem todos os passageiros consideravam em alta conta e com respeito. Fiquei perplexa, e perguntei ao meu anjo assistente quem era ele. [Por que Ellen White teve que fazer essa pergunta se é tão fácil reconhecê-lo?] Ele disse: "É Satanás. Ele é o condutor na forma de um anjo de luz." (EW 88).

"Nesta época o anticristo aparecerá como o verdadeiro Cristo." (TM 62).

"Ele pretenderá personificar os anjos de luz, personificar a Jesus Cristo." (Carta 102, 1894).

O inimigo não teria poder algum para enfraquecer a Igreja Adventista do Sétimo Dia a menos que "nós" tivéssemos de algum modo aberto a porta para ele introduzir-se. "Quando o Senhor tem um genuíno canal de luz, há sempre contrafações em quantidade. Satanás seguramente entrará por qualquer porta que lhe for aberta" (Carta 102, 1894).

Foi um milagre que um povo especial viesse à existência durante o último século apegando-se àqueles três "pilares" distintivos de verdades incorporadas na mensagem dos três anjos. De modo algum a obra deles poderia ter sido retardada ou prejudicada, segundo o plano de Deus. Mas devido à descrença de 1888, a mensageira do Senhor em 1889 predisse uma terrível queda da verdade e da pureza:

"A menos que o poder divino seja trazido à experiência do povo de Deus, falsas teorias e idéias errôneas levarão as mentes cativas, Cristo e Sua justiça serão eliminados da experiência de muitos, e sua fé será sem poder ou vida." (RH 3 de setembro de 1889).

A fim de apreciar essa revelação, devemos observar:

(1) Cristo e Sua justiça não poderiam, nem iriam, ser "eliminados da experiência de muitos" *verbalmente*. Pois se qualquer de nós O repudiássemos em palavras iria suscitar um dramático impacto de horror. "O resultado predito" tinha que ter lugar enquanto "muitos" mantinham uma profissão de Cristo e Sua justiça.

(2) Cristo e Sua justiça não seriam "eliminados da experiência de muitos" *conscientemente*. Isso representaria despertar-nos para nossa necessidade, um senso de extrema frieza. Seria conduzir almas de coração honesto ao fogo e liquidaria com a mornidão. Mas Satanás compraz-se em manter-nos num estado de "equilíbrio", na medida em que seja termostático. Palavras ou a falta delas podem nos enganar. "Os lábios podem expressar uma pobreza de alma que o coração não reconhece" (COL 159).

(3) Cristo e Sua justiça, portanto, seriam "eliminados da experiência de muitos" *inconscientemente* através do misterioso processo de nossos corações desconhecidos. Há uma inimizade natural contra Deus operando sob a superfície. "Enganoso é o coração, mais do que todas as cousas, e desesperadamente corrupto, quem o conhecerá?" (Jeremias 17:9). Qualquer neurose obsessiva pode desenvolver-se com as causas sepultadas além do conhecimento. Ellen White escreveu sobre a possibilidade de nossa mudança de líderes após 1888 sem que se percebesse:

"Pelos últimos vinte anos uma influência sutil e não-santificada tem estado conduzindo os homens . . . a negligenciarem o seu Companheiro celestial. Muitos têm-se desviado de Cristo." (RH 18 de fevereiro de 1904).

"Aqueles que podem tão facilmente ser conduzidos por um falso espírito revelam que têm estado seguindo o capitão errado por algum tempo,--por tanto tempo que não discernem que estão se desviando da fé." (Southern Watchman [Sentinela sulino], 5 de abril de 1904).

Conclusão

Uma apreciação de coração da cruz de Cristo sempre leva ao eu ser "crucificado com Ele". Mas "a sabedoria humana conduzirá para longe da negação própria, da consagração, e planejará muitas coisas para tornar de nenhum efeito as mensagens de Deus" (RH 3 de dezembro de 1892).

Multidões de nosso próprio povo, especialmente os jovens, estão confusas e desorientadas com a aridez e impotência espiritual que percebem na Igreja Adventista do Sétimo Dia hoje. E os problemas suscitados por fanáticos, dissidentes desleais, e líderes separatistas dentro da igreja podem também ser compreendidos e resolvidos somente à luz desta realidade.

A Igreja Adventista do Sétimo Dia não é Babilônia, e Deus nunca planejou que se tornasse Babilônia, tanto quanto o antigo Israel dos dias de Elias e Jeremias não devia tornar-se Babilônia.⁴ O culto a Baal era e é uma doença do corpo

estranha a ele e que o torna enfermo. Mas a cura é possível mediante o arrependimento e reforma. A solução ao problema não é a destruição da Igreja, mas sua recuperação espiritual. Observem este incentivo:

"Deus está conduzindo um povo. . . . Ele o reprovárá e corrigirá. A mensagem aos laodiceanos é aplicável aos adventistas do sétimo dia que tenham tido grande luz e não tenham andado na luz. . . . A mensagem de considerar a Igreja Adventista do Sétimo Dia como Babilônia, e chamar o povo de Deus para dela sair, não procede de nenhum mensageiro celestial, ou qualquer agente humano inspirado pelo Espírito de Deus. . . .

"Deus . . . tem uma obra para Sua Igreja cumprir. Não deve ser chamada de Babilônia, mas ser o sal da terra, a luz do mundo . . . a fim de proclamar uma mensagem viva nestes últimos dias. . . .

"Como Satanás exultaria em ter uma mensagem difundida segundo a qual o único povo a quem Deus fez depositários de Sua lei é aquele a quem se aplica esta mensagem [da queda de Babilônia]. . . .

"A evidência que torna a mensagem à igreja de Laodicéia aplicável . . . não eliminará a igreja ao ponto de não mais existir." (2 SM 66-69; 1893).

Quando o orgulho e a exaltação do eu tomarem a forma de devoção a Cristo, aí temos o culto a Baal. E ele tem penetrado todos os níveis da corporação da Igreja. *"Aqueles que têm mais desejo de assegurar promoção e um bom nome no mundo do que em manter princípios retos, trairão os sagrados depósitos."* (RH 31 de janeiro de 1892).

"A honestidade e a politicagem não operarão juntas na mesma mente. Com o tempo, ou a politicagem será expelida, e a verdade e honestidade reinarão supremas, ou, se a politicagem é acolhida, a honestidade será esquecida. Eles nunca se harmonizarão; nada têm em comum. Uma é o profeta de Baal, a outra é o verdadeiro profeta de Deus." (5T 96).

Oh, quem dera pudéssemos ter um lampejo da face de nosso verdadeiro Senhor! Se olharmos para Sua face, não veremos um perpétuo sorriso de indulgência para com Seu povo infiel que assume a Baal. Ele é um ídolo de sorriso congelado. A face do verdadeiro Cristo registra a dor de uma náusea aguda, uma enfermidade divina de coração com nossa terrível mornidão, nosso amor próprio, nossas profissões de uma devoção que não sentimos verdadeiramente. A genuína experiência cristã contrasta-se com a falsa, como segue:

"Um verdadeiro senso do sacrifício e intercessão do querido Salvador quebrantará o coração que se tornou endurecido no pecado; e o amor, gratidão e humildade adentrarão a alma. A submissão do coração a Jesus transforma o rebelde em penitente. . . . Esta é a verdadeira religião bíblica; tudo que esteja aquém disso é um engano." (4T 625).

"Uma nova ordem de coisas tem vindo a este ministério. Há um desejo de imitar outras igrejas, e a simplicidade e humildade são quase desconhecidas. . . . Alguns iniciam reuniões de reavivamento, e por esse meio atraem grandes números à igreja. Mas quando a excitação passa, onde estão os conversos? O arrependimento e confissão de pecado não são vistos. O pecador é instado a crer em Cristo e aceitá-Lo sem levar em conta a sua vida passada de pecado e rebelião. O coração não é quebrantado. Não há contrição de alma. Os supostos conversos não caíram sobre a Rocha, Cristo Jesus." (Sem data, MS, 111).

Onde está essa Rocha, a fim de que possamos cair sobre ela e ser "quebrantados"? As boas novas são melhores do que Baal deseja que creiamos. Cair sobre essa "Rocha" não destrói a auto-estima ou de modo algum prejudica a verdadeira personalidade de alguém. A personalidade de uma pessoa experimenta uma ressurreição com Cristo quando o amor pecaminoso do eu é crucificado com Ele. Cristo nunca destrói ninguém; mas essa experiência de tomar a nossa cruz é a única maneira em que o Sumo Sacerdote celestial pode nos pôr juntos direito, tanto para o tempo quanto para a eternidade.

1A linguagem original não é de uma firme promessa de que o Senhor vomitará Sua igreja de Laodicéia. No grego é *mello se emesai*, uma expressão que significa literalmente, "Estou a ponto de vomitar-te". A mesma palavra *mello* é empregada em Apocalipse 10:4 onde a ação antecipada não tem lugar. A mensagem laodiceana declara que podemos curar a enfermidade de náusea de Cristo por nosso arrependimento (verso 19). A palavra Laodicéia não é um termo negativo; significa "julgando, ou vindicando, o povo". O problema com Laodicéia é sua mornidão, não sua identidade como a sétima ou última das igrejas.

2Ver GCB 1893, pp. 358, 359; Hannah Withall Smith obteve suas idéias básicas para o seu *Cristian's Secret of a Happy Life* de Fenelon, o místico católico romano da corte de Luis XIV que

gastou as energias de sua vida buscando converter protestantes a Roma. Sua "justificação pela fé" é uma imitação bem próxima, como era a do evangelista da TV católico romano Fulton Sheen e os modernos evangelistas de TV. A semelhança com o genuíno é muitas vezes bastante sutil.

3Há livros notáveis sobre *agape* por eruditos evangélicos, como *Agape and Eros* [Ágape e eros], por Anders Nygeren, *Testaments of Love* [Testamentos de amor], por Leon Morris, e *The Love Affair* [O caso amoroso] por Michael Harper. Mas em todos esses há algo que falta: não compreendem como o amor que levou Cristo a Sua cruz é um amor que suportou o equivalente da segunda morte, como encontramos estabelecido tão claramente em *The Desire of Ages* [O desejado de Todas as Nações] p. 753. Assim, esses autores sinceros compreensivelmente deixam de apreciar a verdade da "largura e comprimento e profundidade e altura" desse *agape* "de Cristo que excede todo entendimento". Nenhuma comunidade de cristãos que mantenha a doutrina da natural imortalidade da alma *pode* percebê-lo, a despeito de sua sinceridade. Na proporção em que sua concepção de *agape* é assim debilitada, sua concepção de fé se enfraquece. Inevitavelmente, suas idéias de justificação pela fé ficam comprometidas.

4"O Senhor Jesus Cristo sempre terá um povo escolhido para servi-Lo. Quando o povo judeu rejeitou a Cristo, o Príncipe da Vida, Ele retirou deles o reino de Deus e transferiu-o aos gentios. Deus continuará a trabalhar desse modo com todo ramo de Sua obra. Quando uma igreja se demonstra infiel à obra do Senhor, seja qual for sua posição, embora elevado e sagrado seu chamado, o Senhor não pode mais agir com ela. Outros então são escolhidos para levar importantes responsabilidades. Mas, se estes por sua vez não purificam suas vidas de toda ação errada, se não estabelecem princípios santos e puros em todos os seus limites, então o Senhor os afligirá e humilhará dolorosamente e, a não ser que se arrependam, os removerá de seu lugar e os fará um opróbrio." E.G.White, *Olhando para o Alto*, Meditações Matinais 1983, p. 125.

14. De 1950 a 1971

Este manuscrito em sua forma original foi preparado em 1950 para chamar atenção da Comissão da Associação Geral. Era um apelo para "alimentar o rebanho de Deus" com os elementos nutritivos da mensagem de 1888. Desde então, a consciência adventista tem lutado com a convicção de que há difundida fome espiritual. A comissão evangélica não está concluída, não obstante maiores programas, atividades, e promoções a cada ano que passa.

Poucos dias após o encerramento da assembléia de 1888, em 23 de novembro, Ellen White falou na reunião estadual de Potterville, Michigan (A. L. White, *The Lonely Years* [Os anos solitários], p. 148). Seus três sermões estão registrados na *Review and Herald*. Em seu sermão de 24 de novembro ela faz referência seis vezes aos judeus, extraíndo comparações conosco:

"O que faria o Salvador se viesse a nós como fez com os judeus? Ele teria que realizar uma obra semelhante de eliminação do refugio de tradição e cerimônia. Os judeus ficavam grandemente perturbados quando ele realizou essa obra. . . . A cegueira dos fariseus é uma ilustração de como as pessoas que reivindicam grande luz e conhecimento pode entender tão mal e interpretar erroneamente a obra de Deus. Verdades gloriosas têm sido sepultadas e ocultadas, e têm se tornado deslustradas e sem atrativos pelo erro e superstição." (RH, 4 de junho de 1889).

O artigo da semana seguinte, 11 de junho, novamente nos comparou cinco vezes com os judeus, e referiu-se mais de vinte vezes à descrença contemporânea dos "irmãos que ministram":

"Há muitos que colocam-se numa posição semelhante à dos judeus do tempo de Cristo, e não dão ouvidos à palavra da verdade, porque suas mentes estão repletas de preconceito; mas os que recusam a luz celestial serão rejeitados por Deus tal como se deu com o Seu antigo povo. . . . Por que devem os ministros tornar a verdade impotente perante o povo em vista de carecer de vida e devoção espiritual, por não estarem em ligação com Deus? . . . Tendes vos desviado tanto Dele que dificilmente ouvis o som de Sua voz."

Novamente falando num contexto de 1888, ela declarou:

"As provações dos filhos de Israel, e sua atitude pouco antes da primeira vinda de Cristo, têm sido apresentadas perante mim vez após vez para ilustrar a posição do povo de Deus em sua experiência antes da segunda vinda de Cristo--como o inimigo buscava toda ocasião para cegar as mentes dos servos de Deus, de modo que não fosse capaz de discernir a preciosa verdade." (ibid., 18 de fevereiro de 1890).

"Toda linha que traço a respeito da condição do povo ao tempo de Cristo, quanto a sua atitude para com a Luz do mundo, nisso vejo perigo de que tomemos a mesma posição. . . . Teremos que enfrentar descrença de toda forma no mundo, mas é quando encontramos a descrença naqueles que deveriam ser líderes do povo [de Deus], que nossas almas são feridas." (ibid., 4 de março de 1890).

O profundo discernimento de um profeta, não compartilhado por quase todos os seus contemporâneos percebia como o resultado final de 1888 era equivalente à recrucificação de Cristo. Os judeus mantêm que nunca crucificaram o Messias, e achamos difícil reconhecer a extensão do que fizemos:

"Aqueles que resistiram ao Espírito de Deus em Mineápolis estavam aguardando uma chance para viajar pelo mesmo terreno outra vez, porque o espírito era o mesmo. . . . Todo o universo do céu testemunhou o tratamento cruel de Jesus Cristo, representado pelo Espírito Santo. Tivesse Cristo estado perante eles, teriam-No tratado de maneira semelhante àquela em que os judeus trataram a Cristo." (Série A, no 6, p. 20; 16 de janeiro de 1896).

Confusão e perplexidade se elevam numa recente declaração publicada, intitulada "Em 1888, a direção da Igreja Adventista deu uma meia volta na pré-sessão ministerial de Mineápolis" (*Ministry* [Ministério], novembro de 1984). A mensageira do Senhor, falando 14 anos após 1888, disse o oposto: "Fui instruída de que a terrível experiência da Assembléia de Mineápolis é um dos mais tristes capítulos na história dos crentes na verdade presente" (Carta 179, 1902). Sua inspirada avaliação é: "crueldade ao Espírito Santo", "tratamento cruel de Jesus Cristo", que "em algum tempo . . . será visto em seu verdadeiro peso e com toda a carga de aís que tem resultado disso" (GCB 1893, p. 184). Talvez esse "algum tempo" esteja próximo.

A comparação de Ellen White com os judeus não é por acaso. Penetra o próprio coração do plano de salvação. A negação de João 3:16 está implícita em nossa "insubordinação" porque está envolvido nisso o resistir a Cristo. Quando isso é visto, virá um arrependimento correspondente à transgressão. A dificuldade é que a transgressão ainda não foi apreciada em sua verdadeira natureza. Ainda não nos vimos como o Céu nos vê.

Há uma nova geração em cena agora, e nenhum membro vivo da Igreja pode testificar de sua experiência em assistir à sessão de 1888. Tudo quanto podemos aprender sobre ela agora deve vir de registros escritos inspirados.

Desde 1950 um concentrado esforço tem sido feito para publicar livros que transmitem a idéia de que 1888 foi uma vitória para a Igreja. Assim, vários livros de autoridade, totalizando quase 1.500 páginas, tentam estabelecer que "nós" aceitamos a mensagem de 1888. Dois foram endossados pelos presidentes da Associação Geral; um terceiro foi escrito por um vice-presidente. A publicação deles atesta o profundo interesse que 1888 representa para a consciência adventista do sétimo dia.

O Espírito Santo tem dirigido ao longo desses anos todos, e a verdade emergirá triunfante por sobre toda a confusão. A solução ao nosso problema não jaz em criticar a liderança da Igreja ou enfraquecer sua organização; jaz em arrependimento e reconciliação com Cristo dentro da organização da Igreja. Não ousamos negar ou suprimir a verdade; plenamente revelada e compreendida por corações honestos, a verdade vence o fanatismo, o legalismo, e um espírito de crítica do tipo "sou mais santo do que tu". Pode somente conduzir a um arrependimento humilde, moldado segundo Cristo, que operará cura eficaz.

Volvamo-nos agora a uma breve revisão desses acontecimentos.

1950

1888 Re-examined [1888 Reexaminado] (204 páginas mimeografadas) não trazia nomes de autores, não tinha página de título nem data. Sua intenção era simples--apresentar evidência de fontes inspiradas (600 trechos de Ellen White) de que "nós" tomamos o rumo errado em 1888, que a causa de Deus sofreu um sério golpe, que o verdadeiro progresso da Causa requer que aceitemos aquela mensagem e a proclamemos ao mundo, e que o arrependimento denominacional é apropriado em vista de nossa história e em resposta ao apelo de Cristo a Laodicéia.

O apelo foi firme e oficialmente rejeitado: "Não cremos que [um arrependimento denominacional] está em harmonia com o plano e propósito de Deus". "Não desejarão imprimir seus pontos de vista tão críticos nem fazê-los circular em maior escala" (carta da Defense Literature Committee [Comissão de Literatura de Defesa] da Associação Geral, 4 de dezembro de 1951). A posição da Associação Geral era de que um arrependimento denominacional seria desnecessário e inapropriado em vista de nossos grandes batismo e no programa de "dobrar nossa membresia" dos idos de 1950, e nossa difundida prosperidade denominacional e institucional.

Os autores não se rebelariam contra a orientação da Associação Geral. Sempre sustentaram firmemente o princípio de organização e ordem eclesiásticas. Mas não podiam conscienciosamente retratar-se de suas convicções básicas que criam estarem baseadas sobre o testemunho inspirado de Ellen White. Portanto, apelaram quanto à questão à próxima autoridade superior--o próprio Senhor no juízo investigativo e à "disposição de Sua providência". Prosseguiram empreendendo os seus deveres missionários na África (Carta aos escritórios da Associação geral de 5 de fevereiro de 1952).

Contudo, uma cópia do manuscrito de algum modo conseguiu evadir-se dos escritórios da sede mundial. Enquanto os autores estavam trabalhando como missionários na África, vários membros leigos e ministros na América do Norte lab

15. De 1971 a 1987 e Depois

Umas 700 páginas haviam agora sido publicadas em tentativas de negar a necessidade de arrependimento denominacional por 1888. Outras 700 páginas vieram em 1971 com o *Movement of Destiny* [Movimento predestinado], de L. E. Froom. Segundo o autor, "nenhuma publicação em nossa história jamais teve tal magnífico apoio prévio à publicação" (p. 8). Quando primeiramente publicado, 1.500 exemplares foram distribuídos como presente a líderes eclesiásticos ao redor do mundo. Os elogios que lhe foram dedicados tornam óbvio que se tornou a palavra de maior autoridade sobre 1888:

"Iniciado e comissionado pelo ex-presidente da Associação Geral, A. G. Daniells já em 1930, ao prosseguir a pesquisa foi aprovado por cinco presidentes da Associação Geral em sucessão, e muitos consultores. . . . Foi lido criticamente por cerca de sessenta dos mais capazes eruditos--especialistas em história denominacional e teologia adventista. Por especialistas no espírito de profecia. Por professores de Bíblia destacados, editores, homens de comunicação de massas, cientistas, médicos (p. 8)."

Assim, é evidente que o *Movement of Destiny* representa o pronunciamento *summum bonum* da Associação Geral e liderança denominacional responsável sobre a questão de 1888. O autor assegura seus leitores de sua total fidelidade em resposta à acusação de A. G. Daniells,

"...com especial ênfase sobre os acontecimentos de "1888" e sua seqüência. Ele instou que eu apresentasse os resultados num quadro abrangente--um que honraria a Deus e exaltaria a verdade, . . . tanto completa e objetiva, quanto documentadamente para sério estudo de obreiros por todo o mundo. . . . Daniells me admoestou a ser justo e fiel aos fatos, abrangente e imparcial no tratamento, e a apresentar o quadro integral de modo equilibrado . . . [e] a evitar qualquer tipo de tratamento superficial. . . . Um quadro verdadeiro e digno de confiança era imperativo. A verdade, ele insistiu, nunca é honrada por ocultação ou defesa irrazoável. . . . Mergulhe às profundezas, . . . registre fielmente (p. 17, 18)."

Outros líderes veteranos o instaram

"...a responder a certas indagações enigmáticas . . . E acima de tudo o mais, a ser fiel aos fatos e inamovível em fidelidade à verdade plena, . . . chegar ao âmago dos fatos, revelar as descobertas resultantes, e ser cândido e inabalável em minhas apresentações (p. 22)."

Movement of Destiny representa um vasto montante de trabalho, escrito pelo mais prestigiado erudito em história da Igreja. Ele foi abençoado por Deus com muitos ricos talentos. Seus volumes monumentais sobre a história da interpretação profética e condicionalismo são contribuições impressionantes à literatura do movimento adventista. Contudo, segundo pelo menos um dos que revisaram o seu escrito, o seu último livro não constitui "história digna de confiança" (*Seminary Studies* [Estudos de seminário], Andrews University, janeiro de 1972, p. 121).

Há sérios problemas:

(a) Adota a posição oposta quanto a 1888 daquela do livro de Daniells, *Christ Our Righteousness* [Cristo, nossa justiça], e contudo foi Daniells quem o comissionou. O contraste é prontamente visto nos dois trechos seguintes:

"A Assembléia que marcou época em Mineápolis destaca-se como um pico de montanha, superando todas as outras assembléias em singularidade e importância. Foi uma reviravolta distinta. . . . Introduziu uma nova época. . . . 1888 portanto veio assinalar o início de uma nova nota e novo tempo. . . . 1888 não foi um ponto de derrota, mas um refluxo da maré para a vitória final. . . . A batalha . . . de 1888 [foi] duramente lutada e a vitória gratamente conquistada [por Satanás]." (Froom, pp. 187, 191).

"A mensagem nunca foi recebida, nem proclamada, nem obteve livre curso como deveria ter sido a fim de transmitir à Igreja as imensuráveis bênçãos que nela estavam envolvidas. . . . Por trás da oposição revela-se a ardilosa maquinação daquela mente mestra da iniquidade, o inimigo de toda justiça, . . . para neutralizar a mensagem. . . . Quão terrível devem ser os resultados de qualquer vitória dele em derrotá-la." (Daniells, pp. 47, 53, 54).

(b) Ninguém tem sido capaz de ver qualquer das "provas" coletadas por Froom atestando supostamente a aceitação da liderança da mensagem, pois até hoje ainda não estão disponíveis para estudo. Nosso autor nos diz que foram propiciadas pelos "verdadeiros participantes da Assembléia de Mineápolis de 1888", "relatos [que] foram mantidos sob confiança desde 1930", "declarações assinadas, escritas na primavera de 1930" (pp. 8, 237, 238).

Mas nos dois capítulos que apresentam essas "afirmações" (pp. 237-268), nem uma vez tem o leitor permissão de ver sequer uma delas. E três relatórios de "testemunhas oculares" que *estão* em existência não são citados. Elas contradizem a sua tese. Assim, é-nos dito sobre a autoridade de testemunhas *invisíveis* que a mensagem de 1888 foi aceita pela liderança da Igreja, enquanto três testemunhas visuais *visíveis* dizem o oposto. (Nós as citaremos logo adiante).

As "afirmações" foram propiciadas por "algo como vinte e seis homens e mulheres aptos e representativos que foram reais participantes, observadores, ou registradores durante a crucial Assembléia de Mineápolis de 1888 (p. 239). Do número total propiciado, somente 13 foram por pessoal que realmente a assistiu, de modo que somente poderia ter havido 13 "testemunhas visuais". Uma criteriosa contagem indica que 64 referências são feitas a essas 26 pessoas e suas cartas ou entrevistas. Uma é mencionada 14 vezes.

Mas o insondável mistério é por que o autor, após fazer tão impressionante reivindicação, não os permite falar. Com uma exceção, *nenhuma sentença é citada de qualquer dentre todas as 64 referências, sejam testemunhas oculares ou doutra forma.*

A razão requer que testemunhos que se alega provarem tanto sejam tornados visíveis em apoio da alegação. Froom declara categoricamente em *itálico*, de sua grafia: "*Não houve rejeição de amplitude denominacional ou de liderança, insistiram essas testemunhas*" (p. 256). E daí somos deixados sem uma única sentença de qualquer um deles que apóie essa declaração.

Não há um tribunal ou júri no mundo livre que aceitaria esse tipo de inferência sem evidência. E quando suposta evidência tão obviamente contradiz o testemunho de Ellen White, os membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia deveriam muito zelosamente exigir que tenham permissão de examinar tal evidência.¹

Uma das 26 cartas a que faz referência (p. 248) sempre existiu nos arquivos dos Depositários dos Escritos de Ellen White. A carta de cinco páginas escrita por C. C. McReynolds (1853-1937) intitulada "Experiences While at the General Conference in Minneapolis, Minn. in 1888" [Experiências enquanto na assembléia da Associação Geral de Mineápolis, Minn. em 1888] está indexada como "D File 189". A carta termina com estas duas sentenças:

"Lamento por qualquer um na Assembléia de Mineápolis em 1888 que não reconhece que houve oposição e rejeição da mensagem que o Senhor enviou a Seu povo naquele tempo. Não é por demais tarde para arrepender-se e receber uma grande bênção."

Também disponível há o "Eyewitness Report of the 1888 General Conference" [Relatório de testemunho ocular da assembléia da Associação Geral de 1888]. Igualmente apresenta evidência em linguagem bastante objetiva:

"O autor deste tratado, então um jovem, estava presente naquele encontro [de 1888], e viu e ouviu muitas das várias coisas que foram feitas e ditas em oposição à mensagem então apresentada. . . . Quando Cristo foi levantado como única esperança da Igreja, os oradores enfrentaram uma coesa oposição de quase todos os pastores veteranos. Eles tentaram dar paradeiro a esse ensino pelos Pastores Waggoner e Jones. Desejavam que cessasse a discussão desse assunto."

Um terceiro relatório de "testemunho ocular" está também no cofre forte dos Depositários White, escrito por A. T. Jones: "Por todo o tempo na Comissão da Associação Geral e entre outros havia um antagonismo secreto sempre levado adiante, e que . . . finalmente chegou ao auge na denominação, e deu ao espírito de contestação e aos homens a supremacia em Mineápolis" (Carta a Claude Holmes, 12 de maio de 1921).

Nenhuma dessas declarações de testemunho ocular achou lugar em *Movement of Destiny*. Em vez disso, o leitor é constantemente assegurado de que "provas" *invisíveis* dizem o oposto.

A "Testemunha Inigualável"

(c) Froom dedica dois capítulos à idéia de que Ellen White se apresenta suprema na avaliação de 1888 (pp. 443-464). Seus escritos, "*particularmente desde 1888*" deveriam resolver "para toda mente razoável" questões relativas a essa

história (p. 444, ênfase do original). Isso é eminentemente verdade, mas em onze páginas dedicadas a seu testemunho (443-453) não há uma só citação de sua pena para apoiar a sua premissa.

(d) No capítulo seguinte (pp. 454-464) há uma lista de mais de 200 itens extraídos de seus escritos de 1888-1901 que ele afirma formar "a espinha dorsal para a apresentação global deste exemplar" (p. 456). Mas a leitura cuidadosa dos "títulos" ano após ano produz uma surpresa. Não têm ligação específica com legendas de artigos publicados, sendo tão-só comentários do autor para ajustar-se a sua tese.

(e) Começando na página 221 e prosseguindo por 12 páginas, há uma coletânea de palavras e frases isoladas de Ellen White, novamente sem nenhuma fonte indicada. Mais de 100 palavras ou frases fragmentárias e sentenças pelo meio deixam fora porções significativas vitais, omitindo informação contextual que daria sentido bastante diverso e anularia a teoria de "vitória". Palavras e frases dos seus sermões de Mineápolis são contornados e sufocados por interjeições do autor, deixando a mensagem real de Ellen White indistinta.

(f) Das "centenas de valiosos documentos" que diz terem sido obtidos de uma gama de preciosos colaboradores, *nenhum* é empregado para apoiar a tese. E contudo o livro contém 700 páginas.

(g) Mesmo que as "provas" fossem tornadas disponíveis (o que não ocorre), citar as opiniões de irmãos sinceros que dizem que *julgaram* que a mensagem de 1888 foi aceita não prova que haja sido. Um século de história indica que a chuva serôdia não foi aceita, a despeito dessas supostas reivindicações de que tenha sido. Mas Froom e os outros autores citados colocam observadores não inspirados a contradizer o testemunho inspirado de alguém que exerceu o dom de profecia. Mesmo um milhar de testemunhos não inspirados em favor da "aceitação" não pode negar com êxito um testemunho inspirado da mensageira do Senhor.

(h) Como se dá com o livro de Olson, Froom exonera os pastores e a liderança pós-1888 e culpa os leigos por retardarem a terminação da comissão evangélica: "O Espírito Santo--pronto, disposto e capaz--não pôde realizar Sua obra designada em razão da falta de preparo da membresia" (p. 582). "O que resta agora é o ingresso de Seu povo na provisão plena de Deus para a conclusão da Grande Comissão" (p. 613).

De fato, o que falta agora é uma aceitação da mensagem pela liderança, pois foi a rejeição pela liderança da mensagem do alto clamor, diz Ellen White, que representou a causa inicial do longo atraso (cf. 1 SM 234, 235).

(i) É dito ao leitor que ela "regozijou-se na crescente aceitação" da mensagem de 1888 (p. 605), e que "os anos da década de 90 [do século passado, N.T.] foram marcados por uma sucessão de poderosos reavivamentos", e "tremendas conquistas" (p. 264). Devemos olhar um exemplo interessante de contraste entre o que ela realmente disse e o cenário descrito por Froom da liderança da Associação Geral pós-1888.

Ele corretamente diz que "o molde dominante do movimento após 1888 foi, logicamente, dado em grande medida pelo presidente da Associação Geral a assumir. Devemos conseqüentemente considerá-lo de modo especial para obter evidência determinativa. Noutros dizeres, a atitude do Pastor O. A. Olsen como presidente da Associação Geral determinará "em grande medida" a verdade de ter a mensagem sido aceita ou rejeitada pela liderança da Igreja. *Isso é verdade*. Continuamos com Froom:

"Agora, o registro da liderança espiritual de [O. A.] Olsen é claro e leal. . . Olsen parecia sentir o peso espiritual da questão em evidência, e ofereceu tranqüila mas eficaz liderança para a sua solução. . .

"Os anos da administração Olsen viram um reavivamento e reforma reais, . . . ocasião de despertamento da auto-satisfação laodiceana . . . mediante a crescente aceitação da mensagem de Justificação pela Fé. . .

"Assim não pode, com qualquer demonstração de justiça, ser dito que Olsen pessoalmente rejeitou ou reduziu de importância a mensagem de Justificação pela Fé, ou conduziu ou ajudou ou se comprometeu em tal direção. . .

"Claramente, Olsen não rejeitou a mensa-gem." (pp. 354-358).

Froom não oferece qualquer evidência da parte de Ellen White para apoiar essas declarações. O leitor meramente presume que tais declarações enfáticas são respaldadas em algum ponto por evidência inspirada. *Tal coisa está totalmente ausente em seu livro*, sendo a razão disso que tal não existe em seus escritos. Isso é algo que os "sessenta de nossos mais capazes eruditos" que endossaram o livro não perceberam.

A Opinião de Ellen White Sobre

a Liderança de Depois de 1888

Devemos agora considerar em contraste o que Ellen White disse em retrospecto, oito anos após o presidente Olsen ter sido empossado:

"Lamento muito pelo Irmão Olsen. . . . Ele não tem agido segundo a luz dada. O caso é misterioso. . . . Não obstante, a luz que foi colocada perante ele por anos com respeito a essa questão, tem-se aventurado em rumo diretamente contrário à luz que o Senhor tem estado dando a ele. Tudo isso confunde o seu discernimento espiritual, e o situa com relação ao interesse geral e integral, e ao progresso salutar da Obra, como uma sentinela infiel. Ele está seguindo um curso que é prejudicial a seu discernimento espiritual, e está conduzindo outras mentes a verem as questões numa luz pervertida. Tem oferecido inegáveis evidências de que não leva em consideração os testemunhos que o Senhor tem julgado conveniente dar a Seu povo, como dignos de respeito, ou como de peso suficiente para influenciar o seu curso de ação." (Carta de 27 de agosto de 1896, para A. O. Tait).

A contradição de Froom a ela é alarmante, especialmente em vista do apoio oficial que o seu livro desfrutava. O contexto de Ellen White é por demais claro:

"Estou angustiada além de quaisquer palavras que minha pena possa registrar. Inegavelmente o Pastor Olsen tem agido como o fez Arão, com respeito àqueles homens que se têm oposto à Obra de Deus desde o encontro de Mineápolis. Eles não se arrependem de seu curso de ação ao resistirem à luz e à evidência. . . .

"A doença no coração da Obra envenena o sangue, e assim a enfermidade é comunicada às corporações que eles [da liderança da Associação Geral] visitam." (ibid.).

Ellen White não agiu nas costas do Pastor Olsen; ela lhe havia escrito anteriormente as mesmas coisas em 26 de novembro de 1894. Outra vez ela lhe escreveu em 31 de maio de 1896:

"Tenho comunicações que foram escritas por um ou dois anos, mas tenho sentido que por vossa causa deveriam ser retidas até que alguém pudesse postar-se de teu lado, alguém que pudesse distinguir claramente princípios bíblicos de princípios de formulação humana, e que, com agudo discernimento, pudesse separar as imaginações humanas estranhamente pervertidas, que têm estado operando por anos, a partir de coisas de origem divina. . . .

"Irmão Olsen, tu falas de meu retorno à América. Por três anos permaneci em Battle Creek como uma testemunha pela verdade [1888-1891]. Aqueles que então recusavam receber o testemunho que me era dado por Deus destinado a eles, e rejeitavam as evidências que acompanhavam esses testemunhos, não se beneficiariam caso eu retornasse. . . .

"Em grande medida a Associação Geral perdeu o seu caráter sagrado, porque alguns a ela ligados não mudaram os seus sentimentos em qualquer particular desde a Assembléia realizada em Mineápolis. . . .

"Foi-me mostrado que as pessoas em geral não sabem que o coração da Obra está se enfermando e corrompendo em Battle Creek.2""

Ellen White mais tarde escreveu a I. H. Evans declarando que seu único pesar era que havia confiado comunicações vitais ao presidente Olsen em lugar de enviar testemunhos ao campo a fim de que as próprias pessoas soubessem o que estava se passando em Battle Creek. O Pastor Olsen havia "rejeitado" o depósito que lhe fora entregue, segundo a cópia autografada da carta no arquivo dos Depositários White (Carta E51, 1897). Noutra cópia carbonada autografada numa coleção particular, ela riscou a palavra "rejeitada" e escreveu de sua própria lavra, "negligenciada". Qual era a razão misteriosa que motivava essa contínua resistência/negligência oficial ao Espírito Santo?

Deve-se lembrar que Froom estabelece o elevado padrão ético que ele devia seguir, ordenado por Daniells. O seu livro deveria ser "um que honrasse a Deus e exaltasse a verdade" (p. 17):

"Lamentável Esquema de História Reconstruída.--A História às vezes tem sido reconstruída por seletividade--ou seja, empregando-a fora de contexto ou tencionando que tais citações se ajustem a um objetivo--numa tentativa de sustentar um pressuposto ou teoria particular. Mas tal prática não é nem ética, nem honesta. . . . Como homens de integridade, não devemos ter parte em tal manipulação de episódios históricos. Servos do Deus da verdade devem sempre empregar citações, evidência e linhas de argumento de modo a honrar a Verdade e o seu Autor." (pp. 364, 365).

Isso, logicamente, está além de discussão. Nada se ganha em expressar crítica ao trabalho do Dr. Froom. Mas podemos todos aprender uma lição em contrição. Multidões de cristãos em igrejas populares depositam indevida confiança em julgamentos preconcebidos que não podem resistir ao teste da verdade. Como podemos nós, adventistas do sétimo dia, ajudá-los a menos que nós próprios sejamos fiéis à verdade, mesmo ao custo de sacrifício ou reputação pessoal?

1972

O Dr. Froom havia desafiado os autores deste manuscrito a se retratarem publicamente de sua insistência de que a liderança rejeitou a mensagem de 1888. Sua exigência foi abertamente reconhecida como dirigida a estes presentes autores (*Seminary Studies*, Andrews University, janeiro de 1972, p. 121). Reza como segue:

"Uma confissão explícita é devida à Igreja hoje por promotores de uma acusação desconcertante, primeiro de tudo contra os nomes da liderança pós-1888, agora todos adormecidos. Ademais, é igualmente devida àqueles na Igreja hoje que têm sido perturbados e desorientados por tal alegação. Por fim, então, realmente constitui um descrédito aos mortos. Essa é uma questão bastante séria (p. 358)."

Os autores ficaram na obrigação de responder a tal exigência oficial dos mais notáveis eruditos adventistas, especialmente quando endossados por seus oficiais da Associação Geral. No fim de 1972 prepararam sua dissertação intitulada *"An Explicit Confession . . . Due the Church"* [Uma confissão explícita . . . devida à Igreja]. Reiteraram sua convicção de que os fatos de nossa história constituem um chamado de clarim ao arrependimento corporativo e denominacional. Cópias foram pessoalmente entregues a oficiais da Associação Geral, que instaram que não fosse publicada, e convocaram uma série de comissões especiais de audiência em Takoma Park para considerar a evidência, reuniões essas que tiveram lugar durante um período de vários anos. Os oficiais e as comissões consideraram a evidência de Ellen White e ficaram impressionados com ela, mas novamente insistiram que *Explicit Confessions* não fosse publicada. Depois de suprimirem o *Explicit Confessions* republicaram o *Movement of Destiny* sem nenhuma alteração de sua tese básica.

Dois acontecimentos significativos em particular desenvolveram-se a partir desse despertado interesse pela história de 1888.

1973-1974

Por dois anos seguindo-se a essas comissões especiais, os Concílios Anuais emitiram vários apelos sérios à Igreja mundial, apelando a reavivamento, reforma e arrependimento. Havia um zelo e solenidade incomuns nos apelos. Contudo, o candor requer que reconheçamos que os resultados foram decepcionantes.

Os apelos da comissão têm raramente sido eficazes em produzir reavivamento ou reforma tanto entre o ministério como entre os leigos, porque ações administrativas nunca podem efetuar a reconciliação com Cristo. Entretanto, nesses apelos do Concílio Anual houve uma séria falsa interpretação de nossa história denominacional, que logicamente anulava os objetivos dos apelos. O problema parece à superfície menor, mas é significativo. Citamos do apelo de 1973:

"Nos quatro anos que se seguiram à histórica Assembléia da Associação Geral de Mineápolis a nova e insistente ênfase sobre 'justificação pela fé' havia despertado a Igreja Adventista de tal modo que Ellen White pôde dizer que o 'alto clamor' havia começado! (ênfase acrescentada)."

O erro aqui não é de semântica. Ellen White nunca disse que a mensagem de 1888 "despertou a Igreja Adventista". Ela disse o oposto: "Satanás teve êxito em *desviar de nosso povo*, em grande escala, o poder especial do Espírito Santo" (1SM 234, 235). Nunca se *permitiu* que a mensagem despertasse a Igreja.

Mas este não é o problema mais sério de lógica nesse Apelo. Há uma falha em identificar corretamente o que foi o "alto clamor". Mencionamos isto, não para achar falta nos esforços sinceros, mas porque a hora é muito tardia para suportar o mesmo erro novamente.

O "começo" da chuva serôdia e do alto clamor não foi um reavivamento subjetivo que supostamente "despertou a Igreja Adventista"; *foi a própria mensagem objetiva por si mesma*. Isso é evidente mesmo na declaração de Ellen White citada no Apelo:

"O alto clamor da terceira mensagem angélica já começou na revelação da justiça de Cristo, o Redentor que perdoa o pecado. Este é o começo da luz do anjo cuja glória encherá a terra inteira." (RH, 22 de novembro de 1892; ênfase acrescentada).

Por que ela é tão importante pode ser visto facilmente:

(a) Se o início do alto clamor foi o "despertamento" da Igreja, sua extinção em breve constitui novas muito más. Implica que um reavivamento genuíno é mais fugidio do que uma cura para o câncer, e que quando o Espírito Santo tem permissão de operar (como se supõe ter havido nos anos da década de 1890), Ele próprio Se cansa e abandona o reavivamento. Por que deveria uma igreja "desperta" falhar em dar o alto clamor e terminar a comissão do Senhor?

(b) Mas se o "começo" do alto clamor é fielmente reconhecido pelo que de fato foi, *a própria mensagem de 1888*, imediatamente temos esperança, *pois podemos recuperar e proclamar a mensagem objetiva como registrada nas fontes existentes*. O poder do Espírito Santo é manifesto na "verdade do evangelho" (Gálatas 2:14; Romanos 1:16).

Todavia, os Concílios Anuais de 1973-74 nada fizeram de prático e eficaz para recuperar e promulgar a própria mensagem de 1888. Antes, inadvertidamente asseguraram que o vácuo fosse preenchido com uma infusão de "reformacionismo" calvinista. A mensagem de 1888 nunca foi livre e claramente proclamada para a Igreja a nível mundial com pleno suporte da Associação Geral.

A segunda consequência desse interesse por 1888, em 1973-74, deu-se em consequência da má compreensão acima evidenciada. Reconhecendo que a Igreja carece de "justificação pela fé", a Associação Geral reuniu-se na Conferência de Palmdale em 1976 onde certos teólogos dominaram as discussões e exigiram apoio a seus pontos de vista "reformacionistas", opiniões calvinistas de "justificação pela fé".

Eles alegavam que os seus pontos de vista eram um verdadeiro reavivamento do conteúdo da mensagem de 1888, quando de fato eram uma negação de cada elemento básico dessa "preciosíssima mensagem". Mas a proeminência delas na Austrália e América do Norte deu-lhes vasta influência sobre o campo mundial. A ignorância geral dos pontos essenciais de 1888 somada a uma antipatia pelo "legalismo" criaram um vácuo a que se precipitaram essas idéias "reformacionistas".

O passar do tempo logo demonstrou como esses pontos de vista eram incompatíveis com a verdade adventista da purificação do santuário. Se a Associação Geral e nossas casas editoras tivessem apreciado o conteúdo singular da mensagem de 1888 por si e fielmente a tivesse publicado e sustentado, essas opiniões nunca poderiam ter-se enraizado na América do Norte, Europa, África, Extremo Oriente e Pacífico Sul. Uma leitura equivocada da história da década de 1890 resultou na repetição daquela história, com consequências ainda mais trágicas. Podemos documentar a perda de centenas de pastores, e ninguém sabe quantos leigos e jovens.

Há uma raiz a partir da qual esses pontos de vista calvinistas de justificação pela fé podem ser identificados: A insistência da Associação Geral e dos Depositários dos Escritos de Ellen White por décadas de que a mensagem de 1888 foi somente uma renovada ênfase das opiniões protestantes populares. Nossos teólogos na década de 1970 estavam somente edificando sobre o fundamento lançado por eles a começar dos anos da década de 1920.

1984

Contudo, outra publicação deveria tratar com 1888, a biografia de Ellen White, *The Lonely Years, 1876-1891* [Os anos solitários], por Arthur L. White. A contribuição do Pastor White para a Igreja Adventista do Sétimo Dia está além de uma avaliação adequada. Durante uma longa e proeminente carreira ele tem sido um agente do Senhor na edificação de confiança no Espírito de Profecia pela Igreja a nível mundial. Como neto de Ellen White ele desfruta uma distinção exclusiva como a autoridade mais destacada em seus escritos. Ele é respeitado por todo o mundo.

Em três capítulos deste volume ele discute a história de 1888. Mas primeiramente "certos pontos de base e ocorrências históricas devem ser considerados" (p. 394). Seguem-se, então, 14 pontos, alguns dos quais examinam os fundamentos de nossa missão denominacional (pp. 394-397). Faremos notar brevemente uns poucos pontos variados dessa seção do livro:

"(1) O tema da justificação pela fé . . . foi somente uma das muitas questões que preocupavam e chamavam a atenção dos delegados". O ponto (10) prossegue: "Pareceria que ênfase fora de proporção chegou a ser dada à experiência da Assembléia da Associação Geral de Mineápolis". Indagaríamos: Qual é a verdadeira significação escatológica da mensagem de 1888? Não é o começo da chuva serôdia e do alto clamor questão da mais suprema importância?

"(4) Conquanto a temática da assembléia . . . fosse ampla e significativa, os sentimentos e atitudes dos que se fizeram presentes moldaram-se pelas discussões teológicas". Precisamos assinalar que nisso jaz o significado da sessão então, e

sua permanente importância para a igreja agora? A menos que nossas "discussões teológicas" sejam válidas, nossa administração burocrática não pode cumprir a comissão evangélica e não pode ser abençoada.

"(6) Informações concernentes ao que teve lugar em Mineápolis . . . tem vindo maiormente de documentos de E. G. White e declarações de memória de alguns poucos que estiveram presentes". Nosso atual dilema como um povo deriva de uma falha em dar o devido peso à perspectiva inspirada comunicada mediante o ministério dela, e um apego despropositado a opiniões não inspiradas de outros.

"(7) Nenhum voto foi tomado quanto às questões teológicas debatidas". Assim, a declaração freqüentemente repetida implica em que nenhuma rejeição responsável teve lugar. Como fizemos notar anteriormente, tais votos foram tomados "pelo levantar da mão" (GCB 1893, pp. 244, 265)--mas não registrados tão-somente devido ao veto de Ellen White.

Apreciemos integralmente a próxima declaração:

"(8) A concepção de que a Associação Geral, e assim a denominação, rejeitou a mensagem de justificação pela fé em 1888 é sem fundamento e não foi projetada até quarenta anos após a assembléia de Mineápolis, e treze anos após a morte de Ellen White. Registros contemporâneos não concedem nenhuma sugestão de rejeição denominacional. Não há declaração de E. G. White em parte alguma que diga que assim foi. O conceito de tal rejeição tem sido apresentado por indivíduos, nenhum dos quais esteve presente em Mineápolis, e em face do testemunho de homens responsáveis que ali estiveram (p. 396)."

A evidência objetiva indica que:

(a) A questão real é a aceitação ou rejeição da chuva serôdia e do alto clamor, não a "doutrina" protestante que os rejeitadores de 1888 professavam crer.

(b) A própria Ellen White em Mineápolis declarou que a mensagem estava sendo rejeitada por "ministros em geral que acorreram a esta assembléia"; eles "vieram a esta assembléia para descartar a luz"; "oposição . . . é a ordem do dia" (Carta B21, 1888; Mss. 9, 15, 1888).

(c) O *Bulletin* de 1893 contém uma quantidade de declarações de "contemporâneos" que confessavam que a mensagem havia sido rejeitada e ainda estava sendo alvo de rejeição pela liderança com a responsabilidade da Igreja--isso meros quatro anos depois. Ninguém ergueu a voz na assembléia de 1893 para protestar de que a mensagem havia sido aceita ou estava sendo aceita. O *Bulletin* de 1901 contém declarações semelhantes.

Mas isso não é tudo. A última edição do *Testimonies to Ministers* [Testemunhos para ministros] traz um adendo que não constava de edições anteriores--um "Prefácio Histórico" e "Notas de Apêndice" designadas a ajudar o leitor a evitar a clara convicção que a leitura do texto de Ellen White traz: "Estas notas ajudarão o leitor em assimilar corretamente a intenção da autora nas mensagens aqui apresentadas".

Como isso funciona será visto por um exemplo. Na página 468 ocorre esta clara declaração de 1890: "É moda apartar-se de Cristo. . . . Com muitos o clamor do coração tem sido: 'Não queremos esse homem governando sobre nós'. . . . A justificação pela fé do Filho de Deus tem sido rebaixada, criticada, ridicularizada e rejeitada". A nota de Apêndice adverte o leitor a ser cuidadoso. Aparentemente não deve crer prontamente no que diz o texto: "Conquanto alguns tomaram a atitude aqui mencionada, há muitos que receberam a mensagem e obtiveram uma grande bênção em sua experiência pessoal" (p. 533). Isso contradiz diretamente muitas declarações no texto.

Isso pode somente gerar desânimo entre membros conscienciosos da Igreja que têm o direito de esperar integridade literária, pois podem perceber a evidência contraditória por si mesmo no contexto integral das palavras de Ellen White.

Há outra negação de uma declaração objetiva de Ellen White sobre a história de 1888. Em 16 de março de 1890, ela declarou: "Cristo . . . tem uma bênção para nós. Ele a teve em Mineápolis, e a tinha para nós ao tempo da Assembléia da Associação Geral aqui [1889]. *Mas não houve recepção*" (ênfase acrescentada). Essa declaração é posta à disposição no Release no 253, mas uma nota de rodapé a contradiz: "A linguagem desta sentença é claramente falha pois, isoladamente, ela está em desarmonia com o que se segue e outras de suas declarações relativas à Assembléia da Associação Geral de 1889".

Não obstante, o documento inteiro no contexto claramente apóia essa declaração tal como reza. O contexto indica que sua linguagem não pode ser falha. Sempre o "alguns" que aceitaram foram poucos, de menor influência, enquanto os que a rejeitaram eram os "muitos" de influência.

Mas a questão não termina aí. Em 1980 o *Selected Messages* [Mensagens escolhidas], Livro Três foi publicado com um capítulo de 33 páginas sobre "A Assembléia de Mineápolis". Sete páginas são novamente adicionadas com inserções de "Pano de Fundo Histórico". Conquanto tenha havido um "trágico retrocesso", uma "mudança gradual para melhor . . . seguiu-se nos cinco ou seis anos após Mineápolis" (p. 162). Contudo, os testemunhos mais fortes de reprovação de Ellen White para a descrença pós-1888 estão datadas de sete ou oito anos *após* Mineápolis. (A clara referência de Ellen White a um "voto" negativo tomado em Mineápolis foi suprimido de seu documento Ms. 24, 1888, que forma o corpo principal do capítulo; cf. p. 176).

Novamente somos lembrados de que precisamos todos procurar a direção do Senhor em nossa busca pela verdade vital. Pareceria que 1888 apresenta um problema singular na longa história das confrontações de Deus com o Seu povo. Há uma verdade preciosa envolvida aí que parece mais fugidia do que qualquer outra na história passada. Como mais poderia ser possível que eruditos e dirigentes que possuem as mais extraordinárias oportunidades para conhecimento em todo tempo devam deixar de reconhecer a evidência óbvia? Arrependimento é uma obrigação que pesa sobre todos nós; devemos todos indagar, "Sou eu, Senhor?"

Incidentalmente, aqueles que se sentem confusos com os relatórios de empréstimo literário ocasional de Ellen White encontrariam a verdadeira história sobre 1888 de auxílio em resolver suas dúvidas. Sua integridade e qualificações como um agente do dom de profecia são demonstrados de maneira única em seu papel naquela história. Sem qualquer auxílio humano, seja de que natureza fosse, ela encontrou seu caminho sem erro através de armadilhas teológicas inerentes àquela difícil controvérsia. Sua coragem em permanecer sozinha contra "quase todos os pastores veteranos" numa assembléia da Associação Geral é fantástica.

Seus sermões de improviso foram anotados em forma taquigráfica e transcritos para nós hoje. Quem mais poderia pregar dez sermões sem notas em meio ao calor emocional da batalha teológica com toda palavra registrada, além de escrever centenas de cartas existentes e tópicos de diário, permanecendo livre do menor embaraço um século mais tarde? Não há uma palavra desafortunada em qualquer deles. Seu entusiástico endosso da mensagem, contra grandes obstáculos, está miraculosamente em harmonia com a teologia mais apurada e competente de hoje. Nunca essa pequena senhora se posta a nível mais elevado do que nessa história de 1888.

1888, Um Teste do Tempo do Fim

Como podemos explicar os esforços oficiais quase sobre-humanos desde 1950 para contradizer a inspirada evidência de Ellen White a respeito de 1888? Poderia dar-se que o inimigo do plano de salvação tem um interesse oculto em acobertar essa verdade significativa? Poderia dar-se que o conhecimento da real verdade tem um peso definido sobre nossa relação pessoal e coletiva com Jesus Cristo, e Satanás tem disso conhecimento? [Sem dúvida.]

Nosso mau uso da evidência é mais sério do que fiascos financeiros. Caso nossos inimigos pesquiassem esta história, ficaríamos embaraçados. Nossa pobre relação com a verdade mantém-nos numa condição laodiceana de mornidão e falta de arrependimento. A simples solução é uma fé honesta que inclui uma crença na verdade e um reconhecimento aberto e contrito dela. A hora é tardia, mas graças a Deus não é demasiado tarde para um novo espírito de fidelidade.

Tem-nos sido dito que o universo não-caído está observando. A honra do próprio Senhor está em jogo. Sabemos que algum dia deve haver um povo em cuja "boca não se acha o engano" (Apocalipse 14:5).

Considerar a "justificação pela fé" como meramente a doutrina protestante é perder o rumo. Contudo, esta tem sido a constante metodologia oficial para 1888. Um exemplo de cegueira espiritual de longo alcance é uma citação de A. W. Spalding (*Origin and History*, Vol. 2, p. 281). Observem como esta posição contradiz o cerne da própria mensagem de 1888:

"Justificação pela fé, a verdade fundamental da salvação mediante Cristo, é a mais difícil de todas as verdades a manter na experiência do cristão. É fácil em profissão, mas inalcançável em aplicação." (citado em *The Lonely Years*, p. 415).

Ninguém que entenda a mensagem de 1888 poderia possivelmente expressar tal pensamento, pois contradiz as palavras de nosso Senhor: "O Meu jugo é suave e o Meu fardo é leve" (Mateus 11:30). Se a declaração de Spalding é verdadeira em qualquer medida, defrontamos um

problema terrível. A mensagem de "justificação pela fé . . . é a mensagem do terceiro anjo em verdade" (RH, 1o de abril de 1890). Assim temos a solene tarefa de proclamar ao mundo "a mais difícil de todas as verdades", a mais "inalcançável em aplicação"--péssimas novas! Contudo, a mensagem do terceiro anjo é primeiro que tudo "o evangelho eterno", *boas novas* que é "o poder de Deus para a salvação" (Romanos 1:16).

É essa distorcida compreensão da mensagem de 1888 que nos torna um "moderno antigo Israel".

"Para Nossa Advertência"

Nossa história é tanto parte do grande registro sagrado da batalha entre a verdade e o erro como a travessia do Mar Vermelho por Israel, e o apedrejamento de Estêvão muitos séculos depois. Os fatos à raiz de nossa história do último século estão agora começando a filtrar-se por toda a Igreja mundial. A pergunta é: Aceitaremos nossa história, ou também apedrejaremos Estêvão?

Após um século de atraso, é tempo de ver como a Causa de Deus é posta em perigo. Já temos testemunhado as primícias da rejeição de 1888 na crise panteística "alfa" do início dos anos 1900. Agora estamos no tempo em que o "ômega" está para dar-se. O "alfa" foi "recebido mesmo por homens que . . . tinham longa experiência na verdade, . . . aqueles a quem julgávamos firmes na fé" (*Special Testimonies*, Série B, no 7, p. 37). "O ômega se seguirá, e será recebido por aqueles que não estão dispostos a dar atenção à advertência que Deus tem dado" (no 2, p. 50). O grande conflito prossegue e o dragão está irado com a "mulher" e não poupará esforços para vencer.

É-nos dito nos dias do "alfa" que a verdade seria descartada; livros de uma nova ordem seriam escritos; um sistema de filosofia intelectual seria introduzido; o sábado seria considerado levemente; os dirigentes admitiriam que a virtude é melhor do que o vício, mas colocariam sua dependência sobre o poder humano (cf. Série B, no 2, pp. 54, 55).

Vemos estas palavras cumpridas hoje.

"Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que a edificam" (Salmo 127:1). Ele nos diz: "Porque os Meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os Meus caminhos, diz o Senhor" (Isaías 55:8). O início da chuva serôdia e do alto clamor não foi estratégia da Avenida Madison [centro de grandes firmas de publicidade, em Nova Iorque -- N.T.]; tratou-se de um claro entendimento de boas novas, uma *mensagem real em si mesma*, algo que todo crente, não importa quão humilde, poderia empregar eficientemente.

Inerente a essa bela mensagem de "boas novas" que apela ao coração está a experiência da expiação final. O sangue de Cristo deve purificar a consciência das obras mortas. A mensagem não é meramente para preparar um povo para a morte, mas para a trasladação, e o poder está na própria mensagem objetiva. Bilhões de dólares gastos nos últimos recursos eletrônicos e gráficos nunca iluminarão a terra inteira com a glória, até que "a luz do anjo cuja glória encherá toda a terra" seja apreciada humildemente e recebida de todo o coração.

O método do Senhor de verdadeiro e duradouro crescimento eclesiástico é a própria simplicidade. Observem como a verdadeira mensagem de justificação pela fé estará na "luz" que realizará o trabalho:

"Todos nos uniremos nessa unidade de nossa fé e em nosso conhecimento do Filho de Deus; tornar-nos-emos pessoas maduras, alcançando a plena estatura de Cristo. Então não mais seremos crianças, levadas pelas ondas e sopradas por todo vento de ensinos de homens enganadores, que conduzem outros ao erro com as manobras de sua criação. Em vez disso, por falar a verdade num espírito de amor (agape), devemos crescer de toda maneira a Cristo, que é o cabeça. Sob o seu controle todas as partes diferentes do corpo se ajustam, e o corpo inteiro é mantido por toda junta com que está provido. Assim, quando cada parte separada funciona como deveria, o corpo inteiro cresce e se edifica mediante o amor [agape]." (Efésios 4:14-16, TEV).

Entrementes, anjos bons são comissionados a segurar os terríveis ventos de contenda que algum dia em breve serão soltos. Estão empenhando sua força para impedir a ruína que se avizinha, expressa no abuso de drogas, alcoolismo, imoralidade sexual e infidelidade, criminalidade, materialismo idólatra, corrupção, e temíveis pestilências. A obra mais importante no mundo é a daquele anjo que sela os servos de Deus em preparação à vinda de Cristo (Apocalipse 7:1-4). O pouco tempo de paz e prosperidade de que ainda dispomos é tempo emprestado, nosso somente para a terminação de Sua obra. E a estabilidade mundial depende da fidelidade do povo de Deus à verdade, a sua mensagem e sua missão.

Algo deve acontecer no tempo do fim que nunca ocorreu antes. Milênios de derrota devem ser revertidos. Essa é a única maneira pela qual a purificação do santuário pode ser completada. A profecia de Daniel declara que isso "será" feito (8:14). O Senhor purificará a Sua Igreja de modo a que esta possa dar a última mensagem para iluminar a terra.

A obra de Deus pode ser acabada num tempo incrivelmente curto. Mas requererá o arrependimento dos séculos, uma compreensão da verdade pela qual, em nossa imaginada prosperidade e êxito, não temos sentido fome e sede. Requererá a correção de confusão teológica e um humilhar de corações. Requererá o abandono de políticas mundanas e suas estratégias de feitura humana. Produzirá uma verdadeira e duradoura unidade e harmonia entre os crentes. O "pluralismo" discordante se esvairá. Toda espécie de legalismo morrerá. O fanatismo será desacreditado por si mesmo e desaparecerá.

Finalmente, a derradeira experiência a aguardar a Igreja é como aquela que Jesus atravessou no Getsêmani. Somente os que são Seus de fato estarão dispostos a aceitá-la, mas Ele colocou a honra do Seu trono sobre a Sua confiança de que o farão.

Defrontar a cruz é o que Pedro não aceitaria, até que se converteu. Ele negou a seu Senhor; somente uma negação semelhante moderna de Cristo pode responder pela motivação centralizada no eu que continuamente expressa a preocupação de que "eu entro no céu". Foi o céu que Cristo abandonou sem nenhuma garantia de que jamais retornaria--de modo que o pecado e a morte pudessem ser erradicados do universo. A verdadeira fé nEle não se centraliza em recebermos uma recompensa.

Agora a última, a sétima igreja, está em cena, e seguramente estamos nos últimos momentos que a ela podem ser dedicados. Não há oitava igreja.

Quando o Seu povo alegremente aceitar toda a verdade que Ele tem para elas, cumprirão o mesmo papel que Cristo cumpriu quando esteve sobre a Terra. Esse "curto período de três anos foi tão longo quanto o mundo poderia suportar a presença do Redentor" (DA 541).

Quando o poder de Satanás é quebrantado entre o povo do Senhor, o mundo incrédulo não será capaz de por mais tempo suportar a sua presença. Eles terão demonstrado a verdadeira justificação pela fé, aquela intimidade mais próxima com o Salvador do mundo que Ele ainda oferece ao continuar batendo à nossa porta.

Por quanto mais tempo Ele baterá?

10 Dr. Froom escreveu aos presentes autores em 4 de dezembro de 1964, antes da publicação de seu *Movement of Destiny*, requerendo uma retratação da posição que haviam tomado em *1888 Re-examined*. Foi-nos requerido que fizéssemos "um repúdio público e publicado . . . de certas conclusões suas promovidas [ou seja, de que a liderança de 1888 rejeitou o começo da chuva serôdia e do alto clamor]. . . . Não levará muito para que a história plena e documentada do evento de 1888 será sem dúvida posta em forma impressa. E a menos que modifiquem sua posição, poderão achar-se numa posição nada invejável. O contraste será assinalado". Em 16 de abril de 1965 ele nos escreveu adicionalmente: "A meu ver, deveriam agir primeiro, e sem muita demora. . . . Sua argumentação . . . apresenta-se como um polegar ferido, declaradamente solitário, e em conflito com o veredicto virtualmente unânime de nossos eruditos. . . . Têm muita temeridade para contradizer as descobertas desse inteiro grupo de homens. . . . Não sinto . . . qualquer obrigação de compartilhar-lhes qualquer evidência adicional A sua infeliz militância me faz pensar na situação de Elias. . . . Ele discordava agudamente dos historiadores e *experts* em Israel a respeito da situação. Ele estava certo, pensava, e todos estavam errados. Ele somente foi deixado lealmente, e perseguido e amaldiçoado por causa de suas alegações e conclusões. . . . Elias assim na verdade difamou e vilipendiou a Israel, e ofereceu um relatório desorientador e negro. Ele apresentou uma testemunha inverídica, lançando aspersão sobre Israel e sua liderança [Acabe e Jezabel?]. . . . Devem cessar, retratar-se e recuar". Ele reivindicava falar com a autoridade da Associação Geral por trás de si, como de fato o endosso sem precedentes de seu livro logo demonstrou.

Um de nós respondeu em 10 de maio de 1965: "Retratar-nos à base de temor sem evidência inspirada seria dificilmente . . . a coisa certa . . . a fazer. . . . O Senhor nunca pediu que algum homem fizesse coisa tal. De fato, um

homem pode muito bem arruinar a sua alma por submeter-se à pressão de temor e ansiedade, e retratar-se covardemente, sem evidência, do que tem mantido em boa consciência". Em 10 de novembro de 1965, o mesmo autor escreveu ao Dr. Froom: "Tenho repetido minha disposição de retratar-me se o irmão deixar-me examinar a evidência clara do Espírito de Profecia. Tem categoricamente recusado permitir-me ver tal evidência. . . . Parece estranho a mim e a outros que deva requerer que eu me 'retrate' enquanto ao mesmo tempo nega-me evidência que, segundo diz, possui em material não publicado de Ellen G. White que requereria de uma consciência honesta tal retratação. . . . Minha oração é de que como resultado final dessa questão o nome de Deus seja honrado".

Quando *Movement of Destiny* apareceu impresso, a "evidência" documental estava completamente ausente.

2Esses documentos foram colocados nas mãos do Dr. Froom em 21 de fevereiro de 1965 antes que ele publicasse o seu livro, com recibo reconhecendo o recebimento. Foram também colocados nas mãos da liderança da Associação Geral em 1973 antes que o republicassem. Um presidente da Associação Geral retirou o seu endosso da edição revisada.

Apêndice A

A. T. JONES ENSINOU A HERESIA DA "CARNE SANTA"?

Tentativas têm sido feitas para insinuar que a mensagem de A. T. Jones de justificação pela fé conduz à heresia da "carne santa". É dito que ele ensinava essa falsa doutrina já nos primeiros meses seguindo-se à assembléia de 1888. Um exemplo, sem dúvida baseado em pesquisa da Associação Geral, se segue:

"Parece haver alguns paralelos impressionantes entre a experiência do povo de Deus por volta de 1888 e nosso próprio tempo. Por exemplo, Waggoner e Jones foram usados pelo Senhor em 1888; mas já em 1889 os sermões de Jones começavam a mostrar uma inclinação na direção do engano da 'carne santa'." (Adventist Review, 6 de agosto de 1981).

Essa acusação deve ser cuidadosamente examinada. Se for verdadeira, várias consequências se seguirão imediatamente em muitas mentes pensantes e lógicas:

(1) Se verdadeira, desacreditará a mensagem de 1888. Se Jones ou Waggoner podem ser acusados de ensinarem a heresia ou fanatismo durante a era 1888, a Igreja seria tola em dedicar séria atenção à mensagem deles. David P. McMahon e Desmond Ford fizeram tentativas de desacreditar Waggoner nesse propósito, não obstante o repetido endosso de Ellen White. Em seus *Documents* no 32 Ford declara que em 1892 Waggoner não era mais um adventista do sétimo dia. McMahon, em seu *Ellet Joseph Waggoner: The Myth and the Man* [Ellet Joseph Waggoner: O mito e o homem] (Verdict Publications, Fallbrook, CA, 1979), argumenta que Waggoner afastou-se da posição protestante de justificação pela fé poucas semanas após a assembléia de 1888 e daí em diante ensinou a posição católica-romana. A falsidade dessas acusações foram expostas pelo Dr. Leroy Moore no Apêndice B de sua *Theology in Crisis* [Teologia em Crise] (1979). Quem quer que leia os escritos de Jones-Waggoner pode prontamente ver isso por si mesmo.

(2) Se Jones estava se desviando "já em 1889 . . . na direção do erro da 'carne santa', Ellen White deve também ser considerada ingênua e fanática. Durante sua longa e destacada carreira, ela nunca, em tempo algum, ofereceu endosso a alguém tão repetida e entusiasticamente como fez com a mensagem e trabalhos de Jones de 1888 até 1896.

Conquanto seja verdade que Jones foi um ser humano tão inclinado a fraquezas como qualquer de nós, ela nunca o teria endossado tão veementemente se tivesse acolhido a mais leve suspeita de que seu ensinamento estava se movendo para um fanatismo tão horrendo quanto o que afligiu a Associação de Indiana na passagem do século. Não será de auxílio escusar Ellen

White por endossá-lo com base no fato de que ela estava sendo honestamente enganada por ele. Ela exercia o dom profético e reivindicava inspiração celestial. Não há meio de podermos respeitá-la se ela estava equivocada a respeito de Jones.

(3) A única mensagem que Ellen White sempre identificou como um genuíno começo do dom do Espírito Santo na chuva serôdia e do alto clamor é a dos mensageiros de 1888. Se esta quase imediatamente moveu-se no rumo do fanatismo da "carne santa", como podemos confiar em qualquer mensagem semelhante que o Espírito Santo possa inspirar no futuro? Podemos estar seguros de que Satanás gostaria de dissuadir a Igreja de jamais outra vez obter qualquer verdadeira bênção espiritual enviada desde o céu.

Evidência Concernente à Acusação Contra Jones

A suposta evidência para a acusação é encontrada em comentários atribuídos a A. T. Jones em sermões pregados na campal de Ottawa, Kansas, na primavera de 1889. Notícias da reunião e notas sobre os sermões foram impressos no jornal *Topeka Daily Capital*. Os sermões não foram registrados palavra por palavra. Foram condensados em grande medida e erros tipográficos são achados em grande número. O relatório incompleto cria confusão de terminologia. Recorre-se a um jornal não-adventista que dá evidência de mau jornalismo a fim de encontrar algo para lançar descrédito sobre o homem a quem Ellen White disse ter "credenciais celestiais" num sentido singular e que nos trouxe "a mais preciosa mensagem". E isso feito um século mais tarde; contudo, mesmo os determinados oponentes de Jones daquela geração não fizeram isso.

Os comentários supostamente heréticos de fato não revelam qualquer evidência de fanatismo do tipo "carne santa", mas simplesmente afirmam a possibilidade de vencer o pecado em perfeição de caráter alcançada mediante fé. Suas declarações, são registradas como segue no jornal de Topeka:

"É a obediência de Cristo que vale, e não a nossa que nos traz justificação. Bem fazemos em parar de tentar cumprir a vontade de Deus com nossos próprios esforços. Paraí com tudo. Lançai-o para longe para sempre. Permiti que a obediência de Cristo realize tudo para vós e obtende a força para puxar o arco a fim de atingir a meta. . . .

"...no fato de que a lei requer perfeição jaz a esperança da humanidade, porque se ela pudesse passar por alto um pecado a um mínimo grau, ninguém poderia jamais ser livrado do pecado, uma vez que a lei nunca tornaria esse pecado conhecido, e não poderia jamais ser perdoado, o meio pelo qual somente um homem pode ser salvo. Há de chegar o dia em que a lei terá revelado o último pecado e nos apresentaremos perfeitos perante Ele e seremos salvos com uma salvação eterna. . . . É um sinal de Seu amor por nós, portanto, quando quer que um pecado vos é tornado conhecido, é um sinal do amor de Deus por vós, porque o Salvador se posta pronto para removê-lo (14 de maio de 1889).

"É somente pela fé em Cristo que podemos dizer que somos cristãos. É somente mediante ser um com Ele que podemos ser cristãos, e somente mediante Cristo dentro em nós que observamos os mandamentos -- sendo tudo pela fé em Cristo que fazemos e dizemos essas coisas. Quando o dia vier em que verdadeiramente observaremos os mandamentos de Deus, nunca iremos morrer, porque a observância dos mandamentos é justiça, e justiça e vida são inseparáveis--assim, "Aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus", e qual é o resultado? Essas pessoas são trasladadas. Vida, pois, e observância dos mandamentos vão juntas. Se morremos agora, a justiça de Cristo nos será imputada e seremos ressuscitados, mas aqueles que vivem até o fim são tornados sem pecado antes que Ele venha, tendo tanto de Cristo estando neles que "atingem o alvo" toda vez, e permanecem sem culpa, sem um intercessor, porque Cristo deixa o santuário um pouco antes que vir à terra." (18 de maio de 1889; o jornal atribui este sermão a W. C. White).

Fazemos notar o seguinte:

(a) Um criterioso estudo de todos os sermões de Jones registrados naquele jornal deixa de revelar qualquer motivo de "carne santa". As declarações que alguns interpretam como revelando tal rumo dizem respeito tão-só a desenvolvimento de *caráter* pela fé em preparação para a segunda vinda de Cristo.

(b) Em tempo algum nos anos que se seguem a 1889 há qualquer registro de que Jones tenha feito declarações que possam ser interpretadas como favorecendo essa heresia. Se ele a ensinou em 1889, quase certamente teria aparecido novamente. Proclamar que Cristo "condenou o pecado na carne", como Paulo diz, não é ensinar "carne santa".

(c) A declaração de 18 de maio acima é uma que tem sido primariamente considerada como evidência desse fatal rumo tomado. Mas o registro jornalístico atribui o sermão a W. C. White. Não obstante, seja quem for que o proferiu, o ensino é verdadeiro, e está em harmonia com o conceito adventista de purificação do santuário.

(d) Tanto Jones quanto Waggoner fortemente recusaram o fanatismo da "carne santa" na virada do século. Na *Review and Herald* de 18 de abril de 1899 Jones publicou um artigo que revela a falácia desse ensino. De 11 de dezembro de 1900 até 29 de janeiro de 1901 ele publicou uma série de artigos que se lhe opunha adicionalmente. O líder do fanatismo de Indiana, R. S. Donnell, publicou um artigo no *Indiana Reporter* opondo-se a Jones, indicando que entendeu os artigos como uma refutação de seu ensino. Waggoner também se opôs à doutrina da "carne santa" em sermões proferidos na assembléia da Associação Geral de 1901 (cf. GCB 1901, pp. 403-422; damos crédito a Jeff Reich na pesquisa deste material).

Assim temos mais um exemplo de um século de contínua oposição à "preciosíssima mensagem" que o Céu tencionou que deveríamos acolher como o "começo" da chuva serôdia e do alto clamor. É um misterioso rio subterrâneo de descrença, talvez o mais estranho e mais persistente que tem fluído ao longo de todos os milênios da tentativa de Deus ajudar o Seu povo. Ellen White disse lamentosamente: "*Tenho profunda angústia de coração, porque vi quão prontamente uma palavra ou ação do Pastor Jones ou Pastor Waggoner é criticada.*" (Carta O19, 1892). Desta vez não foi uma "palavra ou ação". Foi somente algo que se imaginou.

Apêndice B

Comparações de Justificação pela Fé O Ponto de Vista Popular

1. Começa com a necessidade do homem por segurança eterna. Assim, o apelo é centralizado no eu. Nunca vai além desse raio de insegurança humana.
2. Fé é definida como mera "confiança" no sentido de apegar-se à segurança pessoal em busca de garantias contra o perder-se. A fé é considerada como meio de satisfazer a insegurança pessoal.
3. Jesus ensinou que o amor ao eu é uma virtude, uma pré-condição para o amor a outros. O amor do eu e o respeito próprio são confundidos.
4. O sacrifício de Cristo na cruz é somente uma provisão contingente, e nada realiza pelo pecador a menos e até que ele tome a iniciativa de "aceitar a Cristo". Assim, prevalece a idéia de que se a pessoa é salva, deve-se isso a ter tomado a iniciativa; se a pessoa se perde, é Deus quem tomou a iniciativa de puni-la.
5. O evangelho é "boas novas" do que Deus fará por você se fizer primeiro a sua parte. Ele espera até que você dê o primeiro passo na iniciativa. O maquinário celestial de salvação permanece paralizado até que o pecador aperte o botão para ativá-lo.

6. Deus considera você como fora da "família de Deus" até que "aceite a Cristo". Assim, a aceitação de você por Ele depende de que tenha dado o primeiro passo. Passagens mal-interpretadas dão essa impressão.
7. Deus torturará e destruirá os perdidos no fogo infernal. A ênfase está sobre a Sua iniciativa vingativa na punição.
8. O perdão divino é a sua escusa para o pecado, Sua aceitação dele como inevitável ou inescapável ("somos somente humanos"). Muitos não têm um conceito claro de uma diferença entre o perdão do pecado e sua eliminação.
9. É difícil ser salvo e fácil perder-se. Sendo que poucos conseguirão ir para o céu, deve ser bastante difícil seguir a Cristo. A ênfase está nas dificuldades pelo caminho.
10. O pecador deve ser pressionado a aceitar a Cristo, geralmente pelo emprego de motivação egocêntrica tal como esperança de recompensa ou temor de punição. Apelos de *marketing* são típicos: "o que há para mim nisso"?
11. A não ser quando o pecador "aceita a Cristo" e é obediente está legalmente justificado. Os escritos de Ellen White são mal-interpretados.
12. A justificação pela fé é o ato judicial pelo qual Deus declara legalmente um homem ainda não convertido justo porque ele "aceita a Cristo". Esse ato forênsico não tem efeito sobre o coração.
13. As pessoas podem ser justificadas pela fé e ainda serem professos seguidores mornos de Cristo.
14. O supremo alvo na vida é salvar nossas almas, fazer o que é "essencial para a nossa salvação".

O Ponto de Vista de 1888

1. Começa com a revelação do amor de Deus na cruz. O apelo é para uma motivação mais elevada - fé, apreciação e gratidão. Assim não é egocêntrico.
2. Fé é uma profunda apreciação do amor sacrificial de Deus, independentemente da esperança de recompensa ou do medo de estar perdido. Ela vence o egocentrismo e a mornidão.
3. Jesus ensinou que a pessoa convertida amará seu próximo como antes da conversão achava natural amar a si mesmo. Quando o eu é crucificado com Cristo encontramos verdadeiro respeito próprio Nele. A fé expelle o amor próprio, uma invenção de Satanás.
4. O sacrifício de Cristo é mais que uma provisão contingente. Fez algo por "todo homem". A vida física de "cada homem" é a aquisição do sangue de Cristo. Cada fatia de pão está estampada com Sua cruz. Assim Seu sacrifício justificou a "todos os homens." É Ele Quem toma a iniciativa amorável.
5. O evangelho é "boas novas" do que Deus fez e está fazendo por você agora. Ele tem "atraído" você toda a sua vida (Jer. 31:3; João 12:32). Não resista a Ele, e você será salvo. O puro evangelho motiva uma duradoura resposta íntima da fé.
6. Deus já aceitou você em Cristo. Para Ele, a alma que nunca entendeu o evangelho é uma ovelha perdida, não um lobo; uma moeda perdida, não um refugio; um filho pródigo afastado, não um estranho.
7. O pecado paga o seu salário - a morte. A segunda morte misericordiosamente finda a miséria do perdido. O amor de Deus é manifestado na sua sorte.
8. Seu perdão realmente afasta o pecado, que Ele ainda odeia e nunca pode escusar. O perdoado agora odeia o pecado. A "expição final" traz o "apagamento do pecado" na purificação do santuário celestial.
9. Se alguém entende e aprecia o puro, verdadeiro evangelho como boas novas, é fácil ser salvo, e difícil estar perdido. O jugo de Cristo é suave, Seu fardo é leve.
10. Qualquer uso de pressão, expediente secreto, ou medo como motivação mostra a falta de conteúdo evangélico na mensagem. Uma vez que a verdade seja revelada em amor, nada pode impedir o investigador da verdade de responder.
11. Todos os homens foram legalmente justificados quando Cristo morreu por "todos". Quando o pecador crê, ele é justificado pela fé.

12. Quando Deus "declara" alguém sendo justo, Ele não pode mentir. A justificação pela fé vai além do que uma mera declaração legal. Ela torna o crente obediente a todos os mandamentos de Deus.

13. A fé verdadeiramente madura acaba com a mornidão e prepara para a trasladação.

14. O supremo alvo na vida é a honra e vindicação de Cristo. Ele deve receber Sua recompensa, mais do que nós.

Ponto de Vista Popular

15. Pecado é definido como a transgressão da lei, mas superficialmente entendido como a quebra de um tabu moral. Muita ênfase sobre atos "conhecidos" de pecado; nenhum conceito sobre o pecado ainda desconhecido.

16. "Nascido sob a lei" em Gál. 4:4 significa que Cristo nasceu sob a lei cerimonial judaica (cf. *Seventh-day Adventist Bible Commentary*, Vol. 6, p. 966).

17. A carne e a natureza de Cristo na encarnação eram diferentes das nossas. Ele foi "isento" de nossa herança genética, e tomou apenas a natureza sem pecado de Adão como era antes da queda (cf. *Questions on Doctrine*, L. Froom, p.383, e cabeçalho p. 650.)

18. Cristo carregou nossa culpa apenas vicariamente.

19. Era "impossível", "inútil" e "desnecessário" para Cristo ser verdadeiramente tentado em todos os pontos como somos. (*Ministry Magazine*, janeiro, 1961).

20. Assim separado de nossa herança genética, Cristo era "naturalmente" bom. Sua própria vontade era idêntica à vontade de Seu Pai. Nenhuma luta interior. Assim, a Sua justiça não podia ser pela fé.

21. Uma vez que não assumiu nossa natureza caída e pecaminosa, Cristo não podia verdadeiramente defrontar a tentação sexual e vencê-la.

22. O contínuo pecar é inevitável na medida em que o homem tenha uma natureza pecaminosa. O povo de Deus continuará pecando até o momento da trasladação. Isso logicamente requer que Cristo nunca cesse o Seu ministério Sumo Sacerdotal como Substituto. Mantenha a sua "segurança" paga por "relacionamento", e estará "coberto".

23. Muitos dentre nosso povo não têm uma clara concepção da purificação do santuário celestial em sua singular relação com a justificação pela fé.

24. As apresentações da obra presente de Cristo na purificação do santuário em relação com a experiência pessoal do cristão são quase inexistentes.

25. A "graça barata" é o único resultado possível da confusão com respeito à natureza de Cristo, o preconceito contra a perfeição do caráter cristão, a eclipse da cruz, e a negligência da verdade da purificação do santuário.

26. 1 João 2:1 nos fala para não pecar, como nossa companhia de seguros nos fala para não termos um acidente. Mas você pecará mais cedo ou mais tarde, assim certifique-se de estar "coberto" pelo Advogado que persuadirá o Pai a perdoá-lo. Não podemos esperar mais do que a vitória sobre "pecado conhecido". A participação no pecado desconhecido fica implícita como inevitável até que Cristo retorne.

O Ponto de Vista de 1888

15. O pecado é mais do que o mero quebrantamento de um tabu; é a recusa de apreciar o verdadeiro caráter de Deus de amor revelado na cruz. Nesse Dia da Expição, o Espírito Santo revelará todo pecado desconhecido.

16. "Nascido sob a lei" significa sob a lei moral. Cristo não estava "isento" de nossa herança genética; contudo Ele não pecou. Para cumprir a vontade de Seu Pai, teve que negar a Sua própria vontade; Ele negou-Se a Si próprio.

17. Cristo "assumiu" a natureza pecaminosa e caída do homem após a queda. Foi enviado "em semelhança de carne pecaminosa", não em sua dessemelhança. Ele de nada estava "isento". A razão por que não pecou foi por assim ter decidido. Ele era o Amor encarnado e é tanto nosso Substituto, quanto Exemplo.

18. Cristo carregou nossa culpa na realidade. Ele verdadeiramente identificou-Se conosco, e condenou o pecado "na carne", ou seja, em nossa carne.

19. Negar a plena tentação de Cristo é negar Sua verdadeira encarnação. Diferentemente do Adão sem pecado, Ele foi tentado também interiormente, como o somos, contudo sem pecado. Não há pecador algum que Ele não possa socorrer.
20. A justiça de Cristo era pela fé. Ele declarou: "Não busco fazer a Minha própria vontade". Ele suportou a cruz durante toda a existência, algo que o Adão sem pecado não precisou fazer. Cristo constantemente negava-Se a Si mesmo.
21. As Escrituras não nos dão o direito de isentar a Cristo de qualquer tentação humana. Heb. 4:15 é por demais claro.
22. O contínuo pecar está condenado "na carne" por Cristo. O pecado tornou-se desnecessário à luz de Seu evangelho. A justificação é pela fé porque a fé opera por amor. Nossa dificuldade é a ignorância do evangelho ou a descrença. A segunda vinda é impossível a menos que Cristo deixe de ser o nosso Substituto.
23. A mensagem de 1888 é um avanço que Lutero, Calvino e os Wesley nunca descobriram. Estabelece a relação entre o evangelho e a purificação do santuário celestial.
24. A verdadeira justificação pela fé relaciona-se agora com a obra de Cristo no Compartmento Santíssimo (EW 254). Essa é uma verdade singular confiada a esta igreja.
25. A justificação pela fé impõe um padrão extremamente elevado--o do próprio Cristo. Ele é o Exemplo que ministra essa graça plenamente aos crentes. Ele retornará quando vir o Seu caráter perfeitamente refletido em Seu povo. Isso se realizará pela fé, não pelas obras.
26. 1 João 2:1 declara que o propósito de Seu sacrifício sobre a cruz é que o Seu povo pare de pecar. Não é escusar a perpetuação do pecado. Isso se torna eficaz quando assimilam o princípio de culpa coletiva--seu relacionamento com "os pecados do mundo todo". O céu ajudará os crentes a vencer "tal como" Cristo venceu.

O Ponto de Vista Popular

27. A prevalecente preocupação egocêntrica torna difícil conceber um arrependimento pelos pecados de alguém mais, a não ser os próprios. A motivação dominante é preocupação pela própria salvação pessoal do indivíduo. Nenhuma real simpatia com Cristo é possível na medida em que a esperança por recompensa ou temor do inferno permaneçam como motivação capital do coração.
28. Manter um "relacionamento" com Cristo é um processo difícil e árduo. Tudo depende de que segure a mão de Deus. "Manter sua velocidade" ou "gravidade" fará com que você venha se "espatifar no chão". Trata-se de um programa de auto execução.
29. Diferenças doutrinárias dentro da comunhão da igreja são inevitáveis até que Cristo venha. A verdadeira e completa unidade é impossível.
30. Podemos crer, exemplificar, e ensinar a verdadeira justificação pela fé por muitas décadas, e a obra de Deus não ser concluída. (Temos feito isso por mais de um século).
31. O tempo para a segunda vinda de Cristo está irrevogavelmente pré-determinado pela soberana vontade de Deus, e Seu povo não pode nem apressá-la nem retardá-la.
32. A segunda vinda de Cristo é desejada especialmente pelos idosos, doentes, pobres, ou pessoas sofredoras. Nossa necessidade é a suprema preocupação. Que Ele venha "de modo que todos possamos ir para a glória".
33. O consenso é mais importante do que a verdade. Se as suas convicções diferirem das da maioria, abafe-as.
34. O ponto de vista dos dois concertos como apresentado no *Seventh-day Adventist Bible Commentary and Bible Dictionary* [Comentário e dicionário bíblico adventista do sétimo dia] é semelhante ao daqueles que se opuseram inicialmente à mensagem de 1888.
35. A mensagem de 1888 teve sua origem nos "credos das igrejas protestantes da época" (Pease, *By Faith Alone* [Pela fé somente], pp. 138, 139). Não temos um evangelho distinto.
36. Como um povo, e particularmente como ministros, entendemos corretamente a justificação pela fé. O que precisamos é de mais obras. "Vamos esquecer 1888 e trabalhar com mais vigor".

O Ponto de Vista de 1888

27. O arrependimento e o batismo de Cristo introduzem uma preocupação maior: vemo-nos potencialmente culpados pelos "pecados de todo o mundo", não fosse por Sua graça. A fé

torna possível uma empatia com Cristo em Sua obra final, tal como a da noiva pelo seu marido. O arrependimento coletivo como o Seu torna isso possível.

28. Tudo depende de sua crença em que Deus está segurando a sua mão. O que faz a vida cristã parecer tão difícil é uma eclipse do evangelho da justiça de Cristo. "O amor de Cristo nos constrange".

29. A perfeita unidade é a norma para uma igreja que tenha fé genuína. Nenhuma necessidade de idéias proféticas conflitantes e confusas, por exemplo.

30. Crer e ensinar justificação pela fé claramente em relação à purificação do santuário é catalizar a igreja e o mundo numa única geração e finalizar a tarefa de evangelização. (Isso ainda não foi verdadeiramente feito).

31. Cristo está ansioso por retornar assim como um noivo anseia pelo casamento. Ele virá quando a Sua Noiva fizer-se pronta. A demora é sua responsabilidade.

32. Simpatia por Cristo, um desejo de que Ele receba a Sua recompensa e vindicação, e um anseio em ver a agonia do mundo tendo fim, essas são as verdadeiras razões para desejar apressar o Seu retorno. Essa nova motivação é produzida pela verdadeira fé.

33. A verdadeira fé transmite uma coragem que não teme qualquer maioria ou poder que possam ser exibidos. Conduz a suportar a cruz.

34. O velho concerto foi a promessa de Israel destituída de fé em obedecer; e "gera a escravidão" mediante "o conhecimento de [nossas] promessas quebradas". O novo concerto é fé na promessa de Deus para nós.

35. A mensagem é distintamente diferente daquela das igrejas populares. A "terceira mensagem angélica em verdade" é bíblica, "Cristo, e Este crucificado".

36. Especialmente neste aspecto somos "miseráveis, e pobres, e cegos, e nus". Nenhum programa de obras pode dar conclusão à obra de Deus. "Esta é a obra de Deus, que creiamos Naquele que enviou". Precisamos da mensagem de 1888 que Ele nos enviou!

APÊNDICE C

UMA FONTE DO MITO DE ACEITAÇÃO

A opinião vastamente popular de que a mensagem de 1888 foi aceita um século atrás deriva de pessoas zelosas, sinceras e de boa intenção. A lealdade delas para com a Igreja e sua liderança passada é elogiável, e oferece evidência de um entusiástico espírito de equipe.

Não obstante, essa posição está em conflito direto com a história, com numerosas declarações de Ellen White, e, o que é mais sério ainda, com o testemunho da Testemunha Verdadeira que deu o Seu sangue por esta Igreja. O mito da aceitação insiste, após mesmo um século de atraso, que somos "ricos e de nada temos falta" na questão de aceitação e compreensão da justificação pela fé. Nosso Senhor declara que somos "pobres". O conflito em vista é sério, pois a condição espiritual da igreja mundial é afetada, bem como Sua honra.

Em vista do fato de que o testemunho de Ellen White é tão claro de que o começo da chuva serôdia e do alto clamor foi "em grande medida" rejeitado, como é possível que a vasta maioria de nossos ministros, educadores, e membros por todo o mundo creia que foi aceita pela liderança daquela geração?

Parte do problema é uma persistente confusão de pensamento que parece quase proposital. Como povo nós de fato *aceitamos* a "doutrina" protestante popular de justificação pela fé, tal como os protestantes professam nela crer. Portanto, nossos apologistas insistem em que essa "doutrina" não foi rejeitada em 1888 ou depois disso. Mas essa não é a verdade plena de nossa

história. Nossos irmãos "em grande medida" *rejeitaram de fato* a mensagem que era o começo da chuva serôdia e do alto clamor. Esse fato óbvio explica a longa demora, e nada mais pode explicá-la.

Qual é a fonte dessa confusão e entendimento errôneo persistente e difundido? Sem dúvida é o julgamento humano de bons homens cuja mentalidade básica é compreensivelmente laodiceana. Todos partilhamos dessa mesma mentalidade, por natureza. É penoso para qualquer de nós crer que a Testemunha Verdadeira diz, que a verdade de nossa história nos revela como "miseráveis e pobres", nossa história de 1888 em particular sendo uma repetição da história dos judeus junto ao Calvário. Essa história aponta à nossa grande necessidade: arrependimento denominacional.

Essa convicção não bem acolhida deve a qualquer custo ser reprimida com garantias de que somos "ricos e de nada" temos falta. Daí o mito da aceitação. Uma fonte primária desse mito desfruta tão singular credibilidade que tem parecido impossível que alguém a questione.

Em seu *The Lonely Years 1876-1891* [Os anos solitários: 1876-1891], Arthur L. White nos informa que "o conceito de que a Associação Geral, e assim a denominação, rejeitou a mensagem da justificação pela fé em 1888 carece de fundamento e não foi projetada senão quarenta anos após a assembléia de Mineápolis e treze anos após a morte de Ellen White" (p. 396). O autor é neto de Ellen White.

Já fizemos notar como a rejeição da mensagem de 1888 foi claramente reconhecida por Ellen White e seus contemporâneos de 1893 até 1901 (ver capítulo quatro deste livro).

"Quarenta anos após a assembléia de Mineápolis" nos levaria para ao redor de 1928. Foi nessa época que Taylor G. Bunch do Pacific Union College [Colégio União do Pacífico] comparou publicamente nossa história de 1888 com a de Israel em Cades-Barnéia ao rejeitar o relatório de Calebe e Josué.

W. C. White, filho de Ellen White, rebateu Bunch assegurando que tal rejeição em 1888 não teve lugar. Ele esteve presente àquela assembléia, declarou, e sabia disso. É apenas natural que transmitisse o mesmo ponto de vista da aceitação a seu filho, Arthur L. White, que tem servido por tantos anos como secretário dos Depositários de Ellen G. White, e sob cuja supervisão e endosso cerca de 1.500 páginas de livros a respeito de 1888 foram publicados desde 1950.

Tanto o filho quanto o neto de Ellen White têm com justiça desfrutado de grande estima na Igreja Adventista do Sétimo Dia. Eles têm sido plenamente sinceros em seus esforços para educar várias gerações de nosso povo a crer que a mensagem de 1888 não foi rejeitada. Atribuímos a ambos o maior respeito que o lugar singular deles em nossa história comporta. Ao mesmo tempo, devemos reconhecer que Ellen White exerceu um ministério ainda mais singular, a de uma mensageira inspirada do Senhor cujo ministério é uma expressão do testemunho de Jesus, o Espírito de Profecia. Seu dom profético capacitou-a com discernimento que penetrava sob a superfície.

Mesmo que mil testemunhas visuais com julgamento não inspirado contradissem a palavra de uma profetisa inspirada, devemos confiar nessa palavra inspirada, pois um "assim diz o Senhor" está nele implícito. O testemunho de Ellen White é tão claro e objetivo que o homem comum pode prontamente entendê-lo. O futuro desta Igreja depende dessa questão da direção profética ser devidamente estabelecida.

Uma indicação de como a opinião de aceitação obteve crédito oficial se acha numa declaração feita por W. C. White num sermão em Lincoln, Nebraska, em 25 de novembro de 1905. Ele está descrevendo um incidente em Avondale, Austrália, uma década antes quando W. W. Prescott estava em visita. A correspondência havia chegado da América, e ele e Prescott estavam lendo para Ellen White cartas de um dirigente da Associação Geral na distante Battle Creek. As cartas

falavam de suposto grande progresso na causa na América e das maravilhosas vitórias espirituais com respeito às questões relativas a 1888. W. C. White recorda assim o incidente:

"Por anos tenho sentido que era meu privilégio fazer tudo quanto pudesse para atrair a atenção de Mamãe aos aspectos mais positivos de nossa Obra. . . . Eu raciocinava que como o Senhor escolheu Mamãe para ser Sua mensageira para a correção dos erros na Igreja, e sendo que essas revelações sobrecarregam o seu coração quase à morte, portanto não pode ser errado que eu reúna todas as palavras de ânimo, e todas as boas notícias que lhe confortem o coração, e todo incidente que revele o poder de Cristo operando na Igreja, e isso tornará manifesto a melhor parte da operação de homens que estão suportando pesadas cargas na Obra do Senhor; portanto me empenharei para chamar a sua atenção ao lado luminoso das coisas. . . .

"Bem, um dia enquanto estávamos vivendo em Cooranbong, Nova Gales do Sul [Austrália], recebemos cartas do presidente da Associação Geral, cheias de relatórios animadores, relatando-nos as boas reuniões campais, e como alguns desses executivos que haviam sido reprovados pelos Testimonies [Testemunhos]¹ estavam se dirigindo aos vários estados e falando nas campais, e que vinham obtendo uma nova experiência espiritual, e representavam uma real ajuda nas reuniões...

"Nós [ele e Prescott] nos alegramos muito com a leitura dessas cartas. Realmente nos contentou muito ler tais fatos e nos unimos em louvar ao Senhor pelo bom relatório. Imagine minha surpresa quando à tarde do dia seguinte Mamãe me disse que havia escrito àqueles homens dos quais tínhamos recebido os relatórios positivos, e então leu-me a crítica mais contundente, a reprovação mais profunda por introduzirem planos e princípios errados à Obra que já havia sido escrito àquele grupo de homens². Essa foi uma grande lição para mim." (Spalding-Magan Collection, p. 470).

Ellen White registra o sofrimento de seu coração, o que lança luz sobre esse incidente. Não é de modo algum um desrespeito à memória deles fazer notar que nem W. C. White ou W. W. Prescott desfrutavam do mais amplo discernimento que é divinamente concedido pelo dom de profecia. O dom não é hereditário. Seria somente natural para eles, como seria para nós, crer de pronto nas cartas do presidente da Associação Geral contendo tão boas notícias. O espírito que dominava a Igreja era sempre positivo, com regozijo no progresso e nas vitórias.

Mas a atitude de coração de todos os seres humanos está naturalmente em conflito com "o testemunho de Jesus", a menos que especificamente seja iluminado pelo Espírito Santo. Escrevendo ao presidente da Associação Geral, Ellen White descreve como sentiu quando o seu filho e Prescott tentaram assegurar-lhe que os luminosos relatórios de Battle Creek eram verdadeiros:

"Caro irmão Olsen:

"Em outubro passado escrevi-te uma longa carta. . . O peso sobre mim tem sido muito grande, com respeito a ti mesmo e à obra em Battle Creek. Senti que tinhas amarrados os pés e as mãos, e te estavas submetendo passivamente. Fiquei tão perturbada que em conversa com o irmão Prescott, expus-lhe os meus sentimentos. Tanto ele quanto W.C.W. tentaram dissipar os meus temores; apresentaram tudo na luz mais favorável possível. Mas em lugar de encorajar-me, as palavras deles me alarmaram. Se esses homens não podem ver o resultado das iniciativas, julgo, quão sem esperança é a tarefa de fazê-los vê-lo em Battle Creek. O pensamento golpeou meu coração como uma faca. Eu declarei que não enviaria a comunicação escrita ao Pr. Olsen.

". . . Por cerca de duas semanas permaneci em total debilidade. Era como uma cana quebrada. Não podia deixar o meu quarto, nem podia conversar com o irmão e irmã Prescott. Não esperava recuperar-me. . . . Mas . . . minha força gradualmente voltou-me." (Carta, 25 de maio de 1896).

Devido a que o assunto da chuva serôdia e do alto clamor é tão importante, é imperativo que a Igreja e sua liderança agora depositem confiança plena no testemunho inspirado do Espírito de Profecia. Quando o julgamento humano se conflita com o testemunho inspirado, não importa quão prestigiados sejam os agentes humanos, o Espírito de Profecia deve ter clara precedência.

Pela maior parte do século, nós como um povo temo-nos inclinado a fomentar esse prevalecente falso otimismo. A consequência trágica é uma difundida desconfiança do conselho da Testemunha Verdadeira. Não resultariam grandes bênçãos espirituais de um pleno reconhecimento da verdade? Devidamente entendida, nossa história denominacional é um contínuo comentário sobre as palavras de Cristo em Apocalipse 3:14-21, e um chamado a arrependimento apropriado.

Aquele que controla o passado controla o futuro. Mornidão e fraqueza espiritual são a consequência de interpretar equivocadamente a história.

1 Harmon Lindsay e A. R. Henry "opuseram-se à obra de Deus desde a assembléia de Mineápolis", Carta de EGW, 27 de agosto de 1896.

2 Exemplos de tais comunicações podem ser encontradas em *Testimonies to Ministers* [Testemunhos para Ministros], pp. 63-77, 89-98.

Apêndice D

QUAL É O FUTURO DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA?

"O Senhor Jesus Cristo sempre terá um povo escolhido para servi-Lo. Quando o povo judeu rejeitou a Cristo, o Príncipe da Vida, Ele retirou deles o reino de Deus e transferiu-o aos gentios. Deus continuará a trabalhar desse modo com todo ramo de Sua obra. Quando uma igreja se demonstra infiel à obra do Senhor, seja qual for sua posição, embora elevado e sagrado seu chamado, o Senhor não pode mais agir com ela. Outros então são escolhidos para levar importantes responsabilidades. Mas, se estes por sua vez não purificam suas vidas de toda ação errada, se não estabelecem princípios santos e puros em todos os seus limites, então o Senhor os afligirá e humilhará dolorosamente e, a não ser que se arrependam, os removerá de seu lugar e os fará um opróbrio." E.G.White, *Olhando para o Alto*, Meditações Matinais 1983, p. 125.

É verdade que a Igreja Adventista do Sétimo Dia tem retardado a proclamação ao mundo do evangelho eterno em sua pureza¹. Todos compartilhamos da responsabilidade por esse fracasso. Há envolvimento coletivo. Ellen White freqüentemente comparava nossas falhas com as do antigo Israel quando cada geração compartilhava da culpa de seus pais em vista de que não somente compartilhavam da mesma natureza humana caída, mas exerciam a mesma descrença². Há muitas evidências trágicas de nossos deslizes, desobediência ao Espírito de Profecia, e mesmo apostasia. Nossa história do século passado desde 1888 é clara.

Significa isso que o Senhor rejeitou esta igreja ou sua liderança? Ou se Ele já não o fez, fa-lo-á no futuro? Estaria a denominada Igreja Adventista do Sétimo Dia assinalada para o fracasso? Quando os que decidem seguir a Cristo protestam contra o que crêem ser apostasia ou ações erradas na Igreja e se vêem sob oposição, devem concluir que a situação é sem esperança? Devem retirar o seu apoio e a condição de membro da Igreja?

É-nos dito no livro *Atos dos Apóstolos*, p. 11, que "almas fiéis" têm sempre constituído a verdadeira igreja. Um novo grupo ou confederação independente constituída de "almas fiéis"

poderia completar a comissão evangélica deixando a Igreja Adventista do Sétimo dia organizada para trás a desfazer-se em apostasia terminal?

Se compararmos a Igreja com um navio, estaria destinada a afundar como o *Titanic*? Ou poderia ser tomada de assalto por uma tripulação amotinada? Deveriam "almas fiéis" abandonar o navio e pular para a água fria por sua iniciativa? Não haverá algum "navio" nos últimos dias, com cada antigo passageiro nadando individualmente ou agarrando-se a pedaços da naufragada embarcação? Ou cada passageiro se tornará um membro da tripulação e, sob a liderança de Cristo como Capitão, navegarão um navio de velas bem ajustadas ao porto? Ellen White comparou a Igreja Adventista do Sétimo Dia a uma "nobre embarcação que transporta o povo de Deus", e declarou que velejaria "com segurança ao porto"³. Qual é a verdadeira Igreja? É a Igreja organizada ainda o cumprimento da profecia de Apocalipse 12 do "restante da sua semente [da mulher], que guarda os mandamentos de Deus, e o testemunho de Jesus Cristo" (vs. 17)? Ou seria o verdadeiro "remanescente" meramente um grupo difuso, não coeso, desorganizado, de "almas fiéis"? Estas perguntas atingem a própria razão para nossa existência como um povo por 150 anos.

Nenhuma pessoa inteligente ousaria dizer que uma ligação nominal com a Igreja organizada pode garantir a salvação pessoal de alguém. Logicamente não. Esta não é a questão. A questão importante é se o pertencer à Igreja como membro e apoiá-la são deveres válidos que o Senhor requer das "almas fiéis". Qual é a "mente de Cristo" com respeito à Igreja Adventista do Sétimo Dia? Se pudermos determinar a resposta a essa pergunta, podemos saber qual deve ser nossa "mentalidade" sobre ela.

Há diretrizes nas Escrituras que são de auxílio, bem como numerosas declarações de Ellen White:

(1) A intenção de Deus sempre tem sido de que Seu povo sobre a Terra seja uma "família" visível, denominada, organizada. A razão disso é para que sejam Suas testemunhas, agentes ganhadores de almas no mundo. A "semente" de Abraão foi o antigo equivalente da Igreja. O Senhor lhe disse: "Em ti serão benditas todas as famílias da Terra. . . . Darei à tua descendência esta terra". "Estabelecerei a Minha aliança entre Mim e ti e a tua descendência no decurso das suas gerações . . . e da tua descendência". "A Minha aliança . . . estabeleci-la-ei com Isaque" (Gên. 12:3, 7; 17:7,21).

(2) Deus nunca mudou essa aliança e *não pode* mudá-la. No decorrer de todos os séculos das apostasias do antigo Israel e Judá, o Senhor permaneceu fiel a Sua promessa. Nos dias de Elias e do apóstata rei Acabe e sua ímpia esposa Jezabel, Israel era ainda Israel. No ponto mais baixo da história de Judá, ao tempo de Jeremias, quando o Senhor os entregou ao cativo sob Babilônia, eram ainda o povo denominado do Senhor. Nunca se tornou Babilônia, conquanto estivesse sob o cativo em Babilônia. Somente aqueles que recusaram retornar ao final do Cativo perderam o seu lugar na história. A aliança ainda se estendia àqueles que retiveram sua identidade denominada, e mediante eles o Messias finalmente veio.

(3) Isso não equivale a dizer que a descendência carnal de Abraão fez com que qualquer indivíduo fosse um herdeiro da aliança. A promessa sempre foi a de que "*em Isaque* será chamada a tua descendência". "Os *da fé* é que são filhos de Abraão" (Rom. 9:7; Gál. 3:7). O verdadeiro Israel sempre foi constituído por aqueles que tinham a fé de Abraão. Mas sempre deveriam ser um povo denominado, identificável, segundo o plano de Deus, de modo que pudesse funcionar eficientemente para evangelizar o mundo. Até a serva da esposa de Naamã preservou esse relacionamento fiel em sua escravidão e ganhou almas⁴.

(4) A Igreja Cristã primitiva dos apóstolos não foi um apêndice ou desdobramento de Israel. *Era o verdadeiro Israel*. Isso se dava porque os seus membros conservavam a fé de Abraão⁵. Desde o próprio início, quando Jesus chamou os primeiros discípulos, Sua Igreja era uma corporação organizada, denominada⁶. Ao longo dos anos de Seu ministério terrestre era organizada bem junto com Ele como sua Cabeça.

O Novo Testamento indica que nos tempos apostólicos a Igreja também era altamente organizada e denominada, com apóstolos, anciãos, mestres, evangelistas, diáconos, diaconisas e outros com vários dons, todos operando num inter-relacionamento disciplinado sob a direção do Espírito Santo⁷. Quando Saulo de Tarso foi convertido, o Senhor o trouxe à imediata

comunhão com Sua Igreja organizada⁸. "Almas fiéis" verdadeiramente constituíam a Igreja primitiva, mas aquela Igreja de modo algum era desorganizada. Há numerosos exemplos de sua rígida disciplina. Quando utilizada para deixar implícito que a Igreja organizada não pode ser a verdadeira, a declaração de AA, p. 11, sobre "almas fiéis", tem sido distorcida de seu contexto.

(5) Os registros do cuidado de Deus sobre "a mulher [que] fugiu para o deserto . . . mil duzentos e sessenta dias" indicam que novamente essa perseguida Igreja durante a Idade Média seguiu os padrões neotestamentários de organização e disciplina⁹. Os verdadeiros crentes sempre operaram como um corpo, conquanto os detalhes precisos dos métodos de organização variassem.

(6) Nos dias pioneiros dos adventistas do sétimo dia, batalhas foram travadas sobre organização, com anarquistas fanáticos se rebelando contra a disciplina apropriada dentro da corporação¹⁰. O Espírito Santo impôs o Seu inegável selo de aprovação sobre a necessidade de ordem. Nossos pioneiros viram a Igreja Adventista do Sétimo Dia denominada em seu estado organizado como cumprimento de Apocalipse 12:17 e 14:12. Eles a viram como divinamente designada para operar eficientemente a fim de proclamar a mensagem ao mundo e preparar um povo para a vinda do Senhor¹¹.

Qualquer movimento que o Espírito Santo dirija deve ser organizado e disciplinado, porque "Deus não é Deus de confusão"¹². O estabelecimento de mais de um século da Igreja Adventista do Sétimo Dia entre tantas culturas diferentes é claramente obra do Espírito Santo. Não existe nenhum outro movimento de amplitude mundial ou corporação de crentes que possa mesmo remotamente ser identificado como cumprimento de Apocalipse 14:6-12. Ellen White nunca duvidou de nossa identificação histórica¹³.

Aqui está uma corporação já em existência soberbamente moldada pelo Senhor para cumprir a tarefa de proclamação do "evangelho eterno". Nenhum movimento independente ou desviado pode possivelmente crescer dentro do tempo de vida de alguém para tornar-se um instrumento tão potencialmente eficiente de ganhar almas. Os verdadeiros adventistas do sétimo dia estão mais preocupados com a honra e vindicação de Cristo do que com sua própria recompensa pessoal. Pensam primariamente em termos de realização de Sua comissão evangélica para o mundo, antes que em sua própria segurança. Para eles, o amor próprio deu lugar a uma experiência de ser crucificados com Cristo. Estão "debaixo da graça", que é uma nova motivação imposta por uma apreciação de Seu sacrifício, em lugar de estar "debaixo da lei", sua motivação anterior de preocupação espiritual centralizada no eu.

Suportam o mesmo teste que Moisés suportou. Quando Deus Se dispôs a abandonar o Seu povo organizado de Israel e fazer prosperar a Moisés como o líder de seus sucessores desvinculados, Moisés preferiu ter o seu nome riscado do livro da vida a ver a honra de Deus assim comprometida¹⁴. O "peneiramento" nos últimos dias separará do povo de Deus todos cuja motivação mais profunda seja mera preocupação com a própria segurança.

(7) Uma motivação "debaixo da lei" de preocupação consigo deriva da falha em apreciar a justificação pela fé. Isso tem envenenado a aplicação de nossos princípios de organização eclesiástica. Tiago e Ellen White instavam pelo reconhecimento de Cristo como o verdadeiro Líder da Igreja:

"Em ocasião alguma durante o Seu ministério público Cristo dá a entender que qualquer de Seus discípulos devesse ser designado como líder dos demais. . . . E não há sugestão de que os apóstolos de Cristo designassem um deles sobre outro como líder. . . . Cristo, portanto, é o líder de Seu povo em todas as épocas. . . . Cristo conduzirá o Seu povo, se desejar ser conduzido." (Tiago White, RH de 1o de dezembro de 1874).

"Não era o desígnio de Deus que qualquer sistema de organização existisse na Igreja Cristã que removesse a liderança de Cristo."

"O ministro que se lança em qualquer Comissão de Associação em busca da direção, retira-se das mãos de Cristo. Que Deus conserve a nossa organização e o modo de disciplina eclesiástica em sua forma original." (ibid. 4 de janeiro de 1881).

Todavia, reconhecer a Cristo como Cabeça da Igreja que dirige a sua organização requer submissão do coração a Ele; isso se torna impossível quando o evangelho da justificação pela

fé não é claramente compreendido. A motivação de "debaixo da lei" suplanta a motivação de "debaixo da graça", e líderes e povo sofrem. "Poder dominante" é exercido, e ministros e povo aprendem a olhar aos homens falíveis em busca de liderança, seguindo seus ditames e louvando-os. Um sutil culto a Baal promove o amor do eu enquanto professando devoção a Cristo. (A prática comum de funcionários de associação designar o seu presidente como "o chefe" é exemplo de uma direta violação do conselho de Cristo em Mateus 20:25-28). A motivação de "debaixo da lei" pode permear tão profundamente a Igreja que pessoas sinceras julgam quase impossível conceber qualquer outro tipo de liderança eficaz¹⁵.

(8) Uma importante verdade que nos auxiliará a entender a mente de Cristo para com a Igreja Adventista do Sétimo Dia é nossa história relativa a 1888. A despeito de décadas de mornidão no seu interior, o Senhor enviou o "começo" da chuva serôdia por intermédio de delegados a uma assembléia da Associação Geral. Ele honrou este povo com a "revelação da justiça de Cristo" nessa "mensagem muitíssimo preciosa" destinada a iluminar a terra com glória.

(9) A reorganização de 1901 tinha a intenção de trazer reavivamento e reforma e um retorno à liderança de Cristo operando mediante aqueles que criam em Sua palavra: "Todos sois irmãos". Mas o reavivamento espiritual não teve lugar. Foi somente um sonho, um "o que poderia ter sido". O padrão de 1888 de descrença não foi revertido¹⁶.

A assembléia da Associação Geral de 1903 foi vista por alguns como um passo para trás. A atitude de Jones e Waggoner para com a constituição revisada foi considerada no capítulo 10 deste livro. Alguns poucos uniram-se-lhes em suas convicções:

"Qualquer homem que já leu essas histórias [Neander, Mosheim] não poderá chegar a nenhuma outra conclusão senão a de que os princípios que estão para ser introduzidos mediante esta proposta constituição [1903] . . . são os mesmos princípios, e introduzidos precisamente da mesma maneira, como se deu centenas de anos atrás quando o Papado foi criado. . . . No momento em que a votais estareis recuando para onde estivestes dois anos atrás e antes disso." (P. T. Morgan, GCB 1903, p. 150).

"Irmãos, a coisa a fazer é voltar aonde estivemos dois anos atrás na questão de reorganização, e assumi-la, e levá-la adiante, e dar-lhe uma chance porque aqueles que têm ocupado posições de responsabilidade têm admitido que não a adotaram à risca por não crerem que fosse possível. Eu creio que é possível." (E. A. Sutherland, *ibid.* pp. 168, 169).

(10) Se acreditasse que a revisão de 1903 fosse um erro, Ellen White não se teria a ela oposto publicamente, embora algumas de suas declarações posteriores possam ser aplicadas como sendo uma desaprovação. Contudo, o fato importante a ser observado é que ela não retirou o seu apoio da igreja organizada seguindo-se a 1903, tendo, antes, a ela permanecido fiel e leal até sua morte em 1915. Isso se deu a despeito do fato de que estava profundamente desapontada com os resultados espirituais da assembléia de 1901¹⁷. O Senhor prosseguiu ao longo de todos aqueles anos a honrar esta Igreja com o ministério de Sua mensageira.

A solução ao nosso problema não consiste em destruir ou alterar o sistema mecânico de nossa organização constitucional, mas em achar arrependimento e reconciliação com Cristo dentro dela. Tudo é fútil a menos que o machado seja lançado à raiz da árvore. Fraquezas ou erros em organização serão retificados quase que da noite para o dia quando o Espírito Santo tiver êxito em conduzir-nos ao arrependimento.

(11) Literalmente, milhões de pessoas podem testificar de que a única agência que os conduziu a um conhecimento do evangelho eterno de Apocalipse 14 é a Igreja Adventista do Sétimo Dia, a despeito de suas falhas. A melhor esperança de uma proclamação final de êxito da última mensagem ao mundo é uma arrependida Igreja Adventista do Sétimo Dia que não somente proclama a mensagem com clareza de cristal, mas demonstra além de questionamento que ela funciona. Essa era a convicção de Ellen White; em meio à era de descrença de 1888 ela tinha esperança pela reforma:

"Deus está à frente da Obra e Ele porá tudo em ordem. Se questões requererem ajuste na direção do trabalho, Deus cuidará disso e operará para consertar todo erro. . . Deus conduzirá a nobre embarcação ao porto seguro." (2SM 390; 1892).

"Conquanto haja males existindo na Igreja e haverá até o fim do mundo, a Igreja nestes dias finais deve ser a luz do mundo que está poluído e desmoralizado pelo pecado. A Igreja, débil e

defeituosa, carecendo de reprovação, advertência e aconselhamento, é o único objeto sobre a Terra a que Cristo dedica Seu supremo interesse. . . Que sejamos todos cuidadosos para não levantar um clamor contra o único povo que está preenchendo a descrição dada do povo remanescente que guarda os mandamentos de Deus e tem a fé de Jesus, que está exaltando o padrão de justiça nestes últimos dias. Deus tem um povo distinto, uma Igreja sobre a Terra, que não vem em segundo lugar para nenhuma outra, antes é superior a todas em sua facilidade para ensinar a verdade, vindicar as leis de Deus. . . Que todos nos unamos com esses agentes escolhidos." (TM 49, 57, 58; 1893).

"Quando alguém está se apartando do corpo organizado do povo de Deus observador dos mandamentos, quando começa a pesar a Igreja em suas balanças humanas e começa a pronunciar julgamento contra ela, podeis saber então que Deus não o está conduzindo." (3 SM 18; 1893).

"A vitória acompanhará a mensagem do terceiro anjo. Tal como o Capitão do exército do Senhor derribou os muros de Jericó, assim o povo observador dos mandamentos de Deus alcançará triunfo e todos os elementos opositores serão derrotados." (TM 410; 1898).

"Nunca fiquei mais atônita em minha vida do que com a maneira a que chegaram as coisas nesta assembléia [de 1901]. Este não é nosso trabalho. Deus tem trazido à tona. . . Desejo que todos vos lembreis disto, e desejo que também vos lembreis que Deus declarou que curará as feridas de Seu povo." (GCB 1901, pp. 463, 464).

Tenham essas "feridas" sido curadas em 1901 ou depois disso, podemos animar-nos com a garantia de que "Ele as curará". Após 1901 e 1903 Ellen White emitiu algumas das mais contundentes declarações de sua vida identificando esta Igreja organizada como a verdadeira, e assegurando o seu triunfo final no ministério *quando o arrependimento permear a corporação*:

"Não podemos nos desviar do fundamento que Deus estabeleceu. Não podemos agora [1905, não fala sobre o futuro. Ênfase do Editor.] entrar em qualquer nova organização; pois isso significaria apostasia da verdade." (Ms. 129, 1905).

"Sou instruída a dizer aos adventistas do sétimo dia ao redor do mundo que Deus nos chamou como um povo para ser um tesouro peculiar para Si. Ele designou que a Sua Igreja sobre a terra permaneça perfeitamente unida no Espírito e conselho do Senhor dos exércitos até o tempo do fim." (2 SM 397; 1908).

"O temor de Deus, o senso de Sua bondade, circularão mediante toda instituição [adventista do sétimo dia]. Uma atmosfera de paz há de prevalecer em todo departamento. Cada palavra dita, toda obra realizada, terá uma influência que corresponde à influência do céu. . . . Então a obra seguirá adiante com solidez e dupla força. Uma nova eficiência será concedida aos obreiros em toda linha. . . . A Terra será iluminada com a glória de Deus, e tocar-nos-á testemunhar a breve vinda, em poder e glória, de nosso Senhor e Salvador." (MM 184, 185; 1902).

"Sou encorajada e abençoada ao reconhecer que o Deus de Israel está ainda guiando o Seu povo e que Ele continuará a estar com ele, até o fim." (comentários à assembléia da Associação Geral de 1913; LS 437, 438).

Ela claramente definiu o "povo de Deus" como "esta denominação". W. C. White escreveu o seguinte poucas semanas antes de sua morte:

"Relatei à [Sra. Lida Scott] como Mamãe considerava a experiência da Igreja remanescente, e seu positivo ensino de que Deus não permitiria que esta denominação apostatasse tão inteiramente que viesse a existir outra Igreja." (Carta, 23 de maio de 1915).

Um hospital é um local onde pessoas doentes podem receber tratamento médico a fim de serem restauradas à saúde. A vida do paciente é de suprema importância. A Igreja que deve tornar-se a Noiva de Cristo está doente; ela carece de cura. Lealdade a Cristo requererá lealdade a Sua futura Noiva, uma cooperação integral para assegurar-lhe a cura.

Nós que temos servido como missionários na África, temos visto como a lealdade a Cristo (ou sua falta) opera nos corações humanos. Funcionários "cristãos de arroz" inconscientemente demonstram seu verdadeiro espírito ao falarem da Igreja como "vós" ou "eles". Não poderiam revelar menos interesse por sua honra ou prosperidade. Mas os verdadeiros crentes em Cristo

manifestam uma unidade corporativa com a Igreja, falando dela instintivamente como "nós". Estão mais preocupados por sua honra como representando a Cristo do que por sua própria recompensa pessoal.

(12) Qual é o significado de as promessas de Deus serem condicionais? Deveríamos tomar uma atitude de esperar para ver e reter nossa lealdade e apoio até que tenhamos evidência de que a Igreja tem cumprido as condições? A declaração seguinte destaca as condições:

"Estamos longe de onde deveríamos estar tivesse nossa experiência cristã se harmonizado com a luz e oportunidades a nós dadas. . . . Tivéssemos caminhado na luz que nos foi concedida, . . . nossa vereda teria brilhado mais e mais. . . .

"Nas balanças do santuário, a Igreja Adventista do Sétimo Dia deve ser pesada. Ela será julgada pelos privilégios e vantagens de que dispunha. . . Se as bênçãos conferidas não a qualificarem a realizar o trabalho que lhe foi confiado, sobre ela será pronunciada a sentença, 'Achada em falta'." (8T 247).

Todas as promessas de Deus feitas ao antigo Israel não foram menos condicionais. Geração após geração foi "achada em falta" e morreram como fracassos. A história de Cades-Barnéia foi repetida muitas vezes, quando uma geração inteira, exceto dois indivíduos, tiveram que perecer no deserto. Não obstante, o Deus observador do concerto permaneceu fiel a Israel quando este Lhe foi desleal. Ele sempre tentou novamente com uma nova geração. Nunca ordenou que outro povo tomasse o lugar da "semente de Abraão".

O fato de o antigo Israel ter falhado repetidas vezes como tem falhado a Igreja em tempos modernos não significa necessariamente que o padrão de deslize e apostasia continuará para sempre. As falhas coletivas do povo de Deus têm sempre envolvido o santuário celestial em contaminação; Satanás tem tido ocasião de atribuir a Deus a responsabilidade pelo fracasso de Seu povo.

O fundamento da Igreja Adventista do Sétimo Dia é uma crença nas boas novas de Daniel 8:14, "E o santuário será purificado". Então essa constante nuvem de fracasso que tem pairado sobre o Israel de Deus será levantada; e o nome de Deus será reivindicado na medida em que o Seu povo demonstre que o Seu plano de salvação é um sucesso; o sacrifício de Cristo será, então, reivindicado. Uma atitude cínica que declare: "Suponha que a Igreja falhe e que as condições não sejam preenchidas" é o mesmo que dizer: "Suponha que o santuário não será purificado". A honra de Deus requer que ele *seja* purificado!

Esta é a derradeira questão no grande conflito. Temos o privilégio de postar-nos em absoluta lealdade a Cristo e a Sua futura Esposa.

O testemunho citado acima é intitulado "Seremos Achados em Falta?" Ellen White respondeu a sua própria indagação ao concluir o capítulo:

"Quando a purificação tiver lugar em nossas fileiras, não mais descansaremos e teremos paz. . . . A menos que a Igreja, que está agora sendo levedada com sua própria apostasia, se arrependa e se converta, comerá do fruto de sua própria feitura, até que se aborreça a si mesma. Quando ela resiste ao mal e escolhe o bem, quando ela busca a Deus com toda a humildade, e alcança o seu alto clamor em Cristo, permanecendo sobre a plataforma da verdade eterna, . . . será curada. Ela aparecerá em sua simplicidade e pureza dadas por Deus, separada de embaraços terrenos, revelando que a verdade a tornou verdadeiramente livre. Então os seus membros serão verdadeiramente escolhidos de Deus, Seus representantes.

"É chegado o tempo para que uma reforma integral tenha lugar. Quando essa reforma começar, o espírito de oração operará em todo crente, e banirá da Igreja o espírito de discórdia e luta. . . . Não haverá confusão, porque todos estarão em harmonia com a mente do Espírito. . . Todos orarão compreensivelmente a oração que Cristo ensinou a Seus servos: 'Venha o Teu reino, faça-se a Tua vontade, assim na terra como no céu'." (ibid., pp. 250, 251).

Nosso dever agora é remover todo embaraço dentro da Igreja que tem impedido que "plena reforma tenha lugar", e aprender a orar a oração do Senhor.

1Ev 694-697

2Ver capítulo 4 deste livro.

3 2SM 390; 1892.

- 4 Ver 2 Reis 5.
5 Gálatas 3:7-9, 29.
6 AA 18; DA 29.
7 1 Cor. 12:1-28; Efés. 4:8-16; 1 Tim. 3:1-15; Tito 1:5-11.
8 Atos 9:10-19; AA 122, 163.
9 Cf. GC 62, 63, 67-69.
10 TM 26-29.
11 FE 254; 1 T 271, 413; 3T 501.
12 1 Cor. 14:33.
13 Ver por exemplo 9T 19; 1 T 186-187; 1 SM 91-93; 7BC 959-61.
14 Êxodo 32.
15 Ver TM 359-364.
16 8T 104-106; Carta de EGW ao juiz Jesse Arthur, 5 de janeiro de 1903.
17 Ibid.

Preview your site

APÊNDICE E

Breve Análise das Publicações de 1987-1988

Na providência de Deus, o ano de 1988 foi designado como o do Centenário da Assembléia da Associação Geral em Mineápolis. O que antes era virtualmente um assunto desconhecido ou tabu, agora tornou-se tópico familiar de conversação por todo o mundo. Graças a Deus por esse despertado interesse. Grandes números dentre nosso povo não ficarão satisfeitos até que tenham desvendado a plena verdade.

Desde a primeira impressão deste livro em agosto de 1987, diversas significativas publicações foram lançadas como parte da "Celebração" do Centenário de 1988:

(1) *The Ellen G. White 1888 Materials* [Os materiais de Ellen G. White de 1888] (Depositários de Ellen G. White, 1987). Ao dar a lume essa vasta coleção de 1.812 páginas em pleno contexto, os Depositários de Ellen G. White merecem encômios. Eles obviamente não têm intenção de reter nada significativo. Ellen White tem finalmente a permissão de falar desimpedida sobre essas questões. Houvesse isto sido publicado décadas atrás, muita da atual confusão concernente a 1888 estaria agora resolvida. Uma vez que o Espírito Santo sempre tem confirmado o "testemunho" de Ellen White, esta publicação deve provar em Sua providência ser um passo gigantesco rumo aos derradeiros reavivamento e reforma.

A leitura desses documentos deixa uma sensação de satisfação como de quando se têm desfrutado de uma refeição completa. O leitor não fica com dúvidas persistentes nem indagações não satisfeitas a respeito do que poderia estar na penumbra sem ser visto dentro dos limites dessa ou daquela elipse, pois não há elipses.

A verdade é aqui desvelada de que a liderança desta Igreja de fato "em grande medida" rejeitou o começo da chuva serôdia e do alto clamor ao mesmo tempo em que grandiloquentemente professando aceitar a "justificação pela fé". Ademais, as "confissões" posteriores a Mineápolis são vistas como não revertendo de modo algum a tragédia. E os endossos ilimitados do conteúdo doutrinário da mensagem revelam-se bem mais numerosos e enfáticos do que qualquer pessoa aparentemente já tenha antes percebido. Tais endossos múltiplos nessas 1.812 páginas podem talvez aproximar-se da maior parte de um milhar.

É uma solene experiência ler esses documentos não revisados, muitas vezes fotocopiados de originais mal datilografados com emendas de próprio punho. Como podia

essa pequena senhora posicionar-se quase sozinha contra quase toda a liderança de sua Igreja, escrevendo esse vasto montante de correspondência sem dizer pelo menos algo no calor da controvérsia que se demonstraria embaraçoso um século depois? Ela emerge dessa saga de 1888 vindicada tanto em suas posições quanto no espírito que demonstrou. Nada que já foi publicado pelos Depositários de Ellen White lhe concede tal crédito como esta engenhosa exposição de seu profundo zelo.

Ela nunca expressa qualquer crítica da teologia de justificação pela fé de Jones e Waggoner desde 1888, passando por 1895 e entrando em 1896. Aqueles que em nosso Centenário denigrem a mensagem de 1888 tomam por base exclusivamente uma sentença que parece ter caráter crítico, mas é possível que torçam-na de seu contexto e possam até citá-la equivocadamente também. Nessa sentença solitária estenograficamente registrada em 1888 ela declara: "Algumas interpretações das Escrituras feitas pelo Dr. Waggoner eu não considero como corretas" (Ms 15, 1888).

O estenógrafo poderia não registrar a ênfase que Ellen White deu a esse "eu", mas está claro em seu contexto imediato que ela não acha falta em sua mensagem doutrinária. Antes, dispõe-se a renunciar a suas opiniões pessoais em busca de maior luz a ser recebida por meio de Waggoner: "Eu teria humildade de mente, e me disporia a ser instruída como uma criança. O Senhor tem-se comprazido em conceder-me grande luz, contudo eu sei que Ele dirige outras mentes, e abre-lhes os mistérios de Sua Palavra, e desejo receber cada raio de luz que Deus me enviar, conquanto possa vir por meio do mais humilde de Seus servos [uma óbvia referência a Waggoner]. . . . Algumas interpretações das Escrituras feitas pelo Dr. Waggoner eu não considero corretas. Mas . . . vejo a beleza da verdade na apresentação da justiça de Cristo com relação à lei como o doutor a tem exposto a nós. . . . *Isso que tem sido apresentado se harmoniza perfeitamente com a luz que Deus tem-Se comprazido em conceder-me durante todos os anos de minha experiência.* Se nossos irmãos ministrantes aceitassem a *doutrina* que tem sido apresentada tão claramente. . . . seus preconceitos não teriam um poder controlador. . . . Oremos como fez Davi: "Abre os meus olhos" (Ms. 15, 1888, ênfases acrescentadas).

Por uma década Ellen White expressa somente reconhecimento coerente, muitas vezes jubiloso, de que o Espírito Santo dava endosso à mensagem doutrinária de Waggoner e Jones, enquanto a oposição irrazoável que sofriam isolava-os e às vezes os conduzia a expressões insensatas, tal como o antigo Israel levou Moisés a pronunciar palavras e atos contundentes. Sua famosa carta de 9 de abril de 1893 a Jones inequivocamente elogia a sua teologia enquanto o adverte contra ser pressionado a usar expressões extremadas para a defender.

Conquanto os mensageiros de 1888 fossem humanos, como todos somos, não há aqui nenhum vestígio da parte de Ellen White de que revelassem falta de espírito cristão com relação a seus irmãos durante esses anos pioneiros, nenhuma evidência de que rudeza ou um espírito abrasivo da parte deles desse justa causa para que seus irmãos se lhes opusessem desse modo. Esses quatro volumes parecem tornar claro que nossas críticas publicadas há uma centena de anos de Jones e Waggoner perpetuam a descrença de 1888. Isso é fenomenal--após um século de nossa história, à semelhança da contínua rejeição dos judeus a Cristo e Seus apóstolos após quase 2.000 anos da história deles.

Mas a "introdução" da verdade "concede luz". Com a publicação desses quatro volumes finalmente nos volvemos à pista correta, e podemos esperar que o Senhor comece a operar daí em diante. Qualquer erudito hesitará agora em publicar interpretações incorretas do testemunho de Ellen White sobre 1888, pois o mais humilde leigo pode conferir as fontes por si mesmo.

(2) *Manuscripts and Memories of Minneapolis 1888* [Manuscritos e lembranças de Mineápolis 1888] (Pacific Press, 1988). Essa coleção adicional de 591 páginas inclui documentos de outros contemporâneos de Jones e Waggoner. Revelam que muitos dos "irmãos" deixam um registro de cegueira espiritual e resistência ao Espírito Santo num tempo de oportunidade escatológica sem precedentes. Todos eram homens trabalhadores, con-

sagrados à causa da Igreja, professando crer no evangelho, enquanto com poucas exceções revelam uma insensibilidade com a atual direção e ensino do Espírito Santo na "verdade do evangelho". E os mais preeminentes dentre eles estavam absorvidos em declarada oposição a Ellen White.

Além disso, nesses documentos nenhum daqueles que confessaram rejeição da mensagem de 1888 cita como escusa que a personalidade de Jones ou Waggoner os motivou a rejeitá-la. Sendo a natureza humana tendente à auto-justificação, exploraria uma falha significativa da parte deles se houvesse sido proeminente.

Dois irmãos que expressam crítica à personalidade de Jones em 1888 aguardam até 42 anos depois para fazê-lo, mas um deles (W. C. White) em 1889 estranhamente contradiz o seu testemunho negativo de 1930 com uma posição oposta de cálida recomendação. Em 1931 A. T. Robinson recorda os agudos comentários de Jones em Mineápolis a Urias Smith concernentes aos "dez chifres", mas na época parece não ter impressionado Ellen White o suficiente para mencioná-lo em seus diários de relatórios extensos da história de Mineápolis, nem qualquer um dos demais nessa coleção o faz.

Esse incidente isolado aparentemente causou pouca impressão em 1888 contra o pano de fundo de um endosso firme e inequívoco do Espírito Santo. Ou o lapso de tempo cobriu a imagem de Jones posterior a 1903 acima das lembranças anteriores de Robinson, ou o espírito de Jones nessa observação não era tão severo como ele presumia¹.

Há algo de patético na leitura dessa vasta correspondência de líderes da Igreja que conduzem negócios como costumeiramente num tempo em que agora sabemos ter sido um de oportunidade escatológica sem precedentes.

(3) *From 1888 to Apostasy--The Case of A. T. Jones* [De 1888 para a apostasia--o caso de A. T. Jones], por George R. Knight (Review and Herald, 1987). Esse volume especial da "Série Centenária de 1888" parece ser um esforço transparente para desacreditar tanto Jones quanto a mensagem que o Senhor lhe deu para esta Igreja. O livro oferece claro reconhecimento de que a mensagem foi rejeitada em Mineápolis e após isso, um passo no rumo da realidade; mas confunde o quadro por apresentar um Deus trapalhão que empreendeu uma pobre escolha de um mensageiro e Sua ingênua profetisa que era ultra-entusiasmada sobre a mensagem e mensageiro.

Tirando proveito de cada possível defeito, real ou imaginário, na personalidade e ministério de Jones e freqüentemente imputando motivos malignos gratuitamente, o autor o descreve como um homem de "boca leviana e discurso áspero", que empregava "linguagem sensacionalista" com "atitudes pomposas", "auto-confiante", "egoísta", um homem que "nunca dominou a arte da . . . bondade cristã", que tinha uma "personalidade abrasiva e exibicionista". Desde que se ergueu das águas batismais em Walla Walla, o jovem Jones é dominado por seu "perene problema de extremismo". Por que o Senhor escolheria tal homem de maneira especial?

A mensagem evangélica de Jones é descartada como contendo uma "mistura de erro"; fica, desse modo, implícito claramente que é perigoso aceitá-la. Especificamente, são atribuídas as pesadas responsabilidades de ter dado origem tanto às heresias da "carne santa" quando do panteísmo da virada do século.

Muitos leitores que não têm condições de conferir as fontes originais concluirão que nada do que diga um personagem tão quixotesco quanto Jones merece qualquer séria consideração hoje. Esta parece ser a tese do livro.

Mas se alguém pesquisa os relatos contemporâneos de Ellen White sobre o caráter e mensagem de Jones, um problema se revela. Ela o descreve como aquele que "porta a Palavra do Senhor", "o mensageiro delegado de Cristo", "um homem a quem Deus comissionou . . . [com] a demonstração do Espírito Santo", um "servo escolhido" . . . a quem Deus está utilizando". Ele é um dos únicos dois ministros adventistas do sétimo dia na história sobre quem ela atribui a posse de "credenciais celestiais"². Não parece estranho que tal difamação de Jones seja publicada e endossada em nossa Celebração do Centenário?

Acaso as nações ou igrejas vilipendiam costumeiramente os principais personagens que celebram em centenários?

Nosso autor endossa a errônea concepção popular de que a mensagem de 1888 por si só está perdida. Mas o entusiástico endosso de Ellen White, tanto da mensagem de Jones quanto da maneira de sua apresentação, continua por quase uma década seguindo-se a 1888, o que indica que a "mensagem" era mais do que as apresentações supostamente perdidas em Mineápolis. Anos mais tarde ela declara no tempo presente: "A mensagem que nos foi dada por A. T. Jones . . . é uma mensagem de Deus à Igreja de Laodicéia". "Deus o tem sustido . . . tem-lhe dado preciosa luz". [Carta S24, 1892; Carta 51a, 1895).

Durante esta década ela até fala com entusiasmo da personalidade de Jones e sua maneira de falar, contradizendo diretamente a impressão de rispidez: ele "apresenta [a mensagem] com beleza e amor", "com luz e graça e poder". Ouvindo-o, as pessoas "viam a verdade, bondade, misericórdia e amor de Deus como nunca a haviam apreciado antes". Ela considera "um privilégio estar ao lado de [Jones] e dar o meu testemunho com a mensagem para este tempo" (*Review and Herald*, 27 de maio de 1890; 12 de fevereiro de 1889; 18 de março de 1890; Carta, 9 de janeiro de 1893). É difícil compatibilizar essas palavras com a imagem de "empáfia", personalidade "ríspida" que nossos autores do Centenário lhe atribuem. Não consideraria ela uma situação embaraçosa "ficar ao lado" de um homem desses?

Contudo, esse livro não cria sua visão destrutiva de Jones a partir da imaginação moderna. Há realmente fontes históricas críticas dele. Ele tinha inimigos em seu tempo que o acusavam de "ser um fanático, extremista, e entusiasta", os quais "criticavam e depreciavam, e até lançavam ao ridículo o mensageiro mediante quem o Senhor tem operado com poder" [cf. *Testimonies to Ministers*, p. 97). *Mas esses eram oponentes descrentes lutando contra a direção do Espírito Santo*. Por que o julgamento deles seria superior ao de Ellen White?

O endosso de Jones pelo Senhor é por demais sério, pois ela declara que aqueles que "acusam e criticam [Jones] . . . acusam e criticam o Senhor que o enviou". Os oponentes serão "indagados no juízo, 'quem requereu isto de vossas mãos, erguer-se contra a mensagem e o mensageiro que Eu enviei ao Meu povo com luz, com graça, e poder?'" (*Ibid.*, p. 466; Carta, 9 de janeiro de 1893).

A acusação de que Jones virtualmente deu origem ao fanatismo da "carne santa" repousa literalmente sobre uma palavra que ele empregou em um editorial de 1898, que termina sendo uma citação direta do apóstolo Paulo. O contexto do editorial de 22 de novembro é a reforma de saúde, nada tendo a ver com "carne santa". Igualmente, a acusação de que Jones ensinava ou cria no panteísmo repousa nos pressupostos ou preconceitos de outros. Nenhuma sentença é citada dele como evidência objetiva de que cresse ou ensinasse o panteísmo.

Este pode parecer um detalhe sem importância, porém a integridade da "preciosíssima mensagem" que o Senhor enviou a este povo é a questão que está sob o crivo da crítica. Se essa mensagem conduziu os seus crentes ao panteísmo, Ellen White deve estar seriamente equivocada porque a mensagem era muito perigosa, não "preciosíssima". No caso de Jones, todavia, ela não conduziu ao panteísmo, provando assim que não poderia ter sido um fato para levar Waggoner ao panteísmo. O que levou ao problema do panteísmo (ou pan-enteísmo) foi o clima de rejeição da mensagem deles de 1888, não a sua aceitação.

Knight, entretanto, justifica sua acusação sugerindo uma nova definição de panteísmo. Sua verdadeira definição é a de um "Deus" *impessoal* vivendo em gramados e árvores. Para Knight, a perigosa fonte do panteísmo é o conceito de um Deus *pessoal* em íntima comunhão conosco, ressaltado em 1888, ligando a experiência de justificação pela fé *no coração do crente* com "a doutrina do santuário celestial e sua purificação". "A concepção do poder de Cristo no íntimo . . . inerente à mensagem de 1888 . . . quando levada a extremo . . . facilmente ultrapassa os limites para cair no panteísmo".

Mas essa imaginosa definição cria problemas insuperáveis, pois sugere

logicamente que o autor de Hebreus foi também um panteísta, bem como Ellen White. E Jesus também leva a concepção para além dos limites, assegurando a Seus seguidores que o Espírito Santo, o Seu Representante, não somente "habita em vós para sempre", mas "estará em vós". Aquilo que prova demais nada prova.

Existe, de fato, evidência de que em certo período de sua vida Jones tornou-se ríspido e conflitante. Ele perdeu seu apego à graça da mansidão para tornar-se um amargo crítico de seus ex-irmãos. *Mas isso foi mais de uma década toda após Mineápolis*. Há "dois" Jones's: (a) o "servo de Deus" de 1888-1903 que em geral honrava sua comissão e justificava suas "credenciais celestiais", conquanto às vezes revelando fraquezas humanas; e (b) o Jones pós 1903 que perdeu o rumo tragicamente. Opositores modernos de Jones confundem os dois. E os anos realmente críticos foram 1888-1893, pois a oposição tinha endurecido tanto por essa ocasião que nossa longa jornada tornou-se inevitável após 1893. O registro de Jones durante aqueles anos pioneiros parece claro.

A literatura do Centenário sobre Jones deixa de dar atenção a um ingrediente que falta no fascinante relato. Durante aqueles anos pioneiros de sua fidelidade, ele sofreu severa "perseguição" "anti-cristã", para tomar por empréstimo frases de Ellen White (*General Conference Bulletin* [Boletim da Associação Geral] 1893, p. 184). Seu impacto cumulativo desequilibrava e afetou suas faculdades espirituais. O Senhor não poderia ter cometido um erro em escolhê-lo para seu papel singular--proclamando "o começo" da mensagem do alto clamor. Nem errou Ellen White em apoiá-lo. "Em grande medida" sua falha posterior é a consequência de "nossa" descaridosa rejeição de sua mensagem, que Ellen White freqüentemente assemelhava ao espírito dos antigos judeus em rejeitar a Cristo.

A falha de Jones, assim, teve algo a ver com a consequência do que ela dissera quanto a nossos irmãos insultarem o Espírito Santo. Quando Ele vier na forma da bênção da chuva serôdia e for "insultado", nesse sentido único tem que partir. A bênção da chuva serôdia precisa ser removida no próprio tempo quando é desesperadamente necessitada. Contudo, o fermento do tempo não pode ser detido; a história precisa prosseguir, e daí todos os tipos de coisas más se desenvolvem. Essa é a nossa história denominacional.

Knight insiste em que Ellen White não se preocupava com aspectos doutrinários ou teológicos da mensagem de Jones e Waggoner. Os seus próprios escritos, porém, demonstram uma profunda preocupação pelos mesmos. Ela insta a Igreja a "*começar a viver a vida cristã de atenção aos outros agora*", mas sem o benefício da "preciosíssima mensagem" que o Senhor enviou e que somente pode tornar tal reforma uma realidade. Assim, sua posição [de Knight] logicamente faz retardar o relógio da reforma e deturpa uma centena de anos de história.

Em tempos pré-Mineápolis Ellen White freqüentemente instava a Igreja a começar a viver "a vida cristã de atenção aos outros agora". Mas ela se queixava de que suas exortações eram em grande medida ineficazes. Quando a mensagem de Jones e Waggoner vieram, ela regozijou-se porque viu como podia transformar os imperativos adventistas em capacitadoras alegrias. A posição de Knight logicamente reitera a oposição a 1888, prendendo-se aos imperativos legalistas populares enquanto denegrindo o capacitador evangelho dado por Deus, implícito na verdadeira mensagem de 1888 por si mesma.

(4) *A Adventist Review* [Revista adventista] de 7 de janeiro de 1988, na "Edição do Centenário" honra, por um lado, a mensagem de 1888 enquanto, por outro, a deprecia ao dizer que "Jones e Waggoner tinham o erro em mistura com a sua mensagem". Em outras palavras, temem a mensagem deles! De modo significativo, a edição inteira não lhes permite dizer uma palavra, tornando-os virtualmente *persona non grata* mesmo mais eficientemente do que fez o editor da *Review* um século antes. As questões singulares essenciais da mensagem deles não encontram lugar nessa edição. Contudo, Lutero, Paul Tournier, e até Urias Smith, o mais destacado oponente da mensagem deles, têm permissão de falar.

(5) *Ministry, International Journal for Clergy* [Ministério, revista internacional para o clero], fevereiro de 1988, Edição Especial Sobre Justificação Pela Fé. Os principais pontos como estabelecidos pelos vários escritores podem ser brevemente sumariados em itálico.

Nossos comentários que os acompanham não têm a intenção de serem críticos ou descobridores de faltas. É uma bênção que esta revista tenha sido publicada, pois tem conduzido muitas mentes perquiridoras ao estudo dessas questões. Esses comentários são oferecidos em vista da brevidade do tempo enquanto o Senhor ainda comissiona os quatro anjos a segurarem os quatro ventos um pouco mais:

(a) *"A Assembléia de 1888 foi marcada por aberta rebelião contra Ellen White de parte de um vasto número de nossos pastores. Ela chegou mesmo a perguntar-se a certa altura se Deus não deveria despertar um outro movimento, contudo, sua confiança na direção de Deus de Sua Igreja foi restaurada. A maioria dos delegados, "os ministros em geral", "quase todos", opuseram-se ao começo da gloriosa mensagem do alto clamor."* (cf. pp. 4, 6).

Este primeiro artigo é um desvio radical de décadas de insistência da parte da liderança sobre um ponto de vista oposto--de que quase todos os delegados de 1888 aceitaram a mensagem. É motivo de regozijo que a verdade da história de 1888 esteja sendo agora reconhecida, e o Senhor, na plenitude do tempo, pode acrescentar Suas bênçãos a isso. De todo o coração concordamos com a segurança esperançosa desse artigo de que no final a verdade triunfará e de que a Igreja ainda responderá à direção do Senhor. O conhecimento da verdade de nossa história deve preparar a Igreja para o arrependimento e reconciliação com o Espírito Santo.

(b) *"Realmente não sabemos o que foi a mensagem de 1888 porque as apresentações de Jones e Waggoner em Mineápolis não foram registradas taquigraficamente. Temos de confiar nos sermões e escritos de Ellen White e no que os expositores modernos presumem ser a mensagem."* (cf. pp 15, 16, 23-33).

A mensagem de Jones e Waggoner não se limitou às apresentações em Mineápolis, supostamente sem registro. Os endossos de Ellen White relacionam-se com as apresentações deles em andamento até 1896, e mesmo depois. Por exemplo, a sua famosa declaração de que a mensagem é "preciosíssima" não faz menção seja a Mineápolis ou 1888, mas é datada de 1896. (L. E. Froom declara que a viúva de Waggoner lhe disse que ela *de fato* registrou as apresentações de seu marido de 1888 em taquigrafia, e que ele adaptou e expandiu o material para seus editoriais de 1889 de *Signs* [Sinais], seu livro de 1890 *Christ and His Righteousness* [Cristo e Sua justiça], e *The Glad Tidings* [As boas novas].

Os livros de Ellen White, como *Steps to Christ* [Caminho a Cristo] e *Desire of Ages* [O desejado de todas as nações] são maravilhosos. Não obstante, ela nunca reivindicou que seus escritos tornassem a mensagem de Jones e Waggoner de 1888 ultrapassada. Nem jamais reivindicou que seus livros apresentavam a mensagem da chuva serôdia ou do alto clamor, a despeito de ter alegado isso com relação à mensagem de 1888. Milhões de exemplares de *Steps* têm sido vastamente circulados, contudo a chuva serôdia ainda não ocorreu. Por quê? Outro milênio de recebimento da chuva temporã não levará o grão à colheita porque a chuva serôdia é essencial. É sábio depreciar a mensagem que Ellen White declarou que assinalava o seu começo?

(c) *"A mensagem de justificação pela fé como apresentada por Jones e Waggoner continha erro. Ela levou às heresias da "carne santa" e panteísmo. Ellen White criticou a mensagem deles e achou-a em falta ."* (cf. p. 13, 61).

Todo escritor que retrata a mensagem como sendo errônea apegando-se àquela sentença isolada e excepcional de Ellen White--"Algumas interpretações das Escrituras dadas pelo Dr. Waggoner eu não considero como corretas" (Ms. 15, 1888). Torcer isso do seu contexto nega literalmente centenas de outras declarações que expressam endosso indiscutível. Somente uma metodologia viciada pode interpretá-la como crítica da teologia de Waggoner quando ela declara na mesma página: "O que tem sido apresentado harmoniza-se perfeitamente com a luz que Deus tem-Se comprazido em conceder-me". Poucos dias depois ela acrescenta: "Quando eu . . . tinha ouvido por primeira vez os pontos de vista do Pastor E. J. Waggoner, . . . declarei que tinha ouvido preciosas verdades proferidas a que eu poderia responder de todo coração". "Cada fibra de meu coração disse amém" (Ms 24, 1888; Ms. 5,

1889). Se pomos o "eu" em itálico, como ela bem poderia ter destacado no Ms. 15 da sentença sobre 1888, toda contradição é removida. Ela declara que está pronta para trocar opiniões pessoais preconcebidas por luz maior.

O teste final da mensagem singular de Jones e Waggoner é o testemunho das Escrituras. Aqui a evidência é também sólida.

(d) *"Uma parcela significativa da culpa pela rejeição, por parte da liderança da Igreja, da mensagem entre 1888 e 1896 repousa com Jones e Waggoner, que eram basicamente homens não convertidos naquela época, "orgulhosos, teimosos". Eles revelavam um espírito não santificado ao apresentar sua mensagem de justificação pela fé."* (cf. pp. 11, 13, 61).

Nenhuma evidência da parte de Ellen White dá respaldo a essas negras alegações. Tampouco as encontramos na correspondência recentemente publicada de contemporâneos de 1888 a 1896. É difícil entender como o Senhor escolheria dois mensageiros para uma obra especial em 1888 se eles nesse tempo fossem não-convertidos, ríspidos, insuportáveis, arrogantes, orgulhosos, teimosos, encenqueiros, etc.³

(e) *"Vários escritores sugerem que experiência pessoal e simpatia são mais importantes do que a verdade. Outro confronta isso declarando que a verdadeira experiência não pode ter lugar sem compreender-se a verdadeira doutrina. Mas a ênfase desse Ministry é que não precisamos da doutrina ou dos ensinamentos teológicos da mensagem de 1888 por si mesma e que é desorientador dar sério crédito a eles."* (cf. pp. 16, 61).

A justificação pela fé bíblica declara que o "evangelho é o poder de Deus para a salvação". Há nela uma "verdade do evangelho" doutrinária que contradiz a falsidade de "outro evangelho". "A verdade vos tornará livres". O erro doutrinário corrompe e paralisa o evangelho, mesmo quando apresentado em pequena quantidade. Uma "experiência" correta na época das questões finais será impossível sem a plena verdade do evangelho que comunica um conhecimento salvador como seu aspecto intrínseco.

(f) *"Não há diferença entre "fé da trasladação" e "fé da ressurreição". Os que defrontam o tempo de angústia final não vencerão nem refletirão o caráter de Cristo de modo mais significativo do que os que viveram em eras passadas."* (cf. p. 42).

Isso parece ser uma contradição do que se segue: "Os que estão vivendo sobre a terra quando a intercessão de Cristo cessar no santuário acima devem permanecer à vista de um Deus santo sem um mediador. . . . Deve haver uma obra especial de purificação, de remoção do pecado, entre o povo de Deus sobre a Terra" (*The Great Controversy* [O grande conflito], p. 425; ver também p. 623). Desde os inícios do Movimento Adventista nosso povo tem reconhecido a natureza singular da fé madura daqueles que estão prontos para recepcionar a Cristo em Seu retorno; se isso não estivesse claramente apoiado por muitas declarações da Bíblia e do Espírito de Profecia, deveria ser descartado como o *Ministry* recomenda. Mas o apoio inspirado é volumoso.

(g) *"O que dizemos é menos importante do que o modo por que o dizemos. Em outras palavras, a verdadeira doutrina parece menos importante do que uma personalidade agradável."* (cf. p. 61).

Levada a sua conclusão lógica, essa posição poderia dar crédito à marca da besta em lugar do selo de Deus, desde que o proponente demonstre o que parece ser um espírito mais agradável e simpático. "Muitos homens de refinado intelecto e maneiras agradáveis . . . são meros instrumentos polidos nas mãos de Satanás" (*Great Controversy*, p. 509). O Novo Testamento ensina que enquanto a verdade como ela é em Jesus sempre tornará o crente semelhante a Cristo em espírito, também tornará alguém agressivo pela verdade num sentido santificado; e os mensageiros de 1888 notavelmente o demonstraram.

(h) *"A apostasia de Jones e Waggoner é uma advertência para que não confiemos em sua mensagem. Em outras palavras, não pode ser "preciosíssima" se conduziu à derrocada final deles."* (cf. pp. 13, 61).

Isso não se harmoniza com as várias declarações de Ellen White de que o fracasso ou apostasia dos mensageiros de modo algum invalidará a mensagem deles, mas aqueles que assim pensam estarão sob um "engano fatal" (Carta S24, 1892).

(i) *"Ser um reformador é uma má idéia porque é perigoso. Geralmente os reformadores gozam de baixo conceito."* (cf. p. 62).

Ser um "reformador" fanático e auto-designado é indiscutivelmente perigoso; mas cooperar com o Espírito Santo em reforma não pode ser perigoso. A Igreja precisa desesperadamente de genuíno reavivamento e reforma, e pode não ser seguro esperar que outra geração a efetue.

(j) *"A teologia e pregação adventista são mais cristocêntricas hoje do que antes de 1888. Isso indica elogiável progresso espiritual desde 1888."* (cf. p. 62).

Isso pode bem ser verdade, mas se assim é ou não dependerá mais do julgamento de Cristo do que do nosso. Sua mensagem em Apocalipse 3:14-17 é ainda aplicável? Certamente os elementos essenciais da mensagem de 1888 ainda estão sendo objeto de oposição e tem sido mesmo silenciada cem anos depois, e o mundanismo e mornidão abundam. Isso não seria verdadeiro se o puro evangelho fosse claramente proclamado, pois é "o poder de Deus para a salvação". Cuidadosa análise de motivos pode revelar que há muito mais legalismo ainda implícito em nosso ensino atual do que nos damos conta.

(k) *"A mensagem de 1888 foi bem aceita na década que se seguiu a Mineápolis, e o novo presidente da Associação Geral, O. A. Olsen (não A. V. Olson) apoiou-a 'entusiasmamente'."* (cf. p. 62).

Essa afirmativa é refutada pelos testemunhos de Ellen White de 1896 que representam Olsen agindo "tal como Arão" ao submeter-se debilmente à influência dominadora de oponentes determinados da mensagem. Ver suas claras declarações citadas neste livro, no capítulo 15.

(l) *"A oração de Daniel no capítulo 9 não expressa arrependimento coletivo, mas intercessão, nem apóia a idéia de que uma geração pode arrepender-se pelos pecados de uma anterior. A idéia de arrependimento coletivo é também confundida nessa revista, presumindo-se que significa uma ação formal da Associação Geral em assembléia, reconhecendo o erro de um século atrás, e lamentando o fato de modo 'oficial'."* (cf. pp. 34-36; 7, 8).

Algo mais precisa de estudo--a realidade da culpa que o mundo todo compartilha pela morte do Filho de Deus (*Testimonies to Ministers* [Testemunhos para ministros], p. 38; *Desire of Ages* [O desejado de todas as nações], p. 745; Romanos 3:19). Deveriam somente os antigos judeus e romanos arrepender-se por esse pecado? O Calvário sumaria a culpa coletiva do mundo--culpa pelos pecados que podemos não ter cometido pessoalmente, mas cometeríamos, não fosse pela graça de Deus devido a nossa inimizade humana natural contra Ele (Romanos 8:7). Essa culpa é compartilhada por todo ser humano, à parte de arrependimento específico. O *Ministry* deve também reconhecer a experiência de Cristo de arrependimento coletivo em favor do mundo, como o Seu batismo demonstra (*In Heavenly Places* [Em lugares celestiais], p. 252; *Review and Herald*, 21 de janeiro de 1873; *General Conference Bulletin*, 1901, p. 36). O arrependimento coletivo bíblico é pessoal, arrependimento individual pelos pecados de outros como se fossem os nossos próprios, como o seriam não fosse pela graça de Cristo. Todos precisamos da justiça de Cristo imputada 100%. A confusão em reconhecer a verdadeira profundidade do arrependimento coletivo frustra a mensagem da justiça de Cristo, deixando implícito que não precisamos de sua completa imputação.

Nenhum ministro ou erudito responsável, quanto saibamos, jamais foi tão ingênuo para recomendar um voto formal por uma Associação Geral em assembléia, ou mesmo por uma comissão, como um método de endireitar o erro de 1888. "Confissão

coletiva" tem-se revelado sempre um termo inapropriado. "Arrependimento coletivo" é o termo apropriado, e graças a Deus tem sido agora reconhecido como digno de sério estudo.

(m) *"Deus tem pré-determinado o tempo para a segunda vinda de Cristo. Desse modo, para evitar um 'quadro distorcido' devemos desconsiderar declarações inspiradas que dizem que a temos retardado por nossa descrença ou que podemos apressá-la por arrependimento e verdadeira fé. Presume-se que Cristo retardou Sua vinda, mas seguir-se-ia logicamente que é 'ímpio' sugerir que a temos retardado."* (cf. pp. 41-45).

Isso é o oposto do que Cristo declara em Sua parábola. Essa tese prende-se a duas declarações isoladas de Ellen White, ambas aplicadas equivocadamente e uma realmente citada de modo errado. Conquanto seja verdade que o retorno de Cristo tem sido retardado, não foi Ele quem o retardou, mas nós:

(i) "Como as estrelas no vasto circuito de seu caminho designado, os propósitos de Deus não conhecem pressa nem atraso" (*Desire of Ages* [O desejado de todas as nações], p. 32). Neste ponto Ellen White discute a *primeira* vinda de Cristo, não Sua segunda. Notem o contexto: "A hora da vinda de Cristo havia sido determinada. Quando o grande relógio do tempo assinalou aquele momento, Jesus nasceu em Belém". O autor presume que em vista de ter havido um tempo pré-determinado para a primeira vinda de nosso Senhor, deve haver a mesma coisa para a segunda. O primeiro foi estabelecido pelas profecias de tempo de Daniel; a segundo fica numa categoria diversa: "Nos dias da voz do sétimo anjo, quando ele começar a soar" não mais haverá *kronos* (Apocalipse 10:7,6). Em outras palavras, desde 1844 não há mais tempo pré-determinado, predestinado.

(ii) "A aparente demora não o é assim em realidade, pois na ocasião designada, nosso Senhor virá" (Carta 38, 1888). Nosso autor posteriormente cita de forma errada isto como *"Seu 'tempo designado'"*, quando o Senhor mesmo explica o que é o "tempo designado"--não pré-determinismo, mas "quando o grão estiver maduro" imediatamente será aplicada a foice. "É já vinda a ora de segar, porque já a seara da terra está madura" (Marcos 4:39; Apocalipse 14:15). Nosso autor não faz referência a essas duas passagens bíblicas fundamentais, mas virtualmente leva Ellen White a contradizer ambas. Ele ainda comenta que "Ellen White realmente disse que Cristo retardou Sua vinda", mas a faz empregar a linguagem do servo infiel da parábola. Na realidade *nós* é que a retardamos.

Esta tese introduz um elemento de calvinismo no pensamento adventista, descartando a realidade do evento de 1888 em relação com o tempo do segundo advento. A infinita presciência do Pai não permite um fio de pré-determinismo calvinista.

(n) *"'A Dinâmica da Salvação' é recomendada como uma declaração de justificação pela fé tão completa e eficaz que virtualmente torna desnecessária a publicação da própria mensagem de 1888. Aqui há evidência de que a liderança entende, crê e prega a mensagem. O prefácio deplora o fato de que alguns acusam a liderança da Igreja hoje de manter as posições sobre justificação pela fé daqueles que se opunham à mensagem de 1888 um século atrás."* (cf. pp. 22-28).

(i) É evidente que isso se tornou uma questão sensível e carregada emocionalmente. É verdade que os autores presentes têm de fato tomado a posição por anos de que nossa "justificação pela fé" popular de hoje é em grande medida uma combinação daquela das igrejas observadoras do domingo e daquilo que ensinavam os que se opunham à mensagem de 1888 um século atrás.

(ii) Os autores presentes devem confessar que criam que a evidência indica que nossa longa jornada pelo deserto por um século e a mornidão da Igreja em escala mundial são evidências concretas da rejeição da mensagem de 1888 deixando nosso povo dela carente. Nós não desejamos antagonizar nossos irmãos; apenas queremos ser honestos em declarar nossas convicções segundo a consciência requer, e declará-las num espírito de amor e lealdade cristãs.

(iii) Essa questão é tão vitalmente importante que a Igreja mundial deve considerá-la candidamente. Se nossa posição for equivocada, a Igreja mundial deve rejeitá-la decididamente. Se estivermos certos, nada poderia ser mais importante para estabelecer o

lado da verdade. Precisamos honestamente analisar a mensagem de 1888 nos escritos existentes, e comparar com ela nossas apresentações contemporâneas do evangelho. As posições predominantes da Igreja podem ser analisadas em seus motivos nas publicações denominacionais. Descobriremos que os mensageiros de 1888 empreenderam uma reviravolta no entendimento doutrinário e prático que supera o calvinismo e o arminianismo, indo muito adiante de ambos. Esta foi a razão para a década de entusiasmo de Ellen White pela mensagem deles. Uma mensagem que mais claramente recupera as verdades plenas do evangelho do que o realizaram os reformadores do século 16 ou os nossos próprios exegetas de hoje devem iluminar a terra com glória.

(iv) As reivindicações feitas para este documento são semelhantes às do presidente da Associação Geral de 1952 na Conferência Bíblica de Sligo. Ele alegou que a mensagem apresentada ali superou a mensagem de 1888. É fútil que o *Ministry* reivindique que nossos eruditos façam o mesmo hoje, e é igualmente fútil para estes autores presentes manterem que não o fazem. Que a Igreja mundial considere a evidência objetiva comparando os dois.

(v) O que se segue são alguns dos conceitos singulares de 1888: justificação legal e a eficácia do que é pela fé; as gloriosas boas novas dos dois concertos; o portentoso poder de Cristo para salvar do pecado que perdura; Sua proximidade em assumir nossa natureza humana pecaminosa; a iniciativa do Espírito Santo em salvar os perdidos; a iniciativa do Bom Pastor em buscar Suas ovelhas perdidas; a possibilidade de vencer todo o pecado tal como Cristo venceu em nosso benefício; a certeza de uma geração final que reflete a perfeição do caráter de Cristo; a relação prática da purificação do santuário celestial com a purificação dos corações humanos; a motivação de preocupação com a honra de Cristo que transcende a busca centralizada no eu de recompensa ou de evitar a punição; a realidade dos perdidos tomarem a iniciativa de se perderem; e a verdade de que o sacrifício de Cristo realizou muito mais do que fazer uma mera provisão que nada faz a menos que façamos alguma coisa--Ele deu o Seu sangue pelo mundo, portanto o mundo deve-Lhe sua vida presente. A mensagem de 1888 alcançou as profundezas da expiação numa maneira que deve ainda captar a atenção do mundo.

Com a exceção de uns poucos breves excertos, um escritor cita de Waggoner sem que nenhuma das declarações de endosso por Ellen White tenha permissão de falar no *Ministry*. A revista de 64 páginas é dedicada a 1888, contudo o leitor não vê indício algum da autêntica mensagem, propriamente dita, tal como "o Senhor em Sua grande misericórdia" a enviou. Indubitavelmente a razão é que os editores sabem que todo elemento singular dessa mensagem é controvertido hoje, de modo que a própria mensagem de 1888 tem agora se tornado a pedra de tropeço e a rocha de ofensa à Igreja Adventista do Sétimo Dia, como Cristo se tornara para os antigos judeus.

(6) *Perfect in Christ* [Perfeitos em Cristo], por Helmut Ott (Review and Herald, 1987) é recomendado na *Adventist Review* de 7 de janeiro de 1988, p. 21. "Enfoca dois temas da assembléia de 1888: a obra de Cristo hoje em assegurar salvação àqueles que O aceitam, e a justiça todo-suficiente de Cristo imputada à humanidade mediante a fé".

De fato, a tese básica desse livro está em direta contradição com a mensagem da justiça de Cristo de 1888. Contudo, o autor manipulou tão espertamente as Escrituras e declarações de Ellen White que os editores da Review presumiram que o manuscrito ensinava uma justificação pela fé válida.

A idéia básica é que nosso poderoso Salvador é tão fraco que nunca capacita "crentes a desenvolverem perfeita justiça ou alcançar maturidade espiritual" ou demonstrar Sua justiça "na história de sua vida pessoal". O persistente pecado e injustiça prática é convenientemente coberta pela substituição legal da perfeita justiça de Cristo. O autor cria um homem de palha que pode ridicularizar com o uso de seu próprio verbo rebaixador: "Os crentes na verdade" não "alcançam . . . perfeita justiça . . . na história pessoal de suas vidas".

A verdadeira questão, porém, não é se os crente *alcançam* um caráter

semelhante ao de Cristo, mas se mediante fé Nele *demonstrarão* tal caráter "na história pessoal de suas vidas". As Escrituras esmagadoramente dizem que o farão.

O exemplar perde de vista o conceito de justificação pela fé de 1888. A declaração *legal* de justificação que é resultante do sacrifício de Cristo aplica-se ao "mundo todo", a "todos os homens" (Romanos 3:23, 24; 5:18; 2 Coríntios 5:19; 1 João 1:29, etc.) Mas aqueles que respondam às Boas Novas, que *crêem*, experimentam justificação *pela fé*, e são assim tornados verdadeiramente obedientes a todos os mandamentos de Deus. A instrumentalidade que opera esse milagre é a "fé que opera pelo amor". Assim o povo de Deus *demonstrará* "na história pessoal de suas vidas" uma verdadeira obediência.

O pessoal dos Depositários de Ellen White preparou no princípio de 1988 uma "Análise" do livro de Ott que conclui ser incompreensível ter podido ser publicado por uma editora adventista do sétimo dia. A análise demonstra que tal livro torna "de nenhum efeito o testemunho do Espírito de Deus" como apresentado nos escritos de Ellen White, e que os argumentos utilizados são respaldados pelo mesmo uso distorcido e interpretações falsas das declarações de Ellen White que caracterizavam a pesquisa de Desmond Ford (20 de janeiro de 1988).

(7) *Grace on Trial* [Graça em julgamento], por Robert J. Wieland é o manuscrito de um livro solicitado em 1987 pelos editores da Pacific Press que planejavam lançar a obra no mercado para as reuniões campais de 1988. Foi devidamente submetido aos editores de acordo com os procedimentos denominacionais normais. Após o exame do manuscrito, os editores votaram por sua publicação e procederam às providências para tanto. Quando estava nos estágios iniciais do processo de produção, a Associação Geral interveio e forçou-os a rejeitá-lo.

Caso houvesse sido publicado pela Pacific Press, teria sido o primeiro livro da Série do Centenário que permitiria aos mensageiros de 1888 apresentarem sua mensagem com as próprias palavras.

(8) *What Every Adventist Should Know about 1888* [O que todo adventista devia saber sobre 1888], por Arnold V. Wallenkampf (Review and Herald, 1988) é um marco em nossa história denominacional. Uma versão expandida de quatro artigos não publicados que o Dr. Wallenkampf escreveu em 1979, esse livro contradiz totalmente a tese "rico-de-nada-tendo-falta" das principais obras sobre 1888 que têm sido publicadas com apoio oficial ao longo dos últimos quarenta anos.

O autor torna abundantemente claro que a mensagem graciosa foi objeto de resistência e rejeitada pela "maioria dos ministros na assembléia [de 1888]", e que a resistência prosseguiu "com o passar dos anos". Ele declara que temos estado num "estado de rebelião contra Deus". Os dirigentes adventistas do sétimo dia "trataram cruelmente" o Espírito Santo com "palavras duras . . . dirigidas ao próprio Cristo". Nossa verdadeira história é um "conluio", "traição e crucificação de Jesus" que "choca a imaginação". Precisamos aprender a "não seguir líderes cegamente". "Se a maioria dos delegados da assembléia de Mineápolis não tivessem seguido os seus líderes em rejeitar a mensagem de 1888, Ellen White não teria deixado implícito que Cristo foi figuradamente crucificado naquela assembléia".

Alem disso, ele faz notar que o arrependimento dos mais influentes oponentes da mensagem "não foi de todo o coração e completa". "Uma imperceptível maré montante de oposição se estava erguendo contra ela" na década que se seguiu a Mineápolis. "Em 1899 a justiça da Igreja havia se tornado nauseante ao nosso Salvador". O exílio de Ellen White para a Austrália teve relação com a descrença de 1888: "Foi em grande medida o mal-estar entre certos líderes influentes para com ela e as suas mensagens que inspiraram o plano que a levou a Austrália em 1891". A situação pouco melhorou por 1901: "Aparentemente, de 1902 a 1904 a Igreja estava em perigo de resvalar ao mesmo estado que havia existido antes da assembléia de Mineápolis". Ellen White não cria que "a maioria dos adventistas do sétimo dia havia aceito a mensagem de 1888 como uma experiência pessoal antes de sua morte em

1915". Em 1926 A. G. Daniells "cria que a Igreja Adventista ainda estava aguardando a experiência que Deus tinha esperado introduzir em Mineápolis".

Segundo Wallenkampf, criamos a trágica descrença hoje por "fazer crer" que a rejeição inicial transformou-se posteriormente em "entusiástica aceitação". "Se não apresentarmos de modo claro a história da assembléia da Associação Geral e sua consequência, nós como denominação perpetuamos o pecado cometido em Mineápolis em 1888. Ao fazê-lo, unimo-nos aos nossos antepassados espirituais e virtualmente crucificamos a Cristo de novo na pessoa do Espírito Santo".

Um dirigente da Associação Geral está por fim falando abertamente: "Cabe a nós como povo confessar que por longo tempo temos em grande medida passado por alto a virtual rejeição da mensagem de 1888. . . . Deus deseja que todos os Seus seguidores sejam verazes e honestos". "Nossa presente responsabilidade é contar a verdade sobre a assembléia de Mineápolis de 1888 e o que se seguiu a ela. Não há virtude em dizer que tudo tem estado bem quando assim não é". Essas são palavras dele, não nossas.

Amém!

Que o Espírito Santo em grande misericórdia capacite-nos todos a ser honestos neste ano do Centenário! Ele pode conceder reavivamento, reforma, e arrependimento se nos simplesmente dissermos a verdade plena e pararmos de reprimi-la ou negá-la. Isso trará reconciliação com Cristo e há de curar nossas alienações internas. Certamente 1000 anos é tempo suficiente para defrontar a realidade do chamado de Cristo ao "anjo da igreja de Laodicéia" para o arrependimento. (Wallenkampf reconhece que esse "anjo" é a liderança da Igreja Adventista do Sétimo Dia, e que nossas décadas de negação têm produzido mornidão em escala mundial e letargia na Igreja). A evidência é agora clara de que Cristo já esperou demais. Ele não pode suportar para sempre a Sua náusea.

Ocorre definido progresso no ano do Centenário de 1888. O enfoque de atenção denominacional a 1888, sua história e sua mensagem, mesmo através de informação equivocada, pode ser abençoado pelo Senhor para o despertar de muitas mentes. Especialmente os jovens que estão sendo confundidos pelo adventismo contemporâneo ficarão intrigados pelo novo candor. E o Espírito Santo permite até a publicação de falsidades para serem superadas por mais profundas delineações de verdade. (Wallenkampf ataca a idéia de arrependimento coletivo mas dá clara evidência de que sinceramente não a compreende. O difundido ridículo quanto a arrependimento coletivo e denominacional em 1888 será superado pelo Espírito Santo para despertar muitas mentes sérias levando-as a ponderarem mais profundamente sobre o chamado de Cristo em Apocalipse 3:19. É abominável para os líderes adventistas acumularem desprezo sobre o Seu chamado).

É de se esperar que esta geração chegue a reconhecer nossa verdadeira necessidade espiritual como um povo, e experimente uma fome e sede pela justificação (pela fé) que o Senhor em Sua grande misericórdia tentou nos dar. O arrependimento não pode ser operado por nós próprios ou mesmo forçado pela publicação da esmagadora evidência documental. Permanece um precioso dom de Deus.

Esperamos e oramos para que Ele graciosamente o conceda a esta geração.

1 J. S. Washburn disse a estes autores do incidente em 1950, seu contexto, porém, também apóia fortemente a Jones como demonstrando suas "credenciais celestes" na época. Ver transcrição da entrevista de 4 de junho de 1950 publicada no *1888 Message Study Committee Newsletter* [Boletim da Comissão de Estudo da Mensagem de 1888], 2934 Sherbrook Drive, Uniontown, Ohio 44685.

2 Fontes para as citações de Knight e Ellen White se acham em *A. T. Jones: The Man and the Message* (1888 Message Study Committee, 2934 Sherbrook Drive, Uniontown, Ohio, 1988).

3 Numa carta a Jones muito depois de ele ter "apostatado" Ellen White disse que ele "nunca havia sido inteiramente convertido" (19 de novembro de 1911). Se o "nunca" remonta ao tempo em que o Senhor o susteve nos seus labores, temos um sério problema com o endosso de Ellen White e com a obviamente contrita experiência de Jones naquela época. A

frase "nunca havia" mais provavelmente faz referência à época de seus apelos a ele no período pós 1900, quando era um homem que havia "perdido suas estribeiras", e assim perdera sua conversão.

Preview your site

A JUSTIFICAÇÃO E JUSTIÇA PELA FÉ

Comparação de Três Pontos de Vista Contrastantes

Pr. Robert J. Wieland, 30.08.1977

O Ponto de Vista

Evangélico Popular

1. Começa com a necessidade do homem por segurança eterna. Assim o apelo é centrado no eu. Nunca vai além do egocentrismo.
2. O amor de Deus é em si mesmo egocêntrico. Cristo foi sustentado por interesse centrado no eu. Ele não morreu o equivalente da *segunda morte*, mas foi imediatamente ao Paraíso, como a doutrina da imortalidade natural da alma requer. Assim o verdadeiro amor do Novo Testamento, *ágape*, é eclipsado e anulado.
3. Fé é *confiança* no sentido de uma pessoa gananciosa querer garantir a segurança pessoal na *salvação*. Embora haja muito falar de *Cristo*, mas de fato tudo se centraliza no eu e a fé permanece como o meio de satisfazer a insegurança pessoal.
4. Jesus ensinou que o amor-próprio é uma virtude - "*amarás o teu próximo como a ti mesmo*". Mas são forçados a mal compreender a Sua ordem. O erro fundamental da imortalidade natural da alma lança fora de foco de forma errada todos os seus pontos de vista sobre a justiça pela fé.
5. Deus há muito tempo fez uma provisão para a nossa salvação, mas Jesus não faz nada por nós até que o *aceitemos*. Assim, a idéia transmitida é que se formos salvos será devido à nossa própria iniciativa. E se estivermos perdidos é Deus que tomará a iniciativa de nos punir.
6. O evangelho é as *boas novas* do que Deus fará por nós se fizermos a nossa parte, isto é, *aceitar a Jesus* e assim mudar nosso irado Deus num amigo.

O Ponto de Vista Atual

Adventista do Sétimo Dia

1. Muito similar. O apelo comum é para nosso egoísmo natural. Parece difícil concebermos qualquer outro apelo mais efetivo do que o egocêntrico. Começa com a necessidade do pecador.
2. Mui poucos de nossos escritores e pregadores contemporâneos reconhecem a natureza egocêntrica do amor como entendido pelas igrejas populares, em contraste com o amor abnegado do Novo Testamento (*ágape*). Muita confusão sobre o significado do amor.
3. Praticamente a mesma coisa. A fé é quase universalmente definida nos mesmos termos como os Evangélicos.
4. Jesus ensinou que o amor do eu é uma virtude, uma pré-condição necessária para amar os outros. O amor-próprio é fortemente enfatizado, sendo extremamente popular. O amor do eu e o apropriado respeito-próprio são confundidos.
5. Deus tem feito uma provisão para nossa salvação, mas isto não nos fará nenhum bem até que *aceitemos a Cristo*. O egocentrismo distorce e altera todos os conceitos de justificação. Isto é inevitável quando o pecador é ensinado que tudo depende do que ele faz com a oferta de Deus.
6. O evangelho é as *boas novas* do que Deus fará por nós se fizermos a nossa parte. Tudo depende de nossa iniciativa agora. Ele espera que nós demos o primeiro passo.

O Ponto de Vista de 1888

de Jones e Waggoner, endossado

por Ellen G. White

1.Começa com a revelação do amor de Deus na cruz (I Cor. 2:1-5).

O apelo é por uma motivação mais elevada - amor e gratidão. Assim não é egocêntrico.

2.O verdadeiro amor é absoluta- mente abnegado, desejando mesmo abdicar da salvação pessoal pelo bem dos outros. O amor de Cristo é o modelo. Ele morreu o equivalente da segunda morte. Este amor, ha- bitando no coração, expulsa o ego- centrismo, a causa da mornidão, e terminará a obra do evangelho.

3.Fé é uma apreciação tão profunda do amor sacrificial de Deus que o crente é constrangido a adotar os princípios do Céu de amor abnega- do como a motivação para todos os seus atos. Faz o que é certo porque é certo e não com a esperança de recompensa ou medo de punição. Conquista o egocentrismo e a mornidão.

4.Jesus ensinou que a pessoa con-vertida amará o seu próximo como, antes da conversão, achava natural amar a si mesma. Somente quando o eu é crucificado com Cristo podem os homens ter um verdadeiro senso do valor-próprio. Isto ocorre quando o amor-próprio, o pilar central do reino de Satanás, é expulso da alma pela fé.

5.Cristo justificou a todos os homens; as *boas novas* assim lhes dizem. Pelo Espírito, Jesus, persistente e ativamente, *atrai* a todos até que O façam retirar-Se pela persistente rejeição. As *boas novas* não são **SE** fizermos a nossa parte, mas se realmente apreciamos o que **ELE** tem feito (ter fé). A verdadeira aceitação é a fé real.

6.O evangelho é as *boas novas* do que Deus fez e está fazendo por nós agora. Ele nos tem *atraído* em toda nossa vida (Jer. 31:3, João 12:32). Se não resistirmos, seremos salvos. O evangelho motiva para uma verdadeira entrega do coração, uma resposta da fé. (Caminho a Cristo, p. 27).

O Ponto de Vista Evangélico Popular

7.Para Deus nos aceitar depende de aceitarmos a Cristo. Estamos fora da *família* de Deus até que aceitemos a Cristo.

8.Deus torturará o perdido num inferno de fogo eterno. A doutrina da imortalidade natural da alma requer isto. O motivo egocêntrico distorce dessa forma seu ponto de vista sobre o caráter de Deus.

9.Remissão é o *perdão* dos pecados por Deus. Nenhuma distinção entre o perdão e o apagar os pecados. Deus virtualmente desculpa o pecado na base da *obra terminada por Cristo no Calvário*.

10.É difícil ser salvo e fácil perder-se, mas de modo geral não desenvolveram essa idéia tanto quanto nós.

11.O pecador deve ser pressionado a aceitar e se entregar a Cristo - aceitando a Cristo enquanto continua a ser centrado no eu e desobediente a lei de Deus.

12.Quando o pecador *aceita* ele é justificado.

13.A justificação pela fé é um ato judicial de contabilidade por Deus em que um homem injusto, ainda mau, é declarado justo enquanto continua a ser indulgente com motivações pecaminosas. Motivo antinomiano (a fé e não os atos como a única condição de salvação).

14.A expiação é o aplacamento da ira do Pai, realizado por Cristo, contra o pecado e pecadores, assegurando o perdão e a tolerância do pecado. No melhor é vencer o pecado nos níveis mais baixos, apenas para vê-lo reaparecer nos níveis mais altos.

15.Simples mas justamente afirma-do, seu ponto de vista sobre justifi-cação e justiça pela fé conduz à desobediência dos mandamentos de Deus. Como se pode explicar a continuada rejeição do quarto mandamento após 1844?

O Ponto de Vista Atual Adventista do Sétimo Dia

7.Deus nos aceitar depende de aceitarmos a Cristo. Quase o mesmo.

8.Deus torturará e destruirá o perdido num inferno de fogo que aniquila.

9.Remissão é o perdão dos pecados por Deus. Pouca ênfase no custo envolvido ou no fato de que a absolvição do Novo Testamento seja retirar o pecado.

10.A maioria pensa que é difícil ser salvo e fácil estar perdido. Uma vez que poucos serão salvos, deve ser mesmo difícil ser salvo. Através de muitos meios essa idéia está arraigada nos jovens.

11.As técnicas evangelísticas comuns utilizam várias formas sutis (algumas não sutis) para pressionar o pecador a *aceitar* e *entregar-se*, tais como, apelos altamente persuasivos para ir a frente, baseados em motivação egocêntrica, esperança de recompensa ou medo de punição.

12.Quando o pecador *aceita* ele é justificado.

13.Basicamente o mesmo, com raras exceções. Os aspectos objetivos e subjetivos da justificação são confundidos. Nenhuma mudança do coração ocorre nessa *justificação pela fé*.

14.De algum modo misterioso há uma expiação pelos pecados que satisfaz a ira de Deus contra os pecadores. A quem mais pode a expiação satisfazer? Ênfase exagerada na estrutura legalista da expiação eclipsa o poder da graça.

15.Nosso ponto de vista popular sobre justificação e justiça pela fé por décadas não tem verdadeiramente purificado a igreja de imoralidade, mornidão, mundanismo, cobiça, orgulho.

O Ponto de Vista de 1888 de Jones e Waggoner, endossado por Ellen G. White

7.Deus já nos aceitou em Cristo. Nossa parte é crer nesta verdade, que é o evangelho. Tal *fé opera*, provendo inteira motivação para a obediência.

8."Deus não destrói o homem; todo homem que for destruído, destruir-se-á a si mesmo". O pecado, não Deus, destrói os ímpios. A segunda morte é algo misericordioso para finalizar a real miséria deles.

9.Remissão é retirar os pecados. A ênfase está sobre o custo da remissão - o sacrifício de Cristo; "*a remoção dos pecados* é necessária para a purificação do santuário, e para a vindicação de Cristo.

10.É fácil ser salvo e difícil perder-se, uma vez que compreendamos e creiamos na verdade da justificação pela fé. O *evangelho* é importante pelo que ele é - *as boas novas*.

11.Qualquer uso de pressão, truques, ou medo, denuncia a ineficácia da mensagem apresentada. A mensagem de 1888 anunciou um novo dia no evangelismo, de acordo com E.G.White. Uma vez que a verdade seja propriamente revelada para o pesquisador da verdade, nada pode impedi-lo de responder.

12.Na realidade, todos os homens foram justificados quando Cristo morreu por todos. Isto é forense.

13.Quando Deus *declara* alguém justo Ele não mente. A justificação pela fé vai além da justificação forense e envolve uma verdadeira mudança de coração. Deus conta a fé como justiça, e a Sua *declaração* é em realidade avaliação ou reconhecimento. (*ver o nº 3*).

14.Embora Deus verdadeiramente odeie o pecado, o sacrifício de Cristo não *O pacifica* ou O motiva para amar os pecadores, pois Ele já os amou. A propiciação é oferecida pelo Pai; ela reconcilia o pecador crente e o universo. Como a carne reveste os ossos, assim a graça reveste a base legal da expiação.

15.A verdadeira justiça pela fé conduz o crente à preparação para a transladação; mais importante, conduz a corporação da igreja para aquele objetivo (transladação), na mesma geração que a aceita. Manifestada em obediência a todos os mandamentos de Deus.

O Ponto de Vista Evangélico Popular

16.O supremo objetivo na vida é conquistar a segurança eterna, ser *salvo*, pois se morrermos hoje iremos para o céu.

17.O pecado é a conduta inaceitável à comunidade cristã popular. Ela não inclui a guarda do domingo ou a quebra do sábado.

18.O arrependimento é um dever desagradável a ser cumprido no início da vida cristã.

19.*Nascido sob a lei* (Gal. 4:4) significa que Cristo *nasceu* sob as ordenanças judaicas.

20.A natureza e a carne de Cristo eram diferentes das nossas - Ele foi imune ou isento do *pecado original*.

21.Cristo levou nossa culpa apenas vicariamente, não verdadeiramente. Isto é consequência do citado acima.

22.A tentação, para Cristo, não era uma coisa real que nós temos de enfrentar. Suas tentações eram apenas tentações inocentes - isto é, era tentado apenas a fazer coisas que não seriam pecaminosas, alguns dizem, ou Ele foi tentado como foi o inocente Adão.

23.Cristo era naturalmente bom. Sua vontade era idêntica a de Seu Pai.

O Ponto de Vista Atual

Adventista do Sétimo Dia

16.O supremo objetivo na vida é estar preparado para entrar no céu, ganhar a eterna segurança lá. A *garantia* pessoal da segurança tem a mais alta prioridade.

17.O pecado é a transgressão da lei - a definição padrão adventista. Com frequência entendido superficialmente como mera quebra de um tabu moral. Muita ênfase sobre atos *conhecidos* de pecado.

18.Temos um conceito nebuloso de arrependimento. O arrependimento é considerado inconsistente com a felicidade e a felicidade é o objetivo do cristão. *Cair sobre a Rocha* é ridículo. Muita oposição à cruz do crente. O ego deve ser satisfeito.

19.*Nasceu sob a lei* em Gal. 4:4 significa que Cristo nasceu sob a lei cerimonial judaica (cf. comentários sobre o texto, 6SDABC, 966).

20.A maioria de nossos escritores e teólogos agora ensinam que Cristo tomou a natureza sem pecado de Adão antes de sua queda no Éden. Assim Jesus tinha *carne santa*.

21.Cristo levou nossa culpa *vicariamente* e apenas assim. Ele não podia realmente levar a culpa. Isto é em consequência da falha de entender a realidade da identidade de Cristo com a corporação da humanidade.

22.Era *impossível, inútil, e desnecessário* para Cristo ser verdadeira-mente tentado em todos os pontos como nós somos. Virtualmente o mesmo que o ponto de vista evangélico. Essa trágica compreensão incorreta resulta da ignorância generalizada da mensagem de 1888. A citação acima é da Ministry Magazine, janeiro de 1961. Indubitavelmente esse ponto de vista exacerbou a imoralidade e o divórcio dentro da igreja.

23.Cristo era *naturalmente* bom. Sua própria vontade era idêntica a de Seu Pai. Nenhum conflito interior. Esse ponto de vista falha em apreciar a realidade da encarnação e das tentações de Cristo como reveladas em Mateus 26:39.

O Ponto de Vista de 1888

de Jones e Waggoner, endossado

por Ellen G. White

16.O objetivo supremo na vida é assegurar a honra e a vindicação de Cristo no encerramento da *grande controvérsia*. Cristo deve receber a Sua recompensa.

17.*Tudo quanto não procede da fé é pecado ou o pecado é tudo o que não é de fé*. (Lembre-se da definição do Novo Testamento no nº 3). O pecado não é a mera quebra de um tabu, mas a falha em apreciar o verdadeiro caráter de Deus, revelado na cruz.

18.O arrependimento é uma experiência satisfatória e feliz da realidade. Aprofunda-se através da vida. Uma sempre profunda tristeza pelo pecado significa um sempre mais íntimo relacionamento com Cristo, que foi *feito pecado por nós*. O que *se gloria na cruz* está comprometido com qualquer sacrifício.

19.*Nasceu sob a lei* em Gal. 4:4 significa sob a condenação da lei moral. Assim Cristo não foi *imune* de nada, mas não escolheu o pecado. Ele foi ambos Substituto e Exemplo.

20.Cristo *tomou* a natureza pecaminosa do homem após a queda de Adão. Desse modo Ele foi enviado *na semelhança da carne pecaminosa*. Jesus não foi isento de nada, mas não escolheu o pecado. Foi ambos Substituto e Exemplo ao pecador.

21.Cristo realmente levou a nossa culpa, embora Ele fosse sem pecado. Cristo verdadeiramente Se identificou conosco completamente. Seu batismo foi *para o arrependimento*. (A palavra *vicário* nunca foi usada por EGW, ATJ ou EJW). Cf. GCB 1901, p. 36.

22.Cristo foi verdadeira e severa-mente tentado em todos os pontos como nós somos, identicamente conosco, não meramente como foi o inocente Adão. Ele foi tentado de dentro como nós somos, embora sem pecado. Ele conhece a plena força de qualquer tentação que qualquer filha ou filho caído de Adão pode sentir - não há ninguém que Ele não possa socorrer. Heb. 2:18.

23.A justiça de Cristo não era *natural*, mas pela fé. Ele teve de negar a Sua própria vontade a fim de seguir a vontade de Seu Pai, pois Sua vontade natural era oposta a de Seu Pai. João 5:30; 6:38.

O Ponto de Vista

Evangélico Popular

24.Especificamente, cristo não foi *exemplo* ou *norma* na área de sexualidade. (Para um exemplo deste ponto de vista ver painel de discussão em Christianity Today, 21.7.1967.)

25.Devido a um falso ponto de vista sobre a natureza de Cristo, Sua *justiça* é um termo sem sentido. O ponto de vista calvinista limita Sua justiça à substituição e ignora a realidade de Seu exemplo para nós.

26.Nenhum conceito qualquer que seja da purificação do santuário celestial como uma obra paralela ou consistente com a justiça pela fé. *Não têm conhecimento do caminho para o Santíssimo, e não podem ser beneficiados pela intercessão de Jesus ali.* Primeiros Escritos, 261.

27.Nenhum conceito qualquer que seja da purificação do santuário celestial. Virtualmente ignorância total.

28.Pecar e se arrepender é a ordem do dia até que Jesus retorne.

29.A síndrome *pecar e arrepender-se* está no cerne do romanismo: o pecado é perpetuado. Na realidade, o conceito popular evangélico é o mesmo, porque o orgulho espiritual é a essência do entendimento deles de vencer o pecado. (Onde não haja verdadeira guarda do sábado não pode haver verdadeiro *descanso* do eu.

O Ponto de Vista Atual

Adventista do Sétimo Dia

24.Não há praticamente nenhuma referência na literatura adventista contemporânea sobre a possibilidade de Cristo ser tentado no campo da sexualidade. Parece chocante pensar que Ele foi um ser sexual normal.

25.A *justiça de Cristo* é um termo familiar para nós, mas nossa confusão sobre a natureza de Cristo torna o conceito nebuloso. É geralmente admitido que Cristo era bom porque Ele tinha uma herança genética diferente da nossa. É boa a nossa sorte de que Ele seja um milionário moral que pode *cobrir* nossos débitos morais para nós. Teremos de nos manter pecando, pelo menos inconscientemente. Mantenhamos nosso *seguro* pago através de confiar e estamos *cobertos*.

26.A maioria de nosso povo não tem nenhum conceito da purificação do santuário como uma obra vital para a genuína justiça pela fé, ou intima-mente relacionada com ela. Relutância de pregar a verdade do santuário por receio de identificar-se com ramificações ou com o chamado *perfeccionismo*.

27.Quase inexistentes apresentações contemporâneas da purificação do santuário, como tendo um efeito prático na experiência cristã, com poucas exceções de controvérsias recentes inspiradas pela mensagem de 1888.

28.A ênfase popular é sobre a impossibilidade de viver sem pecar. Isto é devido à concepção errônea prevalecente sobre a natureza de Cristo e do descuido sobre a verdade do santuário.

29.*Graça barata* é o único resultado possível de prevalecer confusão a respeito da natureza de Cristo, do preconceito contra a perfeição do caráter cristão, do eclipse da cruz, e da negligência da purificação do santuário.

O Ponto de Vista de 1888

de Jones e Waggoner, endossado

por Ellen G. White

24.Não vacila em apresentar Cristo como completamente relevante. Ele verdadeiramente veio *na carne*. As definições claras sobre a tentabilidade de Cristo estão nos Salmos

Messiânicos. Se Ele não for um Salvador completo, Ele não pode *socorrer* os que são assim tentados. Essa é a mensagem que o cristão moderno necessita.

25.A justiça de Cristo é a norma para cada pessoa em sua circunstância particular em qualquer momento. Em outras palavras, através da rendição aos princípios da cruz, Cristo enfrenta nossos problemas particulares doravante pela completa vitória sobre o pecado e o eu. Esta é a Sua justiça – é algo revelante para nós. Verdadeiramente, a partir de agora Cristo nos libertou de modo que nunca tenhamos necessidade de pecar novamente. A chave é a fé verdadeira e genuína. Cristo é ambos Exemplo e Substituto.

26.É verdadeiramente impossível entender o tipo de justiça pela fé que preparará um povo para a vinda do Senhor, sem ter um claro discernimento da verdade do santuário em sua fase final. De outro modo ambas as *doutrinas* são estéreis.

27.O verdadeiro cerne na mensagem de 1888 é a purificação do santuário. Isto resulta no efeito prático da remoção dos pecados do coração dos crentes. A corrente de pecado que flui para dentro do santuário deve ser interrompida em sua fonte - os corações do povo de Deus.

28.A perfeição do caráter não é somente o objetivo; está facilmente disponível tão logo o povo de Deus tenha a *fé de Jesus*. A única dificuldade é a ignorância da verdadeira justiça pela fé ou a rejeição dela.

29.Justiza pela fé impõe um padrão extremamente elevado - mesmo o do próprio Cristo. A vida de perfeita entrega que Ele viveu *na semelhança da carne pecaminosa* se torna o padrão ou norma para os que têm a *fé de Jesus*. Quando essa obra for realizada, a purificação do santuário celestial está concluída. Cristo vê o Seu caráter *perfeitamente refletido* em Sua igreja.

O Ponto de Vista Evangélico Popular

30.I João 2:1 nos diz para não pecarmos, mas virtualmente nos dá licença para pecar. Jesus como nosso advogado *ajusta as coisas* com o Juíz, o Pai.

31.É uma virtude afirmar, "*Eu estou salvo*". Esta é uma idéia confusa, freqüentemente associada com um trágico orgulho espiritual e um falso senso de segurança à luz de Mateus 7: 21-23. Conseqüência direta de inteira ênfase egocêntrica.

32.O interesse egocêntrico prevalecente torna impossível pensar em se arrepender senão dos próprios pecados; e o motivo para o arrependimento é a segurança pessoal.

33.Manter a vida cristã é uma coisa muito difícil, requerendo a observância de muitas regras.

34.Diferenças doutrinárias são inevitáveis.

O Ponto de Vista Atual Adventista do Sétimo Dia

30.I João 2: 1 nos diz para não pecarmos, como a seguradora nos diz para não termos um acidente. Mas como deslizamos mais cedo ou mais tarde, então fiquemos certos de que estamos *cobertos* pela apólice do Advogado. Muitas vezes a idéia que o nosso povo tem é que Cristo é nosso Advogado que pleiteia com o Juiz para nos deixar impunes. Não podemos esperar mais que vitória sobre *pecados conhecidos*. A participação em pecados desconhecidos implica ser inevitável até a volta de Jesus. (Exemplos bíblicos de pecados desconhecidos são a crucificação de Cristo e a perpetuação do orgulho de Laodicéia).

31.Difundido ensino de nosso povo afirmar "*Estou salvo*" em contradição de Parábolas de Jesus, 155. Conseqüência da influência da Cruzada Universitária para Cristo, e das técnicas de *Explosão do Evangelismo* do Rev. Kennedy.

32.O interesse egocêntrico prevalecente torna impossível encarar o arrependimento senão para os próprios pecados. A motivação dominante é o interesse pela própria salvação pessoal. Isto de certo nega o verdadeiro espírito de arrependimento. Nenhuma real simpatia com Cristo é possível.

33.O mesmo. A ênfase é colocada na dificuldade de permanecer cristão. Expectativa desencorajadora. Tudo depende de segurarmos a mão de Deus. Impressão dada de que Deus não se importa se O deixamos. *Manter a nossa pressa ou gravidade fará espatifarmo-nos no solo* (uma apresentação popular).

34.A idéia comum é que a unidade perfeita é impossível até que o Senhor venha.

**O Ponto de Vista de 1888
de Jones e Waggoner, endossado
por Ellen G. White**

30.No contexto, I João 2:1 diz que o propósito do sacrifício de Cristo é para Seu povo deixar de pecar. E isto é para se tornar efetivo quando Seu povo compreende o princípio da culpa corporativa - e vê o seu relacionamento com os *pecados do mundo inteiro*. Assim o interesse de João era pela obra que a purificação do santuário deve fazer. O Pai, o Filho e o Espírito Santo estão unidos para capacitar os crentes a vencer como Cristo venceu. Isto de certo inclui a vitória sobre todo o pecado, mas isto nunca é conscientemente reivindicado ou concebido. (Isto não é o chamado *perfeccionismo* fanático, nem centrado no eu, mas é inteiramente pela fé).

31.Quem vê Cristo como Ele é verdadeiramente, é liberto de todo o interesse egocêntrico por sua própria segurança. Está completamente consciente de sua própria pecaminosidade, nunca mesmo pensando em reclamar perfeição ou segurança (realmente a mesma coisa). Seu centro de interesse: como pode honrar seu Salvador agora e sempre. É atraído pela glória da justiça de Cristo sem ter ansioso interesse por sua própria recompensa. Em completo acordo com *Parábolas de Jesus*, 155. Isto proporciona paz verdadeira.

32.O arrependimento e o batismo de Cristo introduz um interesse mais amplo - culpa e arrependimento corporativos. Vemos a nós mesmos culpados de fato pelos *pecados do mundo inteiro*. Isto torna possível um efetivo amor como o de Cristo. Também torna possível uma identidade com Cristo como aquela que uma esposa verdadeira e compreensível sente por seu esposo. O arrependimento corporativo angaria a compreensão e simpatia ativas do povo de Cristo com Ele em Sua obra de encerramento da expiação. O eu cessa de ser o centro de interesse.

33.Tudo depende em crermos que Deus nos ama, respeita e valoriza tanto que Ele está se segurando em nossa mão. O que faz a vida cristã parecer difícil é o desprestígio da mensagem da justiça de Cristo. *O amor de Cristo nos constrange* e torna a vida centrada no eu *doravante* impossível.

34.Unidade perfeita é a norma numa igreja que tenha a fé do NT. Desnecessárias, p.e., idéias contrárias sobre entendimento profético.

**O Ponto de Vista
Evangélico Popular**

35.Cristianismo é um relacionamen-to com a Pessoa de Cristo. Muito sentimentalismo está incluído.

36.Não há concepção clara do fim da comissão evangélica, nem do amadurecimento do grão ou do caráter da preparação para a vinda de Cristo.

37.O tempo para a segunda vinda de Cristo está predeterminado pelo Pai. (Um conceito calvinista). Nada pode apressar ou retardar o tempo do segundo advento, pois isto alteraria a "*soberana vontade*" de Deus.

38.Se a volta de Cristo é desejada, é por causa do desejo de recompensa.

39.O consenso é mais importante do que a verdade. Eis por que guardam o domingo em lugar do sábado do Senhor.

40.Muita confusão sobre o contraste entre o velho e o novo concertos; idéia do *dispensacionalismo* amplamente mantida. Obediência aos dez mandamentos é viver o velho concerto.

41.Muita exultação de que "*Deus está operando maravilhosamente por eles*" nos modernos reavivamentos tais como Charles Finney, Pearson e Hanna Whitall Smith, Andrew Murray, Moody, Billy Sunday, Billy Graham, Cruzada Universitária, "*Explosão de Evangelismo*", etc. (Conferir *Primeiros Escritos*, 261, *O Grande Conflito*, 464).

**O Ponto de Vista Atual
Adventista do Sétimo Dia**

35.Justiza pela fé, um relacionamen-to com a Pessoa de Cristo, idêntico aos evangélicos. "*A carne para nada aproveita*". Ênfase no relacionamen-to físico conduz ao emocionalismo,

misticismo. Retratos de Cristo não ajudam. "*Falar de Cristo sem a Palavra conduz ao sentimentalismo.*" (EGW).

36.Podemos crer e pregar a justiça pela fé sempre tão claramente e poderosamente por muitas décadas e ainda a comissão evangélica não ser concluída. (Ver R&H , Justiça pela Fé, p. 3; Olson, pp.236-239).

37.Até muito recentemente, a idéia prevalescente era (e é ainda forte-mente defendida) que o tempo para a vinda de Cristo está predeterminado, e o Seu povo não a pode nem abreviar nem alongar.

38.A vinda de Cristo é desejada principalmente pelos velhos, pelos doentes e aleijados por artrite ou morrendo de câncer. Sua volta é desejada para que "*possamos ir para o lar de glória*".

39.O consenso é tão importante, que a verdade pode esperar quase inter-minavelmente. A maioria não pode estar errada. Se nossas convicções diferem da maioria organizada, devemos suprimi-las ou sufocá-las.

40.Muita confusão; mesmo algum *dispensacionalismo* endossado. A raiz do velho concerto não é discernida; muita ênfase em empenhar e prometer obediência aos dez mandamentos (especialmente para as crianças).

41.Deus operou e está operando "*maravilhosamente*" na maioria desses "modernos reavivamentos". Nosso povo freqüentemente é insta-do a assistir esses encontros e ministros são enviados a centros evangélicos não-adventistas para instrução em como apresentar a justiça pela fé. Isto cria séria confusão. A implicação é que Babilônia está pregando o "*evangelho eterno*", pelo menos tão significativamente.

**O Ponto de Vista de 1888
de Jones e Waggoner, endossado
por Ellen G. White**

35.A justiça pela fé não é um relacionamento com a Pessoa de Cristo, pois Ele foi pessoalmente para o céu. Mas Ele enviou Seu Espírito Santo, e é através Dele que conhecemos a Cristo pela Sua Palavra. Não há sentimentalismo na justiça pela fé.

36.Crer e pregar a justiça pela fé é claramente catalizar a igreja e o mundo numa única geração e terminar a comissão evangélica.

37.Cristo deseja vir; Ele está pronto para vir, Ele virá tão logo Sua noiva se prepare para dar-Lhe as boas vindas. Em outras palavras, Cristo alegremente virá quando quer que realmente queiramos que Ele venha. Querer que Ele venha segue de um entendimento da justiça pela fé.

38.Simpatia por Cristo, um desejo que Ele receba Sua recompensa e experimente Sua plena vindicação, e um desejo de ver o fim dos sofrimentos do mundo são as reais razões por querer apressar o Seu retorno.

39.A genuína justiça pela fé sempre foi inicialmente aceita por uma minoria. A verdadeira fé do Novo Testamento comunica uma coragem que não teme a maioria ou o poder que esta possa empunhar. Conduz a suportar a cruz com Cristo.

40.A raiz do *velho concerto* foi a promessa do povo sem fé para obedecer. Deus nunca nos pediu para fazer tal promessa para Ele; isto *gera a escravidão* através do *conhecimento de promessas quebradas*. Em vez disso, Ele nos pede para crer em Suas promessas para nós.

41.Interesse e sério cuidado. Jones e Waggoner estavam convencidos de que Deus dera uma única mensagem da justiça pela fé à Igreja Adventista do Sétimo Dia, e que "*Babilônia está caída*" e não entende a mensagem.

**O Ponto de Vista
Evangélico Popular**

42.Revivalistas (promotores de campanha de reavivamento religioso) talentosos têm sido a fonte da vida espiritual nessas igrejas por mais de 140 anos.

43.A doutrina da justificação pela fé recebida como um legado dos reformadores do século XVI.

44. As igrejas evangélicas evidenciam nenhuma necessidade para uma melhor compreensão da justiça pela fé. Muita satisfação-própria e orgulho espiritual. Pouco atentos à mensagem laodiceana. "*Nós estamos salvos*".

45. Pouco senão nada atentos à nossa participação na crucificação de Cristo, devido a nossa natural inimizade contra Deus.

46. A igreja é suposta estar preparada, pelo menos "*os santos*", para a vinda de Cristo ou o "*arrebatamento*" a qualquer momento. Qualquer um que está "*salvo*" está preparado.

O Ponto de Vista Atual

Adventista do Sétimo Dia

42. Especialmente, os seguintes evangélicos não-adventistas receberam de Deus a mesma mensagem que Ele deu aos adventistas em 1888: Moody, Murray, McNeil, Simpson, Gordon, Holden, Meyer, Waugh, McConkey, Scroggle, Howden, Smith, McKensie, McIntosh, Brooks, Dixon, Kyle, Morgan, Needham, A.T. Pierson, Seiss, Thomas West, "*e um grande número de outros*" (cf. Froom, 319-320).

43. A mensagem de 1888 sobre a justificação e justiça pela fé vieram dos "*credos das igrejas protestantes da época*" (Cf. Pease, 138, 139).

44. Muito pouca necessidade expressa por mais entendimento e apreciação da justiça pela fé. Os ministros geralmente sentem que eles a entendem e a pregam adequadamente, mesmo poderosamente. "*Nós entendemos justiça pela fé; somente não a vivemos como devíamos!*" As obras são necessárias, não a fé. "*Esqueça-mos 1888, e trabalhemos arduamente.*"

45. O mesmo ponto de vista geral e popular é que "*nós*" aceitamos a justiça pela fé na época de 1888. Somente uns poucos insignificantes no final a rejeitaram, menos de dez. Assim, pouco ou nada atentos à necessidade por uma experiência da "*expição final*".

46. Num sentido único, a IASD está se tornando cada vez melhor com relação à doutrina e à experiência da justiça pela fé (Pease, p. 227). Froom concorda; agora que nossos pontos de vista trinitarianos são idênticos aos dos credos de Calcedônia e de Atanásio, estamos prontos ou quase prontos para a Chuva Serôdia (Froom, Movement of Destiny, 283-286, 314-319).

O Ponto de Vista de 1888

de Jones e Waggoner, endossado

por Ellen G. White

42. Jones e Waggoner especificamente não receberam sua mensagem ao ler com atenção outros autores ou comentários ou credos, mas da Bíblia. A "*visão*" de 1882 de Waggoner o convenceu de que Cristo crucificado é o coração das três mensagens angélicas; ambos os mensageiros evidenciaram refrescante independência de escritos de outros autores. Sua mensagem é distintamente diferente das de outros vários revivalistas evangélicos.

43. Discernimentos que fizeram a mensagem de 1888 única não vieram dos "*Credos das igrejas protestantes da época*" mas da inspiração direta do Espírito Santo sobre "*as mentes de homens divinamente apontados*", que tinham "*credenciais do céu*" (EGW). Isto é evidente do fato que a mensagem de 1888 da justiça pela fé relacionava aquela verdade à purificação do santuário, uma verdade que nenhuma igreja não-adventista ou "*credo*" tem noção. Apenas superficialmente a mensagem de 1888 parece equiparar-se aos "*credos das igrejas protestantes*".

44. Senso muito agudo de que a mensagem laodiceana é pertinente. Nosso problema primário não é viver a verdade, mas verdadeiramente crer nela. A verdadeira "*fé opera...*" Se genuinamente crermos, genuinamente viveremos. "*Justiça pela fé*" significa o que ela diz - se tivermos verdadeira fé, a justiça se torna uma realidade na vida.

45. Jones e Waggoner tiveram uma viva compreensão que o início da Chuva Serôdia tinha sido rejeitado por seus pares e contemporâneos em grande maioria. O problema básico é o mesmo como o que existiu no Calvário - inimizade contra Deus. Necessidade sentida pela expiação final.

46. Latente inimizade contra Deus e necessidade pela expiação final foram as reais questões na conferência de 1888 e seguintes. Nenhuma palavra de E.G. White ou de Jones e Waggoner sugerindo que a doutrina trinitariana fosse o verdadeiro problema. O amor do eu

foi o problema, não o semi-arianismo. O último teria sido rapidamente cuidado se o primeiro tivesse sido vencido. O arrependimento denominacional deve vir antes de a Chuva Serôdia poder ser reconhecida e recebida.

RESUMO DA DOCTRINA DA JUSTIFICAÇÃO PELA FÉ

A doutrina verdadeira da justificação pela fé e da justiça de Cristo, baseada na Bíblia e no *Espírito de Profecia* de Ellen G. White, A.T. Jones e E.J. Waggoner, tem os seguintes pontos essenciais:

1) O sacrifício de Cristo foi *real* e *efetivo* em favor de todo o mundo, tal que a única razão para que alguém possa perder-se é escolher resistir a graça salvadora de Deus. Para os que finalmente forem salvos, foi Deus quem tomou a iniciativa; no caso dos perdidos, foram eles que tomaram a iniciativa. A salvação é pela fé; a condenação é pela descrença.

2) Dessa forma o sacrifício de Cristo justificou *legalmente* "a todo o homem", e literalmente salvou o mundo da prematura destruição. Todos os homens devem mesmo a sua vida física a Jesus Cristo, quer creiam quer não creiam. Cada fatia de pão está estampada com a cruz de Cristo. Quando o pecador ouve e crê no puro evangelho, ele é justificado pela fé. Os perdidos deliberadamente negam a justificação que Cristo já efetivou por eles.

3) A justificação pela fé é assim muito mais do que uma declaração legal de absolvição; quando é aceita ela muda o coração pela ação do Espírito Santo. O pecador recebe agora a expiação, que é a reconciliação com Deus. Uma vez que é impossível ser verdadeiramente reconciliado com Deus sem ser reconciliado com a Sua santa lei, segue-se que a verdadeira justificação pela fé faz com que o crente se torne obediente a todos os mandamentos de Deus, inclusive às leis da saúde.

4) Esta obra maravilhosa é realizada através do ministério do novo concerto em que o Senhor realmente escreve Sua lei *no coração* do crente. A obediência é *amada*, e a nova motivação - glorificar e honrar a Cristo e levar a salvação aos outros - transcende o temor de perder-se ou a esperança da recompensa em ser salvo (essas motivações autocentradas são, como Paulo diz, *estar sob a lei*). A fé de Abraão, que implica completa submissão à vontade de Deus, habilita-nos a viver sob o novo concerto, enquanto multidões de cristãos vivem hoje sob o velho concerto porque o interesse centrado no eu é a sua motivação. O velho concerto foi a promessa do povo de ser fiel; sob o novo concerto a salvação vem por *crermos* nas promessas de Deus para nós, não por *Lhe fazermos* promessas.

5) O amor de Deus é ativo, não meramente passivo. Como o Bom Pastor, Cristo está ativamente buscando a ovelha perdida. A nossa salvação não depende de nossa busca do Salvador mas de nossa crença de que Ele está procurando por nós. Aqueles que finalmente estão perdidos continuam a resistir e desprezar a atração do amor de Jesus. Esta é a essência da *descrença*.

6) A fé verdadeira implica em inteira submissão e entrega de nossa vontade a Deus. Tendo essa fé genuína é fácil ser salvo. O pecado, embora seja a transgressão da lei de Deus, é um constante resistir à Sua graça. Uma vez que Cristo já pagou o castigo pelo pecado de todo o homem, a única razão por que finalmente alguém pode ser condenado é a contínua descrença, uma recusa de apreciar a redenção conseguida por Cristo na cruz e ministrada por Ele como Sumo Sacerdote no Santuário Celestial. O verdadeiro evangelho tira o véu dessa descrença e conduz a um arrependimento efetivo, que prepara o crente para o retorno de Cristo. O orgulho, o louvor e a lisonja dos seres humanos são inconsistentes com a verdadeira fé em Cristo, mas são sinais seguros da descrença predominante, mesmo dentro da igreja.

7) Para buscar a humanidade perdida, Jesus percorreu todo o caminho, tomando sobre Si e assumindo a natureza caída e pecaminosa do homem após a queda de Adão. Isto Ele fez para que pudesse ser tentado em todos os pontos como nós somos, embora não tivesse pecado e demonstrasse perfeita justiça "*na semelhança da carne pecaminosa*." Justiça é uma palavra que nunca se aplicou a Adão em seu estado não caído, nem aos anjos inocentes. Só pode significar uma santidade obtida por Cristo no

conflito com o pecado na *carne humana caída*, e triunfou sobre ele. Assim, a mensagem da justiça de Cristo está enraizada neste ponto de vista único da caída natureza humana de Cristo. Se Jesus tivesse tomado a natureza sem pecado de Adão antes da queda, o termo "*justiça de Cristo*" seria uma abstração sem significado. O ensino de que Cristo somente tomou a natureza inocente de Adão antes da queda é um legado do catolicismo e do protestantismo apóstatas, a insígnia do mistério da iniquidade que mantém Cristo *muito distante* e não "*perto, à mão*". Quem prega que Cristo não veio na carne humana caída é anticristo. 1 João 4: 3.

8) Dessa forma, nosso Salvador "*condenou o pecado na carne*" da humanidade caída. Isto significa que Ele declarou ilegal o pecado; o pecado se tornou desnecessário à luz de Seu ministério. É impossível ter a verdadeira fé de Cristo e continuar pecando. Não podemos excusar continuar pecando ao dizer que somos "*apenas humanos*" ou que "*o diabo fez que eu pecasse*". Ser verdadeiramente "*humano*" é ser como Cristo no caráter, pois Ele foi e é plenamente humano tanto quanto divino.

9) Segue-se que o único elemento de que o povo de Deus necessita a fim de se preparar para o retorno de Cristo é aquela *fé genuína* de Jesus Cristo. Mas isto é precisamente o que a igreja carece. Ela se imagina doutrinariamente e experimentalmente "*rica e aumentada em bens*", quando de fato seu pecado básico é uma patética *descrença*. Justiça é pela fé; é impossível ter fé e não demonstrar justiça na vida, porque a fé *opera* por amor e purifica a alma. Falhas morais e espirituais são o fruto de perpetuar hoje o pecado da descrença do antigo Israel através da confusão de uma falsa justiça pela fé.

10) A aceitação da justificação pela fé e da justiça de Cristo produz no crente profundo e genuíno arrependimento e envolve uma completa transformação da vida e do caráter. Ela tem por fruto a santificação, decorrente de uma profunda comunhão com Jesus e Sua palavra. É uma mensagem de graça abundante, consistente com a purificação do Santuário Celestial, uma obra dependendo da limpeza completa do coração do povo de Deus na terra.

Resumindo os conceitos essenciais da mensagem da justiça de Cristo

pela fé: a justificação legal e a efetividade dela que é pela fé; as gloriosas boas novas dos dois concertos; o imenso poder de Cristo para salvar do pecado contínuo; Sua semelhança conosco em tomar nossa natureza pecaminosa caída, mas sem pecar; a iniciativa do Espírito Santo em salvar o perdido; a iniciativa do Bom Pastor em buscar Sua ovelha perdida; a possibilidade de vencer todo o pecado assim como Cristo venceu em nosso favor; a certeza de uma geração final refletindo a perfeição do caráter de Cristo; a relação prática da purificação do santuário celestial à da purificação dos corações humanos; a fé genuína leva à obediência voluntária a todos os mandamentos de Deus; a motivação de interesse pela glória e honra de Cristo e pela salvação dos outros, que transcende a busca auto centrada de recompensa e de evitar a punição; a realidade do perdido tomar a iniciativa para estar perdido; e a verdade de que o sacrifício de Cristo realizou muito mais do que uma mera provisão que nada faz a não ser que façamos alguma coisa - Ele deu o Seu sangue pelo mundo, assim o mundo deve sua vida presente a Jesus, a genuína fonte de amor e alegria. A mensagem da justificação pela fé e da justiça de Cristo reivindica o caráter puro, perfeito e amoroso de Deus perante o universo, e deve chamar a atenção do mundo inteiro antes da volta de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. "*Eis a paciência dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus.*" Apoc. 14: 12.

RESUMO DA DOCTRINA DA JUSTIFICAÇÃO PELA FÉ

A doutrina verdadeira da justificação pela fé e da justiça de Cristo, baseada na Bíblia e no *Espírito de Profecia* de Ellen G. White, A.T. Jones e E.J. Waggoner, tem os seguintes pontos essenciais:

1)O sacrifício de Cristo foi *real* e *efetivo* em favor de todo o mundo, tal que a única razão para que alguém possa perder-se é escolher resistir a graça salvadora de Deus. Para os que finalmente forem salvos, foi Deus quem tomou a iniciativa; no caso dos perdidos, foram eles que tomaram a iniciativa. A salvação é pela fé; a condenação é pela descrença.

2)Dessa forma o sacrifício de Cristo justificou *legalmente* "a todo o homem", e literalmente salvou o mundo da prematura destruição. Todos os homens devem mesmo a sua vida física a Jesus Cristo, quer creiam quer não creiam. Cada fatia de pão está estampada com a cruz de Cristo. Quando o pecador ouve e crê no puro evangelho, ele é justificado pela fé. Os perdidos deliberadamente negam a justificação que Cristo já efetivou por eles.

3)A justificação pela fé é assim muito mais do que uma declaração legal de absolvição; quando é aceita ela muda o coração pela ação do Espírito Santo. O pecador recebe agora a expiação, que é a reconciliação com Deus. Uma vez que é impossível ser verdadeiramente reconciliado com Deus sem ser reconciliado com a Sua santa lei, segue-se que a verdadeira justificação pela fé faz com que o crente se torne obediente a todos os mandamentos de Deus, inclusive às leis da saúde.

4)Esta obra maravilhosa é realizada através do ministério do novo concerto em que o Senhor realmente escreve Sua lei *no coração* do crente. A obediência é *amada*, e a nova motivação - glorificar e honrar a Cristo e levar a salvação aos outros - transcende o temor de perder-se ou a esperança da recompensa em ser salvo (essas motivações autocentradas são, como Paulo diz, *estar sob a lei*). A fé de Abraão, que implica completa submissão à vontade de Deus, habilita-nos a viver sob o novo concerto, enquanto multidões de cristãos vivem hoje sob o velho concerto porque o interesse centrado no eu é a sua motivação. O velho concerto foi a promessa do povo de ser fiel; sob o novo concerto a salvação vem por *crermos* nas promessas de Deus para nós, não por *Lhe fazermos* promessas.

5)O amor de Deus é ativo, não meramente passivo. Como o Bom Pastor, Cristo está ativamente buscando a ovelha perdida. A nossa salvação não depende de nossa busca do Salvador mas de nossa crença de que Ele está procurando por nós. Aqueles que finalmente estão perdidos continuam a resistir e desprezar a atração do amor de Jesus. Esta é a essência da *descrença*.

6)A fé verdadeira implica em inteira submissão e entrega de nossa vontade a Deus. Tendo essa fé genuína é fácil ser salvo. O pecado, embora seja a transgressão da lei de Deus, é um constante resistir à Sua graça. Uma vez que Cristo já pagou o castigo pelo pecado de todo o homem, a única razão por que finalmente alguém pode ser condenado é a contínua descrença, uma recusa de apreciar a redenção conseguida por Cristo na cruz e ministrada por Ele como Sumo Sacerdote no Santuário Celestial. O verdadeiro evangelho tira o véu dessa descrença e conduz a um arrependimento efetivo, que prepara o crente para o retorno de Cristo. O orgulho, o louvor e a lisonja dos seres humanos são inconsistentes com a verdadeira fé em Cristo, mas são sinais seguros da descrença predominante, mesmo dentro da igreja.

7)Para buscar a humanidade perdida, Jesus percorreu todo o caminho, tomando sobre Si e assumindo a natureza caída e pecaminosa do homem após a queda de Adão. Isto Ele fez para que pudesse ser tentado em todos os pontos como nós somos, embora não tivesse pecado e demonstrasse perfeita justiça "*na semelhança da carne pecaminosa*." Justiça é uma palavra que nunca se aplicou a Adão em seu estado não caído, nem aos anjos inocentes. Só pode significar uma santidade obtida por Cristo no conflito com o pecado na *carne humana caída*, e triunfou sobre ele. Assim, a mensagem da justiça de Cristo está enraizada neste ponto de vista único da caída natureza humana de Cristo. Se Jesus tivesse tomado a natureza sem pecado de Adão antes da queda, o termo "*justiça de Cristo*" seria uma abstração sem significado. O ensino de que Cristo somente tomou a natureza inocente de Adão antes da queda é um legado do catolicismo e do protestantismo apóstatas, a insígnia do mistério da iniquidade

que mantém Cristo *muito distante* e não "*perto, à mão*". Quem prega que Cristo não veio na carne humana caída é anticristo. I João 4: 3.

8) Dessa forma, nosso Salvador "*condenou o pecado na carne*" da humanidade caída. Isto significa que Ele declarou ilegal o pecado; o pecado se tornou desnecessário à luz de Seu ministério. É impossível ter a verdadeira fé de Cristo e continuar pecando. Não podemos excusar continuar pecando ao dizer que somos "*apenas humanos*" ou que "*o diabo fez que eu pecasse*". Ser verdadeiramente "*humano*" é ser como Cristo no caráter, pois Ele foi e é plenamente humano tanto quanto divino.

9) Segue-se que o único elemento de que o povo de Deus necessita a fim de se preparar para o retorno de Cristo é aquela *fé genuína* de Jesus Cristo. Mas isto é precisamente o que a igreja carece. Ela se imagina doutrinariamente e experimentalmente "*rica e aumentada em bens*", quando de fato seu pecado básico é uma patética *descrença*. Justiça é pela fé; é impossível ter fé e não demonstrar justiça na vida, porque a fé *opera* por amor e purifica a alma. Falhas morais e espirituais são o fruto de perpetuar hoje o pecado da descrença do antigo Israel através da confusão de uma falsa justiça pela fé.

10) A aceitação da justificação pela fé e da justiça de Cristo produz no crente profundo e genuíno arrependimento e envolve uma completa transformação da vida e do caráter. Ela tem por fruto a santificação, decorrente de uma profunda comunhão com Jesus e Sua palavra. É uma mensagem de graça abundante, consistente com a purificação do Santuário Celestial, uma obra dependendo da limpeza completa do coração do povo de Deus na terra.

Resumindo os conceitos essenciais da mensagem da justiça de Cristo

pela fé: a justificação legal e a efetividade dela que é pela fé; as gloriosas boas novas dos dois concertos; o imenso poder de Cristo para salvar do pecado contínuo; Sua semelhança conosco em tomar nossa natureza pecaminosa caída, mas sem pecar; a iniciativa do Espírito Santo em salvar o perdido; a iniciativa do Bom Pastor em buscar Sua ovelha perdida; a possibilidade de vencer todo o pecado assim como Cristo venceu em nosso favor; a certeza de uma geração final refletindo a perfeição do caráter de Cristo; a relação prática da purificação do santuário celestial à da purificação dos corações humanos; a fé genuína leva à obediência voluntária a todos os mandamentos de Deus; a motivação de interesse pela glória e honra de Cristo e pela salvação dos outros, que transcende a busca auto centrada de recompensa e de evitar a punição; a realidade do perdido tomar a iniciativa para estar perdido; e a verdade de que o sacrifício de Cristo realizou muito mais do que uma mera provisão que nada faz a não ser que façamos alguma coisa - Ele deu o Seu sangue pelo mundo, assim o mundo deve sua vida presente a Jesus, a genuína fonte de amor e alegria. A mensagem da justificação pela fé e da justiça de Cristo reivindica o caráter puro, perfeito e amoroso de Deus perante o universo, e deve chamar a atenção do mundo inteiro antes da volta de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. "*Eis a paciência dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus.*" Apoc. 14: 12.

Índice Anotado

PREFÁCIO - p. 3

Autores mantêm convicção que mensagem é cura final para o pecado

ASD's carecem de clara concepção sobre Dia celestial da Expição

Proliferam grupos desviados e independentes

A verdade plena requer arrependimento e reforma

Deus não permitirá que a denominação apostate completamente

O QUE DIZIA A MENSAGEM DE 1888? - p. 3

Dez pontos

SIGNIFICADO DA MENSAGEM HOJE - p. 4

CAPÍTULO UM - p. 5

POR QUE REEXAMINAR NOSSO PASSADO ADVENTISTA? - p. 5

O movimento adventista não prosperou como deveria

Deus não pode vindicar pessoas mornas

Plano de redenção depende da hora final

A RAZÃO É EVIDENTE - p. 5

Preparação especial para a segunda vinda.

A fé de Abraão não foi em vão

FRACASSO: UM INIMAGINÁVEL DESVIO DO PROGRAMA DE DEUS - p. 5

Deve haver resposta de fé da nossa parte

O povo de Deus deve retificar toda falha

Incompreensão oficial da história

Necessidade de investigação integral

ARREPENDIMENTO E DIA DA EXPIAÇÃO - p. 6

Purificação do santuário depende da compreensão da história

Enfermidade de mornidão remonta a 1888

Como o Calvário 1888 é mais do que evento histórico

Ressentimento indica guerra contra o Espírito Santo

PERCEPÇÃO MAIS NECESSÁRIA DO QUE MAIS PALAVRAS - p. 7

Defrontar a verdade não é ser crítico

A história precisa levar-nos a um confronto

A Igreja precisa decidir entre um Senhor e outro -- Baal

CAPÍTULO DOIS - p. 8

O PECADO DE DEIXARMOS NOSSO PRIMEIRO AMOR - p. 8

Jesus era precioso para os crentes de 1844

IASD concebida em amor e obra do Espírito Santo

Devoção por Jesus substituída por amor ao eu

Sistema de verdade destuído de fé em Jesus

Vindicação coletiva tornou-se esperança, em lugar de busca a Cristo

Legalismo é o resultado

COMO NOSSA MORNIDÃO COMEÇOU - p. 8

Perdido "primeiro amor", sem apreciação de Seu amor sacrificial

Ressentimento contra ministério de EGW

Habilidade para discernir obra do Espírito Santo dissipa-se

Previsão de insulto ao Espírito Santo em 1888

Sobrevivência do movimento na dependência do ministério de EGW

O lugar da cruz nos confundiu

CRESCIMENTO Vs. PROGRESSO - p. 9

Grande crescimento acobertou verdadeiro estado espiritual

Auto-estima e complacência toma conta de relatório

Mensagens de EGW em agudo contraste

Falta de maturidade espiritual bem destacada

Propósito básico do desenvolvimento de caráter

Propósito secundário de missões mundiais

Segundo propósito garantido quando primeiro alcançado

Amor próprio faz perder visão do verdadeiro entendimento

Registros estatísticos usurpam fé e zelo

O REMÉDIO SIMPLES DE DEUS PARA UM SÉRIO PROBLEMA DENOMINACIONAL - p. 10

Deus enviou dois jovens agentes

EGW deleita-se com a mensagem deles

Afirmado que Deus enviou a verdade, Cristo nas mensagens

NOSSO PROBLEMA HOJE - p. 10

Mornidão, orgulho denominacional é problema gigantesco
Chave para entender mentiras em verdadeira apreciação de 1888
Bênçãos valiosíssimas descartadas, Espírito Santo insultado

CAPÍTULO TRÊS - p. 11

O ALTO CLAMOR QUE VIRÁ DE MODO SURPREENDENTE - p. 11

Chuva serôdia, alto clamor a ser luz crescente
Prevaleceu falso otimismo
Obra de Deus não reconhecida
Ministros experientes a serem deixados de lado

A DIVINA ESCOLHA DE MENSAGEIROS - p. 11

Espírito preparando dois homens jovens
Jones e Waggoner chamados de "Mensageiros do Senhor"
EGW aprovou a mensagem
EGW percebe que mensagem prepararia para a segunda vinda

COMO O ALTO CLAMOR NÃO FOI RECONHECIDO - p. 12

A mensagem dada era a terceira mensagem angélica
A "mensagem" era o começo, não a aceitação presumida
Oficiais responsáveis da Igreja destacados na oposição

Insulto ao Espírito Santo não cometeu pecado imperdoável

EGW prosseguiu a ministrar indicando sua crença

AS CHAMADAS "FALTAS" DOS MENSAGEIROS

NÃO DESCULPAM A REJEIÇÃO DA MENSAGEM - p. 13

Rejeição da luz é sempre inescusável
Os agentes pareciam falhos
Irmãos experientes melindrados com apoio de EGW
EGW avalia situação, "ódio e desprezo aos mensageiros"
"Faltas" de Jones e Waggoner perpetuadas por escritores atuais
Criticar "mensageiros" é endossar seus opositores contemporâneos
EGW condenou caça a falhas
EGW considerou um privilégio ficar ao lado dos mensageiros

A VERDADEIRA RAZÃO POR QUE A MENSAGEM FOI REJEITADA - p. 15

Presumido equivocadamente que irmãos aceitaram de coração a mensagem
Mensagem para conclusão da obra tornou-se início de longa demora

ONDE ESTAVAM OS "ALGUNS" - p. 15

Os "alguns" eram o corpo de irmãos influentes da direção
Judeus recusaram a Cristo por não corresponder a suas expectativas
Mensagem de 1888, bem mais que nova ênfase de doutrina negligenciada
Rejeitado amor de Cristo que transforma corações

CAPÍTULO QUATRO - p. 17

ACEITAÇÃO OU REJEIÇÃO: EM BUSCA DE UM ENFOQUE MAIS NÍTIDO - p. 17

Impossível apreciar tema de 1888 à parte da sua verdadeira história
A questão é se a liderança a aceitou
Rejeição da mensagem pela liderança negada por Froom
Presidente e vice-presidente concordam quanto a não rejeição
Secretário dos Depositários EGW garante que mensagem foi aceita
EGW reiteradamente compara rejeição de líderes à de Cristo pelos judeus

OS JUDEUS NEGAM TEREM REJEITADO O MESSIAS - p. 18

Evasão ao fato: mensagem foi início da chuva serôdia e alto clamor
Alegado que somente poucas pessoas sem importância resistiram
Froom, Spalding, Christian, Olson, concordam quanto à não rejeição
Seus relatos diferem marcadamente do que diz EGW

FOI A MENSAGEM ACEITA OU REJEITADA? - p. 18

Presidente da AG diz que a história de 1888 assinalou uma "derrota"
Daniells insiste não ter havido amplo reavivamento denominacional
EGW declara que a época foi de vitória para Satanás
Assembléia de AG de 1893 confirma rejeição

SIGNIFICATIVA EVIDÊNCIA INSPIRADA - p. 19

EGW diz que ninguém dos dirigentes queria ficar ao lado da mensagem
Anos mais tarde, 1896, refere-se à "obra satânica em Mineápolis"

UM APELO POR SIMPLES HONESTIDADE - p. 20

Daniells reconhece declarações de EGW sobre líderes
22 declarações de EGW revelando desdém e resistência de líderes
Cronologia da rejeição: 1892, 1893, 1895, 1896, 1897

A HISTÓRIA DOS REAVIVAMENTOS PÓS 1888 - p. 21

Persiste corrente subterrânea de antagonismo

A PRESSÃO CONTRA O REAVIVAMENTO - p. 22

EGW viu problema da liderança e apelou para confiança em Deus
Liderança viu demonstração do Espírito Santo, mas "odiou" a mensagem

"EXATAMENTE COMO OS JUDEUS" - p. 23

"Ai dos fariseus" aplicado à liderança

NOSSA HISTÓRIA DE CABEÇA PARA BAIXO - p. 24

Historiadores presumem "reavivamento", mas história aponta outra coisa
Advertência ao mundo dependia de aceitação

HÁ BOAS NOVAS NA HISTÓRIA DE 1888! - p. 24

Uma batalha foi perdida, mas não a guerra
Satanás deseja que sejamos enganados sobre nossa história de 1888

CONCLUSÃO - p. 24

Historiadores sinceros em proclamar a gloriosa vitória de 1888
Críticos dizem que a igreja agora está em condição de desesperança
Isto não é verdade; Israel nunca se tornará Babilônia
às vezes a história será vista em seu verdadeiro peso
O fogo foi extingüido, a luz apagada por instrumentalidades humanas
Mensagem da justiça de Cristo não acatada, mas guerra não está perdida
Esta geração precisa reconhecer fatos e retificar erro trágico

NOTA ADICIONAL AO CAPÍTULO QUATRO - p. 26

O TESTEMUNHO DOS ARQUIVOS DA ASSOCIAÇÃO GERAL - p. 26

Documentos dos arquivos atestam testemunho de EGW sobre atitude negativa
Cartas do Secretário da AG revelam "antagonismo"

UM LAMPEJO POR TRÁS DAS CENAS NA VELHA BATTLE CREEK - p. 26

Plano para ocultar fatos desmascarado por Waggoner
Secretário da AG não pode ver "mensageiros" à luz de como EGW os via
Arquivos confirmam Jones e Waggoner sob oposição em Battle Creek

URIAS SMITH DEFENDE SUA REJEIÇÃO DA MENSAGEM - p. 28

Oposição de Urias Smith lógica, erudita, aparentemente razoável
Deve haver Urias Smiths na Igreja hoje
Inimizade ferrenha impediu bons irmãos de reconhecer o Espírito Santo

CAPÍTULO CINCO - p. 29

O PROBLEMA FUNDAMENTAL: COMO AVALIAR A MENSAGEM DE 1888 - p. 29

Erro da rejeição baseado em erro de má compreensão
Confusão sobre "doutrina" e "terceira mensagem angélica em verdade"
From insiste sobre "mesma... ênfase" dada fora do adventismo
Era a mensagem a mesma ensinada pelos Reformadores Protestantes?
(1) Não pode ser, pois senão negamos a posição protestante histórica
(2) Se mesma, pregaram os Reformadores a "terceira mensagem angélica"?

Posições oficialmente endossadas anulam singularidade da mensagem

REITERAÇÃO DA POSIÇÃO SOBRE 1888 - p. 30

A mensagem de 1888 não foi mera reiteração de Lutero ou dos pioneiros

"Começo" da concepção madura do "evangelho eterno"

Pretendido pelo Divino Autor para amadurecer primícias para Deus e Cordeiro

Rejeição eclipsou compreensão prática da purificação do santuário

O QUE ELLEN WHITE VIA NA MENSAGEM DE 1888 - p. 30

EGW tinha mensagem como "preciosa" e nunca antes pregada claramente

Mensagem não foi previamente compreendida pelos irmãos

EGW discutiu a verdade do santuário em conexão com a mensagem de 1888

Irmãos rejeitaram apelo para "mudanças decididas", recusaram avançar

A LUZ DE 1888 E O COMEÇO DA LUZ MAIOR - p. 32

A mensagem de 1888 foi o começo da mensagem do quarto anjo

Este fato é ignorado por nossos historiadores

A LUZ APAGADA DO ALTO CLAMOR - p. 32

Chuva serôdia desprezada e rejeitada impede chuvas adicionais

EGW declara que Cristo bateu à porta mas retirou-Se

A FONTE DE INCOMPREENSÃO REFORMACIONISTA - p. 33

Por décadas a mensagem de 1888 descartada como "nova luz"

Mensagem foi uma revelação avançada para a Igreja

Judeus oram pelo Messias; ASD pela chuva serôdia, ambos rejeitam história

CAPÍTULO SEIS - p. 35

A REJEIÇÃO DE ELLEN WHITE EM 1888 - p. 35

Bênção celestial retida por reação negativa à mensagem

(1) O ESPÍRITO SANTO FOI INSULTADO - p. 35

Recebimento do Espírito Santo implícito em recebimento da mensagem

EGW enfática, Espírito Santo insultado

O caráter coletivo dos ASD afetado negativamente por nossa história

(2) JESUS CRISTO FOI REJEITADO E INSULTADO - p. 36

"Se rejeitais os mensageiros delegados de Cristo, rejeitais a Cristo"

Prestigiados historiadores da Igreja lançam desprezo a mensageiros

Questão não é "doutrina", mas "O que pensais vós de Cristo?"

"O universo... testemunhou o desumano tratamento dado a Jesus"

O MINISTÉRIO DE EGW FOI DESPRESTIGIADO - p. 37

"Meu testemunho foi ignorado"

"Rebelião . . . dura, ousada e decidida em denunciar".

Irmãos estavam instintivamente opondo-se ao amor de Cristo

"Há aqueles que desprezam os homens e a mensagem"

UMA GLORIOSA CAÇA AO TESOURO DESPREZADA - p. 39

Acusações de "posições extremadas" lança aspersion injustificada sobre EGW

Assembléia de 1893 reconhece "põe de lado este profeta com o resto"

"Reconhecestes [EGW]... agora diferente Tal como a nação judaica"

(4) O EXÍLIO DE ELLEN WHITE NA AUTRÁLIA - p. 39

"O Senhor não esteve dirigindo nossa saída da América"

"Não pude obter um raio de luz quanto à saída da América"

Waggoner sofreu exílio semelhante na Inglaterra

OS ANOS DA DÉCADA DE 1890 TERIAM UMA MENSAGEM PARA A DÉCADA DE 1990? -

p. 40

A história de 1888 é tão distorcida que gera ainda atitude negativa

Hoje a alienação do coração é mais sutil, sofisticada, bem sepultada

Sem o Espírito Santo, incapaz de discernir verdade do erro

CONCLUSÃO - p. 41

Somente defrontando a verdade podemos preparar-nos para testes futuros
Contínua resistência de século impediram o Dom, mesmo com nossas orações

CAPÍTULO SETE - p. 42

UM EXAME MAIS DETIDO DAS "CONFISSÕES" - p. 42

Confissão praticamente extorquidas por evidência forçosa
Confessores mais tarde agiram contrariamente a suas confissões
Bem pouca franca reconciliação que levou a união fraternal
Nenhuma evidência de abafar o Espírito Santo foi revertida
Confessores não recobramos essência da mensagem para proclamá-la bem

POSIÇÕES CONTEMPORÂNEAS DAS CONFISSÕES P.T.S-1888 - p. 42

Posição predominante é que "temos" a mensagem, portanto a proclamamos

HÁ PROBLEMAS COM ESTA POSIÇÃO - p. 43

Onde há evidência de que a mensagem e luz foram reconquistadas?
Por que "obra" não concluída após tempo de confissão e arrependimento?
Por que EGW insiste com declarações até 1901, com líderes em oposição

O TESTEMUNHO DE NOSSA HISTÓRIA - p. 43

Urias Smith, redator e autor capaz, é oponente persistente
EGW o tem por responsável por influência negativa em larga escala
Sua fé na obra de EGW não é forte, e lança essa influência

COMO ALGO SAIU DOS TRILHOS - p. 44

Concorda com a luz, mas falha em agir segundo esta
Sabemos hoje que otimismo do redator era infundado
Repetidamente seguida linha diametralmente oposta à verdade presente
Redator indispondo-se abertamente com Waggoner e Jones na *Review*
A questão é a proclamação da mensagem do alto clamor
"Nunca poderão reconquistar o que perderam"

CONCLUSÃO - p. 46

Sinceros, amáveis irmãos entenderam errado a situação em B Creek
Urias Smith, protótipo do ASD conservador descrente nunca mudou
"Topos" da descendência cortado, "raízes" deixadas intactas
Em alguns casos posições oficiais hoje idênticas à oposição em 1888
Concepções erradas iguais levam relatórios estatísticos a nos iludir
Confusão sobre mensagem espalha transgressão em todos os departamentos
Purificação do santuário celestial requer obra complementar no coração
Poder necessário é luz, complementação do evangelho consequência

CAPÍTULO OITO - p. 48

UM MOVIMENTO EM CRISE: A ASSEMBLÉIA DE 1893 - p. 48

Assembléia da AG de 1893 segue-se em importância à de 1888
A mensagem de 1888 foi tema de importância dominante

PREVISÃO DE GRANDE PERIGO - p. 48

"Deus retirará o Seu Espírito a menos que Sua verdade seja aceita"
Oradores reconheceram seriedade sem precedentes
Falha em aceitar resultaria em aceitação de falsa luz

LIÇÕES DE ISRAEL "ESCRITAS PARA NOSSA ADMOESTAÇÃO" - p. 49

Luz recebida é bênção, mas sabedoria própria a torna "um veneno"
Escritores compararam Israel em Cades-Barnéia com história de 1888
1893 corresponde a tentativa posterior de capturar "terra prometida"
Esforços de Israel falham; assim o falso entusiasmo de 1893 falha

OS ESTUDOS DE A.T.JONES - p. 50

Jones apresentou vinte e quatro estudos, "Mensagem do Terceiro Anjo"
Falava humildemente de "nossas" falhas, "nossa" descrença e carências
Jones apresentava uma obra genuína e sólida do Espírito Santo

CAPÍTULO NOVE - p. 53

UMA FALSA JUSTIFICAÇÃO PELA FÉ: SEMEANDO A SEMENTE DA APOSTASIA - p. 53

(A Assembléia da Associação Geral de 1893, Parte II)

Rejeição da luz de 1888 abriu caminho para falsas idéias

Jones lembrou à assembléia que mente voltada ao eu torna-se a de Satanás

Analisado desenvolvimento mediante paganismo, romanismo, espiritismo

Posição católica contrastada com *Caminho a Cristo*

Essência do romanismo é o culto ao eu

Contrafação exposta, *O Segredo Cristão de Uma Vida Feliz*

Ensinos derivados de Fenelon, místico católico

ESTUDOS DE W.W.PRESCOTT - p. 54

Série de sermões sobre "A Promessa do Espírito Santo"

Prescott requer severamente que os irmãos se endireitem

Mensagens revertem à motivação egocêntrica das obras

Apresentações confusas impediram aceitação da verdadeira mensagem

UM ESFORÇO PARA RESOLVER O IMPASSE - p. 55

Estudos de Prescott trazem confusão que desequilibrou até Jones

Audiência levada a crer: recebe o Espírito por presumir e reivindicar

Tese desenvolvida: receber o Espírito s/conhecimento ou arrependimento

JONES CONFUSO - p. 57

Ambos não reconhecem: chuva serôdia retirada, Israel volta a vaguear

Profecias desafortunadas feitas que nunca ainda tiveram cumprimento

Prescott predisse manifestação dos dons do Espírito

Prescott e Jones enganados por alegações infundadas

PREDIÇÕES DA APOSTASIA DE PRESCOTT - p. 57

Não parecia conhecer meio seguro de distinguir verdade do erro

Década seguinte negra com incêndios e panteísmo

CONCLUSÃO - p. 58

Assembléia de 1893 assinala fim da era 1888

Presumida "grande vitória" não explica demora posterior de um século

Assembléia de 1950 segue pressupostos de 1893, reclamar Espírito

EGW havia advertido: "Mudam líderes e não o sabem"

CAPÍTULO 10 - p. 60

POR QUE JONES E WAGGONER PERDERAM O RUMO? - p. 60

Grande mistério na história ASD por que ambos falharam depois

Opinião popular é de que eram radicais, extremos já em Mineápolis

Tal posição choca-se com elogios de EGW a eles

Mensagem e mensageiros sutilmente descartados e opostos até hoje

UMA PROVIDÊNCIA MISTERIOSA - p. 60

Julgar que o Senhor cometeu erro estratégico é impensável

Jones e Waggoner expulsos por persistente oposição irracional

EGW lança culpa final "em grande medida" sobre irmãos

Deus permitiu triste evento como teste p/confirmar "nossa" descrença

Juízo investigativo requer que Igreja veja a verdade da mensagem

A NATUREZA PROFUNDAMENTE ARRAIGADA DA OPOSIÇÃO - p. 60

Irmãos "sempre prontos para mostrar... que divergiam" de W e J

Dois homens falaram positiva e fortemente, melindrando o ego de alguns

Personalidade de Jones e Waggoner tornou-se pedra de tropeço

A CARGA PESSOAL QUE JONES E WAGGONER SUPORTAVAM - p. p. 61

J e W sabiam ser mensagem de Deus, começo do alto clamor para o fim

O pecado deles, perda de fé na corporação da Igreja e seus líderes

EGW sentia que pressão poderia ser mais do que eles podiam suportar

Falha tendia a confirmar impenitência da liderança
Falha citada hoje como evidência de que mensagem de 1888 é perigosa

QUAL FOI O PROBLEMA DE A.T.JONES? - p. 63

Uma carta de EGW fora do contexto citada contra Jones
"Sonho" de EGW aceito, seguindo-se humilde arrependimento
Carta declarava serem suas posições corretas, como "nossa posição"
Escritos de Jones não dizem que "as obras de nada valem"
Jones desviado por influência de Prescott

NENHUM PECADO É JAMAIS ESCUSÁVEL - p. 63

Falha de J e W manteve gerações futuras alheias a respeito idólatra
EGW insistia em que implacável perseguição fora causa básica da queda
Sabiam ser "começo" do alto clamor, insuficiente para santificação

COMO HOMENS BONS PODEM PERDER O SEU RUMO - p. 64

Ofício do presidente da AG não justifica o ferir a irmãos
A promoção de J e W da constituição de 1901 mal entendida p/presidente
Presidente nega acusação de "poder imperial" por EGW
Jones desafiou delegação a mostrar que era contra organização
Derrota de J e W em 1903 provavelmente iniciou final amargura humana
"Credenciais celestes" de Jones p/anunciar "alto clamor", não admistral

O ESPÍRITO DE 1888 E A TRAGÉDIA DE KELLOG - p. 65

EGW afirma que Dr Kellog era verdadeiramente convertido em Mineápolis
EGW diz: Apostasia de Kellog em grande medida é nossa responsabilidade
O "maná" de 1888 fora rejeitado e estragou-se, triste história

CONCLUSÃO - p. 67

Waggoner reconheceu "bondade superior dos irmãos"
Não podia entender por que Deus lhe deu a luz
Jones morreu com confiança na mensagem adventista
A mensagem deles reimpressa propiciaria grande visão do puro evangelho

CAPÍTULO ONZE - p. 67

AS CRISES "ALFA" E "ΦMEGA" - p. 67

Crise de panteísmo quase destrói IASD no princípio do século passado
Engano seguido por rejeição da luz, inalterável lei da história
O que falhamos em crer, devemos aprender por desvios que criamos

A HISTÓRIA DO ALFA DO INÍCIO DO SÉCULO 19 ILUSTRA ESTE PRINCÍPIO - p. 67

O Senhor não força p/temor, mas espera nossa desilusão, vence com amor
Advertido em Mineápolis: seguir a Cristo ou cair sob senhorio de Satanás
Inimigo buscou chance de confundir nosso entendimento
Daniells reconheceu em 1926 advertência justificada, inimigo venceu
Enganos "alfa" eficazes por causa da rejeição anterior da luz

O PERIGO DA IMPACIÊNCIA - p. 68

Deus teve que alterar Seus propósitos, p/manter o passo com o Seu povo
Críticos humanos impacientes, atraso por causa da Igreja
Fim do desvio, Igreja sentirá verdadeiro arrependimento

"A IGREJA TODA" VERSUS "A IGREJA TODA" - p. 69

Toda a Igreja reavivada após o "peneiramento", não antes
Compreensão de nossa história necessária para atingir essa meta

O FUNDAMENTO DA HERESIA PANTEÍSTA - p. 69

Arrogância do coração humano torna-se terreno para engano enraizar-se
"Olhos não ungidos com colírio celestial... entendimento cegado"
"O fanatismo surgirá no nosso próprio meio Virão enganos"
O panteísmo é alheio às mensagens do terceiro e quarto anjos

A DÉCADA NEGRA DE NOSSA HISTÓRIA - p. 70

Luz que chama ao arrependimento extinta em nuvens de descrença
O engano do "Capitão Norman", agente do diabo
"Assustadora apostasia" com o povo de Deus, Igreja "frígida"
Fonte de dificuldade espiritual, rejeitada chuva serôdia e alto clamor

CAPÍTULO DOZE - p. 72

A APOSTASIA DO PANTEÍSMO - p. 72

Intervenção de EGW salvou a Igreja de naufragar no panteísmo
Líderes respeitados surdos à sorte pendente da Igreja
Sentimentos panteístas enfeitiçaram pastores, médicos
"Atalaias... sobre os muros de Sião? Estão despertos?"
Teste do panteísmo não é final, Satanás deve trazer "ômega" supremo
Apresentar história pós-1888 como vitória anula lição de Kellogg
Perda do Sanatório de Battle Creek não é o "ômega"

ONDE JAZ A VERDADE SOBRE O "ΦMEGA" - p. 73

"Φmega" como sendo um evento é contrário às declarações de EGW
Ela declarou que "muitos se desviarão da fé"
Ela disse ser o ômega um "perigo", fim do alfabeto de heresias letais
Quando o ômega chegasse, ela disse, "tremi por nosso povo"
Simbolismo alfabético requer desenvolvimento de apostasia na Igreja
EGW considerou as provas do ômega como experiência após sua morte

CONCLUSÃO - p. 74

A verdade de nossa história passada dá esperança e confiança p/futuro
Longo desvio do jornadejar deve conduzir com o tempo a Cristo
Ele pôs em risco o Seu trono sobre a honestidade do Seu povo

CAPÍTULO TREZE - p. 76

PREDIÇÕES DE ELLEN WHITE SOBRE CULTO A BAAL - p. 76

Nossa juventude vê "inadequações específicas" no adventismo de hoje
O verdadeiro líder da IASD não é a Associação Geral, mas Cristo mesmo
Igreja é insensível porque falso cristo usurpou lugar do verdadeiro
"Pontos Distintivos" adventistas a prevalecer, ou sem razão p/existir

REJEIÇÃO DA MENSAGEM DE 1888 CONDUZ AO CULTO A BAAL - p. 76

Após 1888 EGW viu "grande perigo" no coração da obra
Mera crença num "Ser Supremo" insuficiente no Dia da Expição
Dado o fracasso de 1888, descrença do antigo Israel nos afligia
Baal seria nossa escolha
Satanás tenta destruir singularidade da missão deste povo
Muitos se apresentam em nossos púlpitos com tocha de "falsa profecia"

O QUE É O CULTO A BAAL? - p. 77

As predições de EGW do culto a Baal preocupam seriamente hoje?
Baal, o deus dos cananeus, significa "o senhor"
Chocantes semelhanças entre religião de Israel e paganismo atual
Apostasia no tempo de Elias gradual, não notada por mais de um século
Culto ao eu disfarçado como culto de Cristo é culto a Baal
Atual culto ao amor próprio é oposto à devoção a Cristo
Busca p/ascensão, promoção, prestígio, poder, motiva profetas de Baal
Culto a Baal se intromete onde prevalece motivação egocêntrica

COMO JEREMIAS CONFRONTOU O CULTO A BAAL - p. 78

Culto a Baal é apostasia sutil, líderes e povo tentam negá-lo
Culto apóstata foi combinado com verdadeira adoração ao Senhor
Líderes religiosos da nação auxiliados e propagaram apostasia
Palavra do Senhor veio a Elias, que não buscou ser mensageiro

BABILÔNIA CONTINUOU A CAIR? - p. 78

Ignorância tenta jovens a pensar que IASD é meramente opção religiosa
Luz plena da mensagem do terceiro anjo mantida longe do mundo
Queda de Babilônia suspensa, dependendo da proclamação do alto clamor
Serve do Senhor insiste: culto a Baal infiltrou-se no Israel moderno
Recorremos a igrejas populares por inspiração sem discernir distinções

A MENSAGEM DE 1888 E O DIA DA EXPIAÇÃO - p. 79

Queda de Babilônia ainda não completada, somente estágios iniciais
Alienação do cristianismo, ignorância do ministério do Sumo Sacerdote
Resultado: "Satanás... tentando levar em frente obra de Deus"

- (1) Cristãos em 1844 rejeitaram mensagem de três anjos diferentes
- (2) Deus não pode culpar atuais descendentes dos rejeitadores de 1844
- (3) Preparo para 2ª vinda requer conhecimento das três mensagens
- (4) Substituição deve mudar, povo deve vencer como Ele venceu
- (5) Falso cristo espalha influência por falsas reformas
- (6) "Besta" aparecerá como salvador, insta marca p/impedir destruição
- (7) Juntos: Entendimento da mensagem de 1888 e ministério celestial

POR QUE A MENSAGEM DO TERCEIRO ANJO EM VERDADE É NECESSÁRIA - p. 80

A mensagem do 3º anjo apresenta o Salvador tentado em tudo como nós
Quem segue o ministério do Sumo Sacerdote aprecia três verdades únicas

- (a) A perpetuidade da lei de Deus, incluindo o santo sábado
- (b) A não-imortalidade da alma
- (c) A purificação do santuário celestial é Dia da Expição final

Essas três verdades apoiam a IASD; estão contidas na mensagem de 1888

COMO O CULTO A BAAL NOS ROUBA NOSSA MENSAGEM DISTINTIVA - p. 81

Satanás tem buscado ansiosamente contrafazer o amor do Novo Testamento

O amor da contrafação ministrado pelo espírito santo da contrafação

"Satanás entrará em qualquer porta que lhe esteja aberta"

EGW predisse em 1889 um terrível desvio da verdade e pureza

Cristo e Sua justiça não removidos verbalmente da experiência

Cristo e Sua justiça não removidos conscientemente

Cristo e Sua justiça seriam removidos inconscientemente

"Conduzidos por um falso espírito... seguindo ao capitão errado"

CONCLUSÃO - p. 81

Apreciação da cruz de Cristo leva o eu a ser crucificado com Ele

Impotência espiritual desorienta membros ASD, promove dissidências

IASD não é Babilônia; culto a Baal é doença estranha, pode ser curada

"Honestidade e política não operarão juntas na mesma mente"

Há ressurreição com Cristo quando amor pecaminoso do eu é crucificado

CAPÍTULO QUATORZE - p. 83

DE 1950 A 1971 - p. 83

Este manuscrito preparado em 1950 para Comissão da Associação Geral

Desde então, convicção cresce quanto a haver difundida fome espiritual

Somente dias após assembleia de 1888 EGW "nos" comparou aos judeus

Profeta discerne resultado de 1888: comparado a re-crucificação

Comparação com judeus penetra o coração do plano de salvação

Desde 1950 esforço conjugado p/publicar idéia de que 1888 foi vitória

Solução não em criticar liderança da Igreja, mas no arrependimento

1950 - p. 83

1888 *Re-Examinado* comprovou que "nós" tomamos rumo errado em 1888

O apelo foi rejeitado firmemente e oficialmente

Manuscrito de algum modo duplicado e distribuído em vários continentes

1952 - p. 84

Conferência bíblica realizada na Igreja de Sligo, 1-13 de set de 1952

Presid da AG alega: verdade de 1888 apresentada c/maior poder em 1952
Se verdade, que aconteceu com as bênçãos que disso devia resultar?
Apresentações não contêm mensagem de 1888
Mensagens e mensageiros endossados por EGW não considerados em 1952
Boa conferência, mas chuva serôdia e alto clamor não evidentes em 1952
Prossegue ampla distribuição espontânea de *1888 Re-Examinado*

1958 - p. 85

Reação da AG: *Avaliação Adicional de "1888 Re-Examinado"*

Autores acusados: "distorção dos fatos", "manuscrito... prejudicial"

Preparada resposta de 70 páginas: *Uma Resposta a "Avaliação Adicional"*

Retirado *Avaliação Adicional*, não mais disponível

1962 - p. 85

Sérias questões continuam durante outros quatro anos

Pela Fé Somente publicado em 1962, visando a "apresentar os fatos"

(a) Obra não reconhece mensagem de 1888 como "começo" da chuva serôdia

(b) Referência a mensagem de 1888 como mera "doutrina" da justificação

(c) Pergunta: Igrejas evangélicas tinham as três mensagens angélicas?

(d) IASD torna-se mais evangélica: que mensagem?

(e) "Reavivamento do fim do século se extinguiu": prova da rejeição

1966 - p. 85

Perguntas dos membros da Igreja prosseguem

Depositários de EGW publica livro de Olson: *Through Crisis to Victory*

Propósito do livro: combater "conclusões desorientadoras"

(a) Cartas de EGW não indicam "vitória" ou "anos de progresso"

(b) Livro tenta estabelecer: mensagem não "oficialmente rejeitada"

Boletim da AG de 1893 fala definitivamente de voto tomado

A própria EGW menciona voto de rejeição

Voto de rejeição não registrado porque EGW o proibiu

(c) Olson minimiza oposição; conflito com EGW e testemunhas da época

(d) Conclusão penosa: pastores acesos, membros é que "negligenciam"

1969 - p. 86

Pease publicou seqüela: *A Fé que Salva*, a respeito de 1888

(a) Novamente evasão da singular mensagem dos três anjos

(b) Oposição não séria, nenhum voto, arrependimento, mensagem apoiada

(c) Nada dito por J e W seria melhor do que o que foi dito por EGW

Se verdade, por que o Senhor enviou J e W como Seus mensageiros?

(d) AG de Milwaukee de 1926 tida como mais importante do que a de 1888

Essa posição logicamente lança Igreja em confusão, nenhum reavivamento

CAPÍTULO QUINZE - p. 89

DE 1971 A 1987 EM DIANTE - p. 89

700 páginas publicadas até então negando necessidade de arrependimento

700 páginas adicionais em *Movimento Predestinado* por L E Froom

É garantida total fidelidade na resposta à acusação de Daniells

Escrito pelo erudito em história na Igreja de maior prestígio

Livro passado em revista como "história não confiável"

(a) Toma posição oposta a Daniells quanto à história de 1888

(b) Ninguém capaz de ver as "provas documentais" de Froom

Aceitação assegurada sobre autoridade de testemunhas invisíveis

Declara categoricamente não ter havido rejeição, sem uma prova sequer

Relatórios escritos de testemunhas contradizem asserções de Froom

A "TESTEMUNHA INIGUALÁVEL" p. 90

(c) Froom declara que EGW permanece suprema em avaliar 1888

11 páginas dedicadas a EGW; nenhuma citação para apoiar sua premissa

(d) Alista mais de 200 itens de EGW, mas são só comentários do autor
(e) 12 páginas de sentenças de EGW, mas abafadas por idéias do autor
(f) Centenas de "documentos de fontes" mas nenhuma é citada
(g) Século de história indica chuva serôdia não aceita como EGW disse
(h) Como Olsen, Froom exonera ministério e liderança; culpa leigos
(i) Afirma que EGW "regozijou-se" com aceitação, mas não o confirma
Atitude do presidente da AG é "evidência determinativa"
Evidência de EGW totalmente ausente em seu livro

A OPINIÃO DE ELLEN WHITE SOBRE A LIDERANÇA DE DEPOIS DE 1888 - p. 91

EGW disse que Olsen "se aventurou a ir diretamente contrário à luz"

"Como atalaia infiel... não considera os testemunhos"

Contradição de Froom a EGW, e apoio oficial ao seu livro é alarmante

Como podem os ASD ajudar outros a menos que sejam fiéis à verdade?

1972 - p. 91

Dr Froom desafiou autores deste manuscrito a retratarem-se de público

Em 1972 prepararam: *Uma Confissão Explícita... Devida Pela Igreja*

Reiteraram convicção: nossa história apela a arrependimento coletivo

Oficiais instaram p/*Confissão* não ser publicado; seguem-se dois fatos

1973-1974 - p. 92

Concílio anual-1973: Apelo ardente, mas sem saber interpretar história

Alto clamor não reavivamento subjetivo, mas própria mensagem objetiva

(a) Se reavivamento morre, o Espírito Santo se teria cansado?

(b) Alto clamor é a própria mensagem e o poder do Espírito manifestado

Mensagem de 1888 nunca foi claramente proclamada à Igreja mundial

Resultado do interesse de 1973-74 foi Conferência de Palmdale em 1976

Apresentadas posições "reformacionistas", calvinistas, negando 1888

Resultados trágicos, perda de centenas de ministros e leigos

1984 - p. 92

Publicação posterior tratando de 1888: *Os Anos Solitários*, 1876-1891

Autor Arthur L White fala em "ênfase desproporcional" dada a 1888

Diz que documentos e declarações arquivadas de EGW suprem dados

O dilema é--confiança desproporcional em opiniões não inspiradas

Repete que "nenhum voto oficial foi dado", mas GCB diz ter havido voto

Parágrafo 8, p 396, enfaticamente nega verdade da história de 1888

Membros da Igreja conscientes chocados com tais táticas literárias

Como é possível eruditos e líderes passarem por alto evidência óbvia

Endosso indiscutível à mensagem por EGW revela-se claro após um século

1888, UM TESTE DO TEMPO DO FIM - p. 94

Como explicar esforços oficiais desde 1950 para contradizer EGW?

Se nossos inimigos pesquisassem esta história, estaríamos embaraçados

Cegueira espiritual diz ser justificação p/fé é a verdade mais difícil

Esse entendimento distorcido nos torna "um moderno antigo Israel"

"PARA NOSSA ADVERTÊNCIA" - p. 94

Nossa história, importante c/travessia M Vermelho e apedr de Estevão

A questão é--aceitaremos nossa história ou "apedrejaremos Estêvão"?

Após um século de demora, causa em perigo, com "ômega" pendente

Inerente à mensagem de "boas novas" está experiência da expiação final

Anjos seguram ventos, estabilidade mundial depende da nossa fidelidade

Obra de Deus pode ser terminada num tempo incrivelmente curto

Requererá arrependimento dos séculos, entendimento, correção de erros

Experiência derradeira aguarda Igreja como a de Jesus no Getsêmani

Cristo deixou o céu, verdadeira fé não é centrada em nossa recompensa

Sétima Igreja em cena nos últimos momentos; não há oitava Igreja

Poder de Satanás partido qdo verdadeira justificação p/fé demonstrada

APÊNDICE A - p. 96

A.T.JONES ENSINOU A HERESIA DA "CARNE SANTA"? - p. 96

Tentativas feitas acusam mensagem de ATJ a conduzir à "carne santa"

(1) Se verdade, desacreditará a mensagem de 1888

Se J e W estiverem errados, Igreja não tem por que dar atenção a 1888

Falsidade da acusação exposta por Dr Leroy Moore em *Teologia em Crise*

(2) Se Jones se desviava em 1889, EGW deve ser vista como fanática

Endossou Jones de 1888-1896; se errada, não há como dar-lhe respeito

(3) Satanás deseja dissuadir a Igreja de receber bênçãos espirituais

EVIDÊNCIA CONCERNENTE 6 ACUSAÇÃO CONTRA JONES - p. 96

Suposta evidência tirada de sermões condensados no jornal

(a) Estudo de sermões de Jones no jornal não revela tese "carne santa"

(b) Em tempo algum após 1889, há qualquer registro apoiando tal heresia

(c) Declaração primária por W C White, mas concorda c/conceito ASD

(d) J e W refutam fanatismo "carne santa" na virada do século

Outro exemplo de oposição contínua à "preciosíssima mensagem"

APÊNDICE B - p. 98

AS COMPARAÇÕES DA JUSTIFICAÇÃO PELA FÉ - p. 98

Trinta e seis comparações: A posição popular e a posição de 1888

APÊNDICE C - p. 101

UMA FONTE DO MITO DA ACEITAÇÃO - p. 101

Posição popular de pessoas zelosas, mensagem aceita um século atrás

Essa posição em conflito direto com história e declarações de EGW

Testemunho de EGW claro, chuva serôdia, alto clamor rejeitados

Nossa história repete a dos judeus; carecemos de arrependimento denominacional

Filho e neto de EGW desfrutam grande estima na IASD com justiça

Ministério de EGW único, inspirado, além de um milhar de testemunhas

Futuro da IASD depende de resolução devida da questão

Atitude humana conflita com "testemunho de Jesus" sem o Espírito Santo

Imperativo agora que Igreja tenha total confiança no Esp de Profecia

Mornidão, fraqueza espiritual--frutos da má interpretação da história

APÊNDICE D - p. 103

QUAL É O FUTURO DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA? - p. 103

Igreja tem retardado a proclamação mundial do evangelho eterno

Envolvimento corporativo comparado a falhas de Israel por EGW

Já rejeitou ou rejeitaria o Senhor no futuro esta Igreja?

Dado fiéis protestarem apostasia e se oporem, situação desesperadora?

Irão "almas fiéis" completar a pregação, deixando a IASD a apostasia?

A Igreja organizada é ainda o "remanescente" de Apoc 12?

Ser membro da Igreja é dever válido para "almas fiéis"?

Há diretrizes nas Escrituras e declarações de EGW

(1) Deus quer Seu povo denominado, família, "semente" de Abraão

(2) Embora mais profundas apostasias de Judá e Israel, Deus ainda fiel

(3) O verdadeiro Israel sempre identificável, "em Isaque" fé de Abraão

(4) Igreja primitiva organizada, verdadeiro Israel, Cristo por cabeça

(5) Cuidado de Deus pela "mulher" no deserto indica organização

(6) Igreja ASD primitiva combateu organização, mas Esp Santo aprovou

Um movimento conduzido p/Esp Santo deve ser organizado, disciplinado

Nenhum corpo mundial de crentes cumpre remotamente Apoc 14:6-12

Corporação formada p/Deus p/proclamação; grupos desviados não substit

Verdadeiros ASD's preocupados com vindicação do Senhor, não recompensa

Estão "sob a graça", nova motivação, antes que "sob a lei"

"Peneiramento" separa do povo de Deus os interessados só em segurança
(7) Preocupação mesquinha "sob a lei" não aprecia justificação pela fé
Reconhecer a Cristo como cabeça da Igreja requer submissão do coração
Com domínio do "poder imperial", ministros e povo buscam apoio humano
(8) História de 1888 mostra: Senhor enviou "começo" p/ delegados à AG
(9) Reorganização de 1901 tencionava fazer voltar liderança de Cristo
Só um sonho, "como poderia ter sido", descrença de 1888 não desfeita
Sessão de 1903 vista como passo atrás por outros além de J e W
(10) revisão de 1903 não levou EGW a retirar seu apoio à Igreja
Solução não em destruir a Igreja, mas em arrependimento dentro dela
(11) Milhões testificam: apesar das falhas a IASD levou-lhes evangelho
Melhor esperança de êxito--Igreja que não só proclama, mas demonstra
EGW lembra: "Deus disse que curará as feridas do Seu povo"
"Deus não permitiria... apostatar totalmente... ser... outra igreja"
Noiva de Cristo doente, carecendo de cura, requerida total cooperação
(12) Devem membros reter lealdade, apoio, dependentes de evidências
Promessas a Israel condicionais; Deus continuou fiel, sempre esperando
Dan 8:14, fundamento da Igreja, honra de Deus exige "será purificado"
Esta é a questão derradeira no grande conflito
"Quando... Quando... Quando busca a Deus... será curada"
Dever agora é remover barreiras que impedem reformas dentro da Igreja

APÊNDICE E - p. 107

BREVE ANÁLISE DAS PUBLICAÇÕES DE 1987 A 1988 - p. 107

Os Materiais de 1888 de Ellen G White

Manuscritos e Lembranças de Mineápolis, 1888

De 1888 à Apostasia--O Caso de A T Jones

Adventist Review [Revista Adventista], 7 de janeiro de 1988]

Ministry [publicação para ministros adventistas], fevereiro de 1988

Perfeitos em Cristo, Graça em Julgamento

O Que Todo Adventista do Sétimo Dia Devia Saber Sobre 1888

APÊNDICE F - p. 114

JUSTIFICAÇÃO E JUSTIÇA PELA FÉ - P. 114

Comparação de três pontos de vista contrastantes

APÊNDICE G - p. 121

RESUMO DA DOCTRINA DA JUSTIFICAÇÃO PELA FÉ - P. 121